

PORTUGÁLIA

NOVA SÉRIE — VOLUME IX - X



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

1988/89

PORTVGALIA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

DIRECTOR

Presidente do Conselho Científico

COORDENADOR

Rui M.S. Centeno

CONSELHO DE REDACÇÃO

C.A. Brochado de ALMEIDA
C.A. Ferreira de ALMEIDA
M.J. Neto BARROCA
R.M.S. CENTENO
S. Oliveira JORGE
V. Oliveira JORGE
J.P. Paiva C. RIBEIRO
M.J. SANCHES
Armando Coelho F. da SILVA
Teresa SOEIRO

SERVIÇO DE INTERCÂMBIO

PORTVGALIA
Instituto de Arqueologia da
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
4100 PORTO
PORTUGAL

DISTRIBUIDOR DA REVISTA *PORTVGALIA*

LIVRARIA SOUSA & ALMEIDA Lda.
Rua da Fábrica, 42
4000 PORTO
PORTUGAL

MONUMENTOS MEGALÍTICOS DA SERRA DO ARESTAL (SEVER DO VOUGA - VALE DE CAMBRA). INVENTÁRIO PRELIMINAR

Ana M. S. Bettencourt *
Teresa M. H. Rebelo **

1 - INTRODUÇÃO

A realização de inventários, ainda que incompletos, justifica-se pela inexistência de um projecto sistemático de «Carta Arqueológica» e pela enorme quantidade de informações que, se perderiam pela não publicação de trabalhos deste tipo.

Os trabalhos de prospecção arqueológica, mesmo que elaborados em áreas relativamente restritas ou com pouca unidade geomorfológica, deveriam ser alvo de publicação imediata, pois são capitais para o conhecimento do património arqueológico nacional e para a sua preservação, conservação e defesa.

No domínio do megalitismo, tipo de monumentos que pelas suas características próprias se tornam, a olhos menos experimentados, pouco perceptíveis na paisagem, o ritmo crescente das destruições, provocadas pela florestação de grandes áreas, torna urgente a sua inventariação a nível nacional, primeira medida a adoptar numa política coerente de defesa deste património.

Se os argumentos, apresentados não justificassem este tipo de publicações, poderíamos acrescentar que sem trabalhos arqueográficos, são impossíveis estudos de âmbito geral, pelo que o inventário em questão constitui uma nova base de dados para quem sobre a região se venha a dedicar posteriormente.

O inventário compreende os monumentos megalíticos de carácter sepulcral encontrados nas áreas prospectadas da Serra do Arestal. Os concelhos abrangidos são os de Sever do Vouga e Vale do Cambra, este último ainda que de forma parcial.

Os dados obtidos em Sever do Vouga, resultaram de trabalhos pontuais iniciados em 1981 ⁽¹⁾ e retomados de forma sistemática em 1987, inseridos num projecto de «Carta Arqueológica» ⁽²⁾. Os monumentos registados no concelho de Vale de Cambra, devem-se a prospecções efectuadas no Verão de 1988, no âmbito de um trabalho escolar. ⁽³⁾

2 - METODOLOGIA

Como ponto de partida para a inventariação e cartografia dos monumentos megalíticos, procedemos à recolha bibliográfica, ao estudo dos dados toponímicos da região, bem como à consulta de vários tipos de cartas (Geológicas, Geomorfológicas, Corográficas, de Uso e Ca-

* Assistente da Universidade do Minho

** Professora do Ensino Secundário

⁽¹⁾ Este trabalho foi realizado por Ana Bettencourt durante a licenciatura em História-Variante Arqueologia e entregue no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

⁽²⁾ O projecto de «Carta Arqueológica do Concelho de Sever do Vouga» a realizar em vários anos está a ser inteiramente financiado pela Câmara Municipal deste concelho. Actualmente os trabalhos prosseguem sob a direcção das Dras. Maria José Bento e Maria José Miranda.

⁽³⁾ Trabalho realizado por Teresa Rebelo no âmbito da Licenciatura em História-Variante Arqueologia e entregue no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

pacidade de Solos, etc.), o que nos permitiu obter um manancial de dados a utilizar na fase seguinte, a da prospecção no terreno.

Nesta fase, sempre que possível, percorremos as zonas com condições geomorfológicas propícias à implantação de monumentos megalíticos, apoiando-nos frequentemente em informações orais das populações locais.

Todos os monumentos identificados foram cartografados na «Carta Militar de Portugal», escala 1/25.000, descritos de forma tão objectiva quanto as condições particulares de cada um o permitiram, e fotografados.

A sua descrição processou-se através do preenchimento de uma ficha previamente efectuada para tal, onde constam, por ordem de entrada, os seguintes elementos:

- Nome(s) do monumento, lugar, freguesia e concelho a qual pertencem, número e data da «C. M. P.», coordenadas quilométricas, altitude, descrição geomorfológica da área de implantação, ambiente ecológico, características gerais do monumento, intervenções arqueológicas, espólio e depósito do mesmo, referências bibliográficas.

O inventário propriamente dito foi dividido em duas partes; a primeira, regista por ordem alfabética todos os monumentos que observámos directamente; a segunda, inclui um conjunto de dados fornecidas quer pela bibliografia, quer por informações orais, e que por diversas razões não puderam ser confirmadas ou infirmadas.

No índice de monumentos por ordem alfabética, aqueles que são conhecidos por mais de um topónimo, entram por todos eles, aparecendo assim repetidos.

Abreviaturas Utilizadas:

Alt.	Altitude
Arest.	Arestal
Bor.	Borralhal
Cep.	Cepelos
C. M. P.	Carta Militar de Portugal
C. Arca	Campo de Arca
Cerc.	Cercal
Cerq.	Cerqueira
C. Esteves	Couto de Esteves
Cov.	Coval
Dorn.	Dornelas
Felg.	Felgueiras
Fol.	Folhense
Ir.	Irijó
Junq.	Junqueira
M.	Meridiano
M. Velha	Mouta Velha
P.	Paralelo
R. Vouga	Rocas do Vouga
S. Vouga	Sever do Vouga
S. Escura	Silva Escura
V. Cambra	Vale de Cambra

3 – MEIO FÍSICO (Est. I, 1)

A Serra do Arestal, que, administrativamente, percorre os concelhos do Sever do Vouga, Vale de Cambra e em menor escala o de Albergaria-a-Velha, é um maciço montanhoso orientado no sentido NE-SW, considerado contraforte da Serra da Arada.

Situada na margem direita do Vouga que a delimita a Sul, esta serra tem de extensão cerca de 20 Km e atinge a sua altitude máxima à cota de 869m acima do nível do mar. A Norte e Oeste, é delimitada pelo rio Caima e a Este, pelo rio Teixeira, importantes afluentes do Vouga. A Nordeste, é delimitada convencionalmente com a Serra da Arada, pela presença de uma falha de escarpa provável, orientada no sentido NW-SE.

Constituída, nas zonas mais elevadas, por grandes planaltos, a Serra do Arestal desce de forma relativamente suave a Este, formando várias plataformas onde irrompem pequenos cabeços. De forma geral, as vertentes Norte, Sul e Oeste são mais acentuadas, descendo de forma abrupta para o rio Vouga, Teixeira e Caima onde originam vales profundos e encaixados.

Segundo a «Carta Geológica de Portugal», na escala 1/50000, folha 3-D, Oliveira de Azemeis, de 1981, os planaltos superiores e a vertente Oeste da Serra são constituídos por xistos, grauvacoides e quartzitos cinzentos pertencentes ao complexo dos xistos das Beiras. São relativamente frequentes nestes planaltos, afloramentos graníticos de tendência alcalina, de grão fino e granodioritos gnássicos, de grão médio, bem como filões de quartzo e de quartzodioritos.

Na encosta Este, predominam os granitos de tendência alcalina com duas micas, de grão médio e grosseiro, algumas intrusões xistosas e a ocorrência de filões de quartzo.

Minerologicamente, o subsolo é rico em cobre, chumbo, estanho e volfrâmio.

A Serra do Arestal insere-se numa zona de Cambissolos húmicos associados a Luvisolos de forte influência atlântica (4), na sua maioria de classe F e de utilização não agrícola, com excepção de algumas áreas de encosta Este onde os solos são de classe C e de utilização agrícola condicionada (5).

O revestimento vegetal é composto essencialmente por florestas de pinheiros bravos e eucaliptos de introdução recente, com algumas manchas de castanheiros e carvalhos caducifólios que poderão representar resquícios da vegetação primitiva da zona.

Nos planaltos superiores e nas chãs de encosta, encontram-se algumas culturas cerealíferas com predominância para o milho e centeio. Nas zonas abrigadas da encosta, o milho combina com a cultura da vinha, da oliveira e da laranjeira.

A fauna é essencialmente constituída por animais domésticos com predomínio do gado bovino, seguido do ovino e caprino, tendo a criação de gado, constituído, até inícios do séc. XX, um recurso alimentar importante para as populações rurais da região.

O clima é temperado marítimo, progressivamente mais rigoroso nas zonas de maior altitude.

4 – INVENTÁRIO (Est. I, 2; II-III)

4.1. - Monumentos Cartografados

N.º 1 - *Mamoá das Águas*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554, 50; P. = 4517,15; Alt. = 758m

Numa grande chã da encosta Nordeste da Serra do Arestal, onde ocorrem afloramentos graníticos.

Zona florestal e agrícola com predominância de pinheiros e milho respectivamente, embora a mamoá se encontre coberta por vegetação herbácea.

A Sudoeste existe uma nascente de água potável.

O monumento é bem visível na paisagem. Apresenta uma fossa evidente de violação na área da câmara onde não são perceptíveis esteios.

Tem vestígios de couraça lítica superficial e é elíptica; mede no sentido Norte-Sul, cerca de 25,30m e no sentido Este-Oeste, cerca de 22,30m.

Inédita (6).

N.º 2 - *Mamoá d'Alagôa/Alto do Biso* (7)

Rocas da Vouga; Rocas da Vouga; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 554,80; P. = 4515,20; Alt. = 830m

Numa zona periférica do planalto superior da Serra do Arestal, entre dois afloramentos graníticos mas em situação de destaque na paisagem.

(4) Segundo a «Carta dos solos de Portugal», na esc. 1/1000.000.

(5) Segundo a «Carta de Uso e Capacidade de solos», na esc. 1/1000.000.

(6) Poderá ser um dos monumentos indicados nos inéditos de Alberto Souto, que refere uma mamoá na Chã, a Norte do Arestal, citado em M. M. M. SILVA, 1986, p. 59.

(7) O segundo topónimo foi-nos indicado pelo Senhor Aristides Gonçalves da Graça, morador no lugar do Arestal.

Região florestal com predominância de pinheiros. A algumas centenas de metros, a Norte e a Noroeste, há alguns terrenos agrícolas. A cerca de 200m para Oeste existia uma pequena lagoa natural.

Monumento relativamente baixo, acusando uma depressão central na zona da câmara onde não se registam esteios.

Sobre o lado Oeste do *tumulus*, que apresenta vestígios de couraça lítica superficial, há um esteio deslocado, provavelmente oriundo da câmara.

É circular, mede de diâmetro aproximado cerca de 11m.

BETTENCOURT, 1982, p. 40, cartografa o monumento, embora com uma pequena imprecisão.

N.º 3 - *Mamoã do Alto do Cruzeiro* (Est. VI, 1)

Arões; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 559,10; P. = 4517,50; Alt. = 550m

Sobre um pequeno talvegue da encosta Este da Serra do Arestal formando pela intersecção de dois cabeços existentes a Norte e a Sul. Zona granítica.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros.

O monumento é baixo, pouco visível na paisagem, apresentando uma fossa de violação na área da câmara onde ainda se podem observar quatro esteios *in situ*.

A câmara, tem uma planta poligonal e mede cerca de 70cm de diagonal. Deveria ter sido constituída por cinco esteios. O ortasto que parece o maior, volta-se a nascente e mede 70cm de largura, por 50cm de altura visível e 20cm de espessura máxima.

O *tumulus* é circular; tem de diâmetro aproximado 7,5m.

Inédita.

N.º 4 - *Mamoã do Arieiro ou Souto do Coval 3* (*)

Coval; Couto de Esteves; Sever de Vouga

N.º 165 (1978); M. = 557,20; P. = 4515,10; Alt. = 664m

Numa pequena chã da encosta Este da Serra do Arestal.

Área granítica, sobranceira ao vale da Ribeira da Corga.

Paisagem arbustiva e herbácea.

Monumento de pequenas dimensões, parcialmente destruído a Norte e a Noroeste pelo caminho que lhe dá acesso.

A área central, violada, contém ainda três esteios, dois deles (?) *in situ*.

Sobre a mamoa, do lado Oeste, há outro esteio fora do seu contexto original.

O *tumulus*, com couraça lítica superficial, tem na periferia dos lados Este e Sul blocos pétreos de grandes dimensões que poderão corresponder a fragmentos de outros esteios semi-enterrados ou a qualquer estrutura periférica que aí tivesse existido. Pelo lado Noroeste e Norte passa-lhe um muro por cima.

Mede actualmente cerca de 8,80m no sentido Norte-Sul e 10m no sentido Este-Oeste.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

(*) Designação de L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 473. O nome que lhe conferimos resulta do micro-topónimo pelo qual é conhecido o local onde o monumento se situa.

N.º 5 - *Mamoia do Cabeço de Fojo/Cemitério dos Mouros* (º)
Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 557,80; P. = 4514,35; Alt. = 500m

Num pequeno esporão da encosta Este da Serra do Arestal, muito próximo de um afloramento granítico.

Paisagem florestal com pinheiros e eucaliptos que cobrem parcialmente a mamoa.

Monumento bem perceptível na paisagem, apresentando uma depressão central de violação na zona da câmara, onde ainda se conserva um esteio visível.

A área do *tumulus* tem vestígios de couraça lítica superficial e é circular, medindo de diâmetro aproximado 10m.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografada o monumento mas não com suficiente precisão.

N.º 6 - *Mamoia ou Dolmen da Cerqueira I/Pedra Moura I* (10) (Est. IV, 6; V, 1)
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,80; Alt. = 510m

Sobre um pequeno afloramento, numa zona periférica de uma grande chã da vertente Este da Serra do Arestal, em situação de destaque na paisagem e num local com abundantes afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com pinheiros, eucaliptos e algum milho. Nas imediações ocorrem lameiros.

Monumento constituído por uma câmara poligonal grande, composta por nove esteios e tampa, com cerca de 3,54m de largura por 3m de comprimento. O corredor, voltado a nascente, é longo e diferenciado da câmara em planta e alçado. Embora cortado pelo estradão que lhe dá acesso mede 4,40m de comprimento. A tampa da câmara, constituída por uma lage sensivelmente circular, mede cerca de 3,76m de largura por 3,26 de comprimento. Em alçado os esteios apresentam-se quase na vertical. A mamoa é do tipo «clássico», composta por uma couraça lítica superficial, por terras compactadas e por um anel lítico de contrafortagem em redor da câmara e do corredor.

Escavações de L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, e A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

Escavações de A. BETTENCOURT em Julho/Agosto de 1988.

O espólio de ambas as escavações é composto essencialmente por material lítico proveniente da câmara e do corredor. Destacamos cinco pontas de seta de base triangular, uma ponta pedunculada, seis micrólitos (cinco trapezoidais e um crescente) quatro lâminas e fragmentos de outras, por vezes retocadas, um raspador, várias lascas, dois núcleos, um pequeno disco de xisto não decorado, um objecto (?) indeterminado, um elemento móvel e fixo de moinho manual, bem como um seixo rolado.

Os fragmentos de cerâmica pré-histórica, de cor alaranjada, são muito reduzidos, não possibilitando a reconstituição de formas concretas.

O depósito de parte deste material encontra-se na Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11 e o restante, depositar-se-á, em breve, no Museu de Aveiro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474; 476-478, descreve sumariamente a escavação e o material exumado.

(º) É frequente a população da zona referir-se ao monumento do Cabeço do Fojo como local de Cemitério de Mouros.

(10) Designação de L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 473. Optámos pelo uso do topónimo Cerqueira para nomear a necrópole, em virtude da mamoa I ser conhecida popularmente por «Dólmen de Cerqueira» e existirem várias placas de sinalização, com essa designação.

Sempre que nos foi possível fizemos corresponder a actual numeração dos monumentos com a anteriormente usada.

BETTENCOURT, 1989, p. 85-113, publica de forma sistemática os resultados da campanha de escavação de 1988, e estuda de novo os materiais da campanha de 1956.

N.º 7 - *Mamoia da Cerqueira 2/Pedra Moura 5* ⁽¹⁰⁾ (Est. IV, 5)
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,70; Alt. = 500m

(A cerca de 170m a Su-Sudeste da Mamoia da Cerqueira 1 e a 13,5m a Sul da Mamoia da Cerqueira 3)

Numa zona periférica de uma chã da vertente Este da Serra do Arestal, em situação de destaque na paisagem. Perto ocorrem afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento constituído por uma câmara sub-quadrangular, talvez de tipo cista, composta por quatro esteios e com 1,40m de comprimento por 1,25 de largura. Actualmente, conservam-se dois esteios *in situ*. A mamoia envolvente apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é ligeiramente elíptica. Mede, no sentido Norte-Sul, cerca de 16m e no sentido Este-Oeste, 18,50m.

Escavações de L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

O espólio exumado, proveniente do interior da câmara, é composto por um micrólito trapezoidal simétrico, em sílex bege, de 3,4cm de comprimento máximo por 0,90cm de comprimento mínimo, 0,95cm de largura e 0,25cm de espessura ⁽¹¹⁾.

O depósito deste material encontra-se a Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474; 479-480, publica sumariamente os trabalhos de escavação.

N.º 8 - *Mamoia da Cerqueira 3/Pedra Moura 4* ⁽¹⁰⁾ (Est. IV, 2)
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,71; Alt. = 500m

(A cerca de 170m a Su-Sudeste da Mamoia da Cerqueira 1 e a 20m a Sul da Mamoia da Cerqueira 4)

Ver ficha n.º 7.

Ver ficha n.º 6.

Monumento de câmara trapezoidal, provavelmente fechada, com cerca de 1,75m de comprimento por 60cm de largura mínima. Não foi possível estabelecer a largura máxima da câmara devido à inexistência de alguns esteios, mas esta não devia exceder 1,50m.

A mamoia envolvente apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é circular, medindo de diâmetro aproximado 13m.

Escavação de L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

Não há referência a qualquer tipo de espólio.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474; 479, publica sumariamente o resultado das escavações.

N.º 9 - *Mamoia da Cerqueira 4/Pedra Moura 3* ⁽¹⁰⁾
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

⁽¹¹⁾ Estudo realizado por Ana Bettencourt.

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,73; Alt. = 500m

(A cerca de 170m a Su-Sudeste da Mamoa da Cerqueira 1 e a 20m a Sul da Mamoa da Cerqueira 5)

Na grande chã da vertente Este da Serra do Arestal, numa zona com profusão de afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento bem perceptível na paisagem, sem vestígios de esteios na zona da câmara. A mamoa envolvente apresenta restos de uma couraça lítica superficial e é circular medindo aproximadamente 15m de diâmetro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento que diz ter explorado sem qualquer outra informação.

N.º 10 - Mamoa da Cerqueira 5/Pedra Moura 11 ⁽¹⁰⁾
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga ⁽¹²⁾

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,75; Alt. = 500m

(A 24m a Norte da Mamoa da Cerqueira 4)

Na grande chã da vertente Este da Serra do Arestal em local com abundantes afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento muito pouco perceptível na paisagem, com uma pequena depressão central e sem esteios visíveis.

Há vestígios de uma couraça lítica superficial. A mamoa é circular e mede de diâmetro cerca de 10m. Estaremos na presença de uma pequena cista do tipo da encontrada na Mamoa 1 da Fonte da Malga (Viseu) ou mesmo das registadas na necrópole de Parão (Tondela)? ⁽¹³⁾.

A resposta a esta questão passa evidentemente por uma escavação sistemática do monumento.

CASTRO *at alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

N.º 11 - Mamoa da Cerqueira 6/Pedra Moura 9 ⁽¹⁰⁾
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga ⁽¹²⁾

N.º 165 (1978); M. = 558,35; P. = 4514,85; Alt. = 510m

(A cerca de 43m a Nor-Nordeste da Mamoa da Cerqueira 1)

Numa grande chã de vertente Este da Serra do Arestal, numa zona onde ocorrem afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento bem perceptível na paisagem. Na zona central há uma depressão sem esteios visíveis.

A mamoa apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é circular, embora mais compacta pelos lados Sul e Este. Mede 13m de diâmetro aproximado.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474 cartografa o monumento.

⁽¹²⁾ Segundo a C. M. P. na escala 1/25.000, este monumento encontra-se administrativamente situado em território do Concelho de Sever do Vouga, embora localmente se afirme que ele já pertence ao Concelho de Vale de Cambra.

⁽¹³⁾ F. KALB, M. HÖCK, 1979 a), p. 596, 598-599 refere «Antes da escavação o monumento tinha uma aparência de uma Mamoa pouco elevada, coberta de pedras e com cerca de 6 metros de diâmetro...»; F. KALB; M. HÖCK, 1979 b), p. 46-52; J. COELHO, 1947, p. 99-114.

N.º 12 - *Mamoas da Cerqueira 7/Pedra Moura 10 (?)* (14)

Cercal; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,33; P. = 4514,87; Alt. = 510m
(A cerca de 19m a Nor-Noroeste da Mamoa da Cerqueira 6)

Sobre um afloramento de uma grande chã da vertente Este da Serra do Arestal.

Ver ficha n.º 6.

Monumento muito baixo que seria pouco perceptível na paisagem se não estivesse construído sobre um afloramento.

Há uma pequena depressão central na zona que poderá corresponder à câmara. Na área envolvente, ocorrem vestígios de couraça lítica, confirmados pela limpeza superficial de uma pequena área. Poderá tratar-se de um monumento do mesmo tipo do da Mamoa de Cerqueira 5.

Parece medir 9m de diâmetro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.N.º 13 - *Mamoas da Cerqueira 8/Pedra Moura 10 (?)* (14)

Cercal; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,35; P. = 4514,87; Alt. = 510m
(A cerca de 19m a Nor-Noroeste da Mamoa da Cerqueira 6)

Ver ficha n.º 12.

Ver ficha n.º 6.

Monumento pequeno e baixo com uma ligeira depressão central assinalando a área da câmara.

A existência de uma couraça lítica também foi confirmada por uma pequena limpeza superficial.

Comentário sobre as Mamoas da Cerqueira 7 e 8:

As couraças líticas dos dois monumentos parecem confundir-se em determinada zona, pelo que poderíamos estar em presença de uma estrutura complexa, cuja mamoa envolvesse mais do que uma sepultura.

O facto dos monumentos quase se confundirem com o afloramento sobre o qual se ergueram, dificulta uma observação mais objectiva, pelo que as hipóteses expressas se fazem com algumas reservas.

N.º 14 - *Mamoas da Cheirinha*

Dornelas; Silva Escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 551,85; P. = 4516,40; Alt. = 665m

No alto do Cabeço da Cheirinha, na encosta Oeste da Serra do Arestal, em posição dominante sobre a paisagem. Zona xistosa com introsões graníticas abundantes e filões de quartzo branco.

Paisagem florestal com predominância de eucaliptos. Perto, existem terrenos agricultados.

Monumento bem perceptível, apresentando uma grande fossa de violação na área da câmara, onde não se registam esteios.

(14) L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 474, faz referência apenas a um monumento neste local, que designa por Pedra da Moura 10. Como pensamos estar na presença de duas mamoas distintas ou de duas estruturas inseridas no mesmo *tumulus*, a correspondência com a necrópole descrita por aqueles autores torna-se difícil.

A mamoa tem vestígios de couraça lítica superficial, com profusão de blocos de quartzo branco. A sua forma é elíptica, medindo no sentido Norte-Sul cerca de 25m e no sentido Este-Oeste cerca de 20m.

Inédita ⁽¹⁵⁾.

N.º 15 - *Mamoa do Cimo do Lameiro*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,25; P. = 4517,65; Alt. = 761m

Numa grande chã da encosta Nordeste da Serra do Arestal onde irrompem afloramentos graníticos. Perto, ocorrem lameiros como o próprio topónimo indica.

Paisagem florestal e agrícola com predominância de pinheiros, milho e cevada, respectivamente.

Monumento bem perceptível na paisagem, embora com sinais de violação na zona da câmara onde ainda se nota o topo de dois esteios, situados a Nor-Nordeste e a Nor-Noroeste.

O *tumulus*, de forma sensivelmente elíptica, apresenta vestígios evidentes de couraça lítica superficial. Mede no sentido Norte-Sul 22,5m e no sentido Este-Oeste 24m.

Inédita

N.º 16 - *Mamoa da Cruz/Lameiro Longo*

Folhense; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,60; P. = 4515,80; Alt. = 800m

Sobre um cabeço natural, numa zona periférica do planalto superior a Serra do Arsenal em posição de destaque na paisagem. Zona com abundantes afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com predominância de pinheiro. Perto ocorrem alguns lameiros.

Monumento com uma grande vala de violação na zona da câmara conservando ainda um esteio *in situ*. A violação estendeu-se ao lado Norte do *tumulus*, pelo que o imóvel se encontra bastante destruído.

A mamoa apresenta vestígios de couraça lítica superficial e parece ser sensivelmente circular. Mede de diâmetro aproximado 16m.

Explorações de A. SOUTO nos inícios do séc. XX ⁽¹⁶⁾.

O espólio conhecido consta de um machado de anfibolito polido, de secção quadrangular depositado no Museu de Aveiro ⁽¹⁶⁾.

BETTENCOURT, - 1982, p. 40-41, cartografa o monumento e descreve o espólio encontrado.

N.º 17 - *Mamoa da Espinheirinha*

Borralhal; Rocas de Vouga; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 454,40; P. = 4514,65; Alt. = 830m

Numa zona periférica do planalto superior da Serra do Arestal, que aqui toma a designação particular de Alto dos Salgueiros. Nas proximidades, ocorrem afloramentos graníticos.

⁽¹⁵⁾ Poderá tratar-se do monumento referido nos inéditos de Alberto Souto como mamoa da Senhora da Saúde, citado por M. M. M. SILVA, 1986, p. 72, embora ele se situe a várias centenas de metros deste santuário.

⁽¹⁶⁾ A. M. S. BETTENCOURT, 1982, p. 40, regista, «...um machado de anfibolito polido, de secção quadrangular, com 14cm de comprimento, 4cm de largura máxima e 3,5cm de espessura...».

Paisagem florestal e herbácea. A cerca de 100m, para Sudeste há um lameiro.

Monumento relativamente baixo, destacando-se pouco na paisagem. Na zona central existe uma fossa de violação sem esteios visíveis. Sobre o *tumulus*, do lado Este, há fragmentos de esteios fora do seu contexto original. A mamoa tem vestígios de couraça lítica superficial com profusão de blocos de quartzo branco e apresenta-se mais compactada a nascente. É circular, mede de diâmetro aproximado 11m.

BETTENCOURT, 1982, p. 40-41, cartografa o monumento.

N.º 18 - *Mamoa do Lameiro* (Est. VI, 3)

Junqueira; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 555,20; P. = 4516,85; Alt. = 790m

Paisagem florestal com abundância de pinheiros. Junto do monumento existe uma nascente.

Monumento de câmara poligonal fechada, conservando ainda seis esteios *in situ*. Mede de diagonal entre 80cm e 1m de comprimento.

O *tumulus*, pouco visível na paisagem, apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é circular. Mede de diâmetro aproximado 12m.

Inédita.

N.º 19 - *Mamoa do Lameiro de Ouguedelo/Aguedelo/Coval, Mouraceira* ⁽¹⁷⁾ ou *casa da Moura* ⁽¹⁸⁾ (Est. IV, 1; V, 2).

Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 557,10; P. = 4515,40; Alt. = 720m

Na periferia de uma chã da vertente Este da Serra do Arestal. Zona granítica com ocorrência de afloramentos.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros embora o revestimento que cobre o monumento seja composto essencialmente por vegetação arbustiva e herbácea. Perto existe um lameiro como o próprio topónimo indica.

Monumento bem perceptível na paisagem, constituído por uma câmara poligonal grande e um corredor longo e diferenciado em planta e alçado, voltado a Nordeste.

A câmara, onde actualmente se registam seis esteios, era composta por nove, à semelhança da Mamoa da Cerqueira 1 e mede cerca de 2,70m de largura por 3,10m de comprimento. O corredor, originalmente com cinco esteios de cada lado, tem aproximadamente 4,20m de comprimento. A tampa da câmara, hoje totalmente desaparecida, era composta por um enorme monólito de granito que, de acordo com a planta de A. Girão, media de comprimento 4,10m por 3,10m de largura.

O *tumulus*, revestido por uma poderosa couraça lítica, está muito bem preservado, não parecendo ter sofrido o fenómeno de compactação frequente nestas estruturas. Encontra-se ainda ao nível do topo dos esteios. A sua forma é elíptica medindo no sentido Norte-Sul 27,5m por 30m no sentido oposto.

Escavações de A. A. GIRÃO nos inícios do séc. XX.

O espólio então encontrado pelo autor mostrou-se irrevelante: «Rebuscando e entulho do monumento até à rocha viva [...] nada se encontrou digno de nota, apenas alguns pedaços de carvão, um cristal de quartzo e dois fragmentos de uma faca de sílex que parecem ter sido abandonados por inúteis» ⁽¹⁹⁾.

⁽¹⁷⁾ Designação popular, usada no lugar de Agros.

⁽¹⁸⁾ Designação de L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 473. Optámos por manter a designação de «Lameiro do Ouguedelo» por ser este o topónimo do local onde o monumento se encontra.

⁽¹⁹⁾ A. A. GIRÃO, 1921, p. 63.

Pela observação atenta dos desenhos deixados por GIRÃO, 1921, (Est. VII, 7) verificámos que o fragmento de lâmina tem 3,4cm de comprimento, por 1,4cm de largura que o segundo fragmento citado no texto, parece mais um micróbio trapezoidal, ligeiramente assimétrico, com 2,8cm de comprimento máximo por 0,6cm de comprimento mínimo e 1,4cm de largura.

GIRÃO, 1921, p. 64a), p. 66-68 e Est. 1 descreve o monumento e o resultado das explorações nele praticadas.

GIRÃO, 1922, p. 106, 108, mostra plantas.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

N.º 20 - *Mamoas da Lomba 1*

Dornelas; Silva Escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 551,30; P. = 4516,65; Alt. = 646m

No tabuleiro superior de um cabeço da encosta Oeste da Serra do Arestal. Região xistosa mas com intrusões graníticas.

Paisagem florestal com eucaliptos. Perto irrompe uma nascente.

Monumento bem perceptível na paisagem, com uma vala de violação na área da câmara, onde não são visíveis esteios.

O *tumulus*, apresenta vestígios de couraça lítica superficial com profusão de quartzo branco e é mais baixo do lado Este.

A sua forma, sensivelmente circular, tem de diâmetro aproximado 18m.

Inédita ⁽²⁰⁾.

N.º 21 - *Mamoas da Lomba 2*

Dornelas; Silva Escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); A. = 551,20; P. = 4516,15; Alt. = 640m

(A cerca de 500m a Sul da Mamoas da Lomba 1)

Em posição periférica no tabuleiro superior de um cabeço da encosta Oeste da Serra do Arestal. Zona xistosa mas onde irrompem afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com profusão de pinheiros e eucaliptos.

Monumento alto mas bastante destruído por um muro de divisória de concelhos. Na zona da câmara não são visíveis esteios.

O *tumulus* tem vestígios de couraça lítica superficial com profusão de quartzo branco e é elíptico. Mede no sentido Norte-Sul, 15,10m e no sentido Este-Oeste, 17m.

Inédita ⁽²⁰⁾.

N.º 22 - *Mamoas das Novas*

Novas; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,70; P. = 4515,60; Alt. = 522m

⁽²⁰⁾ Poderá tratar-se de uma das mamoas do Janardo referidas nos inéditos de Alberto Souto, citadas por M. M. M. SILVA, 1986, p. 59.

Numa grande chã da encosta Este da Serra do Arestal, a mesma onde está inserida a necrópole da Cerqueira, embora numa situação interior. Zona granítica.

No seio de um povoado rural onde se pratica uma agricultura baseada no milho. O imóvel está coberto por uma grande camada de palha e foi-lhe construído uma meda por cima.

Monumento quase totalmente destruído devido à construção de uma eira que lhe afectou o lado Oeste. No corte artificial, provocado pela construção da eira, podem observar-se ainda alguns vestígios da couraça lítica superficial. Apesar da inúmera vegetação dificultar a observação da estrutura, parece-nos existir ainda um esteio. Segundo informações orais da população local, a «pedra principal», talvez a tampa ou eventual esteio de cabeceira, foi levada para a construção de uma lareira. Segundo as mesmas fontes, nos anos cinquenta, o monumento ainda conservava, se não na totalidade, parte da câmara megalítica.

N.º 23 - *Mamoã da Preirada/Outeiro Castêlo*

Folhense; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,20; P. = 4515,90; Alt. = 820m

No planalto superior da Serra do Arestal numa área com profusão de afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros e vegetação arbustiva. Muito perto ocorrem duas nascentes.

Monumento bem visível na paisagem, apresentando na zona da câmara uma pequena vala de violação, onde ainda existe, do lado Sul, o topo de um esteio que parece estar *in situ*, bem como um fragmento de outro esteio ou de tampa que se encontra caído. Do lado Sul da mamoa, existe outro esteio *in situ*, (?), menos espesso do que o da câmara e partido parcialmente num dos cantos. Será um esteio de câmara deslocado ou tratar-se-à de um esteio de corredor?

Salientamos que a mamoa se apresenta mais compactada deste lado, embora seja circular. Mede de diâmetro aproximado 18,5m.

BETTENCOURT, 1982, p. 40, cartografa o monumento.

N.º 24 - *Mamoã da Presa Grande 1*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,20; P. = 4517,75; Alt. = 753m

(A 15m a Oeste da Mamoa da Presa Grande 2)

Numa grande chã da encosta Nordeste da Serra do Arestal, onde ocorrem afloramento graníticos.

Paisagem florestal e agrícola com predominância de pinheiros, e eucaliptos e de milho e cevada respectivamente. Como o topónimo indica existe, a cerca de 50m, uma presa de água.

A grande altura do imóvel confere-lhe uma posição de destaque na paisagem e por conseguinte monumentalidade. A zona da câmara, apresenta pelo lado Sudeste, uma grande vala de violação sem esteios visíveis.

Há vestígios de couraça lítica superficial e a mamoa é sensivelmente circular. Mede 25m no sentido Norte-Sul e 25,8m no sentido oposto ⁽²¹⁾.

Inédita.

⁽²¹⁾ Provavelmente tratar-se-ia de um monumento de câmara poligonal fechada e de grandes dimensões, pois o Senhor Martinho Tavares de Almeida refere-se a uma «casota fechada onde cabia mais do que um homem deitado».

N.º 25 - *Mamoia da Presa Grande 2*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,22; P. = 4517,75; Alt. = 753m

(A 15m a Nordeste da Mamoia da Presa Grande 1)

Ver ficha n.º 25.

Ver ficha n.º 25

Monumento bem perceptível na paisagem, com vala de violação central e sem esteios visíveis. O *tumulus* apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é sensivelmente circular. Mede de diâmetro aproximado 15m.

Inédita.

N.º 26 - *Mamoia da Sobreirinha*

Agros; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 556,85; P. = 4515,55; Alt. = 753m

Situada sobre um pequeno cabeço em posição de destaque na paisagem, numa chã a Este da Serra do Arestal. Área granítica com ocorrência de afloramentos.

Zona florestal com pinheiros embora o monumento se encontre coberto por espessa camada de vegetação herbácea.

O monumento é bem visível na paisagem, possivelmente devido ao facto de ter sido construído sobre uma elevação natural. Apresenta na zona da câmara uma grande vala de violação mas parece ter ainda um esteio *in situ*. A intensa vegetação que cobre o imóvel torna difícil uma observação mais minuciosa.

A forma do seu *tumulus* é elíptica, medindo no sentido Norte-Sul cerca de 21m por 27m no sentido oposto.

Tratar-se-á de um dolmen de corredor virado a nascente? É possível.

Inédita.

N.º 27 - *Mamoia do Souto do Coval 1* (Est. IV, 3; V, 3)

Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,05; P. = 4515,25; Alt. = 575m

(A 13,60m a Sul da Mamoia do Souto do Coval 2)

Numa chã da encosta Este da Serra do Arestal. Zona granítica com afloramentos.

Paisagem florestal e agrícola com predominância de pinheiros, milho e cevada respectivamente, embora o imóvel se encontre coberto por vegetação herbácea.

Monumento facilmente perceptível na paisagem embora não muito alto. Na zona central há uma depressão resultante de escavações realizadas em 1956, onde se nota uma câmara poligonal alongada, talvez de tipo cista (?), com 1m de largura por 1,75m de comprimento, composta actualmente por seis esteios ⁽²²⁾.

Há vestígios de couraça lítica superficial num *tumulus* que mede no sentido Norte-Sul cerca de 15m por 17,5m no sentido Este-Oeste.

Escavações de L. A. CASTRO, O .V. FERREIRA, A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

⁽²²⁾ L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 481, desenha uma planta com nove esteios, mas segundo as dimensões que refere há três deles que se distinguem, por serem mais pequenos e menos espessos, do que os seis existentes.

Do espólio exumado há referência a um pequeno fragmento de cerâmica manual, lisa, de cor avermelhada, depositado na Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11 ⁽²³⁾.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474 e 480-481 cartografa e publica sumariamente o resultado das escavações.

BETTENCOURT, 1989, p. 112 nota 21, descreve o espólio do monumento.

N.º 28 - *Mamoá do Souto do Coval 2*

Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,05; P. = 4515,26; Alt. = 575m
(A 13,60m para Norte da Mamoá do Souto do Coval 1)

Ver ficha n.º 27

Ver ficha n.º 27

Monumento razoavelmente perceptível na paisagem com vala de violação na área da câmara onde não são visíveis esteios. O *tumulus* tem vestígios de couraça lítica superficial e é sensivelmente circular. Mede 11m no sentido Norte-Sul e 10m no sentido este-Oeste.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento que diz ter reconhecido. Na p. 481, refere ter escavado o imóvel que não forneceu qualquer tipo de espólio.

N.º 29 - *Mamoá da Terranha / Mamua ou Mama Tarranha*

Arestal; Silva escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 553,90; P. = 4515,80; Alt. = 822m

Numa zona periférica do planalto superior da Serra do Arestal onde ocorrem afloramentos graníticos. Paisagem florestal e agrícola, com predominância de pinheiros e milho respectivamente, embora o monumento se encontre fundamentalmente revestido por vegetação herbácea e arbustiva. Há uma nascente a cerca de 300m.

Monumento bastante alto distinguindo-se bem na paisagem. Apresenta uma enorme vala de «exploração» na zona da câmara onde não são visíveis esteios.

No *tumulus*, há vestígios evidentes de couraça lítica superficial e a sua forma é sensivelmente circular. Mede 18,70m no sentido Norte-Sul e 19m no sentido oposto.

De referir que o monumento se encontra menos compacto pelo lado Este.

Explorações de A. SOUTO nos inícios do séc. XX ⁽²⁴⁾.

O espólio então exumado constou de um vaso tronco-cónico com decoração mamilar sobre o bordo, duas lâminas de sílex ⁽²⁵⁾ e dois machados de pedra polida ⁽²⁴⁾. Este material está parcialmente depositado no Museu de Aveiro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 15, refere em nota, parte do espólio do monumento. Na Est. 1, mostra uma fotografia desses artefactos.

BETTENCOURT, 1982, p. 40-43, publica o espólio encontrado no Museu de Aveiro.

⁽²³⁾ A. M. S. BETTENCOURT, 1989, refere na nota n.º21, p. 112 «... um fragmento de vaso manual, de pasta grosseira com desengordurantes de quartzo de médio e pequeno calibre. É alisado no interior e exterior. A cor é avermelhada com manchas mais escuras. Mede de espessura 0,75cm».

⁽²⁴⁾ Informação do senhor Aristides Gonçalves da Graça, residente no lugar do Arestal. Segundo a mesma fonte, Alberto Souto teria desmantelado a câmara megalítica e levado os esteios para Aveiro com o objectivo de montar, naquela cidade, um monumento deste tipo.

Efectivamente, nos jardins dependentes do Museu de Aveiro, existem alguns esteios de proveniência desconhecida e que parecem ser lajes de um monumento megalítico.

N.º 30 - *Mamoá do Vale Mau* (Est. VI, 2)
Mouta Velha; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,50; P. = 4519,30; Alt. = 802m

No tabuleiro superior de um promontório montanhoso que contraforta com o Arestal pelo lado Este. A área aplanada em questão é um elevado talvegue resultante de dois grandes afloramentos graníticos que lhe ficam a Norte e a Sul. A Oeste e a Este as encostas decem de forma relativamente abrupta, dominando de ambos os lados uma paisagem imponente.

Paisagem florestal na encosta Oeste, com predomínio de pinheiros; vegetação herbácea e arbustiva na encosta Este e no talvegue.

Monumento muito baixo, quase imperceptível na paisagem.

Na zona central há uma pequena depressão que poderá resultar de violações de uma câmara não megalítica.

O *tumulus* encontra-se muito desorganizado, principalmente do lado Sudeste. A ideia geral é de uma mistura caótica de terra e de alguns blocos graníticos, pelo que não utilizaremos aqui o termo de couraça superficial.

É sensivelmente circular; mede de diâmetro, cerca de 7,5m.

Inédita.

4.2. - *Informações Diversas:*

N.º 31 - *Mamoá do Cabeço de S. Tiago / Cerqueira*
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 558,60; P. = 4514,35; Alt. = 503m

No tabuleiro superior de um pequeno cabeço na encosta Este da Serra do Arestal. Área granítica com filões de quartzo.

Paisagem florestal e agrícola com pinheiros, eucaliptos e milho respectivamente.

Tratava-se de um monumento de câmara pequena, provavelmente fechada, (dólmen ?, cista ?), com mamoa envolvente ⁽²⁶⁾.

Foi totalmente destruída quando da construção da Capela de S. Tiago nos anos sessenta.

Escavações de L. A. CASTRO; O. V. FERREIRA; A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento e diz tê-lo explorado sem qualquer outra indicação.

N.º 32 - *Mamoá da Costa d'Arca*
Campo d'Arca; Arões; Vale de Cambra

N.º 164 (1978); Alt. entre 500 e 600m.

Segundo informações orais do Senhor Agostinho Rodrigues de Almeida morador no local, teria existido uma «Arca» no sítio denominado Costa d'Arca.

Este monumento, destruído há longos anos, nunca foi observado pela testemunha, que sabia da sua existência por ouvir referências aos seus antepassados.

A prospeção realizada pelas signatárias resultou infrutífera.

⁽²⁵⁾ Citado e, L. A. CASTRO *et alii*, 1957, Est. 1 e nota da p. 481.

⁽²⁶⁾ Esta descrição é baseada nas informações orais da Senhora Emília Tavares, moradora na Cerqueira, que se lembra da existência de um montinho de pedras tendo no meio umas lajes onde só cabia «um homem todo encolhido».

N.º 33 - *Mamoas da Fonte Cebola*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,5; P. = 4517,80; Alt. = 770m

Numa pequena chã de um cabeço da encosta Nordeste da Serra do Arestal. Zona granítica.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros. No local ocorre uma nascente.

Monumento totalmente destruído pelas obras de acesso à nascente referida na alínea anterior ⁽²⁷⁾.

Inédita ⁽²⁷⁾.

N.º 34 - *Mamoas de Irijó*

Irijó; Cepelos; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); Alt. entre 500m e 600m.

O monumento, do qual não possuímos qualquer descrição, parece ter sido destruído pela construção da estrada n.º 227, que liga Irijó a Cepelos.

Como espólio teriam aparecido vários vasos cerâmicos.

ALBERGARIA, 1972, p. 3.

N.º 35 - *Mamoas de Merlães*

Merlães; Cepelos; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); Alt. entre 500m e 600m.

Segundo informação oral do Senhor Martinho Tavares de Almeida, morador no lugar da Chã, existem várias «mamoas» no lugar de Merlães.

Não nos foi possível confirmar esta informação.

N.º 36 - *Mamoas da Pedra Moura 2*

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,75; Alt. = 500m
(A cerca de 170m a este da Mamoa da Cerqueira 1)

Ver ficha n.º 9

Ver ficha n.º 6.

Totalmente destruída, possivelmente devido à construção do estradão que liga os lugares da Cerqueira, Cercal e Mouta.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474 cartografa o monumento e refere a sua destruição.

N.º 37 - *Mamoas da Pedra Moura 6* (Est. IV, 4)

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,85; Alt. = 510m
(A cerca de 60m a Oeste da Mamoa da Cerqueira 1)

⁽²⁷⁾ Poderá tratar-se de uma das mamoas referidas nos inéditos de Albergo Souto, citadas por M. M. M. SILVA, 1986, p. 65. A existência deste monumento comprova-se também pelas informações orais do Senhor Martinho Tavares de Almeida, morador no lugar da Chã.

Numa zona periférica de uma grande chã de vertente Este da Serra do Arestal onde ocorrem afloramentos graníticos.

Actualmente a paisagem é agrícola com predominância do milho.

Tratava-se do monumento mais alto e de maior diâmetro da necrópole da Cerqueira ou Pedra Moura. A câmara, possivelmente sub-quadrangular, revelou apenas dois esteios quando escavada. Media no sentido Este-Oeste cerca de 1,40m, pelo que as signatárias pensam poder tratar-se de uma cista. Segundo os arqueólogos que a exploraram, o fundo da câmara encontrava-se «escavado à maneira de concha e revestido ou calcetado, de delgadas lages de gneiss...».

Foi totalmente destruída devido aos arroteamentos agrícolas.

Escavações de L. A. CASTRO; O. V. FERREIRA; A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

O espólio, proveniente da zona da câmara, é composto por um machado votivo, em quartzito(?) de grão fino, com secção sub-rectangular, de 4,20cm de comprimento, 2,15cm de largura e 1,8cm de espessura; um micrólito em forma de crescente irregular, em sílex bege, opaco, perfil ligeiramente curvilíneo, com 2,3cm de comprimento, 1,4cm de largura, e 0,25cm de espessura e por fragmentos de cerâmica de pasta cinzenta, dura, feitas a torno e resultantes de violações (11).

O depósito deste material encontra-se na Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografam o monumento que dizem ter encontrado totalmente destruído. Paradoxalmente, na p. 480, refere a escavação na Pedra Moura 6 e os resultados nela obtidos, pelo que nos fica a dúvida sobre qual o monumento intervencionado, (ver ficha n.º 38).

N.º 38 - *Mamoá da Pedra Moura 7*

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,86; Alt. = 510m

(A poucos metros a Norte da Pedra Moura 6)

Ver ficha n.º 37.

Ver ficha n.º 37.

Totalmente destruída.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento que refere ter explorado (ver ficha n.º 37).

N.º 39 - *Mamoá da Pedra Moura 8*

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,87; Alt. = 510m

(A poucos metros a Norte das Pedras Mouras 6 e 7)

Ver ficha n.º 37.

Ver ficha n.º 37.

Totalmente destruída.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza do trabalho realizado, essencialmente de cartografia, inventariação e descrição dos monumentos sepulcrais, torna difícil ilações de ordem geral e reduz as tendências observadas ao nível da distribuição espacial dos monumentos, tipologia, cultura material e eventual cronologia, a meras hipóteses de trabalho que só projectos sistemáticos englobando escavações poderão confirmar ou infirmar.

De uma forma global, a *Serra do Arestal* pode ser considerada como um *enorme espaço sepulcral*, à semelhança de outros maciços montanhosos do Centro-Norte, Norte de Portugal ⁽²⁸⁾ e Galiza ⁽²⁹⁾.

O número de monumentos registados, ascende já às várias dezenas, estando cartografados e descritos trinta, sem entrarmos em linha de conta com aqueles que foram destruídos mas cuja localização e existência ainda está presente na memória das populações locais e/ou nos registos bibliográficos mais antigos ⁽³⁰⁾.

Dispersão dos Monumentos na Paisagem (Est. II-III):

Uma análise particularizada, mostra que a distribuição do conjunto megalítico na Serra do Arestal se assume de forma distintas:

- Existem verdadeiras *necrópoles* num sentido restrito, entendendo-se o termo necrópole como uma grande concentração de monumentos sepulcrais numa área de poucos hectares (Necrópole da Cerqueira que registava em 1957 doze monumentos).

- Existem pequenos *núcleos* de dois ou três monumentos, entendendo-se como núcleo um grupo de imóveis que não se distanciam mais de 150m uns em relação aos outros (Mamoas do Souto do Coval 1 e 2, Mamoas da Presa Grande 1, 2 e Mamoa do Cimo do Lameiro).

- Existem monumentos relativamente *isolados* na paisagem (Mamoas da Alagôa, Arieiro, Cabeço do Fojo, Cabeço de S. Tiago, Cruz, Espinheirinha, Preirada, Vale Mau, etc.).

Tipologia dos Monumentos (Est. IV-VI):

Tentar uma tipologia arquitectónica dos monumentos megalíticos no estado actual dos nossos conhecimentos não é uma tarefa fácil; o número de plantas publicadas é escasso, a maioria dos monumentos inéditos, que contêm esteios, estão mal conservados e a inexistência de escavações nos espaços envolventes das câmaras, não permite estabelecer uma articulação entre *tumulus/câmara*.

De uma forma muito genérica e tendo sempre presente as limitações apontadas, distinguimos:

1 - Monumentos de *câmara poligonal grande, com corredor longo* diferenciado em planta e alçado. Os *tumuli* envolventes conferem aos imóveis grande monumentalidade na paisagem (Mamoas da Cerqueira 1 e Mamoa do Lameiro de Ouguedelo). No primeiro caso, existem dados concretos sobre a mamoa, que se estrutura, da superfície para o solo, pela presença de uma couraça lítica superficial, por terras compactadas e por um contraforte em redor da câmara e corredor. Ambos os monumentos citados, apresentam esteios colocados praticamente na vertical.

2 - Monumentos de *câmara poligonal pequena*, inseridos em mamoa razoavelmente, ou pouco, perceptíveis na paisagem, cujas dimensões variam entre os 7m e os 15/17m de diâmetro (Mamoas do Alto do Cruzeiro, Mamoa do Lameiro e Mamoa do Souto do Coval 1).

3 - Monumentos de *câmara sub-quadrangular* com mamoa de dimensões bem perceptíveis na paisagem (Mamoas da Cerqueira 2, e Pedra Moura 6 ou 7).

4 - Monumentos de *câmara trapezoidal fechada*, de pequenas dimensões, mas com mamoa envolvente bem perceptível (Mamoas da Cerqueira 3).

⁽²⁸⁾ Veja-se sobre o assunto a síntese realizada por D. J. CRUZ, 1988, p. 17-18.

⁽²⁹⁾ F. CRIADO BOADO *et alii*, 1989, p. 48-49.

⁽³⁰⁾ A recolha destas informações, associada aos dados toponímicos e aos resultados da nossa própria prospecção, constituem um auxiliar precioso na reconstituição do megalismo local.

5 - Monumentos *muito pouco perceptíveis na paisagem*, cujas câmaras, não deverão ser do tipo megalítico. A mamoa envolvente é circular medindo entre os 7,5 e os 10m (Mamoas da Cerqueira 5, 7 e 8 e Mamoa do Vale Mau).

Os dados apresentados demonstram um *polimorfismo acentuado nas soluções arquitectónicas* adoptadas pelas populações que tumularam na Serra do Arestal. A sincronia ou diacronia desse polimorfismo não é possível estabelecer no estado actual da investigação.

Distribuição Espacial dos Monumentos (Est. II-III):

Segundo os princípios da *lógica da visibilidade* ou *monumentalidade* estabelecidos para a Galiza ⁽³¹⁾, registámos, na região, dois grupos distintos de organização espacial dos monumentos na paisagem; *no primeiro, inserimos os túmulos construídos em posição dominante e no segundo, os que se situam, em zonas sem preocupação de visibilidade no horizonte, tornando-se quase imperceptíveis.*

No primeiro grupo incluímos duas situações distintas:

1 - Monumentos situados nos *tabuleiros superiores de esporões ou cabeços*, onde dois tipos de situações são possíveis de discernir: o dos *túmulos isolados* de dimensões razoáveis, que por qualquer significado mágico-simbólico ou ritual, parecem estar «associados» a outros túmulos que avistam (Mamoa do Arieiro, Cabeço do Fojo, Cabeço de S. Tiago, Cheirinha, Lameiro da Cruz, Lomba 1 e Lomba 2) e o dos monumentos que, *inseridos numa necrópole* se constroem sobre pequenos afloramentos, (Mamoa da Cerqueira 1, 7 e 8), os dois últimos, de dimensões tão reduzidas, que a sua perceptibilidade na paisagem seria difícil se não estivessem construídos sobre os referidos afloramentos.

2 - Monumentos situados nas *zonas periféricas de chãs* (Mamoas da Alagôa, Arieiro, Cerqueira 1 e 2, Lomba 2, Terranha), cujas dimensões são mais ou menos bem perceptíveis na paisagem.

No segundo grupo destacamos:

1 - Monumentos em *áreas baixas ou pequenas depressões topográficas* sem grandes condições de visibilidade (Mamoa do Alto do Cruzeiro que ao contrário do que o nome indica fica no sopé do cabeço que tem esse nome, Mamoa da Cerqueira 5). Todos eles são monumentos de pequenas dimensões, quer em diâmetro quer em altura.

A ideia de distribuir os monumentos em grupos e sub-grupos, segundo os critérios aqui expressos, pode ser útil como metodologia de trabalho, sobretudo para definir tendências, mas estes não devem ser encarados como unidades estanques. A realidade é por vezes muito complexa e há túmulos que se enquadram em mais do que uma situação sem que possamos privilegiar uma ou outra. A Mamoa da Cerqueira 1 e a da Cruz, são disso exemplo, pois apesar de situadas nos limites das chãs, foram também construídas sobre elevações naturais.

Distribuição Altimétrica dos Monumentos Megalíticos:

Quadro da distribuição altimétrica dos monumentos megalíticos num total de 36 efectivos:	
Curva de nível de:	Porcentagem:
500m	50%
600m	11%
700m	22%
800m	17%

	100%

⁽³¹⁾ F. CRIADO BOADO, 1984/85, p. 11-17; F. CRIADO BOADO *et alii*, 1989, p. 49-52; R. FÁBREGAS VALCARCE, 1988, p. 58-59.

Perante o quadro apresentado verificamos de imediato a grande concentração de monumentos na curva de nível de 500m e a sua diminuição de intensidade nos planaltos superiores, embora de forma não gradual.

É também entre os 500m e os 600m que em termos de dispersão dos monumentos na paisagem, existe uma maior diversidade (monumentos relativamente isolados, verdadeiras necrópoles) bem como um grande polimorfismo das formas arquitectónicas (monumentos de câmara poligonal e corredor diferenciado em planta e alçado, monumentos de câmara poligonal pequena, monumentos de câmara sub-quadrangular e trapezoidal, monumentos pouco perceptíveis na paisagem) resultando provavelmente do que Vítor Oliveira Jorge chama de «processo de necropolização» e que na Serra da Aboboreira ocorre nos planaltos superiores.

Acima da curva de nível dos 800m, i. é., nos planaltos superiores da Serra do Arestal, os monumentos encontram-se sempre em posição de relativo isolamento, sem que tenhamos dados sobre a sua morfologia.

É na curva de nível do 700m que existe, de novo, um número significativo de monumentos, quer isolados quer agrupados.

Ao relacionarmos estes dados com a topografia e a capacidade do uso dos solos, verificamos que a maior concentração de monumentos (500m-700m) se regista em grande chãs, actualmente com maior vocação agrícola, enquanto no planalto superior, onde os monumentos estão sempre isolados, os solos são de Classes F com vocação não agrícola.

Cultura Material (Est. VII-VIII):

O espólio conhecido, porque escasso e na maioria das vezes sem contexto arqueológico muito preciso, impede necessariamente conclusões de ordem cultural e de cronologia relativa.

Globalmente podemos estabelecer três categorias de objectos exumados: espólio lítico lascado, não lascado e cerâmico, todo ele proveniente do interior de câmaras e corredores. No primeiro grupo inserimos os micrólitos geométricos (na sua maioria trapezoidais), as lâminas (por vezes retocadas), as lamelas, as pontas de seta (de base triangular ou pedunculadas) bem como algumas lascas e núcleos. A matéria prima mais utilizada é o sílex, seguida do quartzo.

O espólio lítico não lascado compreende machados de pedra polida de secção sub-retangular e quadrangular, seixos, elementos móveis e fixos de moinhos manuais, uma pequena placa de xisto circular sem qualquer incisão e cristais de quartzo que por serem frequentes, quer na Galiza ⁽³²⁾ quer em Portugal, poderão ter eventualmente um valor mágico-ritual.

O terceiro grupo, mais difícil de caracterizar dado a escassez e as reduzidas dimensões da maioria dos fragmentos cerâmicos encontrados, apenas permite verificar a existência de pastas variadas, finas e grosseiras, que vão do laranja ao castanho-avermelhado, de fragmentos lisos e de um vaso tronco-cónico com decoração mamilar sobre o bordo que poderá corresponder a um momento tardio dentro do megalitismo ⁽³³⁾.

Cronologia:

A falta de escavações sistemáticas e a inexistência de datações fornecida pelo C14 torna qualquer tentativa de periodização hipotética, pelo que não pretendemos mais do que contribuir com alguns dados que possam facilitar a sua realização posterior.

As hipóteses formuladas basearam-se fundamentalmente em comparações morfológicas com outros monumentos, já datados, do Noroeste Peninsular, em particular as zonas da Beira-Alta e da Serra da Aboboreira onde existe o maior número de datações de C14 para este tipo de monumentos.

No conjunto megalítico da Aboboreira, as mamoas mais antigas parecem remontar aos meados do IV.º milénio a. C., com a construção de pequenos dólmenes poligonais sem corredor, relativamente isolados ou inseridos em núcleos ⁽³⁴⁾.

⁽³²⁾ R. FABREGAS VALCARE, 1988, p. 64.

⁽³³⁾ Sobre o assunto veja-se a síntese elaborada por S. O. JORGE, 1986, vol. 1B, p. 869-876 e A. M. S. BETTENCOURT, 1988, p. 101-104.

⁽³⁴⁾ V. O. JORGE, 1989, p. 395-399.

Poderão alguns dos monumentos, com *pequenas câmaras poligonais sem corredor e com tumulus envolvente*, corresponder à *fase inicial* do megalitismo da Serra do Arestal e ao mesmo momento cronológico dos monumentos «aparentemente» semelhantes da Serra da Aboboreira?

Aos finais do IV.^o milénio a. C., primeira metade do III a. C. pensamos poder incluir a Mamoa da Cerqueira 1 (*monumento de câmara poligonal, de grandes dimensões, e corredor longo diferenciado em planta e alçado com tumulus organizado por couraça lítica superficial, terras compactadas e contraforte*) escavada por uma de nós ⁽³⁵⁾, bem como a do Lameiro do Ouguedelo morfologicamente comparável à Cerqueira 1. Esta hipótese é baseada em comparações com os grandes dólmenes de corredor da Beira-Alta, datados pelo C14 ⁽³⁶⁾, bem como com o dólmen de Chã Parada 1, único monumento de corredor conhecido na Serra da Aboboreira ⁽³⁷⁾.

Poderão as Mamoas n.º 5, 7 e 8 da Cerqueira, bem como a Mamoa do Vale Mau, *muito pouco perceptíveis na paisagem, com diâmetros muito reduzidos e que dificilmente conterão uma câmara, de tipo megalítico*, corresponder ao último monumento das tumulações, com mamoa envolvente, na Serra Arestal?

Sem querermos ser abusivos nas nossas comparações e utilizando-as apenas como método de trabalho, fazemos notar que na Serra da Aboboreira, a última fase dos monumentos megalíticos, data da primeira metade do II.^o milénio a. C., e corresponde a túmulos cuja tendência geral é para a pouca perceptibilidade na paisagem, com câmaras pequenas e baixas, sugerindo um «individualismo dos rituais» e a perda do «carácter de referências comunitárias» presente anteriormente ⁽³⁸⁾.

Como hipótese de trabalho, as comparações efectuadas parecem-nos pertinentes, mas só projectos de investigação sistemáticos, poderão resolver as questões que sobre este aspecto ficaram em aberto.

Considerações de ordem económica e social (Est. I, 2):

Apesar da diversidade de soluções encontradas ao nível da dispersão, distribuição espacial, tipologia dos monumentos, possível variabilidade sócio-económica dos construtores de megálitos e eventual amplitude cronológica há denominadores comuns no fenómeno megalítico do Arestal a reter:

a) - Grande número e dispersão de monumentos megalíticos na paisagem, o que não significa forçosamente grande densidade demográfica, se tivermos em conta a grande duração cronológica que este fenómeno pode ter tido no local.

b) - Todos os monumentos são construídos nas *proximidades de afloramentos graníticos*, matéria prima indispensável para a sua construção, o que nos pode levar a pensar, tal como alguns autores, que estaríamos na presença de pequenas comunidades humanas, cujos *reduzidos recursos construtivos* a nível de transporte e possivelmente sócio-económicos as obrigariam a construir junto aos referidos afloramentos ⁽³⁹⁾.

c) - Grande percentagem dos monumentos distribuem-se pelos *planaltos superiores* ou na *encosta Este da Serra do Arestal*.

d) - Inexistência de monumentos megalíticos conhecidos abaixo da curva de nível dos 500m.

e) - Os monumentos megalíticos encontram-se todos *junto de lameiros ou de nascentes*.

Os factos apresentados nas alíneas c) e d) podem prender-se evidentemente com as características da própria serra, cujas vertentes, de uma forma geral se tornam bastante abruptas abaixo dos 500m, sendo a partir daí muito pequenas as chãs com possibilidades agrícolas. Pensamos que os construtores de megálitos viveram predominantemente nas áreas onde os construíram, isto é, acima dos 500m de altitude, recorrendo possivelmente aos *recursos que a*

⁽³⁵⁾ A. M. S. BETTENCOURT, em Julho/Agosto de 1988 no âmbito de um projecto denominado «Campo Arqueológico da Serra do Arestal».

⁽³⁶⁾ V. O. JORGE, 1978, p. 379.

⁽³⁷⁾ V. O. JORGE, *et alii*, 1988.

⁽³⁸⁾ V. O. JORGE, 1989, p. 398.

⁽³⁹⁾ F. CRIADO BOADO, 1984, p. 9-10; R. FABREGAS VALCARE, 1988, p. 58.

pastorícia lhes poderia fornecer (aqui, na falta de dados arqueológicos, recorreremos às comparações etnológicas locais. Grande parte da população rural viveu da pastorícia do gado caprino, ovino e bovino, até incios do séc. XX, como complemento importante de uma agricultura bastante pobre).

O recurso à pastorícia seria completado com uma agricultura de subsistência praticada em lameiros ⁽⁴⁰⁾, facto que se parece confirmar pela presença de nascentes junto dos monumentos megalíticos, pela exumação de machados de pedra polida, elementos móveis e fixos de moinho e também pela perpetuação até à actualidade de uma agricultura pobre, feita nas chãs da serra e normalmente muito perto dos monumentos. Aliás, a vinculação dos monumentos megalíticos com solos aráveis adaptáveis a uma agricultura com tecnologias pouco desenvolvidas tem vindo também, a ser observada na Galiza ⁽⁴¹⁾.

O uso do *sílex como matéria prima* fundamental no fabrico de espólio lítico lascado, será representativo de *relações de intercâmbio a nível inter-regional?*

Em caso afirmativo, qual seria a intensidade e importância dessas relações?

Quais os mecanismos sócio-económicos que os permitiram?

São questões que ficam em aberto, bem como muitas sobre o megalitismo da Serra do Arestal.

Braga / Coimbra 1989

⁽³⁹⁾ F. CRIADO BOADO, 1984, p. 9-10; R. FABREGAS VALCARCE, 1988, p. 58.

⁽⁴⁰⁾ V. O. JORGE, 1982, vol. 1, p. 704, 852-853 põe a hipótese de uma economia mista baseada na exploração agrícola e pastoril para as comunidades construtoras de megálitos na Serra da Aboboreira.

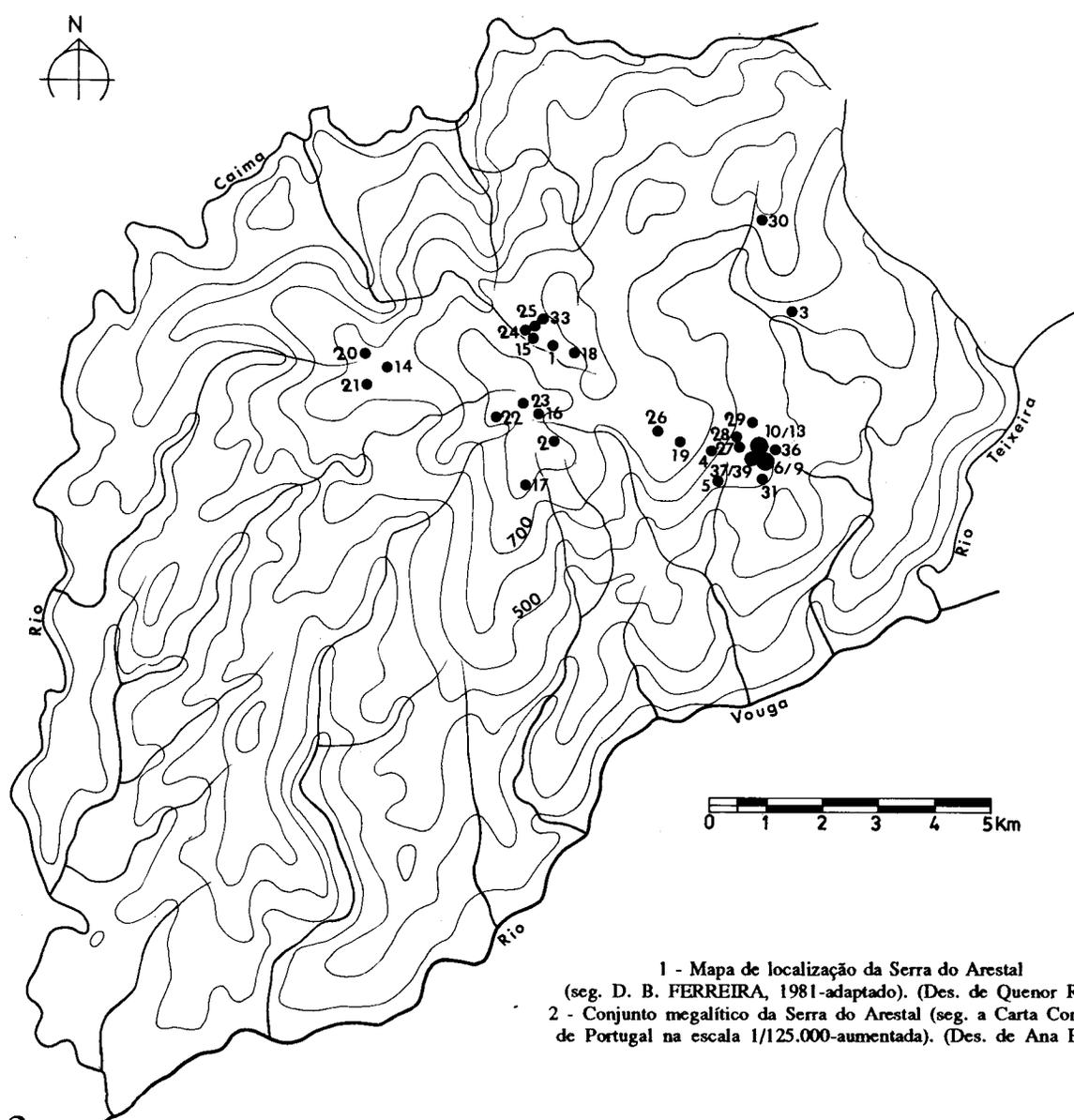
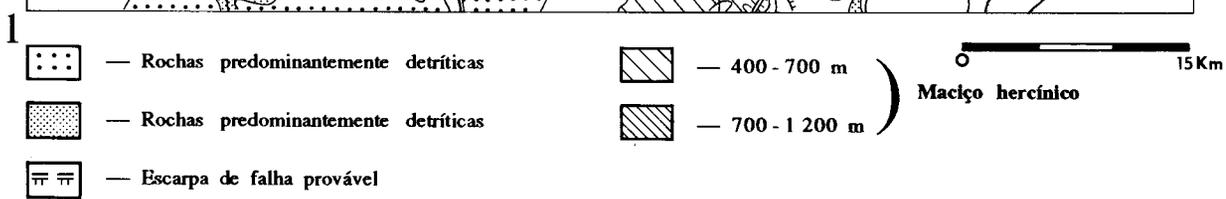
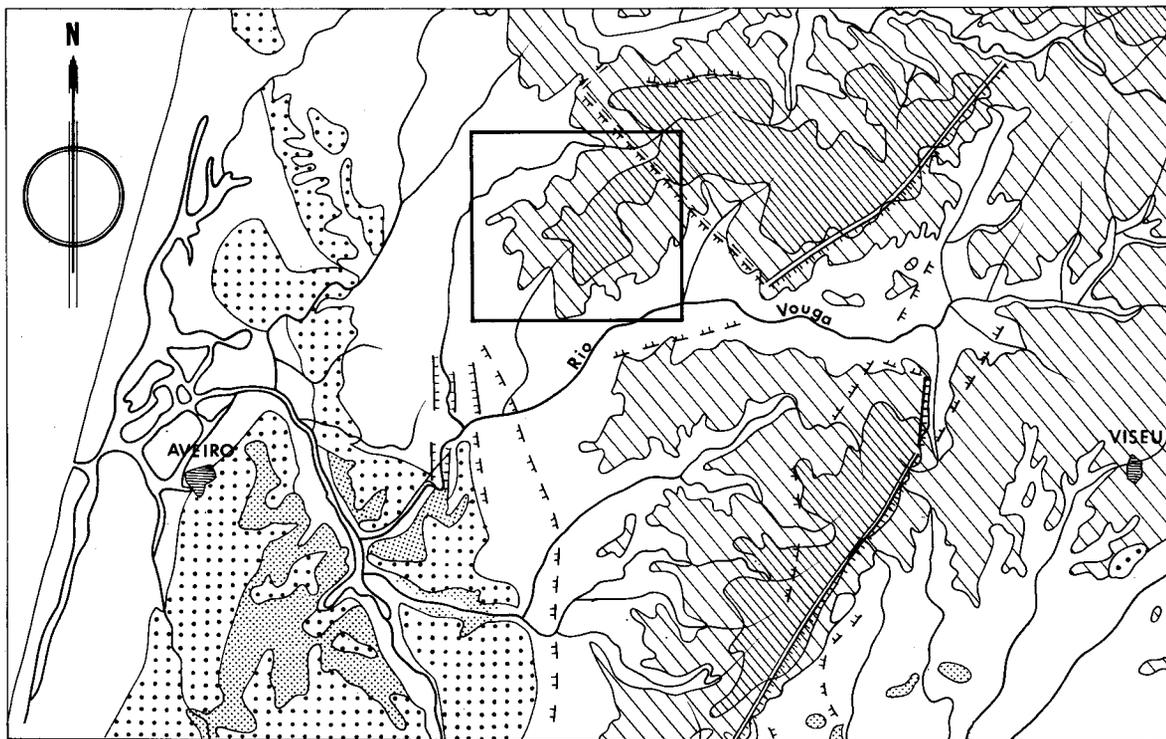
⁽⁴¹⁾ F. CRIADO BOADO, 1984, p. 151-160; R. FABREGAS VALCARCE, 1988, p. 58, 60-61.

ÍNDICE DOS MONUMENTOS CARTOGRAFADOS POR ORDEM ALFABÉTICA

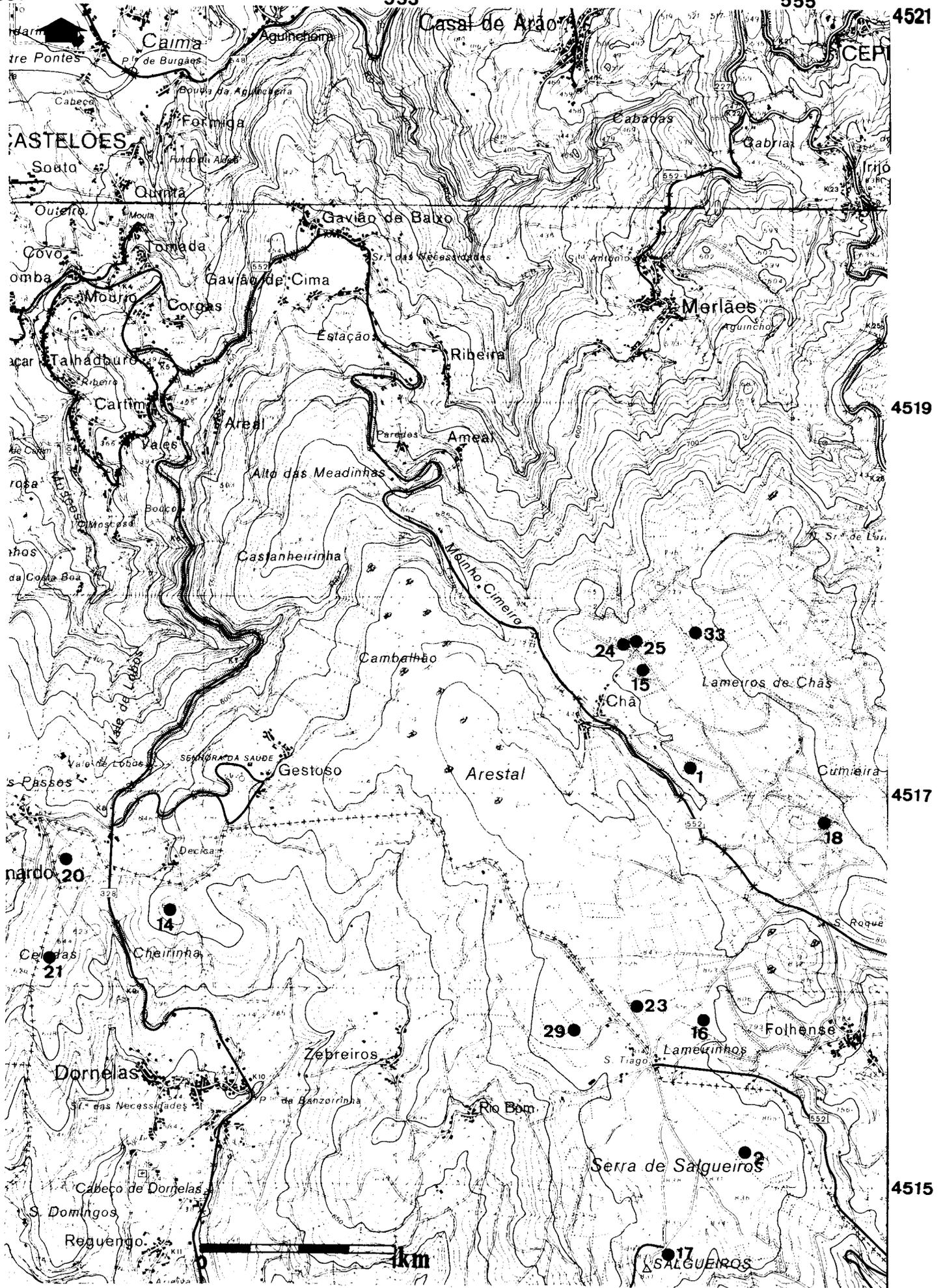
DESIGNAÇÃO	LUGAR	FREGUESIA	CONCELHO	N.ºORDEM
- Águas (das)	Chã	Junq.	V. Cambra	1
- Alagôa (d') / Alto do Biso (do)	R. Vouga	R. Vouga	S. Vouga	2
- Alto do Biso (do) / Alagôa (d')	"	"	"	2
- Alto do Cruzeiro (do)	Arões	Arões	V. Cambra	3
- Arieiro (do) / Souto do Coval 3 (do)	Cov.	C. Est.	S. Vouga	4
- Cabeço do Fojo / Cemitério dos Mouros	"	"	"	5
- Cabeço de S. Tiago (do) / Cerqueira (da)	Cerq.	C. Est.	"	31
- Casa da Moura / Lameiro do Ouguedelo / Aguedelo / / Coval / Mouraceira	Cov.	"	"	19
- Cemitério dos Mouros / Cabeço do Fojo	Cov.	C. Est.	"	5
- Cerqueira (da) / Cabeço de S. Tiago (do)	Cerq.	"	"	31
- Cerqueira 1 (da) / Pedra Moura 1 (da)	"	"	"	6
- " 2 (da) / " " 5 (da)	"	"	"	7
- " 3 (da) / " " 4 (da)	"	"	"	8
- " 4 (da) / " " 3 (da)	"	"	"	9
- " 5 (da) / " " 11 (da)	"	"	"	10
- " 6 (da) / " " 9 (da)	"	"	"	11
- " 7 (da) / " " 10 (?) (da)	"	"	"	12
- " 8 (da) / " " 10 (?) (da)	"	"	"	13
- Cheirinha (da)	Dorn.	S. Esc.	"	14
- Cimo do Lameiro (do)	Chã	Junq.	V. Cambra	15
- Costa d' Arca (da)	C. Arca	Arões	"	32
- Coval / Lameiro do Ouguedelo / Aguedelo / / Casa da Moura / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Cruz (da) / Lameiro Longo (do)	Fol.	Junq.	"	16
- Espinheirinha (da)	Bor.	R. Vouga	S. Vouga	17
- Fonte Cebola	Chã	Junq.	V. Cambra	33
- Irijó (de)	Ir.	Cep.	"	34
- Lameiro (do)	Junq.	Junq.	V. Cambra	18
- Lameiro do Aguedelo / Ouguedelo (do) / / Casa da Moura / Coval / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Lameiro Longo (do) / Cruz (da)	Fol.	Junq.	V. Cambra	16
- Lameiro do Ouguedelo (do) / Aguedelo / / Casa da Moura / Coval / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Lomba 1 (da)	Dorn.	S. Esc.	"	20
- Lomba 2 (da)	"	"	"	21
- Merlães (de)	Merl.	Cep.	V. Cambra	35
- Mouraceira / Lameiro do Ouguedelo / / Aguedelo / Casa da Moura / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Novas (das)	Nov.	Arões	V. Cambra	22
- Outeiro Castêlo (do) / Preirada (da)	Fol.	Junq.	"	23
- Pedra Moural 1 (da) / Cerqueira 1 (da)	Cerq.	C. Est.	S. Vouga	6
- " " 2 (da)	"	"	"	36
- " " 3 (da) / " 4 (da)	"	"	"	9
- " " 4 (da) / " 3 (da)	"	"	"	8
- " " 5 (da) / " 2 (da)	"	"	"	7
- " " 6 (da)	"	"	"	37
- " " 7 (da)	"	"	"	38
- " " 8 (da)	"	"	"	39
- " " 9 (da) / " 6 (da)	"	"	"	11
- " " 10 (?) (da) / " 7 (da)	"	"	"	12
- " " 10 (?) (da) / " 8 (da)	"	"	"	13
- " " 11 (da) / " 5 (da)	"	"	"	10
- Preirada (da) / Outeiro Castêlo (do)	Fol.	Junq.	V. Cambra	23
- Presa Grande 1 (da)	Chã	"	"	24
- Presa Grande 2 (da)	"	"	"	25
- Sobreirinha (da)	Ag.	Junq.	V. Cambra	26
- Souto do Coval 1 (do)	Cov.	C. est.	S. Vouga	27
- " " 2 (do)	"	"	"	28
- " " 3 (do) / Arieiro (do)	"	"	"	4
- Tarranha (mamua) / Terranha (da)	Arest.	S. Esc.	S. Vouga	29
- Terranha (da) / Tarranha (mamua)	"	"	"	29
- Vale Mau (do)	M. Velha	Arões	V. Cambra	30

BIBLIOGRAFIA

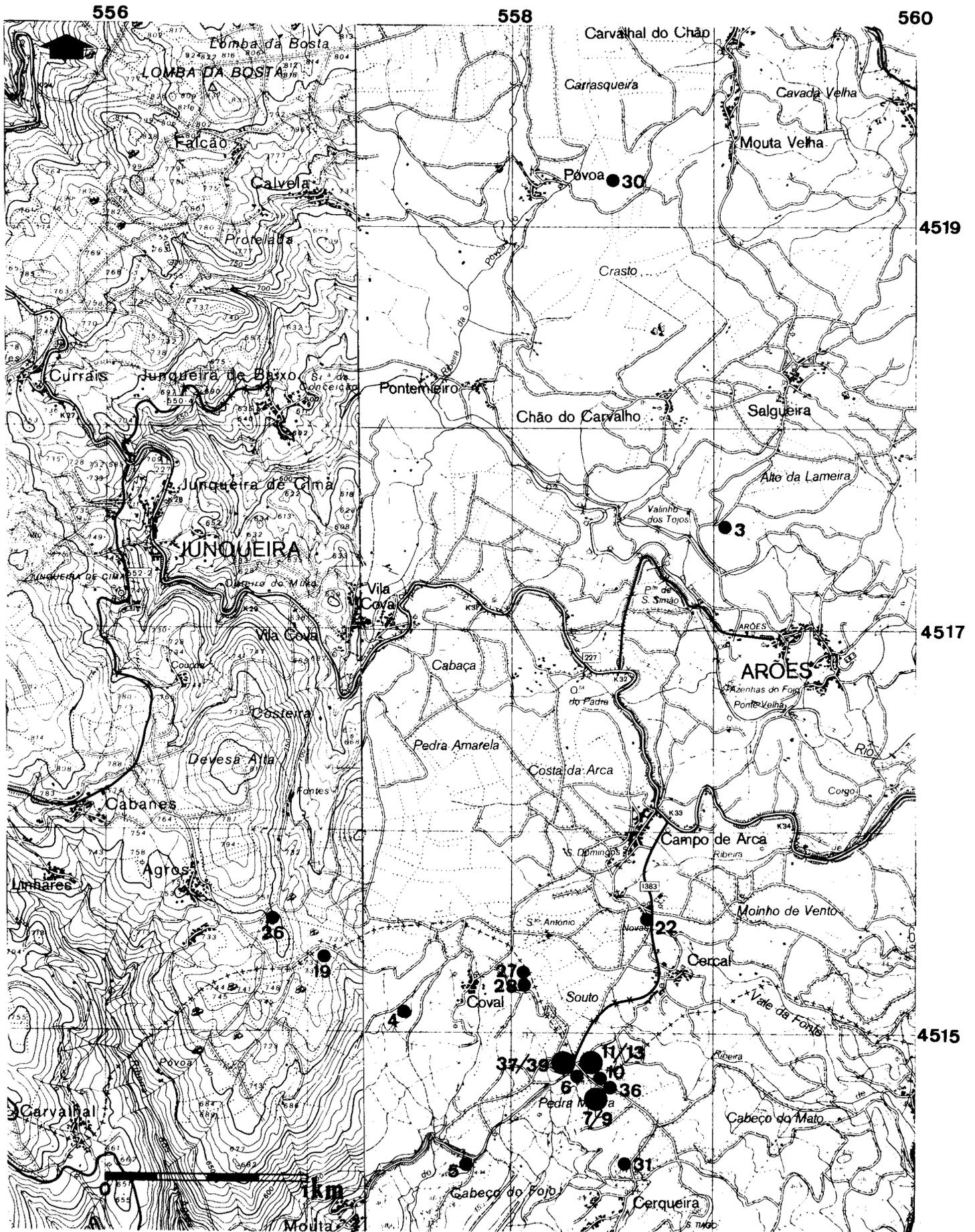
- ALBERGARIA, A.-1972 - Cepelos, história e tradições, jornal *A Voz de Cambra*, ano 2, 33, 15 de Setembro, p. 3.
- ARNAUT, J. M.-1978 - O megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, 1977, vol. 1, Lisboa, p. 97-112.
- BETTENCOURT, A. M. S. - 1982 - A propósito de um vaso tronco-cónico do Museu de Aveiro, *Arqueologia*, 5, Junho, Porto, p. 40-43.
- Idem-1988 - Os vasos tronco-cónicos da estação arqueológica do Castelo-Sever do Vouga, *Arqueologia*, 18, Dezembro, p. 99-104.
- Idem-1989 - Campanha de escavação e consolidação da Mamoa 1 da Cerqueira (Serra do Arestal) - Sever do Vouga, *Arqueologia*, 19, Junho, Porto, p. 85-113.
- CASTRO, L. A.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A.-1956 - Acerca dos monumentos dolmênicos da bacia do Vouga, *Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências, Coimbra, 1956*, T. VIII - Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Coimbra p. 471-481.
- COELHO, J.-1947 - Notas arqueológicas IV, sepulturas através dos tempos, *Beira Alta*, 6(2), Viseu, p. 99-114.
- CRIADO BOADO, R.-1984/85 - «El tercer factor» o la logica oculta del emplazamiento de los túmulos megalíticos gallegos, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 35(100), p. 7-18.
- Idem-1988 - Mamias y rozas: panorama general sobre la distribución de los túmulos megalíticos gallegos, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22-24 de Setembro de 1988)*, vol. 1 in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, p. 151-160.
- CRIADO BOADO, F.; FABREGAS VALCARCE, R.-1989 - Aspectos generales del megalitismo galaico, *Arqueologia*, 19, Junho, Porto, p. 48-63.
- CRUZ, D. J.-1988 - O Megalitismo do Norte de Portugal, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22-24 de Setembro de 1988)*, vol. 1, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, p. 15-49.
- FABREGAS VALCARCE, R.-1988 - Megalitismo de Galicia, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22 a 24 de Setembro de 1988)*, vol. 1, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, p. 57-77.
- FERREIRA, D. B.-1981 - *Carte Geomorphologique du Portugal*, (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 6), Lisboa.
- GIRÃO, A. A.-1921 - *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, Coimbra.
- Idem-1922 - *Bacia do Vouga*, Coimbra.
- JORGE, S. O.-1978 - O Megalitismo no contexto neolítico Peninsular, *Revista de Guimarães*, 88, Janeiro-Dezembro, p. 369-387.
- Idem - 1986-*Povoados da pré-história recente da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar* Porto, (3 vols.)
- JORGE, V. O.-1982 - *O Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto-Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu* (2 vols.). (Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras do Porto), Porto.
- JORGE, V. O.-1989 - Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, *Revista da Faculdade de Letras*, 2. Sér., 6, Porto, p. 365-443.
- JORGE, V. O.; BETTENCOURT, A. M. S.-1988 - Sondagens arqueológicas na mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 17 Junho, Porto, p. 73-118.
- KÄLB, P.; HÖCK, M.-1979 - Escavações na necrópole de mamias «Fonte da Malga» - Viseu, Portugal, *Beira Alta*, 38(3), p. 595-604.
- Idem-1979 - Ausgrabungen in der grabhägelnecropole Fonte da Malga, (Viseu, Portugal), *Madrider Mitteilungen*, 20, Madrid, p. 43-55.
- Idem-1981 - Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgräber, *Madrider Mitteilungen*, 22, Madrid, p. 55-77.
- MOITA, I.-1966 - Características predominantes do grupo dolmênio da Beira Alta, *Ethnos*, 5, Lisboa, p. 189-312.
- PEREIRA, E.; GONÇALVES, M. S.; MOREIRA, A.-1980 - *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50.000. Notícia explicativa da folha 13-D de Oliveira de Azeméis*, Lisboa.
- REBELO, T. M.-1988 - *Informações arqueológicas: Arões, Castelões, Junqueira (Vale de Cambra)*. Coimbra (trabalho fotocopiado apresentado no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra no âmbito da disciplina de Técnicas de Investigação Arqueológicas).
- SILVA, M. M. M.-1986 - *Megalitismo na bacia hidrográfica do baixo Vouga*, Coimbra (trabalho apresentado ao Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra no âmbito da disciplina de Pré-História Peninsular e Europeia).



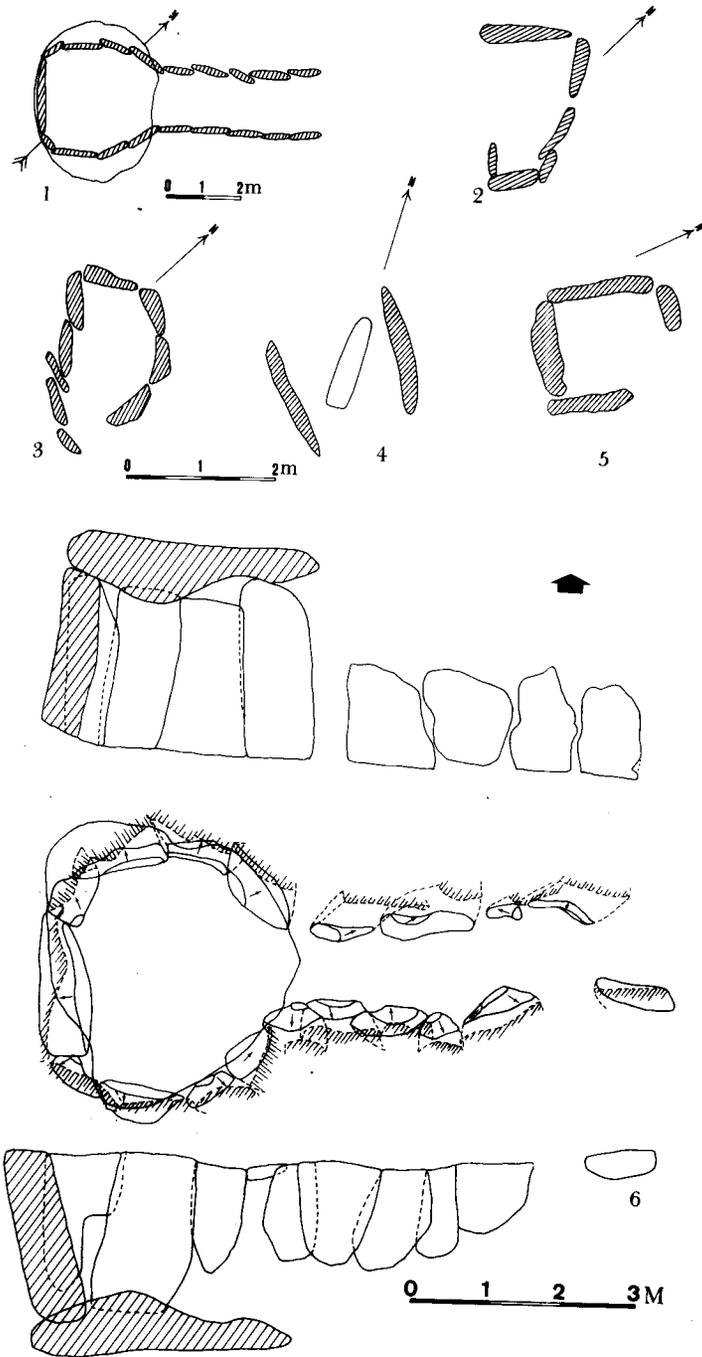
1 - Mapa de localização da Serra do Arestal (seg. D. B. FERREIRA, 1981-adaptado). (Des. de Quenor Rocha)
 2 - Conjunto megalítico da Serra do Arestal (seg. a Carta Corográfica de Portugal na escala 1/125.000-aumentada). (Des. de Ana Fontes).



Localização dos monumentos megalíticos na «Carta Militar de Portugal», escala 1/25.000.
As coordenadas expressas correspondem ao ponto central dos círculos pretos.

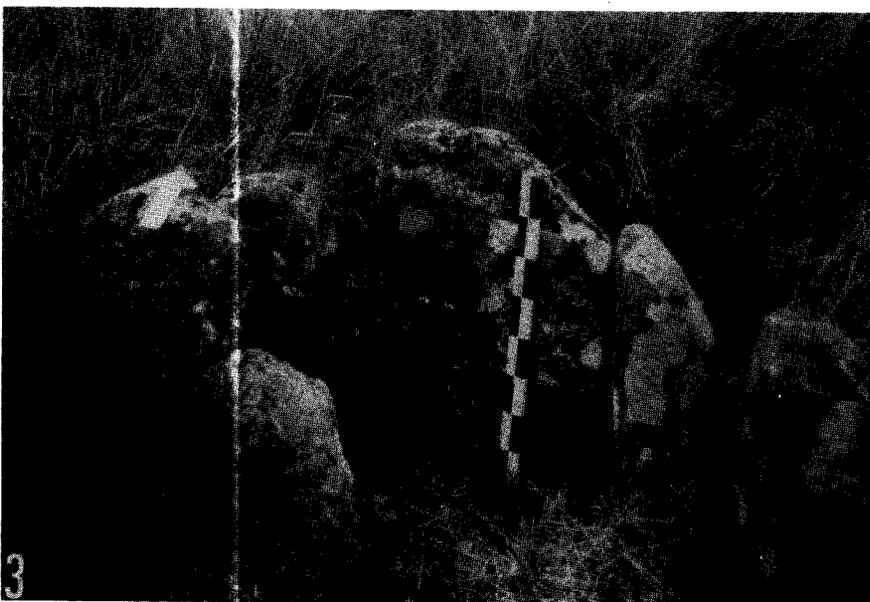
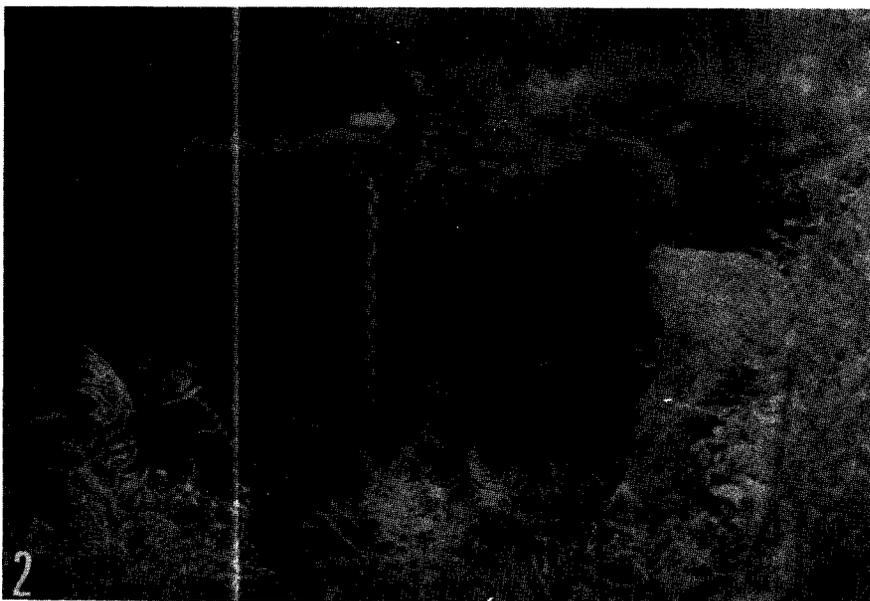
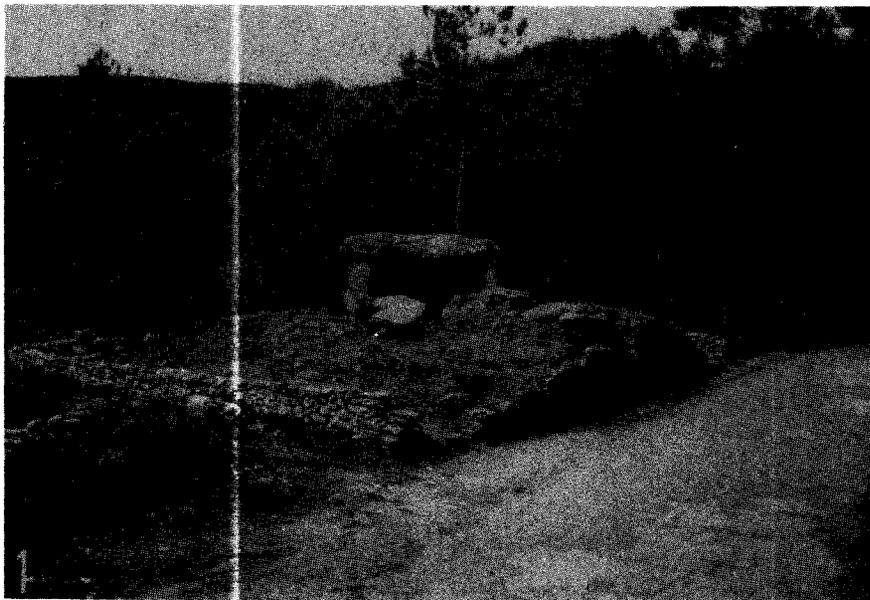


Localização dos monumentos megalíticos na «Carta Militar de Portugal», escala 1/25.000.
Os círculos pequenos representam 1 monumento e os maiores 3.

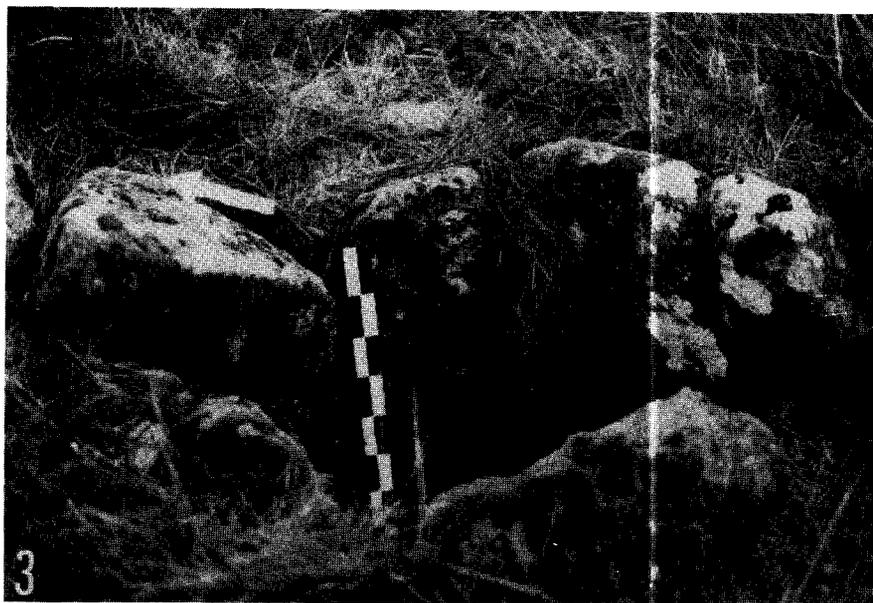
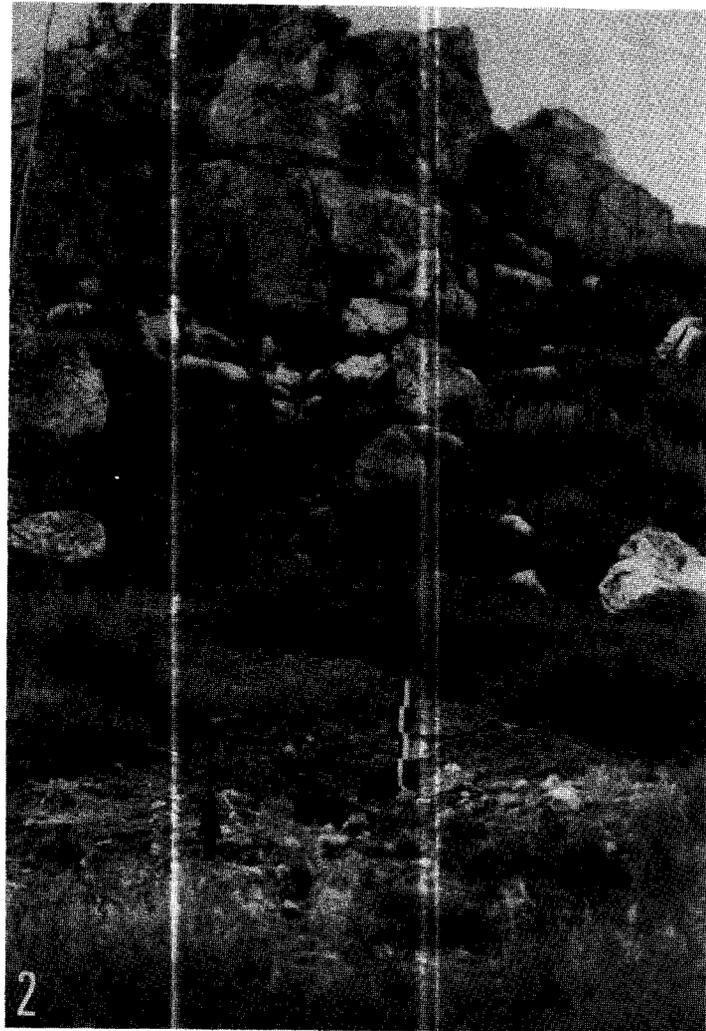


Plantas de alguns monumentos megalíticos:

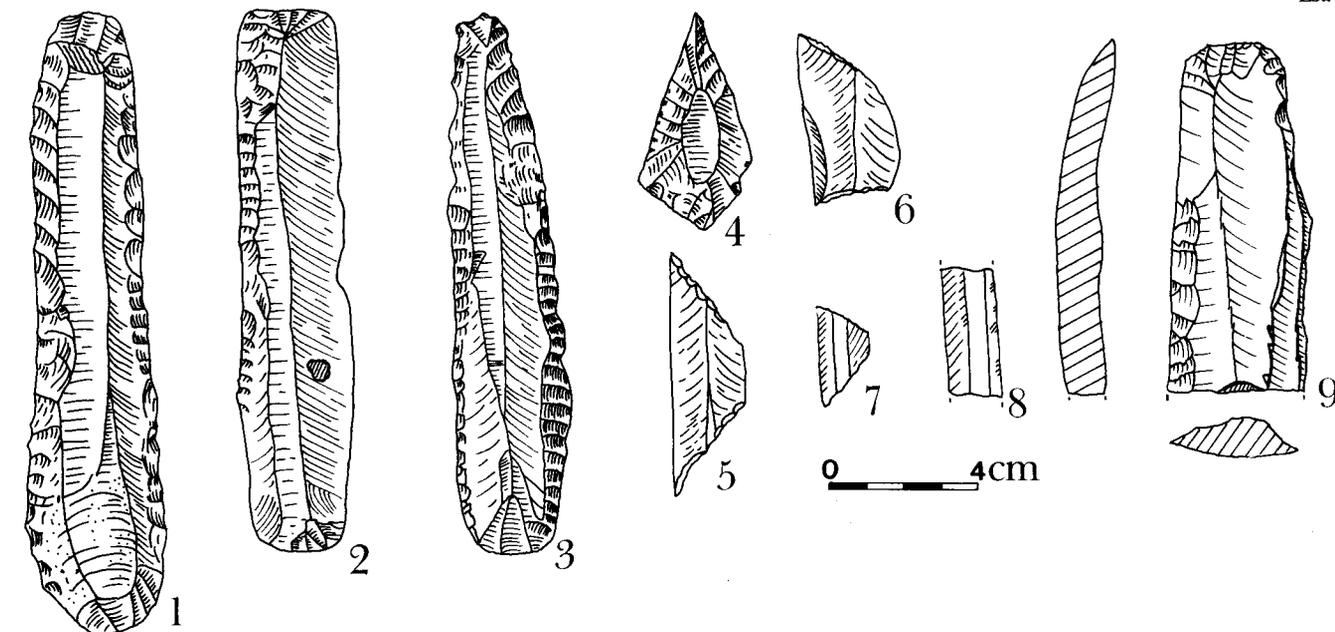
- 1 - Mamoa do Lameiro do Ouguedelo (seg. A. A. Girão, 1921, 1922); 2 - Mamoa da Cerqueira 3; 3 - Mamoa do Souto do Coval 1; 4 - Mamoa da Pedra Moura 6; 5 - Mamoa da Cerqueira 2 (Estas quatro plantas foram desenhadas seg. L. Castro *et alii*, 1957); 6 - Mamoa da Cerqueira 1 (seg. A. M. S. Bettencourt, 1989-adaptado).



1 - Mamoa da Cerqueira 1, após os trabalhos de escavação e consolidação realizados em 1988;
2 - Pormenor da câmara da Mamoa do Lameiro do Ouguedelo onde se pode observar que a
couraça lítica superficial ainda se encontra ao nível do topo dos esteios;
3 - Câmara megalítica da Mamoa do Souto do Coval 1 (Fot. de Ana Bettencourt).

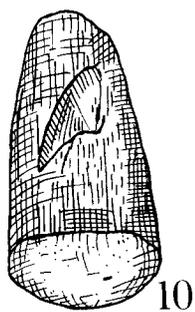


1 - Câmara da Mamoa do Alto do Cruzeiro; 2 - Aspecto geral da Mamoa do Vale Mau;
3 - Câmara da Mamoa do Lameiro (Fot. de Ana Bettencourt).

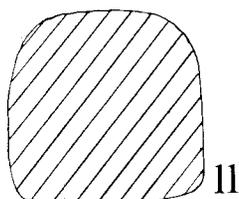


0 2cm

0 4cm

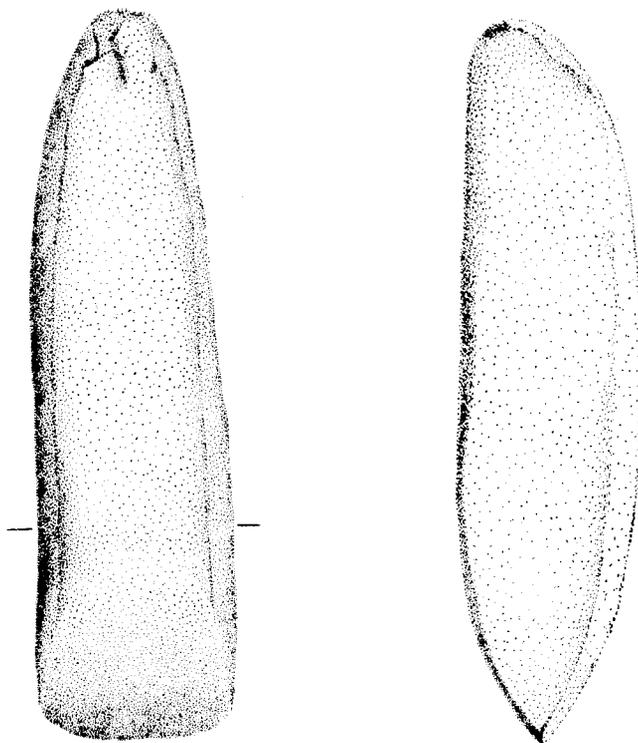


10

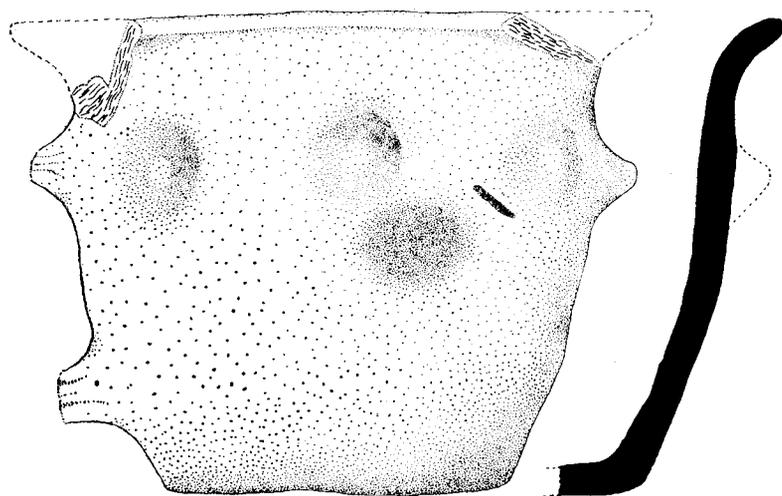


11

0 4cm

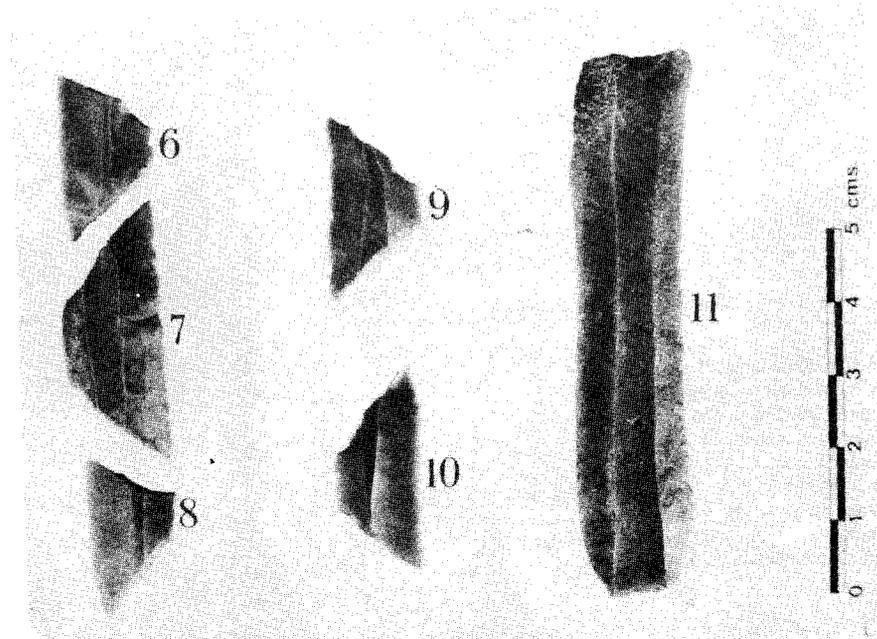
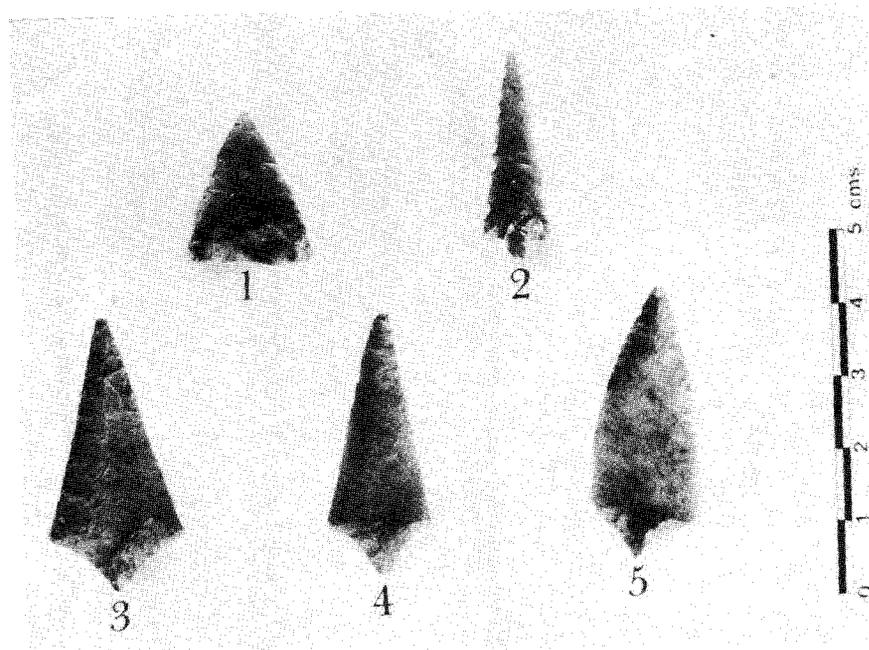
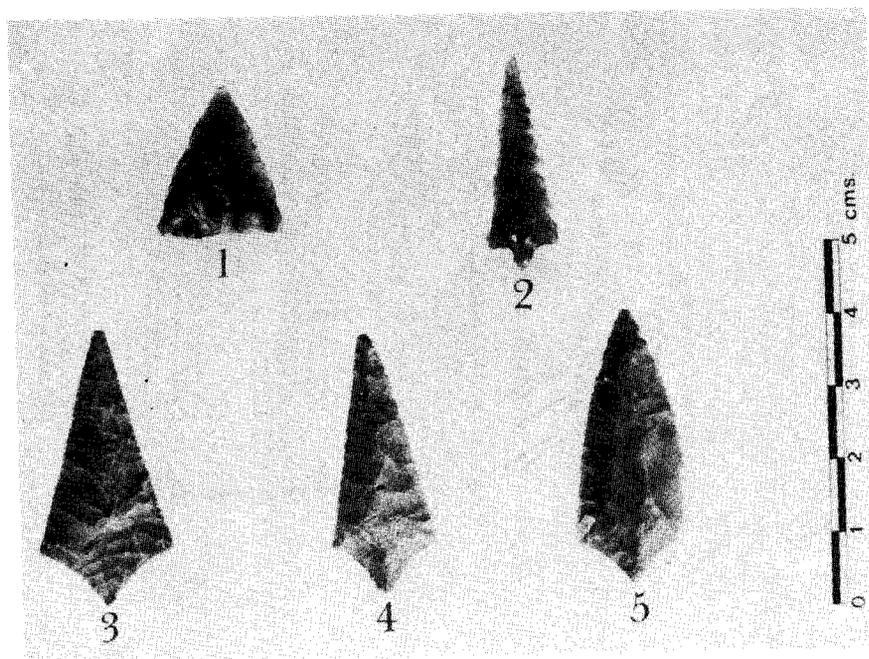


1 a 4 - Objectos encontrados na Mamoa da Cerqueira 1;
 5 - Microlito proveniente da Mamoa da Cerqueira 2;
 6 e 10 - Material da Mamoa da Pedra Moura 6 (Os desenhos de 1 a 6 e 10 foram feitos seg. L. A. Castro *et alii*, 1957);
 7 a 8 - Objectos provenientes da mamoa do Lanciro do Ouguedelo (seg. A. A. Girão, 1921); 9 e 12 - Artefactos exumados da Mamoa da Terranha (seg. A. M. S. Bettencourt, 1982 - modificados parcialmente); 11 - Machado encontrado na Mamoa da Cruz (seg. A. M. S. Bettencourt, 1982).



0 6cm

12



Material proveniente da Mamoa da Cerqueira 1 (Fot. de Manuel Santos).

A ORCA DE CORGAS DA MATANÇA (FORNOS DE ALGODRES)

*Domingos J. da Cruz **
*Ana Maria Leite da Cunha ***
*Luís Filipe C. Gomes ****

1 - INTRODUÇÃO

A *Orca* ou *Casa da Orca* de «Corgas da Matança» é um importante monumento megalítico. Conhecido de há muito, foi classificado em 1961 como Imóvel de Interesse Público ⁽¹⁾.

Em 1988, no âmbito do programa «Valorização do Património Megalítico», desenvolvido pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, realizaram-se neste monumento trabalhos arqueológicos, dirigidos pelos autores, que tinham por objectivo, por um lado, a valorização do património local - indo de encontro ao interesse manifestado, nesse sentido, pela Câmara Municipal de Fornos de Algodres - por outro, a consolidação e restauro das estruturas megalíticas, a definição de uma área de protecção - que impedisse a utilização agrícola dos terrenos que lhe são imediatamente adjacentes -, bem como a sua sinalização e o arranjo dos acessos.

Ao nível científico interessava averiguar o significado dos dois fragmentos de esteios existentes à entrada do dólmen - e, bem assim, da existência, ou não, de um corredor de acesso - e o levantamento das gravuras patentes em alguns dos seus esteios. A realização da planta e vistas em secção do monumento eram também imperiosas, bem como o estudo do espólio de escavações antigas, depositado no Museu Nacional de Arqueologia.

Tais trabalhos foram possíveis conjugando a colaboração de diferentes instituições, nomeadamente do Instituto Português do Património Cultural e do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro ⁽²⁾, que autorizaram e subsidiaram os trabalhos - além de prestarem apoio técnico -, da Câmara Municipal de Fornos de Algodres ⁽³⁾ - que financiou grande parte das despesas, fornecendo equipamentos, materiais e mão-de-obra -, e do Museu Nacional de Arqueologia, que autorizou o estudo do espólio que se encontra à sua guarda ⁽⁴⁾.

* Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra

** Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro

*** Gabinete de História e Arqueologia de Viseu

⁽¹⁾ Dec.-Lei n.º 44075, de 5 de Dezembro de 1961.

⁽²⁾ Agradecemos, muito particularmente, a colaboração por José Luís Madeira e José Augusto Alves Dias, do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, nos levantamentos de campo - e sua finalização em gabinete - e no desenho do espólio, tanto o exumado durante os trabalhos como o depositado no Museu Nacional de Arqueologia.

⁽³⁾ Devemos aqui manifestar, e enaltecer, a prestimosa colaboração e empenhamento da Autarquia, nas pessoas do seu Presidente, Prof. José Felício da Costa, e Vereador da Cultura, Dr. José Soares Miranda. De facto, o restauro deste monumento implicou a utilização de equipamentos nem sempre disponíveis e só um grande espírito de colaboração tornou possível a conclusão dos trabalhos, quiçá em detrimento, ainda que momentâneo, de outros.

⁽⁴⁾ Uma palavra de apreço é devida ao Dr. Francisco Soares Alves, Director do Museu Nacional de Arqueologia, que desde o início colaborou neste projecto, ora cedendo documentação inédita, ora autorizando o estudo e desenho dos materiais recolhidos neste monumento por J. Leite de Vasconcelos.

2 - HISTÓRIA DAS PESQUISAS

As mais antigas referências à *Orca de Corgas da Matança*, embora imprecisas, encontram-se na dissertação de Martinho Mendonça de Pina apresentada à Academia Real da História Portuguesa, em 30 de Julho de 1733 [PINA, 1733:2], mais tarde reproduzidos por F. A. Pereira da Costa [COSTA, 1868:87] e A. Pinho Leal [LEAL, 1875:126]. No entanto, nenhum destes autores visitou o monumento: Mendonça de Pina menciona-o por informação, e os dois restantes reportam-se ao texto daquele.

Nos finais do século XIX, José Leite de Vasconcelos, numa das suas primeiras digressões pela Beira ⁽⁵⁾, visita vários monumentos e sítios arqueológicos do concelho de Fornos de Algodres, nomeadamente a *Orca de Corgas da Matança* [VASCONCELOS, 1927], que explora, tendo recolhido algum espólio, mais tarde depositado no Museu de que era Director, então designado Museu Etnográfico Português.

Os trabalhos de J. Leite de Vasconcelos desenrolaram-se em apenas dois dias (21 e 22 de Agosto de 1896), terminando no segundo dia «pela manhã» [VASCONCELOS, 1927:137]. Esta intervenção permitiu-lhe a recolha de duas placas de granito (6), interpretadas como tampas de vasos, 5 fragmentos cerâmicos, grosseiros, e um cristal de quartzo, em forma de núcleo [VASCONCELOS, 1897:111§76; *id.* 1927:138; MOITA., 1966:270]. Adquiriu também um machado de pedra polida que terá sido encontrado em «uns campos próximos» ao monumento [VASCONCELOS, 1987:111; *id.* 1927:143].

Além da escavação realizou ainda a planta do monumento, que não chegou a publicar, fazendo hoje parte dos documentos inéditos deste investigador, depositados no Museu Nacional de Arqueologia.

As observações de Leite de Vasconcelos são, no entanto, interessantes. Segundo os relatos deste investigador, já nos finais do século passado a *Orca de Corgas da Matança* se apresentava no meio de um campo agricultado, sem mamoa e, também, como aponta mais adiante, «não tinha corredor, constava somente de câmara» [VASCONCELOS, 1927:138].

Pela planta que então levantou (Fig. 1) se verifica também que o monumento apresentava já, à entrada, dois fragmentos de esteiros (a e c), mais tarde interpretados por Irisalva Moita como pertencentes ao corredor [MOITA, 1966:269], um longo esteio (b), no interior da câmara, e um esteio (ou fragmento), no exterior, próximo da laje de cabeceira; contudo, não referencia - talvez por o não ter detectado - o esteio que ladeia a laje de cabeceira pelo lado sul, seccionado próximo da base, representado por Irisalva Moita na sua planta [*id.*, *ibid.*: 270] (Fig. 2).

Durante a primeira metade deste século outros autores se referem aos monumentos megalíticos do concelho de Fornos de Algodres, nomeadamente ao dólmen de Corgas da Matança, normalmente citando os trabalhos de Mendonça de Pina, Pereira da Costa ou Leite de Vasconcelos. É o caso de Mons. Pinheiro Marques, na sua monografia sobre as *Terras de Algodres* [MARQUES, 1988:43 e 309], António de Almeida [ALMEIDA, 1942: 235], José Coelho [COELHO, 1948: fig. 9], Russell Cortez [CORTEZ, 1952: est. VI] e Barros Leite [LEITE, 1965: 33], publicando, por vezes, registos fotográficos.

Neste período o monumento é também visitado pelos investigadores Georg e Vera Leisner, do Instituto Arqueológico Alemão (CATÁLOGO, 1987: 13] que, mais tarde, o incluem no inventário do seu trabalho de síntese sobre o megalitismo da área ocidental da Península Ibérica, classificando-o como um dólmen de corredor com câmara de planta poligonal larga [LEISNER & LEISNER, 1956: est. 77].

Uma última referência à *Orca de Corgas da Matança* é feita por Irisalva Moita num trabalho sobre o megalitismo da Beira Alta, realizado em 1955 mas publicado cerca de 10 anos depois. Esboça, à vista, a sua planta (Fig. 2), que publica com uma descrição do monumento e referência ao espólio depositado no Museu Nacional de Arqueologia [MOITA, 1966: 269-270, est. V-2].

(⁵) Os relatos de diversos aspectos desta sua viagem foram publicados em alguns jornais regionais, nomeadamente na «Gazeta da Figueira», de Figueira da Foz (Set.^o e Out.^o de 1896) e em «A Folha», de Viseu (Jan.^o de 1902), mais tarde ampliados e publicados sob a forma de livro, intitulado *De terra em terra. Excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal* (vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1927).

(⁶) Segundo Leite de Vasconcelos - quando procedia ao inventário do espólio exumado - uma das placas ter-se-ia perdido [VASCONCELOS, 1897: 111, §76; *idem*, 1927: 138], mas é mais tarde referenciada por Irisalva Moita [MOITA, 1966: 270].

3 - CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A *Orca de Corgas da Matança* não se encontra isolada. Além de se integrar numa importante área megalítica, de que se destacam, pela sua proximidade, os dólmenes do Carapito, já no concelho de Aguiar da Beira [LEISNER & RIBEIRO, 1968], assinala-se ainda no concelho de Fornos de Algodres um outro monumento do mesmo tipo, situado na freguesia de Cortiçô e conhecido localmente por *Casa da Orca* [MOITA, 1966: 270-272] (Est. 1-1).

Este monumental dólmen implanta-se, imponente - dominando o extenso vale alimentado pela ribeira de Ludares (ou rib.^a de S. Domingos), afluente do Dão -, num pequeno «plateau» granítico, definido pela curva de nível dos 600 metros, no sítio de *Correão*, a cerca de 2,5 Km, para poente, da *Orca de Corgas da Matança*, e a NO da povoação de Cortiçô.

Trata-se de um dólmen de nove esteios, de câmara poligonal larga, tendencialmente rectangular, cuja laje de cabeceira mostra a peculiar característica de se apresentar ladeada por dois esteios, estreitos e altos, e corredor bem diferenciado da câmara, quer em altura como em planta, talvez constituído por dois esteios de cada lado, terminando junto à câmara por um esteio em forma de pilar [LEISNER & LEISNER, 1956: est. XV - 3; MOITA, 1966: 270-272].

A sua importância reside não só nas características tipológicas que evidencia, integrando-se num grupo de monumentos bem representado na região da Beira Alta (⁷), mas também no facto de alguns dos seus esteios ostentarem pinturas [LEISNER, 1934: 28 e 32; SHEE, 1981: 154, fig. 51], infelizmente já muito erodidas, e pelo espólio recolhido em antigas escavações (⁸).

Um terceiro monumento megalítico terá existido na área do concelho. De facto, José Coelho [COELHO, 1948: 282 e 294] refere-se a uma mamoa localizada nas proximidades da *Orca da Matança*, mas que já não foi possível identificar em recentes prospecções.

Do período, talvez pré-histórico, é ainda de mencionar um machado de pedra polida, recolhido por J. Leite de Vasconcelos nas proximidades de Infias, mas sem contexto arqueológico definido [VASCONCELOS, 1897: 108, §66; *id.*, 1927: 143], o povoado de *Monte do Castro de Santiago*, na freguesia de Figueiró da Granja, implantado - com uma excepcional posição topográfica - num esporão granítico sobranceiro aos vales da ribeira de Muxagata e do ribeiro do Relão (ou da Fonte Arcada) subsidiários do Mondego, cronologicamente integrável no período Calcolítico (⁹), e a espada curta, de lingueta desenvolvida, de cobre arsenical, encontrada em 1953 no sítio do *Pinhal dos Melos*, a NO da Quinta das Relvas [PAÇO & FERREIRA, 1957], e hoje depositada no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, que datará já de uma fase plena da Idade do Bronze inicial [RUIZ GÁLVEZ-PRIEGO, 1984: 229] (¹⁰).

Os vestígios arqueológicos de períodos posteriores (¹¹) são também significativos, destacando-se os que se relacionam com o processo de romanização da região [ALARCÃO, 1988:II(1), pp. 62-63, mapa 4a; CURADO, 1986; GOMES, 1988], bem como os sítios com

(⁷) Entre outros, são de referir a *Orca da Cunha Baixa*, no concelho de Mangualde [LEISNER & LEISNER, 1956: est. XV - 1; VILAÇA & CRUZ, 1990], a *Casa dos Mouros* de Carvalhal da Louça, no concelho de Seia [*id.*, *ibidem*, est. XV - 5; Moita, 1966: 265], a *Lapa do Repilau*, no concelho de Viseu [LEISNER & LEISNER, 1956: est. XIX - 4]. Sobre este tipo de monumentos, bem individualizado pelos Leisner, vejam-se sobretudo os volumes da monumental obra destes investigadores sobre o megalitismo da área ocidental da Península Ibérica.

(⁸) O espólio recolhido neste monumento [VASCONCELOS, 1897: 110, §72; MOITA, 1966: 271-272] é fundamentalmente constituído por três pontas de seta, em sílex - uma de base côncava, fragmentada na ponta (M.N.A. n.º 9323-B), e duas de base triangular (M.N.A. n.º 9323 - A e C) - e um pequeno machado de pedra polida, em rocha metamórfica, de contorno e secção transversal subtrapezoidais, gume convexo, assimétrico, muito polido no gume e apenas desbastado nas faces e nos lados, medindo 9 cm de comprimento, 3 cm de largura e 2,4 cm de espessura máxima; peso: 141,45g. (M.N.A. n.º 9322).

(⁹) A este importante povoado da Pré-história recente da Beira Alta se referia já Mons. J. Pinheiro Marques, na sua monografia sobre as *Terras de Algodres*, que ali recolheu algum espólio [MARQUES, 1988: 40 e ss.], e Russell Cortez, que visitou o sítio, tendo então realizado algumas sondagens (CORTEZ, 1952: 209, 227-228; *id.*, 1954: 180). Recentemente o estudo sistemático desta estação foi retomado por A. Carlos Valera e I. Alves Estevinha [VALERA & ESTEVINHA, 1989].

(¹⁰) Sobre este importante achado da Idade do Bronze vejam-se também as referências de M. Almagro Gorbea [1973:70-79] e André Coffyn [1985: 13, fig. 2-2].

(¹¹) Alguns outros sítios são, por vezes, mencionados como tendo tido uma ocupação pré-histórica. As prospecções realizadas na área do concelho de Fornos de Algodres, ainda que não sistemáticas, não permitiram a sua confirmação. Mencionam-se, a título de exemplo, a referência a uma mamoa nas proximidades da Capela do Anjo (Vila Ruiva) [LANDEIRO, 1968: 26; PEIXOTO, 1988: 136-138], o povoado do «Castelo» (Queiriz) [PEIXOTO, 1988: 109-110], onde existe um grande abrigo natural, mas sem vestígios de ocupação, o castro da «Senhora do Desterro» [MARQUES, 1988: 40], que já não se situará na área do Concelho, etc.

ocupação medieval, numerosos e de grande importância mas, em grande medida, desconhecidos por não terem ainda merecido um estudo exaustivo ⁽¹²⁾.

4 – LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO GEOGRÁFICO

A *Orca de Corgas da Matança* localiza-se no sítio de «Corgas», freguesia da Matança, concelho de Fornos de Algodres e distrito da Guarda (Fig. 3).

Tem as seguintes coordenadas geográficas (seg. a *Carta Militar de Portugal*, na escala de 1/25.000, fl. 180 - Aldeia-Nova, 1973):

Latitude - 40° 40' 04" Norte
 Longitude - 01° 35' 01" Este de Lisboa
 Altitude - 605 metros.

O acesso ao monumento faz-se pela estrada municipal que, de Fornos de Algodres, conduz à Matança; o monumento está implantado em terreno explorado agricolamente ⁽¹³⁾ (Est. I-2), distando cerca de 1,5 Km da sede da freguesia, e cerca de 300 metros, para norte, daquela via.

A área do concelho de Fornos de Algodres insere-se, do ponto de vista geomorfológico, no domínio dos Planaltos Centrais; encaixados entre a superfície de aplanamento da Meseta (cujo rebordo ocidental, no Norte da Beira, se pode definir pelo alinhamento tectónico *Vale da Vila-Longroiva-Fiães* [FERREIRA, 1978: 81-86], integrando-se do desligamento *Bragança-Unhais da Serra*) e as Montanhas Ocidentais (que compreendem a Serra de Montemuro, a série de relevos do denominado «Maciço da Gralheira» [RIBEIRO, *et alii*, 1943] e a Serra do Caramulo), separadas daqueles por vales de origem tectónica, no prolongamento da linha de fractura *Verin-Penacova*, caracterizam-se, fundamentalmente, por uma série de relevos bastante movimentados (contrastando com a regularidade da Meseta) e uma complexa rede hidrográfica e interflúvios aplanados com, por vezes, reduzidos níveis de aplanamento situados a diferentes altitudes [FERREIRA, 1978:87].

Mais restritamente a região é marcada pela ampla bacia hidrográfica do rio Mondego, e do seu afluente da margem esquerda, o Dão, que correm no sentido NE-SO, e cursos de água subsidiários destes. Destacam-se os afluentes do Mondego - Muxagata e Cortiçô -, que ocupam vales de fractura muito profundos, correndo seg. a direcção NNE-SSO e, nas designadas *Terras Altas*, o rio Carapito e a ribeira de Ludares, afluentes do Dão, correndo segundo a direcção NE-SO, em vales abertos.

A *Orca de Corgas da Matança* situa-se no amplo vale da ribeira de Ludares, que nasce nos montes sobranceiros às povoações de Algodres e de Cortiçô, contornando, pelo sul, os relevos residuais do *Alto da Pena-Monte dos Matos*.

O substrato desta área, bem como de grande parte da Beira-Norte, é granítico, de idade hercínica, predominando os granitos calco-alcalinos, biotíticos, de textura, em geral, porfiróide ⁽¹⁴⁾.

5 – DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

5.1. Metodologia e resultados da escavação

Após a limpeza do terreno, com o corte da vegetação existente na área circundante do monumento, procedeu-se à sua quadriculagem, segundo o Norte magnético. A área a interencionar

⁽¹²⁾ Leite de Vasconcelos menciona alguns sítios do período medieval [VASCONCELOS, 1919-20]. O importante cemitério rupestre de Forcadas (Matança) foi recentemente proposto para classificação como Imóvel de Interesse Público e será, em 1990, alvo de um trabalho de levantamento e valorização - a realizar no âmbito das actividades do Serviço Regional de Arqueologia, com a colaboração da Câmara Municipal de Fornos de Algodres -, esperando-se que tal acção seja apenas o início dos estudos de História e de Arqueologia medieval no Concelho.

⁽¹³⁾ O terreno é propriedade do Sr. Francisco Veloso, a quem agradecemos a colaboração e facilidades concedidas.

⁽¹⁴⁾ Sobre a geomorfologia da região, aqui meramente esboçada, é útil a consulta da *Carta Geológica de Portugal*, na esc. de 1/500.000, Lisboa, Serv. Geológicos de Portugal, *Carta Geotectónica, Região das Beiras, Portugal*, na esc. de 1/250.000, Lisboa, J. de Energ. Nuclear, 1968, *Carta Tectónica de Portugal*, na esc. de 1/100.000, Lisboa, Serv. Geol. de Portugal, 1972, etc.

ficou, assim, definida por um rectângulo medindo 10m por 6 metros, subdividida em quadrados de 2 metros de lado (Fig. 4).

A câmara dolménica inseria-se, essencialmente, nos quadros B3-B4 e C3-C4, enquanto que a área fronteira, correspondente à entrada e onde se localizavam os dois fragmentos de esteios do «corredor» (seg. a interpretação de I. Moita), se dispunham nos quadrados B2 e C4.

A área da câmara (B3-B4 e C3-C4) bem como os quadrados B2 e C2, foram totalmente escavados; no sentido de se averiguar a extensão da estrutura de pedras que surgia adossada aos esteios da entrada do dólmen foi também escavado o quadrado D3 *c* e *d*.

A fase inicial dos trabalhos de escavação (Fig. 5; Est. II - 1) permitiu a definição do contexto dos dois fragmentos de esteios situados à entrada da câmara dolménica: no lado sul, um fragmento de esteio com quatro insculpturas do tipo «covicha» que, pelas suas dimensões e forma, corresponderá à parte superior de um esteio; no lado norte, um outro fragmento, medindo cerca de 2m de altura, assente directamente sobre o areão de base, e que terá sofrido, com a queda, uma ligeira deslocação para NE, comprimindo as pequenas pedras que formavam o contraforte que lhe estava adossado.

Retirado o fragmento 1 (muito provavelmente o fragmento *c* da planta levantada por J. Leite de Vasconcelos), e reerguido o fragmento de esteio I (a?), pois se encontrava sensivelmente no sítio original, o prosseguimento da escavação revelou a existência de um novo ortostato, medindo 4m de comprimento e 80-90cm de largura, disposto longitudinalmente no interior e no exterior da câmara funerária (esteio A; fragmento *b* de J. L. Vasconcelos). No interior da câmara foi recolhido um último fragmento (2), mais tarde identificado como a parte superior da laje de cabeceira (E).

A escavação da câmara revelou, na sua área central, uma fossa de violação profunda (cerca de 1,50m) e, no sector da entrada, quer no lado sul (B2), quer no lado norte (C2), uma estrutura em pedras, de tamanho pequeno e médio - correspondendo aos vestígios do contraforte (Fig. 6; Est. II - 2) do monumento -, muito bem conservada no sector norte, como se verificou com a escavação de parte do quadrado D2, mais desconexa e misturada com terras negras, muito carbonosas, embora compactas, no sector sul, contrastando com as terras originais subjacentes, castanho-amareladas, arenosas.

Com o objectivo de averiguar o significado destas terras, foi escavada esta área, procedendo-se ao levantamento das pedras que formavam o contraforte. Esta escavação revelou uma fossa, de contorno irregular, pouco profunda, onde foram recolhidas, em pontos distintos, três amostras de madeira carbonizada (15).

Os trabalhos desenvolvidos na *Orca de Corgas da Matança*, e consequentes levantamentos em planta e secção (Fig. 6), evidenciaram uma câmara de grandes dimensões - cujos esteios mediam, em média, 3,90m de altura -, fortemente enterrados no solo original, com excepção do esteio I, situado à entrada, tombado.

O monumento foi construído em área de veiga, sobre terrenos arenosos, muito permeáveis e ricos em água, sendo de admitir que os seus esteios tenham sofrido ao longo do tempo - por força do seu peso e do da laje de cobertura - um lento afundamento, porquanto a fossa de violação existente no seu interior e o buraco de assentamento do esteio A evidenciou a existência de um importante lençol de água; por outro lado, a profundidade do buraco de assentamento deste esteio não era suficiente para a sua implantação, tendo sido necessário aprofundá-lo. Assim sendo, será de admitir que o monumento, originalmente, fosse ainda mais imponente do que se apresenta hoje.

Trata-se de um dólmen aberto, de câmara poligonal, constituído por nove esteios, sobrepostos, com a entrada orientada a SSE. Não foram, entretanto, detectados quaisquer vestígios do corredor de acesso (fragmentos de esteios, fossas de assentamento, ou contraforte) em toda a área fronteira, como se verificou com a escavação dos quadrados B2 e C2. A pouca profundidade (cerca de 40cm) surgia o areão de base, sem outros vestígios.

Neste contexto é de referir a existência de uma pedra, paralelepípedica, seccionada na parte superior, integrada perifericamente na estrutura de pedras que constituía o contraforte na área norte (Fig. 6; Est. II-2); a sua situação, no entanto, é diversa deste pois a sua base encontrava-se ao nível da do esteio I, tendo, por isso, sido ligeiramente enterrado no solo original,

(15) Submetidas à análise radiocarbónica forneceram os seguintes resultados: amostra n.º 1 - ICEN-480: 1140±60 anos BP; amostra n.º 2 - ICEN-481: 1120±60 anos BP; amostra n.º 3 - ICEN-482: 1170±60 anos BP. As data obtidas são estatisticamente idênticas, reportando-se a um contexto de remeximento do período medieval, podendo, talvez, relacionar-se com alguns fragmentos cerâmicos com características medievais recolhidos nesta área do monumento. É provável também que esta antiga violação corresponda ao derrube e tentativa de fragmentação do esteio A.

desenvolvendo-se o contraforte a um nível superior, cerca de 50cm relativamente à base desta pedra.

Poderá ser um elemento desta construção - embora de dimensões maiores e de configuração mais regular - ou, com mais verosimilhança, a base de um pilar, relacionando-se com uma possível estrutura de acesso.

5.2. Restauro e valorização

As estruturas megalíticas do monumento foram consolidadas com a construção de uma base de sustentação, feita em pedra, gravilha e cimento, preenchendo-se a fossa de violação até ao nível da terra arenosa que se detectou à entrada.

Os trabalhos de restauro consistiram na identificação dos vários fragmentos de esteios retirados do interior e exterior do dólmen, com a reconstituição dos esteios fragmentados, utilizando-se, para o efeito, ferros de ligação («gatos») e cimento para consolidar as facturas (Figs. 7 e 8; Est. III-2).

O esteio A, com 4 metros de comprimento, pertence, evidentemente, à câmara; a sua disposição, no interior e exterior do dólmen, que parece corresponder ao esteio assinalado por José Leite de Vasconcelos, indicava tratar-se do primeiro esteio do lado sul. Não foi possível, contudo, determinar com exactidão a sua base de assentamento original, pois esta apresentava-se bastante alargada, fosse por acção da sua queda, ou de remeximentos.

O monumento terá sofrido sucessivas violações, nomeadamente na Idade Média - face a um fragmento do bordo de um vaso cerâmico feito a torno, encontrado nas terras negras do quadrado B2, e aos resultados das datações de Carbono 14 - e, em momento que não é possível determinar, a tentativa de fragmentar este esteio em três partes, como é visível pelo conjunto de seis buracos de aplicação de guilhos.

O fragmento retirado do interior da câmara (2) correspondia, sem qualquer dúvida, à parte superior da laje de cabeceira, tendo também sofrido, como o esteio A, mutilações no sentido da sua fractura.

O fragmento do esteio I, com cerca de 2 metros de altura, correspondia ao primeiro esteio do lado norte. Encontrava-se superficialmente enterrado no areão de base e terá sofrido uma deslocação ocasionada pelo seu derrube; foi recolocado no provável sítio original; não foi, por outro lado, encontrado o fragmento da parte superior.

O fragmento de esteio I corresponderá, muito provavelmente, ao topo do esteio D, que estava *in situ* mas fragmentado ao nível da base (Fig. 7, vista seg. A-A'). José Leite de Vasconcelos indica, nesta área mas no exterior da câmara, um grande fragmento, deslocado e disposto horizontalmente (Fig. 1), que poderá relacionar-se com este esteio, mas que não foi possível localizar. Será, no entanto, de admitir que o fragmento agora encontrado possa também corresponder a outro elemento pétreo do monumento, nomeadamente à laje que fecharia a parte superior da entrada do dólmen.

Durante os trabalhos não foi também localizado o fragmento da parte superior do esteio G (Fig. 7, vista seg. B-B').

O dólmen é coberto por uma laje de grandes dimensões, de contorno aproximadamente rectangular, medindo cerca de 40cm de espessura máxima, apoiando-se nos esteios B, C, F e H. Apresenta uma fractura superficial, já assinalada nos anos 40 [COELHO, 1948:249], desde a periferia até, aproximadamente, à sua parte central.

A completa valorização da *Orca de Corgas da Matança* implica um conjunto de acções - que compreendem a aquisição do terreno pela Autarquia, a implantação de uma vedação rústica, em troncos de madeira, o arranjo do caminho de acesso, a partir da estrada municipal Fornos de Algodres - Matança, num troço de cerca de 300 metros, a sua sinalização e a implantação de uma placa explicativa, de fácil leitura, que elucide o visitante sobre as suas características, funcionalidade, período histórico, etc. - já concretizadas ou em execução pela Câmara Municipal de Fornos de Algodres e pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro.

6 - AS GRAVURAS

O dólmen de Corgas da Matança possui insculpturas em dois dos seus esteios: na laje de cabeceira (F), ao nível da base, no lado esquerdo, foi gravada uma figura serpentina, de sulcos largos e

pouco profundos (com secção em U), obtida por picotagem e abrasão; o segundo esteio do lado direito (B) apresenta-se totalmente insculturado (Est. III-1).

Destas figurações foi realizado um primeiro levantamento, utilizando-se o método contrastante designado «bicromático», mas o estado de conservação do esteio B, que se mostra francamente erodido, bem como a complexidade dos motivos, obrigam à realização de outros levantamentos e ulterior estudo, pelo que aqui apenas se dá notícia da sua existência.

O fragmento de esteio que se encontrava à entrada do dólmen (1), no lado sul, apresentava também gravuras, do tipo «cavinha», na sua face exterior (Fig. 5).

De qualquer modo estas gravuras enriquecem grandemente o *corpus* da arte megalítica peninsular, no qual a Beira Alta tem um lugar de destaque [SHEE, 1981].

Não foram detectados quaisquer vestígios de pinturas.

7 - O ESPÓLIO

Durante os trabalhos de escavação realizados em 1988 foi recolhido o espólio seguinte ⁽¹⁶⁾:

1 micrólito geométrico, de sílex castanho-claro, fragmentado na extremidade da «ponta maior» e lascado na base maior; trata-se de um trapézio assimétrico, com a truncatura maior alongada [G. E. E. M., 1969], secção subtriangular e retoques marginais e abruptos, nas truncaturas e na base pequena; mede 32mm de comprimento, 10mm de largura e 3mm de espessura; prov. quad. C4. N.º de inv. - 1. (Fig. 9-1).

1 ponta de seta, de sílex castanho-escuro, fragmentada ao nível médio do corpo e na base; corpo alongado, de bordos convergentes, rectilíneos; base côncava; retoque plano, invasor, irregular e bifacial; secção lenticular; índice de espessura alteado; mede ± 67mm de comprimento, 15mm de largura e 2mm de espessura; prov.: quad. C3. N.º de inv. - 2. (Fig. 9-2).

1 ponta de seta, de sílex acinzentado, levemente fragmentada na extremidade distal; corpo curto, de bordos convergentes, rectilíneo no lado esquerdo e convexo no lado direito; base côncava, com aletas; retoque plano, irregular, marginal e bifacial; secção elíptica; índice de espessura alteado ⁽¹⁷⁾; mede 15mm de comprimento, 22mm de largura e 3mm de espessura; prov.: quad. C3. N.º de inv. - 3. (Fig. 9-3).

1 conta de colar, de anidrite (var. de gesso), de cor cinzento-esverdeada e brilho ceroso; forma subprismática (decágono), rematada nas extremidades com pequenas facetas que estabelecem a transição para as faces de topo, que são planas; superfícies polidas; perfuração regular, sub-cilíndrica, descentrada relativamente às superfícies das extremidades; mede 29mm de altura e 11mm de largura; o diâmetro da perfuração é de 6mm; prov.: quad. C4. N.º de inv. - 4. (Fig. 9-4).

1 ídolo, de azeviche, fragmentado no lado direito ao nível médio e superior; forma subparalelepipedica - estreitando na parte superior -, genericamente antropomórfica, com entalhes (dois no lado esquerdo, um no anverso e vestígios de um outro no lado direito); os lados e a face são polidos; mede 31mm de altura, 14 e 9mm de largura, respectivamente na base e na extremidade superior, e 10mm de espessura; prov. - terras da câmara (peneiração). N.º de inv. - 8. (Fig. 9-5; Est. IV-3).

1 objecto de pedra polida, de anfibólito, fragmentado longitudinalmente; apresenta gume duplo e simétrico e fio de gume, muito provavelmente, convexo; superfícies corroídas, com vestígios de polimento no gume; apresenta, na parte média, uma chanfradura transversal. Tratar-se-á, possivelmente, do fragmento de um *machado de pedra polida*; mede 11cm de comprimento, 1,2-0,9cm de largura e 3,8cm de espessura; prov. - terras da câmara (peneiração). N.º de inv. - 9. (Fig. 9-9).

Nas terras da câmara foram recolhidos dois *fragmentos cerâmicos, decorados com incisões*, pouco profundas e largas, dispostas em «espinha». Terão pertencido ao mesmo vaso, cuja pasta, grosseira, incluía como desengordurante grãos de quartzo e palhetas de mica, de calibre médio e fino; as superfícies, castanho-escuras, são polidas, embora a exterior se mostre mais

⁽¹⁶⁾ Agradecemos ao Dr. A. Huet Bacelar Gonçalves, do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, a colaboração prestada na identificação, por análise macroscópica, das matérias-primas dos artefactos descritos.

⁽¹⁷⁾ Sobre a caracterização morfotécnica de artefactos de pedra lascada, nomeadamente de pontas de seta, veja-se LAPLACE (1964), BRÉZILLON (1971) e JORGE (1978).

áspera; as fracturas têm cor desigual: negra, no núcleo, e alaranjada junto às superfícies. N.º inv. - 5 e 6. (Fig. 9-6 e 7; Est. V-2).

Da câmara provém o fragmento de um *elemento móvel de moinho manual*, de quartzito; tem forma sub-retangular e secção oval, com as superfícies polidas, uma das quais é plana; mede 8,5cm de comprimento, 7cm de largura e 4cm de espessura. N.º inv. - 10. (Fig. 9-10).

Um fragmento de bordo (N.º inv. - 7), com arranque de asa, de cariz medieval, de pasta acinzentada, friável, e desengordurante médio e fino, com predomínio deste último (micas) (Fig. 9-8), foi recolhido na fossa de violação preenchida com terras negras do quadrado B2, bem como lamelas e esquírolas de sílex e um pequeno *fragmento de um artefacto metálico*. Trata-se de uma folha de cobre, provavelmente arsenical, recurvada num dos lados, medindo 15mm de comprimento e 11mm de largura máxima⁽¹⁸⁾. N.º inv. - 11.

Por fim, nas terras revolvidas da câmara foram recolhidos dois *cristais* de quartzo hialino, um pequeno *seixo rolado*, achatado, de contorno subcircular, de quartzito esbranquiçado e um *fragmento de núcleo*, em sílex castanho-escuro, com negativos de levantamentos. N.ºs inv. - 12 a 15.

Do espólio existente no Museu Nacional de Arqueologia merece atenção:

1 *enxó*⁽¹⁹⁾, de anfíbolito, de cor acinzentada, polida no gume e, parcialmente, nas faces; os lados e o talão, e algumas áreas das faces foram apenas desbatadas; tem forma subtrapezoidal, bordos convergentes, convexos; gume simples, plano; fio de gume convexo e simétrico, ligeiramente esboroadado; secção transversal oval; talão largo, arredondado, levemente fragmentado; mede 10,6cm de comprimento, 5,6cm de largura e 3,3cm de espessura; pesa 298 grs. (Fig. 9-10);

5 *fragmentos cerâmicos*, provavelmente pertencentes ao mesmo vaso; forma aberta, em calote de esfera; bordo de extremidade plana, horizontal; pasta muito grosseira, de textura compacta, com desengordurante de médio e grande calibre, constituído à base de quartzo, feldspato e micas; superfícies de cor acastanhada; a exterior é alisada, mas com algumas áreas deterioradas, e a interior muito rugosa; fracturas de cor negra (M. N. A. n.º 9327-A a E) (Fig. 9-11);

1 *placa de granito*, de contorno aproximadamente circular (em forma de disco), com uma face aplanada, opondo-se-lhe uma superfície mais rugosa e convexa; mede cerca de 10,5cm de diâmetro e 3cm de espessura na parte central (M. N. A. n.º 9326-A);

1 *cristal* de quartzo hialino, fragmentado, com vestígios de ter sido utilizado como núcleo (M. N. A. n.º 9328).

8 - ENQUADRAMENTO REGIONAL E CRONOLÓGICO-CULTURAL

A *Orca de Corgas da Matança* apresenta características tipológicas e de implantação que são comuns à generalidade dos monumentos megalíticos da região em que se insere - a Beira Alta - e áreas limítrofes.

O monumento foi construído no rebordo de um vale aberto, de ampla visibilidade, afastado das superfícies acidentadas e muito erosionadas da linha de relevos *Monte dos Matos - Alto da Pena*, que lhe são próximos; pedologicamente insere-se numa área de *cambissolos dísticos*, predominantemente ácidos, variando entre 4,6 e 5,5 de pH⁽²⁰⁾; muito arenosos, são genericamente classificados na classe C, permitindo uma utilização agrícola condicionada⁽²¹⁾, tal como, aliás, se regista hoje com a prática de uma agricultura de sequeiro.

Embora a construção de monumentos megalíticos em «plateaux» elevados seja mais comum - como é o caso do dólmen de Cortiçô, que se situa a escassos 2,5 Km da Orca da Matança - não é também invulgar a escolha de sítios amplos, mas de tipo veiga, como se assinala nos monumentos do grupo de Carapito - na mesma área geográfica, mas já no concelho de Aguiar da

⁽¹⁸⁾ Em análise no Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares, do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, cujos resultados se aguardam.

⁽¹⁹⁾ M. N. A. n.º 9328. Esta peça, como já antes referimos, foi adquirida por J. Leite de Vasconcelos, em 1896, como procedente das imediações do monumento, quando realizava a sua exploração [VASCONCELOS, 1897:111; *id.*, 1927:143].

⁽²⁰⁾ Cfr. *Atlas do Ambiente, Carta dos Solos*, na escala de 1/1.000.000. fl. III-1, Lisboa, Comissão Nacional do Ambiente, 1978. *Idem, Carta de Acidez e Alcalinidade dos Solos*, fl. III-2, Lisboa, Comissão Nacional do Ambiente, 1980.

⁽²¹⁾ Cfr. *Atlas do Ambiente. Carta de Capacidade de Uso do Solo*, na escala 1/1.000.000, fl. III-3, Lisboa, Comissão Nacional do Ambiente, 1982.

Beira - e, no Norte de Portugal, com grande parte dos megálitos que constituíam a vasta necrópole da Serra do Alvão, no conc. de Vila Pouca de Aguiar [CRUZ, 1985].

No plano construtivo é de assinalar que os esteios que constituem o dólmen - atingindo alguns os 4 metros de altura - foram colocados em fossas abertas no solo para os receberem, afastando-se, neste aspecto, dos monumentos de corredor cujos ortostatos foram apenas pousados sobre o solo original - como é o caso da *Casa da Orca da Cunha Baixa*, no conc. de Mangualde [VILAÇA & CRUZ, 1990] - mas tal solução é semelhante à adoptada pelos construtores do *Dólmen 1 do Carapito*, cujas fossas, em alguns casos, ultrapassavam a profundidade de 1 metro [CRUZ & VILAÇA, 1990].

Estes elementos pétreos dispunham-se, por outro lado, apoiados na laje de cabeceira - a verdadeira pedra-mestra do edifício megalítico -, sobrepostos sucessivamente, prestando ao espaço dolménico uma configuração poligonal, elevando-se em tronco de pirâmide. Ao nível da base, exteriormente, seriam sustentados por um contraforte feito com pedras, predominantemente pequenas.

Estamos, de facto, em presença de um dólmen de 9 esteios, com uma câmara poligonal larga, medindo 4m de largura, 3,20m de comprimento e 3m de altura, afastando-se dos monumentos com câmaras poligonais alongadas.

O estado de conservação do monumento não permitiu a definição do tipo de acesso à câmara funerária, bem como as dimensões e características do *tumulus*; apenas a existência da base de um possível pilar se poderá relacionar com a primeira destas estruturas.

O monumento poderá ter possuído um corredor curto, terminando, talvez, por um esteio em forma de pilar, como se assinala, por exemplo, na *Pala da Moura* (Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Ansiães), no Norte de Portugal, ou outro, mas cujos vestígios não foram detectados durante os trabalhos realizados na área correspondente à entrada, numa extensão de 4 metros.

A este respeito devemos referir a diversidade manifestada pelos monumentos de grandes dimensões da Beira Alta, ora apresentando um corredor longo (*Lapa do Repilau e Mamoá do Fojo*, Couto de Cima, Viseu; *Mamaltar de Vale de Fachas*, Rio de Loba, Viseu; *Orca da Cunha Baixa*, Mangualde; *Orca dos Juncais*, Queiriga, V. N. de Paiva; etc.), ora corredores curtos ou de dimensão média (*Orca de Pendilhe*, Vila Nova de Paiva; *Orca de Cortiçô*, Fornos de Algodres; *Lapa da Pedra de Orca* ou *Penedo dos Mouros*, Rio Torto, Gouveia; *Orca de For*, Sátão; *Dólmen 1 da Lameira de Cima*, Antas, Penedono; etc.) - tanto quanto o seu estado de conservação, sem escavação, nos permite assegurar -, ou uma antecâmara, de tipo «vestíbulo», como é o caso do *Dólmen 2 de Lameira de Cima* (Antas, Penedono). De outros, alguns também de grandes dimensões, não se conhecem perfeitamente as estruturas que permitiam o acesso à câmara dolménica (*Pedra de Arca*, Paranho de Arca, Oliveira de Frades; *Casa dos Moiros*, Carvalhal da Louça, Seia) e, embora de dimensões mais modestas, a *Anta de Pera de Moço* (Guarda) [LEISNER & LEISNER, 1966; MOITA, 1966; GONÇALVES, 1989; CARVALHO & GOMES, 1989 e 1990; CRUZ & CUNHA, 1990; etc.]

Tal diversidade é, aliás, também observável ao nível das câmaras, predominantemente poligonais, alargadas umas, alongadas outras, de tendência rectangular, circular, etc., sem que seja possível, no estado actual da investigação do «fenómeno» megalítico da região, inferir desta variedade significados de ordem cronológica, cultural, ou outros.

A escavação recente do *Dólmen 1 do Carapito*, tal como já havia sido assinalado na década de 60, não evidenciou também vestígios de um corredor proporcional às dimensões do monumento, embora se insira num grupo de megálitos com corredores desenvolvidos - ainda que muito baixos - cuja escavação proporcionou espólios que se enquadram no mesmo ambiente cultural [LEISNER & RIBEIRO, 1968]. *Carapito 1* poderá ter tido uma estrutura de acesso mas, tal como no dólmen da Matança, os escassos, ou completamente inexistentes vestígios, não nos permitem defini-la com rigor.

A monumentalidade da *Orca de Corgas da Matança* está de acordo com a valorização do seu espaço interior com insculpturas, registadas em dois dos seus esteios, manifestação que ocorre sobretudo em dólmenes de grandes dimensões - raramente os pequenos dólmenes poligonais, fechados ou abertos, são decorados - integrando-se no círculo de monumentos pintados e gravados da Beira Alta e do Noroeste Peninsular [SHEE, 1981], com alguns prolongamentos para leste [DELIBES DE CASTRO & SANTONJA, 1986b: 187] e para a área ocidental das Astúrias, de que se destacam os dólmenes pintados de *Santa Cruz*, em Cangas de Onís (Oviedo) e de *Penausén 1* (Salas) [SHEE, 1981: 143, fig. 14; BLAS CORTINA, 1980: 82-85].

O espólio exumado não é numeroso. Estranhamente também Leite de Vasconcelos recolheu um parquíssimo mobiliário que, se por um lado se deverá à metodologia utilizada, por outro pode traduzir as sucessivas violações que o monumento terá sofrido desde longa data, e que o artefacto de pedra polida adquirido por aquele investigador como proveniente as imediações do monumento parece atestar.

Apesar disso é qualitativamente significativo. Cabe destacar a presença de um micrólito, do tipo trapézio assimétrico, de truncatura maior alongada, e que poderá corresponder à fase inicial de utilização deste sepulcro colectivo.

Na Beira Alta parece de facto desenhar-se um primeiro momento de construção de dólmenes desenvolvidos que se identifica com um mobiliário constituído por micrólitos, predominantemente trapezoidais, lâminas, machados de pedra polida - alguns de carácter vótico - objectos de adorno, etc. Esta indicação é testemunhada pelas tumulações da camada inferior do *Dólmen 1 do Carapito* [LEISNER & RIBEIRO, 1968], com uma cronologia absoluta que aponta para os incios do 3.º milénio a. C. ⁽²²⁾, bem como da *Orca da Cunha Baixa*, um monumento de grandes dimensões, de corredor longo, cujas tumulações primárias seriam acompanhadas por um espólio semelhante (micrólitos e lâminas) [VILAÇA & CRUZ, 1990].

Fora da região tal situação também é observável, nomeadamente no túmulo não megalítico de *El Miradero* (Villanueva de los Caballeros, Valladolid), que apresenta um nível inicial de utilização situável nos finais do 4.º milénio a. C. ⁽²³⁾ e um espólio semelhante ao de Carapito 1, apenas acrescido de punções de osso [DELIBES DE CASTRO, *et alii*, 1985: 33-34; DELIBES DE CASTRO & SANTONJA, 1986a: 145 e ss.; DELIBES DE CASTRO, *et alii*, 1987:183-184, fig. 1), registando-se a completa ausência de pontas de seta.

Este elemento do mobiliário megalítico, tão comum nos dólmenes de corredor da Beira Alta, poderá ligar-se, no entanto, a um momento ulterior - de construção e de reutilização - integrando conjuntos artefactuais mais tardios mas que poderão ainda apresentar elementos considerados «arcaizantes», como os micrólitos ⁽²⁴⁾.

As duas pontas de seta exumadas na *Orca de Corgas da Matança*, ambas de base côncava pouco pronunciada, uma de corpo alongado e outra de corpo curto, apontam para um momento avançado da utilização deste sepulcro. O pequeno ídolo de azeviche, bem como os fragmentos de um vaso cerâmico com decoração incisa e, talvez, a conta tubular de anidrite, poderão fazer parte deste conjunto porquanto são também materiais que normalmente surgem em contextos calcolíticos ⁽²⁵⁾.

As pontas de seta de base côncava são características da área meridional da Península Ibérica, fazendo parte tanto de mobiliários sepulcrais - dólmenes, sepulturas de tipo «tholos» e, na Estremadura portuguesa, também em sepulturas colectivas escavadas na rocha - como habitacionais. Encontramo-las bem representadas na região do SE [LEISNER & LEISNER, 1943] e do SO - sendo exclusivas nos dólmenes de *El Pozuelo* e de *La Zarcita*, na província de Huelva [CERDÁN MÁRQUEZ, LEISNER & LEISNER, 1952: 76-8] -, como nos monumentos de grandes dimensões e de corredor do Alto Alentejo [LEISNER & LEISNER, 1951: 60] e nos povoados

⁽²²⁾ A camada inferior deste monumento foi datada pelo processo de Carbono 14. As duas amostras de madeira carbonizada analisadas forneceram os seguintes valores: 4850±40 anos BP (GrN-5110), para a base da câmara, e 4590±65 anos BP (Hv-n.º?), relativo a um nível da mesma camada mas ligeiramente superior. Cfr. ALMAGRO GORBEA, 1970: 19; KALB, 1981: 73; *id.*, 1987: 105. Estas duas datas não são estatisticamente idênticas - para um grau de probabilidade de cerca de 95% -, mas reportar-se-ão ao mesmo contexto cultural [LEISNER & RIBEIRO, 1968; LEISNER 1970], nada autorizando a relacionar a data mais recente com o espólio, nomeadamente cerâmico, da 2.ª camada. No contexto da problemática interpretativa que é própria a este método de datação será de relevar o facto de as datações terem sido obtidas em laboratórios diferentes, a par da própria situação arqueológica de tumulações mais tardias, mas durante a fase inicial de utilização deste sepulcro.

⁽²³⁾ Esta cronologia advém da análise de duas amostras de madeira carbonizada: GrN-12100: 5115±35 anos BP e GrN-12101: 5155±35 anos BP. Cfr. DELIBES DE CASTRO, ALONSO DíEZ & ROJO GUERRA, 1987: 184.

⁽²⁴⁾ Será, no entanto, de ter sempre presente a perviência de certos elementos, líticos ou outros, particularmente nas zonas que revelam arcaísmos. A título de exemplo, e relativamente aos micrólitos, veja-se o trabalho de MUÑOZ SALVATIERRA que, para o País Basco, considera a Idade do Bronze o momento de maior desenvolvimento da indústria microlítica [1976: 143].

⁽²⁵⁾ Os primeiros momentos calcolíticos na Península Ibérica, não considerando as zonas mais retardatárias - como a orla cantábrica -, datam dos finais do 4.º milénio a. C. (*Cueva de Santiago Chica Cazalla*, *Cueva de Nerja*, *Lapa do Fumo*, etc.), prolongando-se, particularmente na área meridional, até aos princípios do 2.º milénio. Será também de frisar que no Norte de Portugal, na área de Trás-os-Montes ocidental, o início do período Calcolítico parece ser bastante antigo, situando-se na 1.ª metade do 3.º milénio a. C. [JORGE, 1986] e que o calcolítico inicial do sul não é marcado pela presença da ponta de seta de base côncava. Este tipo de artefacto surge, por exemplo, apenas nos estratos 4A e 4B do povoado de *Castillejos de Montefrío* (Granada), correspondente à fase III da ocupação deste sítio mais interior e montanhoso do SE, paralelizável com *Los Millares II* (Calcolítico recente, já com campaniforme marítimo).

calcolíticos de Vila Nova de S. Pedro [SAVORY, 1970] e Castro do Zambujal [SANGMEISTER & SCHUBART, 1981], Pedrão [SOARES & SILVA, 1975] e Castro da Rotura [SILVA, 1968-70: 31-44; GONÇALVES, 1971: 81], já na península de Setúbal, quer em nveis campaniformes como pré-campaniformes.

Estão, no entanto, completamente ausentes dos contextos sepulcrais das províncias de Salamanca e de Zamora [SANTONJA, 1983-84: 60; DELIBES DE CASTRO & SANTONJA, 1986: 165] - confinantes com as regiões portuguesas da Beira Alta e de Trás-os-Montes - do Norte de Portugal [JORGE, 1978] e da Galiza [RODRÍGUEZ CASAL, 1990: 65], onde a ponta de seta de base triangular é predominante, ou mesmo exclusiva, como é o caso desta última região.

Nesta área mais distante do «foco» meridional este tipo de artefacto, no entanto, integra os espólios dos povoados calcolíticos, como se regista na *Vinha da Soutilha, S. Lourenço, Pastoria e Castelo de Aguiar* [JORGE, 1986], em Trás-os-Montes ocidental, e no abrigo do *Buraco da Pala* [SANCHES, 1987: 65], no concelho de Mirandela - cujo nível de ocupação mais recente, datado dos finais do 3.^o milénio a. C. ⁽²⁶⁾, forneceu uma ponta de xisto de base côncava - *Lavapés*, na província da Corunha [PATIÑO GOMES, 1983: 34-35] e, na Beira Alta, no *Castro de Santiago*, no concelho de Fornos de Algodres [VALERA & ESTEVINHA, 1989], bem como na Meseta Norte - embora de tipologia diferenciada e mais evoluída - no povoado de *Las Pozas* (Casaseca de las Chanas, Zamora) [MARTÍN VALLS & DELIBES DE CASTRO, 1975: 452; DELIBES DE CASTRO, 1985: 41].

É notável, contudo, o carácter mais rude destas peças, por vezes com um retoque abrupto, ou semi-abrupto, e marginal, utilizando matérias-primas mais difíceis de trabalhar - como o xisto e o quartzo - que, em parte, explicará os índices de espessura mais elevados e o acabamento menos cuidado.

Esta dicotomia de ordem técnica - que se regista entre os artefactos de pedra lascada dos *habitats* e das sepulturas e que poderá ter explicação no âmbito da transmutação funcional - serviu durante muito tempo para alicerçar a existência de dois grupos culturais distintos, embora ocupando o mesmo «território»; esta posição tem sido ultimamente matizada, com base em alguns indícios, no sentido de se integrarem no mesmo grupo cultural os espólios destes diferentes contextos [SANTONJA, *et alii* 1984; DELIBES DE CASTRO & SANTONJA, 1986: 166].

Na região da Beira Alta a ponta de seta de base côncava assinala-se em alguns monumentos megalíticos de corredor e, particularmente, na *Orca do Tanque* (Carvalhal, V. N. de Paiva), onde surgem num conjunto variado mas que inclui algumas pontas mitriformes e alabardas [MOITA, 1966: 239-244].

Este tipo de artefacto parece ser, assim, um elemento alógeno e tardio, no contexto do megalitismo regional, resultando de contactos meridionais, cuja influência se vai desvanecendo à medida que se caminha para norte ou para o interior da Península. Aliás, alguns outros elementos, escassamente representados, apontam também nesse sentido, como os «ídelos-placa» dos monumentos de *Mamaltar de Vale de Fachas* (Rio de Loba, Viseu) - neste caso pintado - e da *Lapa do Repilau* ⁽²⁷⁾ (Couto de Cima, Viseu), as já referidas alabardas da *Orca do Tanque*, bem como uma outra, atribuída à *Orca de Palheiros* (Senhorim, Nelas), o pequeno vaso troncocónico, de base convexa e fino acabamento, com decoração incisa (*zig-zags* verticais, dispostos em bandas horizontais, intercaladas por bandas lisas e mais estreitas), da *Orca dos Juncais* (Queiriga, V. N. de Paiva), etc. [MOITA, 1966: 230-234; SENNA-MARTINEZ, 1983-84: 125, fig. 21].

O pequeno ídolo de Corgas da Matança insere-se no grupo dos ídolos genericamente designados «almerienses», dada a sua importante representação na província de Almeria e áreas limítrofes [LEISNER & LEISNER, 1943: 412-422, est. 178 e 179], «troyano-cicládicos» [ALMAGRO & ARRIBAS, 1963: 242], pela sua semelhança formal com alguns exemplares do Mediterrâneo oriental, ou «cruciformes» [ALMAGRO, 1966: 22; ALMAGRO GORBEA, 1973: 33 e ss.].

Apresenta, no entanto, algumas diferenças, que devemos assinalar.

O azeviche, uma variedade compacta de lignite negro, não é uma matéria-prima que tenha sido utilizada na confecção de objectos de carácter votivo e/ou religioso ⁽²⁸⁾, embora seja comum em objectos de adorno, nomeadamente em contas de colar. Está representado em várias estações

⁽²⁶⁾ ICEN - 310:4120±80 anos BP e ICEN-311:4120±80 anos BP. Cfr. SANCHES, 1989:114-115.

⁽²⁷⁾ Exumada durante os trabalhos de escavação e restauro realizados em 1988. Inédita.

⁽²⁸⁾ O calcário, o xisto e o osso foram as matérias-primas mais utilizadas em ídolos «cruciformes»; o mármore, o alabastro e o talco surgem com menos frequência. Cfr. ALMAGRO GORBEA, 1973.

do Sul de Portugal e da Estremadura portuguesa, quer em contextos datados do Neolítico como do Calcolítico.

No Norte de Portugal apenas se assinala na *Mamoá 1 da Abogalheira*, na Serra da Aboboreira, utilizado no fabrico de uma conta de colar, provavelmente bitroncónica [CUNHA & SILVA, 1982: 27, est. XI], no monumental *Dólmen da Barrosa* (Âncora, Caminha) onde F. Martins Sarmento refere ter recolhido uma conta de colar, em forma de tonel, na mesma matéria-prima [SARMENTO, 1933: 91; GUIMARÃES, 1987-88: 16] e na *Mamoá do Barreiro* (Vilar de Rei, Mogadouro), um sepulcro em fossa sob *tumulus*, talvez individual, que forneceu uma conta de colar bicónica, também em azeviche [SANCHES, *et alii*, 1987: 97].

Na região da Beira Alta apenas se conhece a referência de J. Leite de Vasconcelos a uma conta de colar, bicónica, exumada em 1895 por Maximiano Appolinário no *Penedo dos Mouros* (Rio Torto, Gouveia), provavelmente também de azeviche [VASCONCELOS, 1895:325; MOITA, 1966:269] e, mais recentemente, a conta bitroncónica recolhida no *Dólmen 1 de Lameira de Cima* (Antas, Penedono) [CARVALHO & GOMES, 1989:17].

O entalhe que o ídolo da Matança possui no anverso é outra peculiaridade a assinalar; este, prolonga para a face os entalhes laterais superiores, como que acentuando a separação da «cabeça» do «corpo» do ídolo (Est. IV-3).

Nos ídolos «cruciformes» tal particularidade é única; apenas o exemplar encontrado no povoado de *Los Castillejos* (Montefrío, Granada) ⁽²⁹⁾ se lhe assemelha, pois apresenta duas incisões ao nível do terço superior, formando um ângulo agudo, com o vértice virado para baixo, interpretadas como um elemento separador do colo do corpo ou, ainda, como a possível representação de um colar [ALMAGRO GORBEA, 1973: 42, fig. 3 - 10.].

A possibilidade de o ídolo da Matança poder ter sido utilizado como amuleto é também plausível; neste sentido, o entalhe a que nos estamos a referir seria útil para a sua preensão com um fio, embora não haja disso vestígios. Quer M. J. Almagro Gorbea (1973:33) como Pilar Acosta (1967) se referem a esta hipótese relativamente a alguns tipos de ídolos. Estas pequenas figurinhas antropomórficas poderiam na verdade ser utilizadas como pendentes, isoladamente ou inseridas em colares, assumindo talvez uma função dupla, de carácter religioso - talvez de índole apotropaica - e decorativa.

Na sistematização dos ídolos peninsulares elaborada por de M.^a J. Almagro Gorbea o ídolo da Matança aproxima-se do tipo II - variante F [ALMAGRO GORBEA, 1973: 33 e ss.], que esta investigadora define como «uma placa, geralmente em pedra ou osso, que se caracteriza por apresentar três partes, de forma mais ou menos triangular, divididas por entalhes laterais que representam a cabeça, o tronco e as extremidades inferiores do ídolo», geograficamente bem representado na região do Sudeste, com prolongamentos para a província de Granada.

Aliás, todas as variantes do ídolo «cruciforme» têm uma distribuição significativa no Sudeste peninsular, acentuando-se, assim, o seu carácter «almeriense»; apenas a variante A, que engloba os exemplares cujos «braços laterais estão orientados para cima», nomeadamente a sub-variante 2, caracterizada por apresentar os «braços mais compridos, em ponta ou arredondados, e a forma de uma cruz» (*id. ibidem*: 33) - com a qual o exemplar da Matança parece também ter algumas afinidades -, se distribui pelo SO (Huelva e Alto Alentejo) e Estremadura portuguesa [*op. cit.*: 34, mapa 2].

Como paralelo mais próximo será de destacar o pequeno exemplar, em osso, polido, com entalhes no terço superior (dois no lado esquerdo e um no lado direito), recolhido na sepultura 8 de Los Millares (Est. IV-1), um dólmen de corredor curto (comp. -2,75m), dividido em duas secções (seg. Almagro e Arribas), coberto por grandes lajes, e câmara de planta poligonal alongada (comp. -4,40m; larg. -2,65m), cuja cobertura seria, muito provavelmente, também megalítica [ALMAGRO & ARRIBAS, 1963: 67-68].

Foram ainda exumados neste sepulcro micrólitos trapezoidais, pontas de seta com pedúnculo e aletas, outros ídolos do tipo «almeriense», «tolva» e «falange», vasos lisos e com decoração incisa, com motivos em «espinha», contas de colar, nomeadamente cilíndricas, além de uma pequena peça, em osso, fragmentada, com um entalhe de cada lado, na parte superior, formalmente

⁽²⁹⁾ Foi recolhido no nível III, associado a numerosos artefactos líticos, de que se destacam as lâminas e as pontas de seta (de base triangular, pedunculadas e de base côncava), espátulas e punções de osso, um botão com perfuração em V e cerâmica, de pasta grosseira, nomeadamente «cuencos» e pratos de paredes rectas, com carena suave, por vezes com mamilos perfurados e asas. O nível imediatamente superior integrava já alabardas [TARRADEL, 1952: 56]. M. J. Almagro Gorbea [1973: 42] classifica-o no seu grupo II, variante A-1, e considera o contexto em que foi encontrado datável do Calcolítico avançado, ou mesmo, da Idade do Bronze inicial.

semelhante ao exemplar descrito, que poderá ser interpretado, apesar das suas diminutas dimensões, como um possível ídolo [LEISNER & LEISNER, 1943: 52; 422, est. 24-3].

Um outro ídolo plano, também em osso (Est. IV-2), tipologicamente relacionável com o da Matança, provém da sepultura 7 de los Millares, um monumento ortostático, de câmara de planta circular (4,30m x 4,20m), com corredor (comp. -3,65m), dividido em duas secções por uma porta; a cobertura, seg. os Leisner, não seria megalítica, pelo menos da câmara [LEISNER & LEISNER, 1943: 26-27, est. 12-1; ALMAGRO & ARRIBAS, 1963:72-74; 126-132; est. 47-49 e 145-147].

Este exemplar é muito conhecido por ter sido largamente utilizado como paralelo mais próximo da filiação dos ídolos «almerienses» com os modelos do Mediterrâneo oriental, nomeadamente com o ídolo exumado numa das sepulturas de tipo *tholos* de Kumasa (Mesara), na ilha de Creta [SAVORY, 1974: 148, fig. 47-1]; é uma placa, em osso, polida, fragmentada longitudinalmente no lado direito, com dois entalhes em V na parte superior, definidores da «cabeça», e um entalhe a meio do «corpo», no lado esquerdo ⁽³⁰⁾, medindo 6 cm de altura e 1,8 cm de largura (frag.); integrava um espólio uniforme e típico das sepulturas de Los Millares: vasos com decoração oculada, ídolos de tipo «falange», lisos e decorados, de tipo «tolva», pontas de seta de base côncava, losângicas e com pedúnculo, contas de colar, etc. [ALMAGRO & ARRIBAS, 1963: 126-132; LEISNER & LEISNER, 1943: 26-27, est. 12-1].

Este exemplar de Los Millares 7 foi incluído por M. Almagro e A. Arribas no tipo II da sua sistematização, definindo-o como uma simples variante dos ídolos cruciformes.

Estes investigadores recusam, por outro lado, as possíveis analogias deste tipo com exemplares troiano-cicládicos, considerando-o no entanto o mais antigo da Península Ibérica, do «período inicial da cultura de Los Millares», mas cujo valor cronológico também põem em dúvida face à sua longa sobrevivência [ALMAGRO & ARRIBAS, 1963: 242-243; ALMAGRO, 1966: 23 e 39].

M. J. Almagro Gorbea [1973] não é também muito concludente a este respeito. O seu tipo II é considerado dentro do conjunto dos «ídolos básicos», com origens remotas no Neolítico extra-peninsular mas com perdurações até à Idade do Bronze [p. 336], distinguindo, no entanto, os tipos de maiores dimensões, com colos muito largos - próprios da província de Almeria, os mais antigos e directamente relacionados com os modelos da Grécia e das ilhas Cíclades - das variantes mais estilizadas, que seriam uma evolução dos anteriores e, portanto, mais recentes.

É de salientar que ambos os ídolos foram recolhidos em túmulos de corredor, de dimensões médias. A recente revisão da sistematização de Siret e dos Leisner, feita por Pilar Acosta e R. Cruz-Auñón com base no mobiliário recolhido em escavações antigas e documentação gráfica sobre a arquitectura dos sepulcros da província de Almeria, considera os monumentos mais desenvolvidos os correspondentes às fases II (túmulos predominantemente simples e de planta circular, que podem já atingir 4 metros de diâmetro) e II-III (túmulos de corredor, predominando os de planta rectangular, com um máximo de 5 metros de eixo maior), já que a fase I seria caracterizada pelos pequenos sepulcros simples, de planta circular, cujo diâmetro não ultrapassaria os 2 metros [ACOSTA & CRUZ AUNÓN, 1981].

As contas de colar não são suficientemente expressivas como elementos cronológicos [ACOSTA & CRUZ-AUNÓN, 1982: 331 e 344; DELIBES DE CASTRO & SANTONJA, 1986b: 170] já que diferentes tipos, utilizando matérias-primas diversificadas, estão presentes tanto em contextos neolíticos como calcolíticos. Aparentemente, as contas discóidais parecem ser mais comuns nos monumentos megalíticos de cronologia mais antiga mas, na verdade, formas consideradas mais «evoluídas» podem integrar também estes conjuntos - *Carapito I, El Miradero*, etc. - além de que o mesmo colar pode conter contas de diferentes tipos, tamanhos e matérias-primas.

A conta de colar da Matança, finamente acabada, poderia tanto fazer parte dos contextos iniciais de utilização deste sepulcro, como dos mais tardios.

O mesmo poderemos dizer relativamente aos fragmentos do vaso cerâmico encontrado em Matança, com motivos incisos em «espinha», que se assinala em contextos neolíticos mas é bastante comum no Calcolítico, quer em disposição horizontal quer vertical.

⁽³⁰⁾ Talvez possuísse um segundo entalhe no lado direito, mas o estado da peça não nos permite afirmá-lo. Também, relativamente ao ídolo da Matança, não é possível definir se o lado direito da peça teria originalmente um ou dois entalhes, aproximando-se, no primeiro caso, do ídolo de Los Millares 8, ou se, como a quase totalidade dos ídolos «cruciformes», seria simétrico.

Os vasos decorados são raros em monumentos megalíticos, na Beira Alta e no Norte de Portugal, mas fragmentos cerâmicos com este tipo de decoração foram recolhidos em *Mamaltar de Vale de Fachas* (Rio de Loba, Viseu) [MOITA, 1966: 208] e na *Orca dos Padrões* (Cunha Baixa, Mangualde) [MOITA, 1966: 253], neste último caso numa sequência horizontal, lembrando a decoração do pequeno vaso troncocónico da *Orca dos Juncals*, a que já nos referimos.

Embora não seja possível, por ora, estabelecer qualquer relação entre os megalitos e os *habitats* pré-históricos da região, devemos referenciar, no povoado calcolítico do *Castro de Santiago* (Figueiró da Granja, Fornos de Algodres), um pequeno fragmento cerâmico inciso [VALERA & ESTEVINHA, 1989: fig. 8], cuja decoração obedece ao mesmo padrão.

O fragmento metálico, cujas dimensões não nos permitem definir o artefacto a que terá pertencido, poderá fazer parte deste conjunto de peças, ou corresponder a uma reutilização mais avançada, já que não é completamente inusual a reutilização de monumentos megalíticos mesmo na Idade do Bronze final. ⁽³¹⁾

O significado cronológico dos cristais de quartzo, bem como dos pequenos seixos rolados, encontrados em monumentos megalíticos é reduzido, ou mesmo nulo, mas fazem parte de um ritual que estamos longe de compreender, sendo por isso importante a menção da sua ocorrência. Os cristais não são invulgares em contextos funerários megalíticos, e foram registados desde as mais antigas escavações, e os seixos rolados são bastante comuns, por exemplo, em alguns monumentos da Serra da Aboboreira, de que se salienta o caso da *Mamoia 1 de Outeiro de Ante* (JORGE, 1980-81: 103] e, na região Centro de Portugal, o interessante conjunto de seixinhos recolhido no monumento designado *Mama do Furo* (Quiaios, Figueira da Foz) [VILAÇA, 1986: 112], além de outros, como na *Orca dos Juncals* (Queiriga, V. N. Paiva) [CRUZ & CUNHA, 1990].

É difícil definir com grande precisão o período cronológico correspondente ao conjunto de peças da Matança, embora globalmente traduzam um ambiente calcolítico. Exceptuando o micrólito trapezoidal, que poderá ser mais antigo ou um elemento sobrevivente em contextos tardios, as pontas de seta de base côncava são inequivocamente do período Calcolítico, porquanto não se referenciam em contextos anteriores, e o ídolo, que parece ter um aspecto evolucionado relativamente aos que tipologicamente lhe são próximos, é também uma manifestação própria deste período, não se conhecendo na península Ibérica, tanto na arte móvel como na arte esquemática, elementos de carácter votivo e religioso similares datáveis de contextos mais antigos.

Importa também salientar a importância deste monumento, e do espólio que forneceu, no âmbito dos contactos inter-regionais ao nível peninsular, durante a Pré-história recente - já anteriormente pressentidos com base em alguns elementos dispersos, observados em *habitats*, monumentos funerários e achados avulsos -, contribuindo para o alicerçar desses indicadores; de facto, algumas das peças de *Corgas de Matança* evidenciam claros contactos entre as comunidades que vivem nestas regiões mais interiores com o sul peninsular e, directa ou indirectamente, com o mundo de Los Millares-V. N. de S. Pedro. Outros - de que salientamos as manifestações pictóricas - parecem ter um carácter mais regional, inserindo-se num ambiente cultural diferenciado e mais próximo do Noroeste.

Estes vários elementos obrigam-nos a considerar a Península Ibérica posterior aos 3.000 anos a. C. uma área aberta à circulação de pessoas e/ou de produtos e ideias, complexificando os quadros, por vezes simplistas, que se traçam da ocupação das áreas aparentemente mais isoladas.

Coimbra, Agosto de 1990

⁽³¹⁾ A título de exemplo referimos os artefactos metálicos tardios encontrados na região da Galiza, em monumentos com *tumulus*, inventariados por F. L. Cuevillas (*História de Galiza. Vol. III - Pré-história*, Madrid, Akal Editor, 1980, p. 126); o espólio metálico da monumental mamoa designada «Cova da Moura» (Carreço, Viana do Castelo), cujas estruturas internas se conhecem mal, mas integrando tumulações com um ritual de incineração (Abel Viana, Paleolítico no Baixo Alentejo, in *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 4.º Congresso*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1943, pp. 78-94); na Beira Alta, o artefacto metálico recolhido na *Orca da Cunha Baixa* (comunicação de J. C. Senna-Martinez, *et alii*, ao I Colóquio Arqueológico de Viseu); na província de Cáceres, uma lâmina e uma fibula, ambas de bronze, recolhidas no dólmen de *Hijadilla I* (M. Almagro Basch, *Megalitos de Extremadura - II. Excavacion de los Dolmenes de Hijadilla* (Excavaciones Arqueológicas en España, 4), Madrid, 1962, p. 12); etc. Em muitos casos tratar-se-ão de reutilizações tardias de antigos sepulcros, mas noutros não serão mais que violações visando o saque dos espólios neles contidos, prática que permaneceu até aos nossos dias.

BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, P.-1967 - *Representaciones de ídolos en la pintura rupestre esquemática española* (Trabajos de Prehistoria del Sem. de Hist. Primitiva del Hombre de la Univ. de Madrid, 24), Madrid.
- ACOSTA, P. CRUZ-AUÑÓN, R.-1981 - Los enterramientos de las fases iniciales en la «Cultura de Almería», *Habis*, 12, Sevilla, pp. 275-360.
- ALARCÃO, J.-1988 - *Roman Portugal*, 2 vols., Wiltshire, Aris & Phillips, Ltd., 148+216 pp., 8 mapas, 164 fotos.
- ALMAGRO, M.-1966 - *El ídolo de Chillaron y la tipología de los ídolos del Bronce I hispano* (Trabajos de Prehistoria del Sem. Hist. Prim. del Hombre de la Univ. de Madrid, 22), Madrid.
- ALMAGRO, M., ARRIBAS, A.-1963, *El poblado y la necrópolis megalíticas de los Millares (Santa Fé de Mondújar, Almería)*, (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 3), Madrid.
- ALMAGRO GORBEA, M.-1970 - Las fechas del C 14 para la Prehistoria y la Arqueología Peninsular, *Trabajos de Prehistoria*, 27, Madrid, pp. 9-43.
- ALMAGRO GORBEA, M.-1973 - La espada de Santiago, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 28 (84), Santiago de Compostela, pp. 60-79.
- ALMAGRO GORBEA, MJ.-1973 - *Los ídolos del Bronce I Hispano*, (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 12), Madrid, 354 pp. 57 est.
- ALMEIDA, A.-1942 - Por Terras de Penalva (Beira Alta). Apontamentos para o estudo da Arqueologia e da História da região, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 9, Porto, pp. 231-282.
- BLAS CORTINA, M. A.-1980, El megalitismo de Penausén I (Salas, Asturias), *Noticiário Arqueológico Hispanico*, 9 Madrid, pp. 67-88, 2 desd.
- BRÉZILLON, M.-1971, *La dénomination des objets de pierre taillée*, (Gallia-Prehistoire, 4.^o suppl.), 2.^a ed., Paris, C.N.R.S.
- CARVALHO, P. M. S.-1989, *Roteiro arqueológico do concelho de Penedono*, Câmara Municipal de Penedono.
- CARVALHO, P. M. S., GOMES, L. F. C.-1989, *Relatório dos trabalhos realizados nos dólmenes da Lameira de Cima (Antas, Penedono)*, inédito.
- CARVALHO, P. M. S., GOMES, L. F. C.-1990 - Megalitismo do Concelho de Penedono. Estudo e valorização, in *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, no prelo.
- [CATÁLOGO]-1987, *Monumentos megalíticos da Beira Alta. Materiais deixados por Vera Leisner. Exposição do I.A.A., em Lisboa, no M.N.A.E.*, Lisboa, Instituto Arqueológico Alemão.
- CERDÁN MÁRQUEZ, C., LEISNER, G. e V.-1952, *Los sepulcros megalíticos de Huelva* (Informes y Memórias, 26), Madrid, 136 pp. XC est.
- COELHO, J.-1948, Notas arqueológicas. «Cidades mortas». Contribuição para o estudo arqueológico e artístico da Beira, *Ethnos*, 3, Lisboa, pp. 281-289, V est.
- COFFYN, A.-1985 - *Le bronze final atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, Diffusion de Boccard, 441 pp.
- CORTEZ, F. Russell-1952 - Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 13, Porto, pp. 193-248, IX est.
- CORTEZ, F. Russel-1954 - Primórdios do Neolítico em Portugal, in *Actas del I Congreso Arqueológico del Marruecos Español (Tetuán, 1953)*, Tetuán, 1955, pp. 179-182.
- COSTA, F. A. Pereira da -1868 - *Noções sobre o estado pré-histórico da Terra e do Homem seguidas da descrição de alguns dólmenes ou antas de Portugal*, Lisboa Tipografia da Academia.
- CRUZ, D. J.-1985 - A necrópole megalítica da Serra do Alvão, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 25 (2-4), Porto, pp. 396-406.
- CRUZ, D. J., CUNHA, A. M. L.-1990 - A Orca dos Juncais (Queiriga, Vila Nova de Paiva). Trabalhos de escavação e restauro, in *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, em preparação.
- CRUZ, D. J., VILAÇA, R.-1988 - A Anta da Cunha Baixa (Mangualde). Escavação, restauro e conservação de um monumento megalítico, in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, no prelo.
- CUNHA, A. M. C. L., SILVA, E. J. L.-1981, *Escavação da Mamoa 1 da Abogalheira (Serra da Aboboreira - Amarante)*, (Trabalhos do G.I.A.N., 1), Porto, 44 pp., 10 fig. (4 desd.), XV est.
- CURADO, F. P.-1986 - Ara votiva de Furtado, *Ficheiro Epigráfico*, Coimbra, 17, n.^o 74.
- DELIBES DE CASTRO, G., FERNÁNDEZ MANZANO, J., ROMERO CARNICERO, F. MARTÍN VALLS, R.-1985, *La Prehistoria del Valle del Duero*, in *Historia de Castilla y León*, 1, Valladolid, Ambito Ediciones.
- DELIBES DE CASTRO, G., SANTONJA, M.-1986a - Aspectos generales del fenómeno megalítico de la Submeseta Norte, in *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*, Madrid, Asociación Española de los Amigos de la Arqueología, 145 e ss.
- DELIBES DE CASTRO, G. SANTONJA, M.-1986b - *El fenomeno megalítico en la provincia de Salamanca*, Ediciones de la Diputación de Salamanca, 225 pp., LV est., 1 mapa desd.
- DELIBES DE CASTRO, G., ALONSO DÍEZ, M., ROJO GUERRA, M. A.-1987 - Los sepulcros colectivos del Duero medio y las Loras, y su conexión con el foco dolménico riojano, in *El Megalitismo en la Península Ibérica* (dir. de G. Delibes de Castro), Madrid, Ministério da Cultura, pp. 181-197.
- FERREIRA, A. Brum-1971 - O rebordo ocidental da Meseta e a depressão tectónica da Longroiva, *Finisterra*, 6 (12), Lisboa, pp. 196-217.
- FERREIRA, A. Brum-1978 - *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de geomorfologia*, (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4), Lisboa, C.E.G., 374 pp., 1 mapa extra-texto.
- FERREIRA, D. Brum-1981 - *Carte géomorphologique du Portugal* (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 6), Lisboa, C.E.G., 55pp., 1 mapa extra-texto na escala de 1/500.000.
- FIGUEIREDO, Moreira de-1953 - Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras, *Beira Alta*, 12, pp. 27-63 e 153-207.
- G.E.E.M. (Groupe d'Étude de l'Épéolithique-Mésolithique), *Épéolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques*, *Bull. Soc. Préh. Française - Études et Travaux*, 66, Paris, 1969, pp. 355-366.

- GOMES, L. F. C.-1988 - Ara anepígrafa de Algodres, *Ficheiro Epigráfico*, 28, n.º 129.
- GONÇALVES, A. H. B.-1989 - Registos arqueológicos do Prof. Doutor Mendes Corrêa. 1920-1934, *Livro de Homenagem ao Prof. Doutor J. Rodrigues dos Santos Júnior*, Lisboa, Inst. de Inv. Científica Tropical, no prelo.
- GONÇALVES, V. S.-1971 - *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal.
- GUIMARÃES, F. J. S.-1987-88 - Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento. Antiqua (Informes, reconhecimentos e prospecções), *Revista de Guimarães*, 97-98, pp. 5-40.
- JORGE, S. O.-1978 - Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos do Noroeste Peninsular, *Mínia*, 2.ª série, Braga, 1978, pp. 99-175.
- JORGE, S. O.-1986 - *Povoados da Pré-história recente da região de Chaves - V.ª Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes ocidental)*, Porto, Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras do Porto, 2 vols.
- JORGE, V. O.-1980-81 - Escavação da Mamoa I de Outeiro de Ante, Serra da Aboboreira - Baião, *Setúbal Arqueológica*, 6-7, pp. 85-111, 1 desd., 2 est.
- KALB, P.-1981 - Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgräber, *Madrider Mitteilungen*, 22, Berlim, pp. 55-77, 1 extra-texto.
- KALB, P.-1987 - Monumentos megalíticos entre Tejo e Douro, in *El megalitismo en la Península Ibérica* (dir. de G. Delibes de Castro), Madrid, Ministério da Cultura, pp. 95-109.
- LANDEIRO, J. M.-1968 - «Genius loci» de Vila Ruiva de Terras de Algodres, s/1, s/ed., s/d [1968].
- LAPLACE, G.-1964 - *Essai de typologie systematique*, Ferrara, Università degli Studi di Ferrara.
- LEAL, A. de Pinho-1875 - *Dicionário geográfico, estatístico, corográfico (...)*, Lisboa, Liv. Ed. de Mattos Moreira & C.ª.
- LEISNER, G.-1934, Die Malerein des Dolmen Pedra Coberta, *Jahrb. Präh. Eth. Kunst*, 9, Berlim, pp. 23-44.
- LEISNER, G.-1945, A cultura Eneolítica do Sul da Espanha e suas relações com Portugal, *História e Arqueologia*, 8.ª série, 1, Lisboa, 28 pp., 15 Est., 6 fotos.
- LEISNER, G. e V.-1943 - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil: der Süden*, (Römisch-Germanische Forschungen, Band 17), 2 vols, Berlim.
- LEISNER, G. e V.-1951, *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 326 pp., 63 est.
- LEISNER, G. e V.-1956-59 - *Die Megalithgräber Der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, (Madrider Forschungen, 1 (1-2)) Berlim.
- LEISNER, V.-1970 - Micrólitos do tipo tardenoisense em dólmenes portugueses, in *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, II, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 193-198, 1 mapa desd.
- LEISNER, V., RIBEIRO, L.-1968 - Die Dolmen von Carapito, *Madrider Mitteilungen*, 9, Berlim, pp. 11-62.
- LEITE, F. B. de Barros-1956 - O Concelho de Penalva do Castelo, *Beira Alta*, 15, Viseu, pp. 29-70.
- MARQUES, J. Pinheiro-1988 - *Terras de Algodres (Concelho de Fornos)*, Fornos de Algodres, Câmara Municipal (Reedição fac-similada comemorativa dos cinquenta anos de publicação, Lisboa, 1938).
- MARTÍN VALLS, R., DELIBES DE CASTRO, G.-1975 - Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora (II), *Boletim del Seminario de Arte y Arqueologia*, 40-41, Valladolid, pp. 445-473.
- MOITA, I.-1966 - Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta, *Ethnos*, 5, Lisboa, pp. 189-277, XX est., 1 mapa extra-texto.
- MUÑOZ SALVATIERRA, M.-1976 - *Microlitismo geométrico en el País Vasco*, (Cuadernos de Arqueologia de Deusto, 4), Bilbao, 151 pp.
- PAÇO, A., FERREIRA, M. E.-1957 - Espada de cobre do Pinhal dos Melos (Fornos de Algodres), in *Actas do XXI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, III, Coimbra, Ass. Port. para o Progresso das Ciências, pp. 357-364.
- PATIÑO GOMES, R.-1983 - Escavación de un yacimiento tipo Penha: Lavapés, 1982. Segunda campaña, *Revista de Arqueologia*, IV, n.º 27, pp. 34-35.
- PEIXOTO, E. M. G. Almeida de Abreu-1988 - *Levantamento arqueológico do Concelho de Fornos de Algodres*, Coimbra, 166 fls., dact. (trabalho escolar apresentado à Fac. de Letras de Coimbra).
- PINA, Martinho Mendonça de-1733 - Dissertação apresentada à Academia Real da História Portuguesa, in *Colecção dos Documentos e Memórias da Academia Real da História Portuguesa (...)*, vol. XIV, fasc. 16, Lisboa, pp. 1-23.
- RIBEIRO, O.-1982 - *Le Portugal Central (Livret-guide de l'excursion C)*. Congrès International de Géographie, Lisbonne, 1949, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica (reimp. da 1.ª ed.).
- RIBEIRO, O., ALMEIDA, J. P. e PATRÍCIO, A.-1943 - Nota preliminar sobre a morfologia do «Maciço da Gralheira». *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 3, Porto, pp. 82-85.
- RODRÍGUEZ CASAL, A. A.-1990 - Die megalithkultur in Galicien, in *Probleme der Megalithgräberforschung. Vortrage zum 100. geburststag von Vera Leisner* (Madrider Forschungen, 16) Berlim, pp. 53-72, 1 est., 1 desd.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1984), *La Península Ibérica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico*, 2 vols., Madrid, Univ. Complutense.
- SANCHES, M. J.-1987 - O Buraco da Pala - Um abrigo pré-histórico no concelho de Mirandela (Notícia preliminar das escavações de 1987), *Arqueologia*, 16, Porto, pp. 58-77.
- SANCHES, M. J.-1989 - Cinco datas de C 14 para a Pré-história recente do Leste de Trás-os-Montes, *Arqueologia*, 19, Porto, pp. 114-115.
- SANCHES, M. J., LEBRE, A. G., SANTOS, A. M.-1987 - A Mamoa do Barreiro, Um tumulus do Leste de Trás-os-Montes, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 27 (1-4), Porto, p. 89-102, X est.
- SANGMEISTER, E., SCHUBART, H.-1981, *Zambujal. Die grabungen 1964 bis 1973*, (Madrider Breitäge, 5), Berlim.
- SANTONJA, M.-1983-1984 - El fenomeno megalítico en el SO de la region del Duero. *Portugalia*, nova série, 4-5, Porto, pp. 53-62, 4 est.
- SANTONJA, M.-1987 - Anotaciones en torno al megalitismo del Occidente de la Meseta (Salamanca y Zamora), in *El Megalitismo en la Península Ibérica* (Dir. de G. Delibes de Castro), Madrid, Ministerio da Cultura, 199-210.
- SANTONJA, M., CERRILLO, J., FABIÁN, J. F., FERNÁNDEZ MOYANO, A., GARCÍA MORALES, M.-1984, El tumulo megalítico de El Torrión (Navamorales). Observaciones sobre la extensión del megalitismo en el Sur de Salamanca, *Revista Provincial de Estudios*, 13, Salamanca, pp. 109 e ss.
- SARMENTO, F. M.-1933 - *Dispensas*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

- SAVORY, H. N.-1970 - A section through the innermost rampart at the Chalcolithic Castro de Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959), *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*, 1, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-148, VIII est., 2.ª ed.
- SAVORY, H. N.-1974 - *Espanha e Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo, 1974.
- SENNA-MARTÍNEZ, J. C., e colaboradores-1983-84 - Contribuições para uma tipologia da olaria do Megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze (1), *Clio/Arqueologia*, 1, Lisboa, pp. 105-138.
- SHEE, E.-1981 - *The megalithic art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press, 159 pp., 190 figs., 41 est.
- SILVA, C. T.-1968-70 - O povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Vestígios de estratigrafia, *Arquivo de Beja*, 25-27, pp. 31-44.
- SOARES, J., SILVA, C. T.-1975 - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal, *Setúbal Arqueológica*, 1, Setúbal, pp. 53-154.
- TARRADELL, M.-1952, La Edad de Bronce en Montefrío (Granada). Resultados de las excavaciones en yacimientos de las Peñas de los Gitanos, *Ampurias*, 14, Barcelona, pp. 49-80.
- VALERA, A. C., ESTEVINHA, I. A.-1989 - *Castro de Santiago (Figueiró da Granja). Fornos de Algodres. Contribuição para o estudo da Pré-história recente da bacia do médio e alto Mondego*, Fornos de Algodres, Gabinete de Arqueologia de Fornos de Algodres, 39 pp., 1.ª ed.
- VASCONCELOS, J. L.-1895 - Aquisições do Museu Etnográfico Português, *O Arch. Port.* 1, Lisboa, pp. 325-326.
- VASCONCELOS, J. L.-1897 - Aquisições do Museu Etnográfico Português, *O Arch. Português*, 3, Lisboa, pp. 107-111.
- VASCONCELOS, J. L.-1919-20 - Coisas Velhas, *O Arch. Port.*, 24, Lisboa, pp. 215-237.
- VASCONCELOS, J. L.-1927 - *De terra em terra. Excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal*, 1, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.
- VILAÇA, R.-1986 - A Mama da «Mama do Furo» (Figueira da Foz), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 26 (1-4), pp. 85-117, 1.ª ed., XI est.
- VILAÇA, R., CRUZ, D. J.-1990 - *A casa da Orca da Cunha Baixa (Mangualde)*, Câmara Municipal de Mangualde, no prelo.

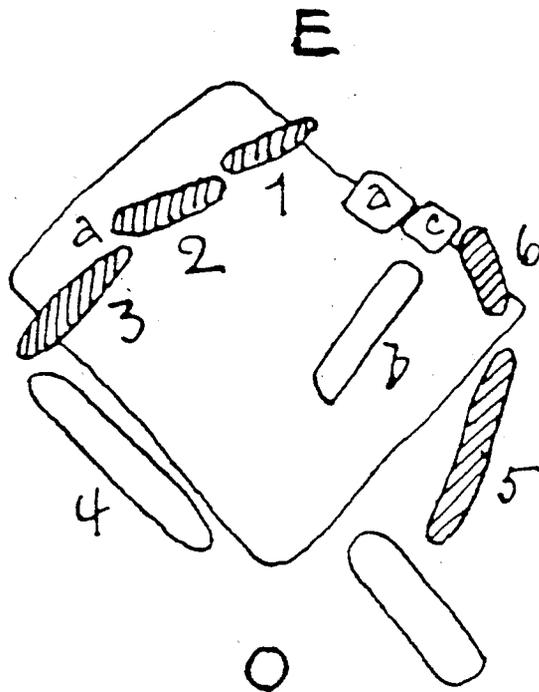


Fig. 1 - *Orca de Corgas da Matança*. Esboço de planta, realizada por J. Leite de Vasconcelos (1896).
Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia (Doc. LXV-7).

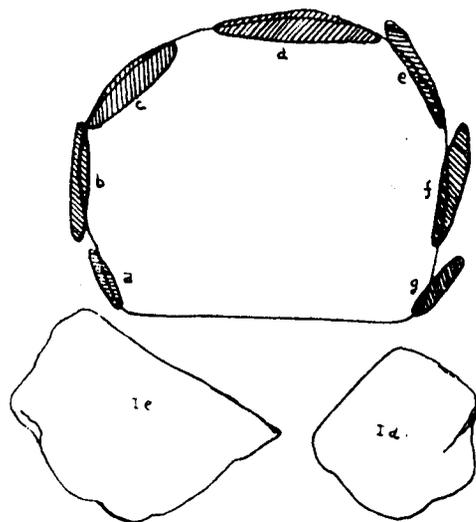


Fig. 2 - Esboço de planta do monumento, feita em 1955 por Irisalva Moita [MOITA, 1966:270]. Esc. de 1:100.

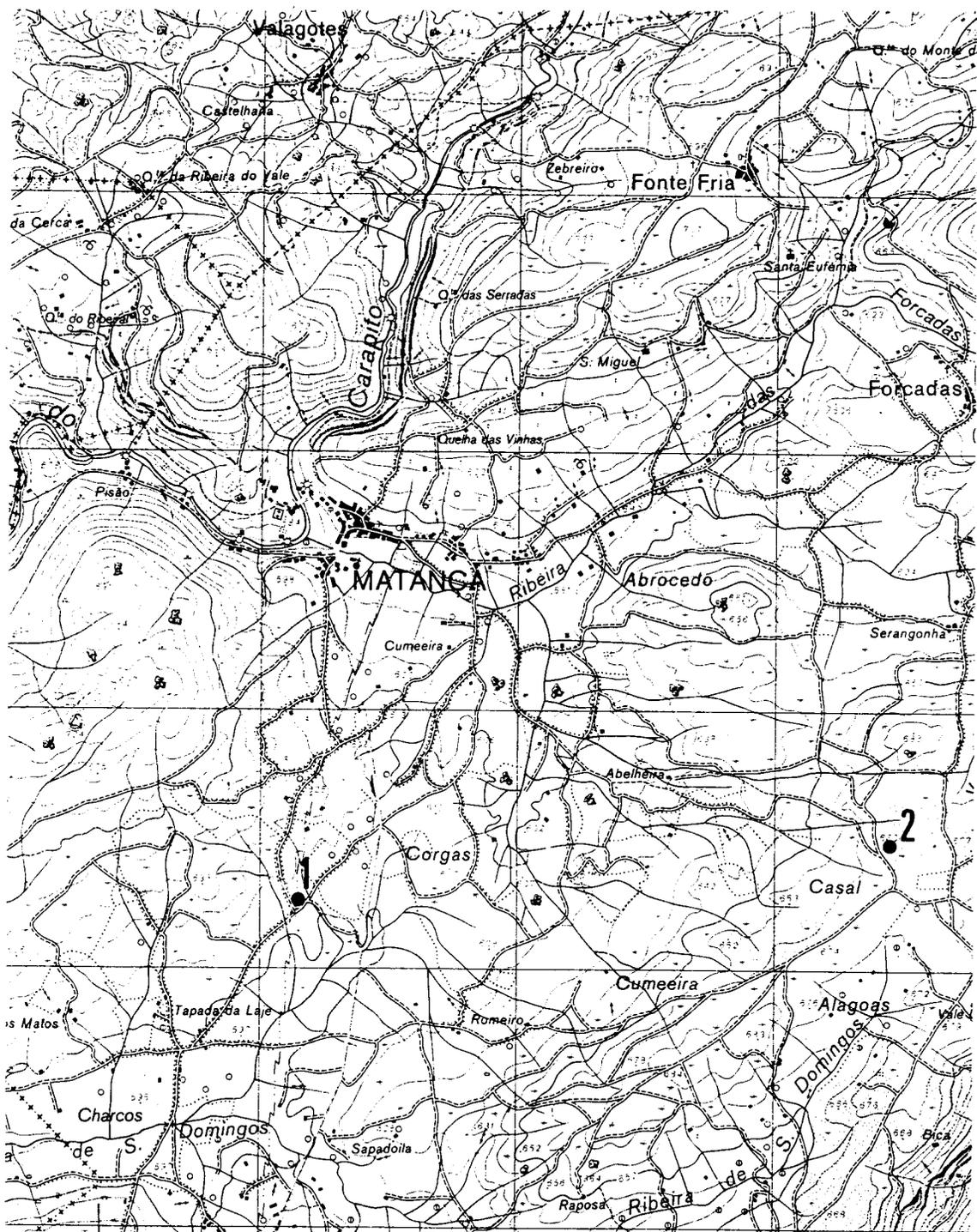


Fig. 3 - Localização dos monumentos megalíticos do Concelho de Fornos de Algodres. 1 - Orca de Corgas da Matança
 2 - Casa da Orca de Cortiçô. Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25.000, fl. 180 - Aldeia-Nova, 1973.

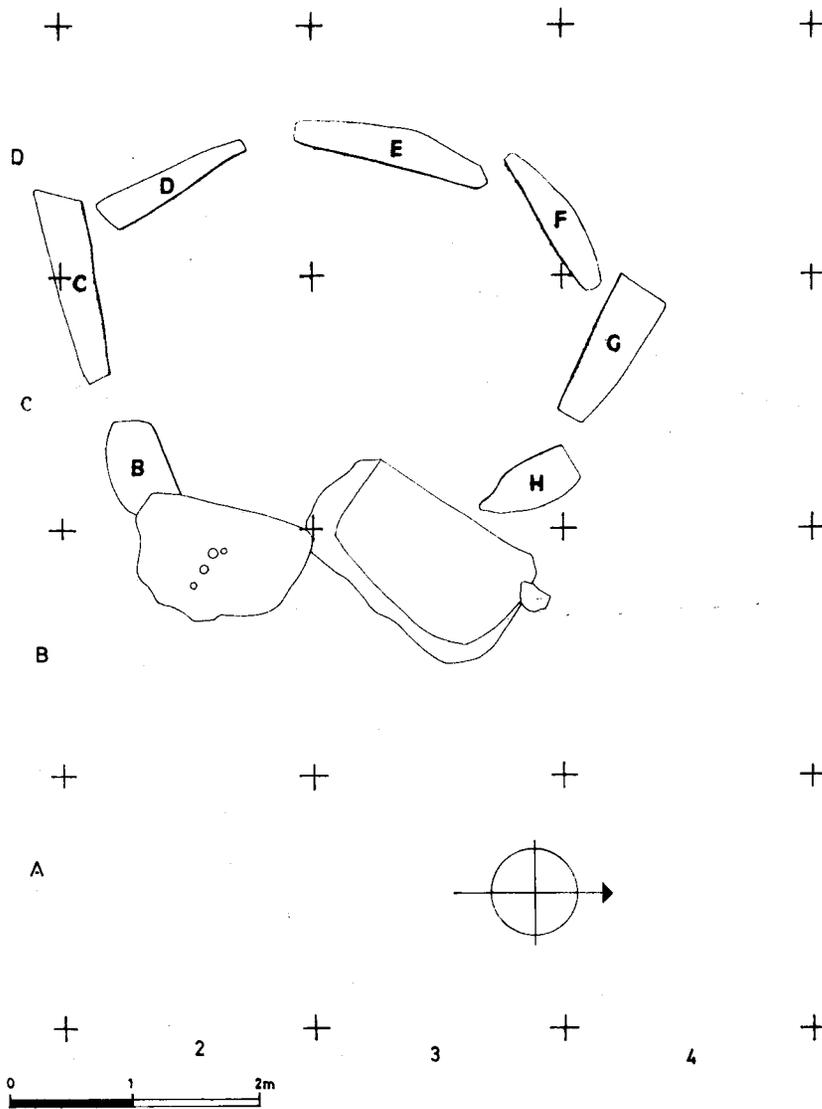


Fig. 4 - Plano da escavação.

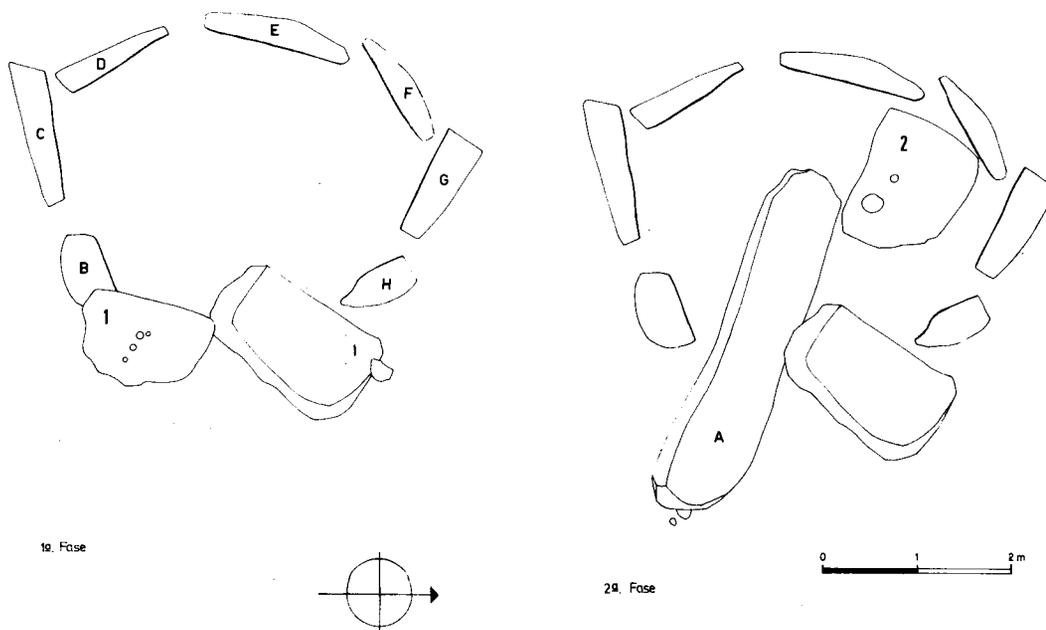


Fig. 5 - Fases iniciais da escavação.

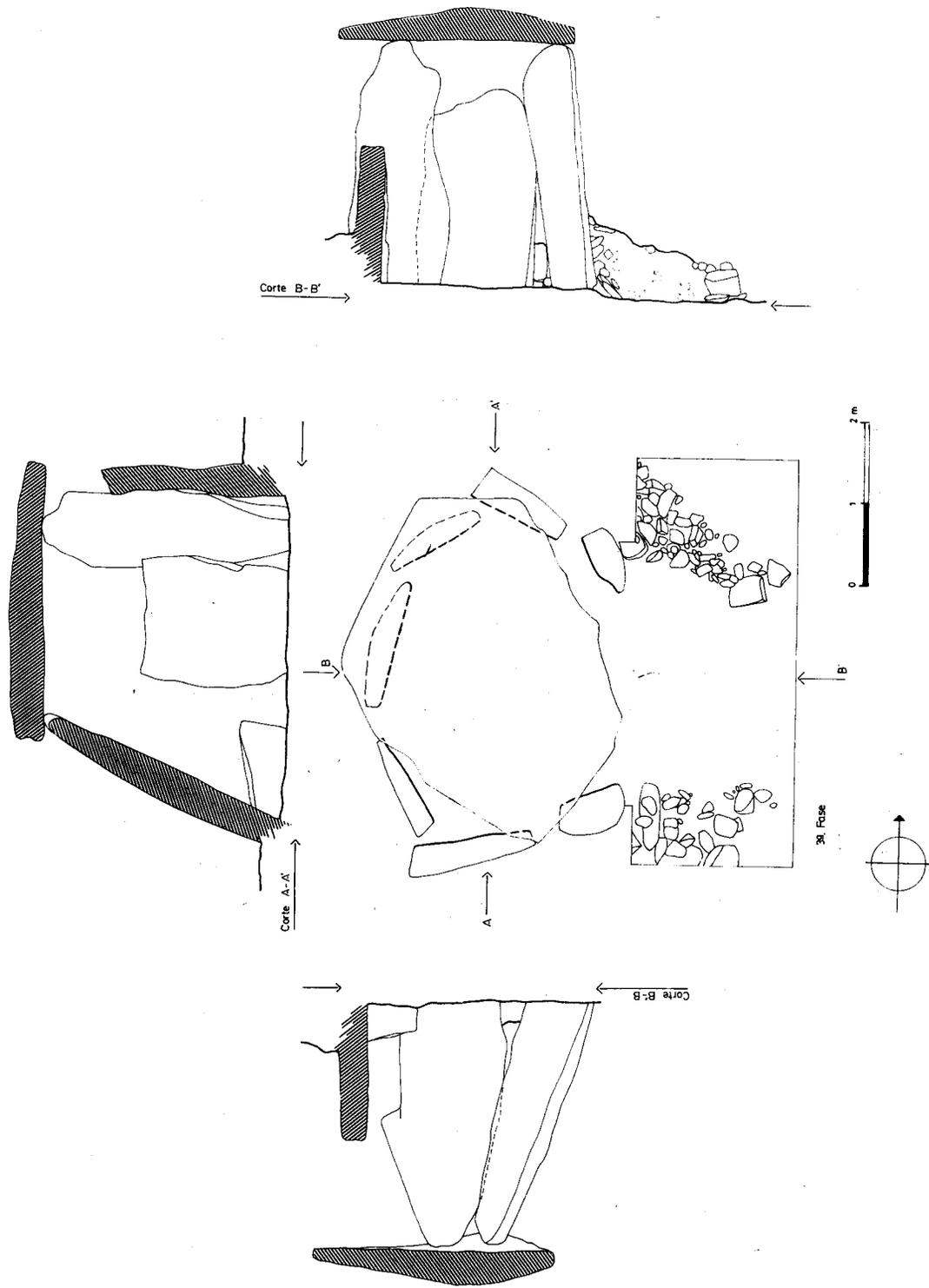


Fig. 6 - Planta e vistas em secção do monumento, após a escavação e antes do restauro. Lev. de J. Luís Madeira e J. Augusto A. Dias. Des. de J. Luís Madeira.

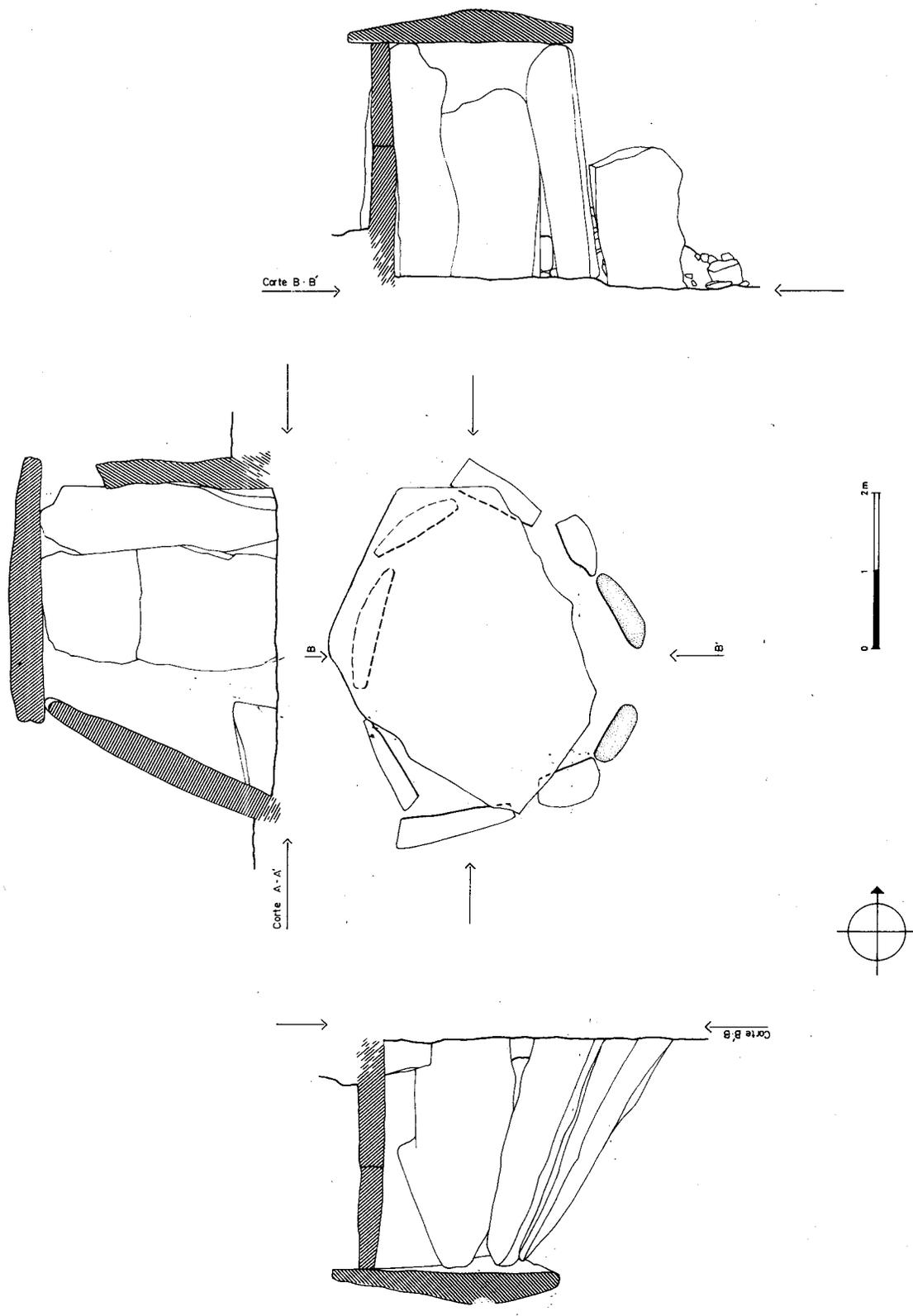


Fig. 7 - Planta e vistas em secção do monumento, após o restauro; a pontilhado indicam-se os esteios que foram recolocados nos prováveis sítios originais. Lev. de J. Luís Madeira e J. Augusto A. Dias Des. de Luís Madeira.

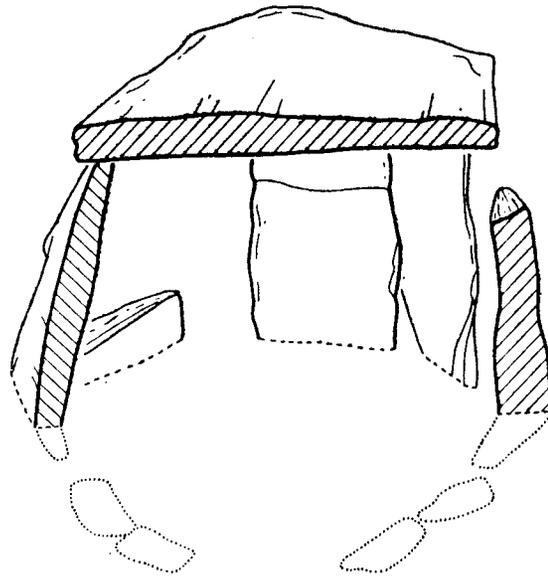


Fig. 8 - Vista isométrica. Des. de José Alfredo L. Barbosa.

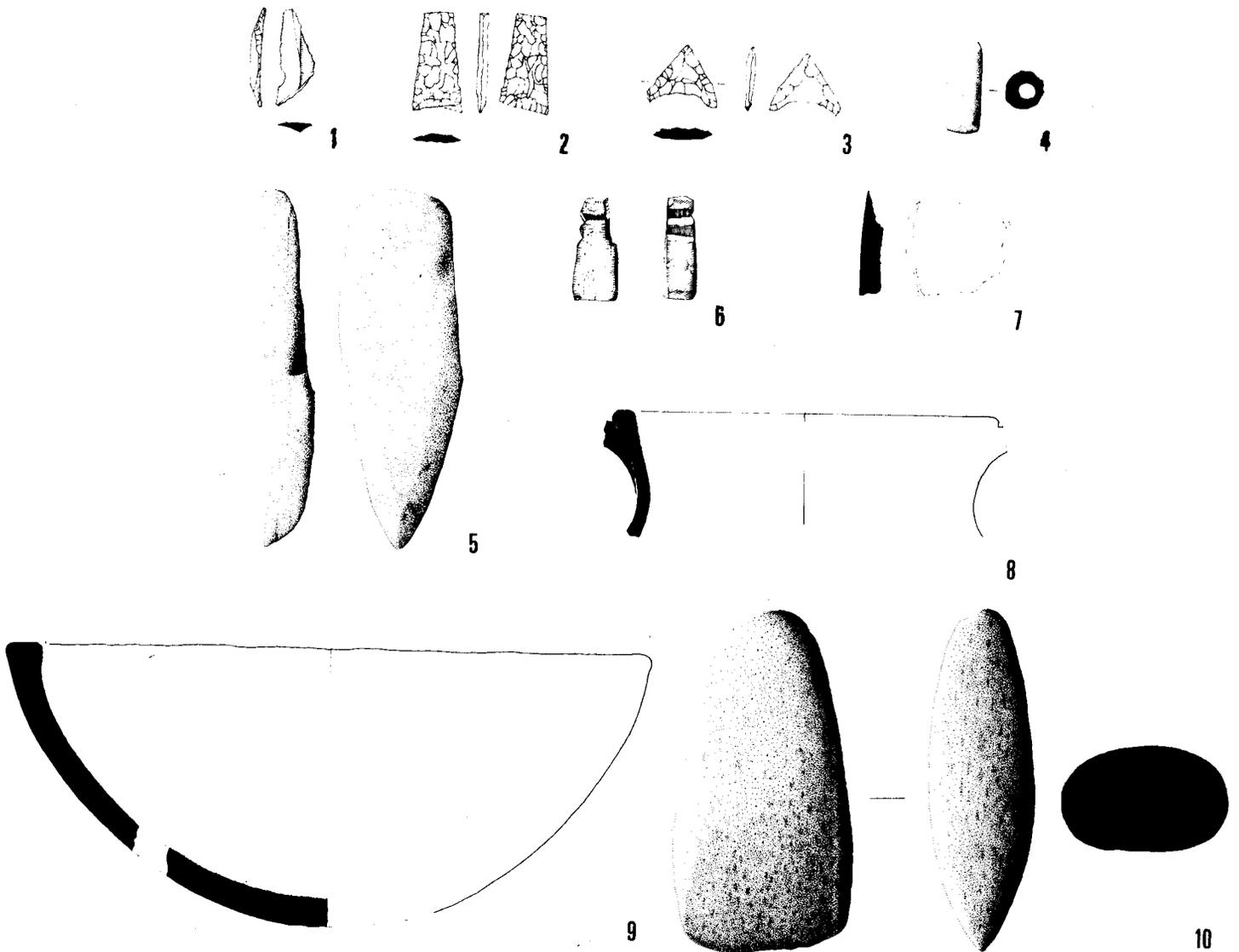
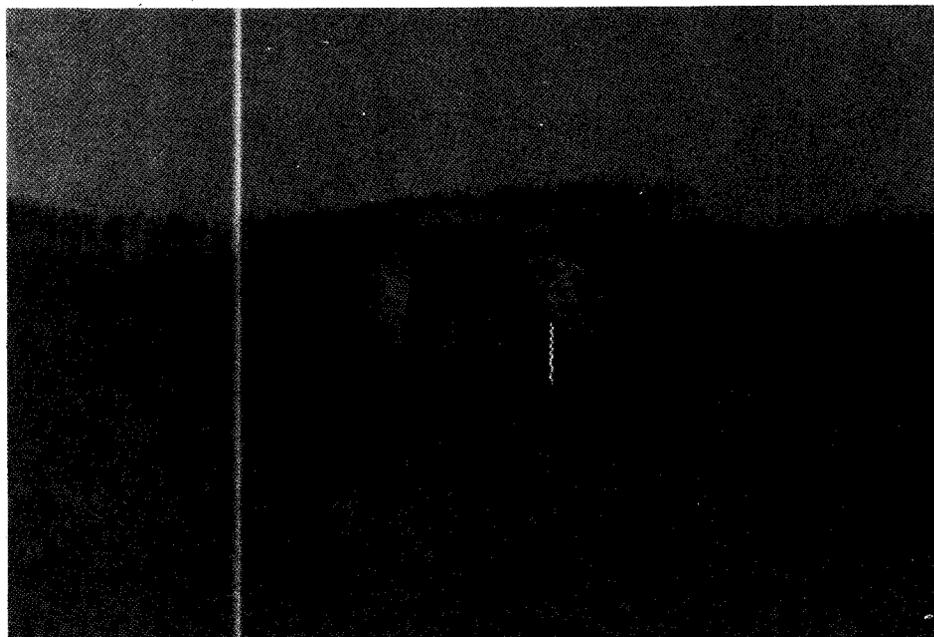


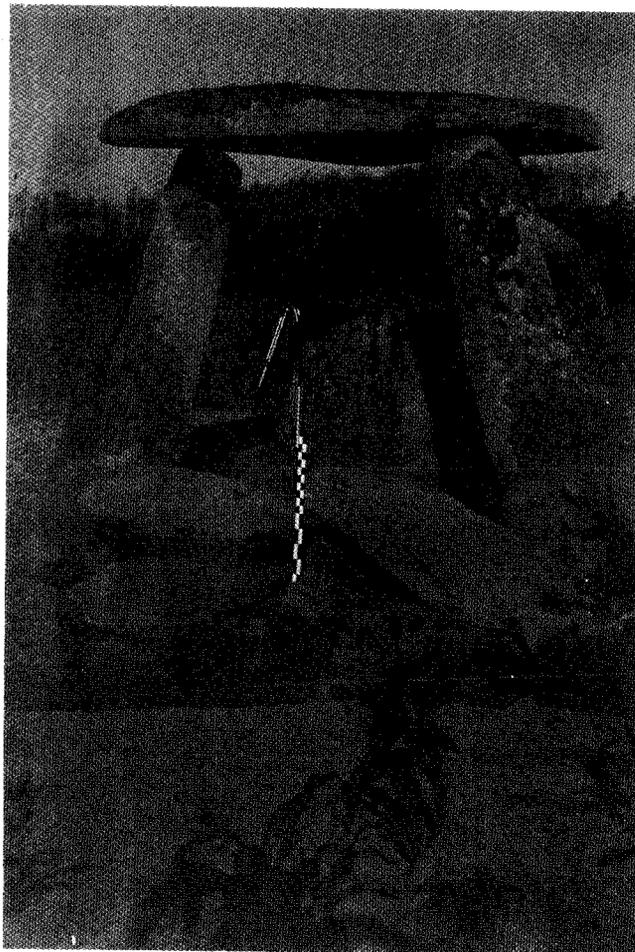
Fig. 9 - Materiais exumados durante a escavação: 1 - micrólito trapezoidal; 2 e 3 - pontas de seta, de base côncava; 4 - conta de colar, suprismática; 5 - fragmento de machado de pedra polida; 6 - ídolo «cruciforme»; 7 - fragmento de cerâmica incisa; 8 - fragmento de bordo de um vaso, provavelmente medieval; 9 - fragmento de vaso cerâmico, em calote de esfera (M. N. A. - n.º 9327-B); 10 - enxó, recolhida nas imediações do monumento (M. N. A. - n.º 9328); Des. de J. Luís Madeira e J. Augusto A. Dias (n.º 10). Esc. de 1:2.



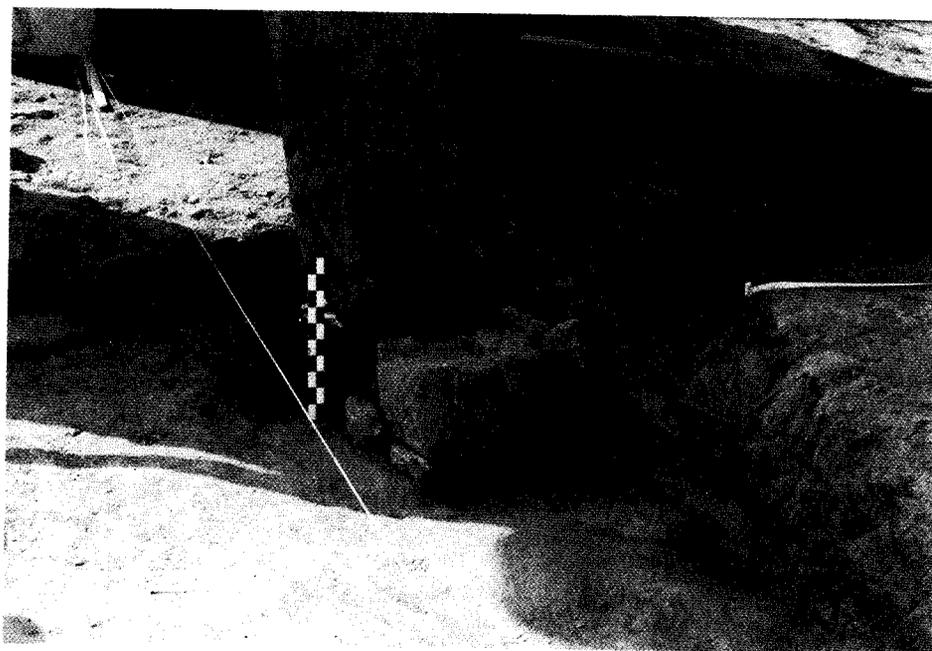
1 — *Casa da Orca de Cortiçô* (Fornos de Algodres), vista de SE.



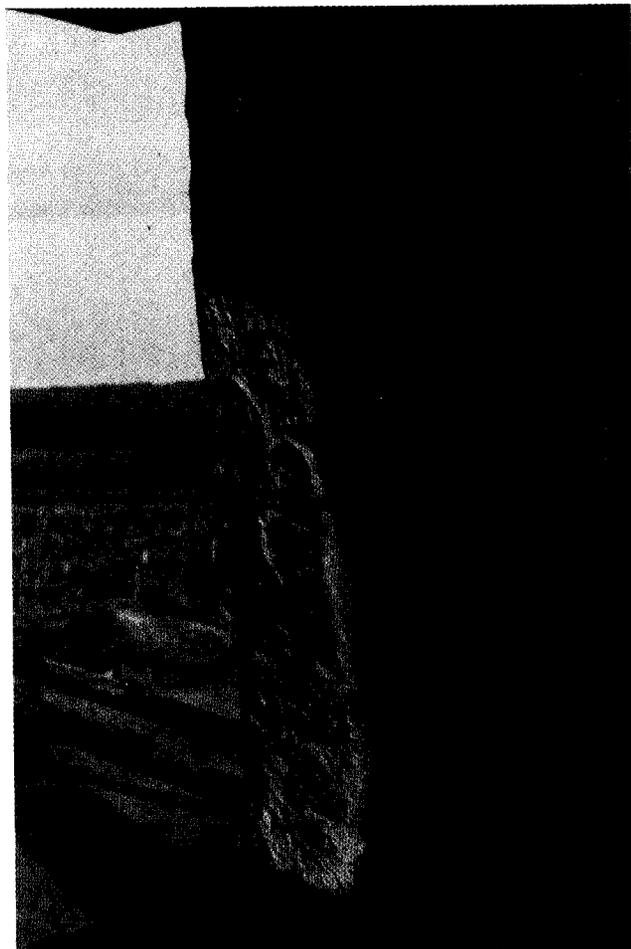
2 — *Orca de Corgas da Matança* (Fornos de Algodres), vista de Nascente.
Aspecto do monumento antes dos trabalhos arqueológicos.



1 — Aspecto da escavação da área da entrada do dólmen.



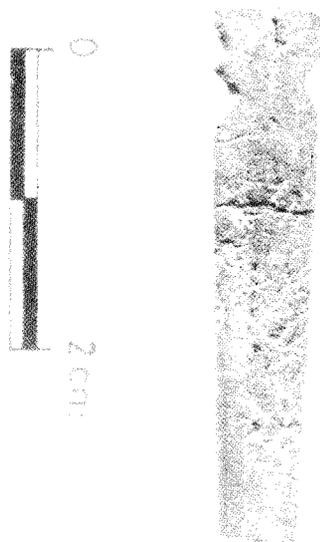
2 — Pormenor do contraforte, no sector norte. Observe-se, em primeiro plano, a base de um possível pilar, adossado ao contraforte, que se desenvolve a um nível superior.



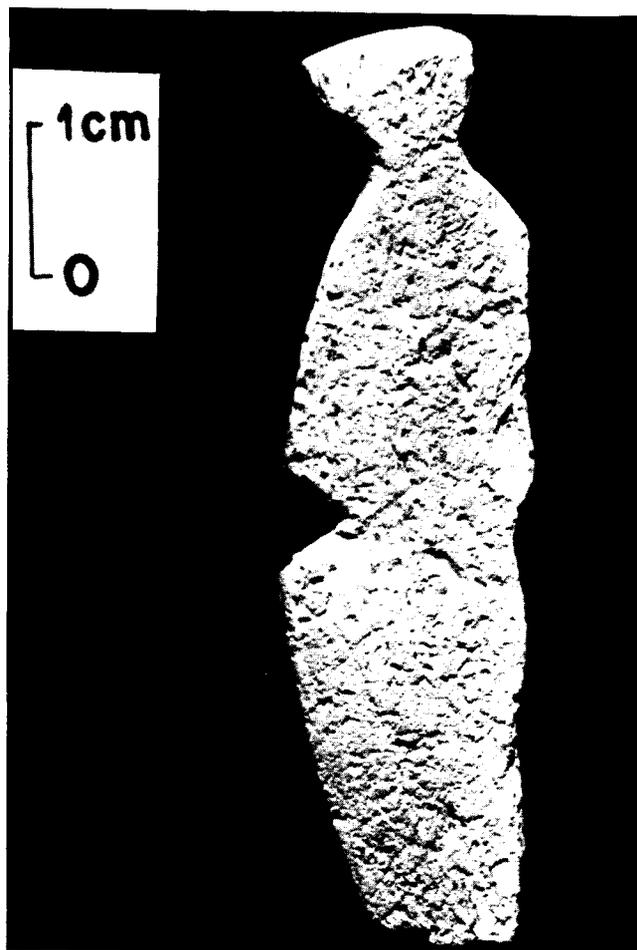
1 — Insculturas do esteio B.



2 — Aspecto do monumento após o restauro.



1 — Ídolo cruciforme, em osso, da Sep. 8 de *Los Millares*:
Foto do Museu de Almería. Rep. autorizada.



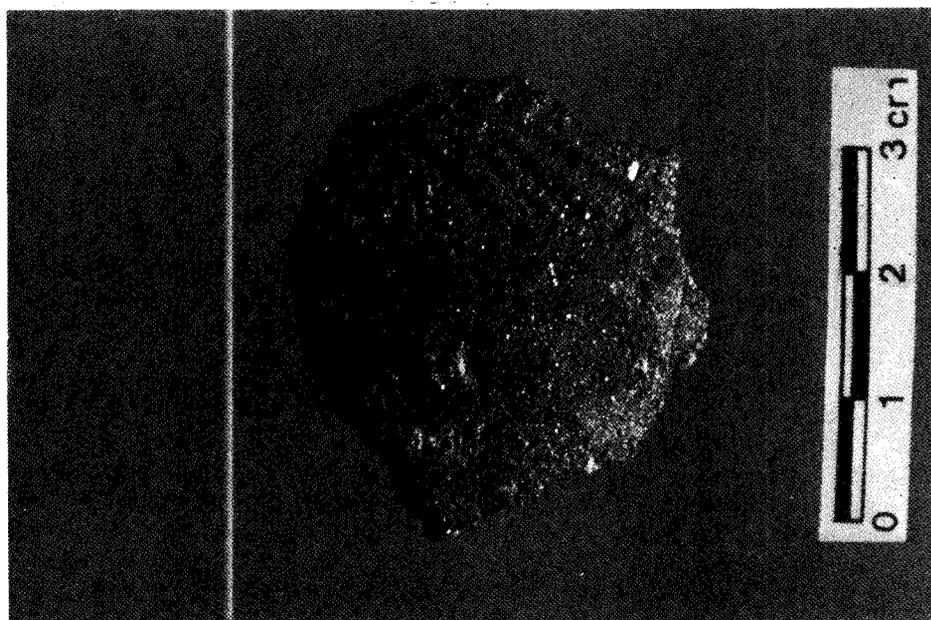
2 — Ídolo cruciforme, em osso, da Sep. 7 de *Los Millares*:
Foto do Museu Arqueológico Nacional (Madrid). Rep. autorizada.



3 — Ídolo cruciforme, em azeviche, da *Orca de Corgas da Matança*.
Foto do Museu Reg. de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Braga).



1 — Espólio lítico da *Orca de Corgas da Matança*.
Foto do Museu Reg. de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Braga).



2 — Fragmento cerâmico com incisões em «espinha».
Foto do Museu Reg. de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Braga).

AS CERÂMICAS TIPO PENHA DO MUSEU DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO-GUIMARÃES ESTUDO TIPOLOGICO

M. M. Santos Silva
e P. J. da Mota Santos

1 - INTRODUÇÃO

O objectivo deste trabalho foi o de levar a cabo um estudo morfológico de parte do material cerâmico proveniente da estação arqueológica do monte da Penha, Guimarães, o qua faz parte do espólio do Museu da Sociedade Martins Sarmento ⁽¹⁾. Numa primeira análise, poder-se-ia descrever o material em questão como sendo constituído por cerâmicas manuais com uma pasta grosseira e organizações decorativas metopadas profundamente incisas. Por ser a primeira vez que este «tipo» de cerâmica era encontrado com tal profusão, a sua forma de denominação passou a ser homónima da estação arqueológica que o deu a conhecer: cerâmica «tipo Penha».

Tal denominação estava de acordo com um ambiente científico cuja tendência era a de reduzir a complexidade dos fenómenos culturais a categorias temáticas arbitrárias. Após o trabalho levado a cabo por S. O. Jorge na zona de Chaves-Vila Pouca de Aguiar em povoados com cerâmica «tipo Penha», verificou-se que a realidade estilística que está relacionada com este «tipo» é mais variada do que a sua denominação tradicional deixaria supôr. «Isto prova bem o carácter redutor e insuficiente de tais categorias arqueológicas, na medida em que elas não só abarcam a totalidade dos testemunhos conhecidos, como não correspondem, na maioria dos casos, a nenhuma realidade cultural consistente.» ⁽²⁾

Actualmente conhecem-se várias estações arqueológicas no Norte de Portugal e na Galiza ⁽³⁾ que fornecem cerâmica deste tipo. A fig. 1 mostra-nos a distribuição desses sítios na área portuguesa. Esta realidade arqueológica será analisada adiante neste trabalho.

2 - A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO MONTE DA PENHA (est. IV)

A zona do Monte da Penha que tem fornecido espólio arqueológico corresponde, grosso modo, à área actualmente ocupada pelo Santuário da Penha. As coordenadas deste local são as seguintes:

⁽¹⁾ O critério de selecção dos fragmentos a estudar foi baseado no seu grau de «semelhança» com o material cerâmico proveniente da área do vale do Tâmega estudado por Susana Oliveira Jorge. O restante espólio com proveniência do Monte da Penha, existente no Museu da Sociedade Martins Sarmento, pareceu-nos constituir um grupo à parte: as características técnicas, morfológicas e decorativas destas outras cerâmicas afastavam-nas claramente do grupo em estudo.

⁽²⁾ JORGE, S. O. (1986) *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar*, Instituto de Arqueologia da FLUP, vol. IA Pp 17.

⁽³⁾ Na Galiza, as estações com cerâmica «tipo Penha» que foram alvo da escavações arqueológicas científicas são as seguintes:

Lavapés (Cangas de Morrazo, Pontevedra) com uma data de C14 de 1980 B. C. (PEÑA SANTOS, A de La (1984) El yacimiento de Lavapés (Cangas de Morrazo): Balance de las Excavaciones 1981-1982, in *Pontevedra Arqueológica* 1).

Guidoiro Areoso (Vilanova de Arousa, Pontevedra). Esta estação tem a particularidade de não apresentar uma percentagem maioritária, nem sequer elevada, de cerâmicas decoradas: estas só atingem cerca de 10% do total dos fragmentos, e encontram-se só nas formas semi-esféricas. As outras formas cerâmicas desta estação são de perfil sinuoso e fundo plano, e formas carenadas. Nesta estação foi também recolhido, quando de uma prospecção superficial, um fragmento de cerâmica campaniforme. Foi também obtida uma data sobre moluscos de 2 070 ± 40 BC (Estas informações ainda não estão publicadas; foram fornecidas por José M. Rey García - do Museu de Pontevedra - que está a realizar o estudo da referida estação, e a quem desde já agradecemos a informação prestada).

Latitude: 41° 25' 39"

Longitude: 0° 51' 53"

Altitude absoluta: entre 590 e 600 metros (segundo a Carta Militar de Portugal na escala de 1/25.000, folha 85).

O monte da Penha, localizado a sudeste da cidade de Guimarães, individualiza-se do relevo circundante quer pela sua altitude relativa, quer pela morfologia das suas encostas (fig. 3). Trata-se de um monte granítico alongado no sentido Sul-Norte, encimado por uma área cujas altitudes absolutas rondam os 600 metros. Esta zona apresenta óptimas condições de visibilidade, em todas as direcções, mas especialmente sobre a zona baixa do vale de Creixomil e da própria cidade de Guimarães. As vertentes que estão viradas a Oeste, contemplando o vale do rio Ave, são pontuadas por pequenos cursos de água de caudal sazonal, que se dirigem para o vale de Creixomil, conferindo à encosta um aspecto entrecortado. As encostas viradas a essa zona baixa não têm um declive tão marcado quanto as do lado oposto (lado Este), que se debruçam sobre o vale do rio Vizela. Assim pode dizer-se que a ocupação pré-histórica do monte da Penha parece ter preferido uma localização de altura com condições naturais de defesa.

3 - O MATERIAL

A maioria das cerâmicas em causa foram recolhidas em momentos vários, durante as décadas de 40 e 50, aquando das obras de construção do Santuário da Penha. Porém as recolhas não obedeceram a qualquer critério científico. Com efeito, em 1968 Mário Cardoso, o primeiro investigador a divulgar de uma forma sistemática estes materiais, refere-se do seguinte modo às condições do achado e recolha: «Desde há muito que na estação arqueológica da Penha, no concelho de Guimarães, vêm sendo recolhidos, à mercê do acaso, em remoções de terra com simples finalidade urbanística do lugar⁽⁴⁾, elementos de um abundante espólio de interesse científico, constituído especialmente por numerosos fragmentos de uma cerâmica primitiva, de barro grosseiro e aspecto rude, fabricada manualmente sem o emprego do torno de olaria, mas decorada com rica e grande variedade de motivos ornamentais de estilo geométrico, fortemente incisos. Também na mesma estação se tem encontrado vários instrumentos de bronze e de cobre (...), machados de pedra polida, pontas de seta de sílex, xisto e quartzite, polidores, trituradores de cereais, pedras de afiar, etc. (...).»⁽⁵⁾

Os registos de entrada de materiais no Museu referem que algumas peças foram oferecidas em 15/4/1947 pela Irmandade da Penha, tendo entrado as restantes, isto é a maioria daquelas que actualmente aí se guardam, em data incerta, entre 24/9/1948 e 18/6/1955. Estas foram oferecidas, ou por José de Pina ou pela Junta de Turismo da Penha, embora as anotações feitas nessa época sejam pouco claras.

A única referência mais precisa quanto ao exacto local do monte onde teria existido qualquer tipo de estruturas, que poderiam estar relacionadas com alguns dos achados de cerâmica e de objectos metálicos (armas (?) que posteriormente desapareceram), é feita por Martins Sarmento, no volume 5 da *Revista de Guimarães* (ano de 1888), indicando que no alto da Penha, a nascente da capela de Santa Catarina, terá existido um castro, dada a existência, nessa época, de restos de uma fortificação de terra, a qual se prolongaria até ao monumento de Pio IX⁽⁶⁾ (fig. 4). Na prospeccção que aí efectuamos no ano de 1986, já nada nos foi possível identificar.

Assim verifica-se um flagrante desfasamento de informação em termos do espólio arqueológico recolhido e da sua possível relação com qualquer estrutura arqueológica definida e inequivocamente localizada numa área específica do monte da Penha. Tal situação claramente dificulta um estudo mais aprofundado do material em questão.

Uma vez no Museu o material cerâmico encontra-se dividido por dois locais: as estantes da sala de exposição aberta ao público, e as gavetas da arrecadação onde se armazena o restante espólio. Foi sobre os fragmentos cerâmicos destas duas áreas que se levou a cabo o estudo a apresentar.

(4) Não sublinhado no original.

(5) CARDOZO, M. de Sá (1968) Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães), *Revista de Guimarães* vol. LXXVIII.

(6) SARMENTO, F. Martins (1888) Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães* vol. V.

4 - A METODOLOGIA

O número total de elementos da amostra é de 264, número este composto pelos parciais de 157 fragmentos de bordo mais 107 fragmentos de pança.

Sobre esta amostra procedeu-se à análise de:

- 1) desengordurante
- 2) tratamento de superfície
- 3) organização decorativa
- 4) forma

Para as análises 1), e 2) obteve-se a necessária informação sobre o número total de fragmentos cerâmicos. Para as análises 3) e 4) utilizaram-se sobretudo os fragmentos de bordo ou de pança de dimensões apreciáveis, e de entre estes, nem todos foram passíveis de fornecer a informação desejada.

A fig. 4 (A, B e C) mostra-nos o quadro das organizações decorativas tendo sido constituídos 18 grupos. Assim:

- 1 - com grupo de linhas paralelas ao bordo + reticulado
- 2 - com grupo de linhas paralelas ao bordo + linhas quebradas verticais
- 3 - com grupo de linhas paralelas ao bordo + linhas quebradas horizontais
- 4 - com grupo de linhas paralelas ao bordo + linhas contínuas verticais
- 5 - com grupo de linhas paralelas ao bordo por todo o corpo cerâmico
- 6 - com grupo de linhas paralelas ao bordo
- 7 - com grupo de linhas paralelas ao bordo + motivo em duplo chevron (liso ou preenchido a incisões) + fundo decorado uniformemente (pontilhados ou reticulados); pode ter zona de decoração delimitada por linhas paralelas ao bordo
- 8 - com grupo de linhas paralelas ao bordo + triângulos invertidos decorados (linhas oblíquas ou reticulados) alternando com triângulos lisos.
- 9 - com grupo de linhas paralelas ao bordo + triângulos invertidos lisos alternando com triângulos decorados (reticulados)
- 10 - sequência aditiva horizontal de faixas decoradas (delimitada por linha paralela ao bordo) intercaladas por faixas lisas; pode ter ou não linhas paralelas ao bordo
- 11 - sequência aditiva horizontal de faixas decoradas delimitadas por linhas paralelas ao bordo; pode ter ou não grupo de linhas paralelas ao bordo
- 12 - sequência aditiva horizontal de faixas decoradas não delimitadas por linha paralela ao bordo; com grupo de linhas paralelas ao bordo
- 13 - métopas simples
- 14 - métopas complexas
- 15 - faixa única, delimitada por duas linhas paralelas ao bordo, para inserção (ou não) de decoração
- 16 - duplo chevron (?) preenchido por incisões com fundo preenchido (?) a pontilhado
- 17 - sequência horizontal (?) penteada
- 18 - oculado (?)

Os grupos 16, 17 e 18, devido à pouca informação que fornecem, encontram-se individualizados mais por não se inserirem em qualquer dos outros grupos, do que por constituírem grupos indiscutivelmente unitários. Mesmo assim foi resolvido considerá-los dada a importância que lhes confere a sua singularidade.

A fig. 5 mostra-nos o quadro das formas. Estas organizam-se em 14 grupos. Estes por sua vez dividem-se em sub-grupos A, B, C e D conforme apresentarem, respectivamente, nenhum, algum, acentuado ou bastante acentuado estrangulamento do bordo. Assim:

- | | |
|-----------------------|---|
| Grupo 1 | vasos esféricos |
| Grupo 2 e 3 | vasos hemisféricos |
| Grupo 4, 5 e 6 | vasos hemisféricos alongados |
| Grupo 7 | vasos em calote de esfera |
| Grupo 8, 9 e 10 | vasos de corpo sub-cilíndrico e bordo direito ou extrovertido |
| Grupo 11 | vasos tronco-cilíndricos |
| Grupo 12 | vasos tronco-cónicos |
| Grupo 13 | vasos de corpo ovóide (?) com grande estrangulamento do bordo |
| Grupo 14 | vasos carenados |

Nos casos em que sob a mesma denominação genética (ex: vasos hemisféricos alongados) se encontram mais que um grupo (ex: 4, 5 e 6), tal deve-se à construção de um critério baseado no Índice de Abertura de Boca (A) ($A = \text{diâmetro externo de boca} \times 100 / \text{diâmetro externo de pança}$) para distinguir dentro de uma mesma forma genérica vasos mais abertos e vasos mais fechados. Assim, ainda dentro do mesmo exemplo:

Tipo 4 A = 81 – 82

5 A = 88 – 89

6 A = 92 – 98

Após a obtenção dos dados sobre desgordurante, tratamento de superfície, organizações decorativas e forma, construíram-se os respectivos gráficos de barras utilizando para tal, não os valores absolutos, mas sim os valores em termos percentuais.

Gráfico de desgordurantes (fig. 6.1) (100% = 264):

Verifica-se uma quase total predominância da classe 3 (calibre superior a 1mm) pois ultrapassa os 80% da totalidade dos casos observados (84.5%). Segue-se a classe 2 (calibre entre 0.5 e 1mm) com 14% e a classe 1 (calibre menor que 0.5mm) com 1.5%.

Gráfico de superfícies (fig. 6.2) (100% = 264):

A nomenclatura utilizada foi a construída por S. O. Jorge (7).

Mais de 60% dos casos observados (61.7%) pertencem à categoria 3\3 (superfícies externa e interna alisada, seguida a bastante distância da categoria 4\3 (superfície externa polida\superfície interna alisada) com 18.2% e da categoria 4\4 (superfície externa e interna polida) com 10.6%.

As percentagens das outras categorias são iguais ou inferiores a 3%: categorias 3/2 (superfície externa alisada\superfície interna rugosa) e 3\4 (superfície externa alisada\superfície interna polida), cada uma com 3% dos casos; categoria 1\3 (superfície externa corroída\superfície interna alisada) com 2.7% do total; categorias 2\3 (superfície externa rugosa\superfície interna alisada) e 3\2 (superfície externa alisada\superfície interna rugosa) ambas com 0.4%.

Gráfico de organizações decorativas (fig. 6.3-4):

Como se pode ver no gráfico da fig. 6.3 (100% = 158) a percentagem de fragmentos que não forneceu informação para este parâmetro foi de 15.2%.

Passando ao gráfico da fig. 10 (100% = 134) podemos então observar a percentagem relativa dos diferentes grupos de organização decorativa entre os fragmentos que forneceram tal informação (8).

A organização que recolhe a maior frequência de casos é a 13 (métopas simples) com 23.9% seguida a uma certa distância pela organização 1 (com grupo de linhas paralelas ao bordo e reticulado) com 17.9%. Com praticamente metade do valor da organização que regista a maior frequência encontra-se a organização 11 (sequência aditiva horizontal de faixas decoradas delimitadas por linhas paralelas ao bordo; pode ter ou não grupo de linhas paralelas ao bordo) que ocorre em 13.4% dos casos.

Os valores exactos dos restantes grupos de organizações decorativas (consultar respectivo quadro na fig. 4) são os seguintes:

organização	14	-	8.2%	organização	10	-	3%
	2	-	6.7%		3, 4 e 19	-	2.2%
	7	-	6%		9 e 17	-	1.5%
	8 e 15	-	3.7%		5, 6, 12, 16 e 18	-	0.7%

(7). JORGE, S. OLIVEIRA (1986) *ibidem*.

(8) O grupo 19 é referente aos casos não decorados.

Gráfico de formas (fig. 7.1-3):

A quantidade de fragmentos que não forneceu informação quanto à sua forma foi de 30.8% (fig. 11) (100% = 156). Circunscrevendo a base de dados aos fragmentos cuja forma foi possível determinar, obtem-se o gráfico da fig. 7.2 (100% = 108). Aí pode-se observar que a forma mais frequente é a 2, uma forma hemisférica, com 22.2%.

Em seguida, e com valores próximos da metade dos da forma com frequência máxima encontram-se as formas 1 (esféricas) e 11 (tronco cilíndricos) ambos com 11.1%, e a forma 8 (sub-cilíndricos com bordo direito ou extrovertido) com 10.2%.

Os valores exactos das restantes formas (consultar respectivo quadro na fig. 5) são os seguintes:

forma	10	- 9.3%	forma	9	- 4.6%
	6	- 8.3%		4 e 13	- 3.7%
	3	- 7.4%		5	- 2.8%
				7, 12 e 14	- 1.9%

O gráfico da fig. 7.3 mostra a distribuição das mesmas formas, mas com os respectivos sub-grupos (A, B, C e D).

Após a obtenção destes parâmetros informativos decidiu-se aprofundar a análise dos dados obtidos numa tentativa de perceber e conhecer melhor o carácter desta cerâmica. Procedeu-se de seguida a uma análise estatística mais aprofundada para verificar se existiriam relações preferenciais entre os parâmetros analisados: desengordurante, tratamento de superfície, organização decorativa e forma.

5 - A ANÁLISE ESTATÍSTICA

A ideia que presidiu à realização dos testes estatísticos que se seguirão foi o da possível existência de um critério de qualidade subjacente à feitura dos recipientes cerâmicos. Assim um vaso que apresentasse um tratamento de superfície mais cuidado (ex. 4\4), uma organização decorativa mais complexa (ex. 14) e uma pasta mais cuidada com um desengordurante mais fino, poderia reflectir um maior cuidado geral na sua feitura, o que implicaria um acrescido investimento de capital social em termos de tempo no processo produtivo. A possível distribuição diferencial deste capital humano na produção dos diferentes vasos de cerâmica «tipo Penha», viria criar uma hierarquia de qualidade, com recipientes ocupando lugares distintos na escala de «estima» e uso por parte dos seus produtores. Tal realidade no campo da produção cerâmica poderia então permitir perceber um pouco melhor a realidade social que lhe presidiria.

Para testar uma tal hipótese o caminho era o de verificar se haveria, ou não, uma relação preferencial entre os parâmetros já referenciados. Como o tipo de dados da amostra se encontram ao nível de medida mais baixo em termos de poder matemático, i é, são dados nominais (a escala nominal não envolve mais do que dar nomes às diferentes categorias dessa mesma escala), não se pode levar a cabo qualquer tipo de análise de correlação ou regressão (estas exigem dados a um nível superior). Assim houve que recorrer a testes não paramétricos, nomeadamente ao teste do Qui-Quadrado (X^2)^(*).

Com base na grelha de relações exemplificada na fig. 7.4 levaram-se a cabo os respectivos testes de X^2 para cada par de parâmetros:

- a) Forma \ Organização Decorativa (fig. 8.1).
- b) Forma \ Superfície (fig. 8.2).
- c) Forma \ Desengordurante (fig. 8.3).
- d) Organização Decorativa \ Superfície (fig. 8.4).
- e) Organização Decorativa \ Desengordurante (fig. 8.5).
- f) Superfície \ Desengordurante (fig. 8.6).

(*) Para explicação completa do método ver SHENNAN, S. (1988) *Quantifying Archaeology*, Edinburgh University Press, Pp 71/74 e LEVIN, S. (1985) *Estatística Aplicada às Ciências Humanas*, 2.ª ed., Harbra-Harper and Row do Brasil, S. Paulo.

Levin refere que «Numa situação em que vários grupos estejam sendo «comparados» (por exemplo, 3 x 3 ou 4 x 5), (embora) não (haja) uma regra rígida para o estabelecimento de frequência teóricas mínimas por casela, (é) recomendável que bem poucas contenham menos que 5»⁽¹⁰⁾. O autor prossegue aconselhando a utilizar em tais casos a Prova Exacta de Fisher, para mais à frente referir o facto de que tal teste estatístico só permite resolver o problema em tabelas de 2 x 2, o que não era o caso neste estudo. Assim, e por não conhecer até à data outra solução mais satisfatória, decidiu-se prosseguir com a utilização do Qui-Quadrado, tendo no entanto sempre presente as referidas limitações, e a consequente diminuição de confiança no teste.

A utilização deste teste procede basicamente à aceitação, ou não, da hipótese nula. Neste caso particular, essa hipótese seria a de que não existe relação preferencial \ dependência entre as variáveis analisadas. Os resultados foram os seguintes:

$$a) X^2 = 223,12 \quad v = 18 \times 13 = 234$$

Este grau de liberdade (v) ao nível de significância 0,05 dá um valor esperado de $X^2 = 276,4$, enquanto que o valor calculado de X^2 é de 223,12. Assim, porque a este nível de significância o valor calculado de X^2 é *menor* que o valor esperado, *aceitamos a hipótese nula*, i é, de que não há qualquer relação entre forma e organização decorativa.

$$b) X^2 = 72,2 \quad v = 13 \times 7 = 91$$

Este grau de liberdade (v) ao nível de significância 0,05 dá um valor esperado de $X^2 = 113,145$, enquanto que o valor calculado de X^2 é de 72,2. Assim, porque a este nível de significância o valor calculado de X^2 é *menor* que o valor esperado, *aceitamos a hipótese nula*, i é, de que não há qualquer relação entre forma e tratamento superfície.

$$c) X^2 = 44,7 \quad v = 13 \times 2 = 26$$

Este grau de liberdade (v) ao nível de significância 0,05 dá um valor esperado de $X^2 = 38,8851$, enquanto que o valor calculado de X^2 é de 44,77. Assim, porque a este nível de significância o valor calculado de X^2 é *maior* que o valor esperado, *rejeitamos a hipótese nula*, i é, de que não há qualquer relação entre forma e desengordurante.

$$d) X^2 = 99,84 \quad v = 7 \times 18 = 126$$

Este grau de liberdade (v) ao nível de significância 0,05 dá um valor esperado de $X^2 = 157,11$, enquanto que o valor calculado de X^2 é de 99,84. Assim, porque a este nível de significância o valor calculado é *menor* que o valor esperado, *aceitamos a hipótese nula*, i é, de que não há qualquer relação entre organização decorativa e tratamento de superfície.

$$e) X^2 = 40,92 \quad v = 2 \times 18 = 36$$

Este grau de liberdade (v) ao nível de significância 0,05 dá um valor esperado de $X^2 = 52,63$, enquanto que o valor calculado de X^2 é de 40,92. Assim, porque a este nível de significância o valor calculado é *menor* que o valor esperado, *aceitamos a hipótese nula*, i é, de que não há qualquer relação entre organização decorativa e desengordurante.

$$f) X^2 = 9,47 \quad v = 2 \times 7 = 14$$

Este grau de liberdade (v) ao nível de significância 0,05 dá um valor esperado de $X^2 = 23,6848$, enquanto que o valor calculado é de 9,47. Assim, porque a este nível de significância o valor calculado é *menor* que o valor esperado, *aceitamos a hipótese nula*, i é, de que não há qualquer relação entre tratamento de superfície e desengordurante.

Segundo os resultados dos testes de Qui-Quadrado apresentados conclui-se pela *não existência de uma relação preferencial*, i é, *dependência*, entre todos os factores, à excepção da *relação forma \ desengordurante*.

À parte as reservas iniciais quanto ao grau de confiança que os resultados do teste levado a cabo colocavam devido ao tipo de amostragem, há ainda a considerar outras limitações próprias

(¹⁰) LEVIN, S. (1985) *ibidem* Pp 221.

ao teste em si. Assim, segundo Shennan ⁽¹¹⁾ as limitações deste teste são essencialmente três:

1 - Não nos informa sobre a força da relação; apenas nos informa sobre a probabilidade, ou não, da existência da relação.

2 - Não nos diz nada sobre a forma em que as variáveis se relacionam; apenas mede a diferença entre os valores esperados e os observados.

3 - Como com qualquer outro teste estatístico o tamanho da amostra afecta a magnitude do X^2 (o seu tamanho é proporcional ao tamanho da amostra); isto quer dizer que se pode sempre obter uma relação significativa desde que se alargue suficientemente a amostra de base, sendo o inverso também verdade. O problema que então se põe é o de distinguir entre significância estatística (statistical significance) e significância substantiva (substantive significance).

É possível uma relação ser estatisticamente significativa, e no entanto ser bastante fraca. Isto porque a significância estatística deriva da combinação de dois factores diferentes: a força da relação e o tamanho da amostra. Consequentemente não podemos utilizar o valor do Qui-Quadrado, ou o seu nível associado de probabilidade, como medida de força de uma relação. Segundo Shennan o teste indicado para medir a força de uma relação numa tabela em que o número de colunas e filas é superior a 2×2 é o V^2 de Cramer ⁽¹²⁾. Se o resultado der $V^2 = 1$, a relação entre as duas variáveis é perfeita; se $V^2 = 0$, não existe relação entre as duas variáveis consideradas.

O resultado deste teste para o par de relações da alínea c) foi o seguinte:

$$c) V^2 = 0,2$$

A relação dada como existente pelo teste do Qui-Quadrado, [o par c) forma \desengordurante], segundo os resultados do V^2 de Cramer, é estatisticamente muito fraca. *Deste modo a hipótese proposta no início quanto à possível existência de uma hierarquia de qualidade no material cerâmico em questão, não encontra suporte estatístico de revelância.* No entanto é conveniente ter sempre presente todas as limitações da amostra disponível e dos testes utilizados, amplamente referenciadas ao longo deste texto.

6 - A INSERÇÃO DO MATERIAL ESTUDADO NUMA REALIDADE MAIS VASTA: POSSÍVEIS ANALOGIAS

O mapa da fig. 9 mostra a distribuição das estações que registam a presença da cerâmica incisa metopada - «tipo Penha» - e das estações que não registam a sua presença, mas que forneceram cerâmica com outras organizações decorativas ⁽¹³⁾. A distribuição espacial destes dois «mundos» estilísticos que terão sido, grosso modo, contemporâneos, foi já objecto de análise por S. O. Jorge. Assim, segundo esta autora, o âmbito espacial das cerâmicas incisas metopadas parece predominar, preferencialmente, na zona litoral atlântica, registando no entanto, um importante núcleo na bacia do rio Ave, e um outro em Trás-os-Montes na zona do Alto-Tâmega ⁽¹⁴⁾. Quanto ao outro mundo estilístico - sem cerâmicas incisas metopadas - distribui-se pelo Norte de Portugal em geral, não sendo possível, até à data, distinguir áreas preferenciais.

As estações que forneceram cerâmicas «tipo Penha» apresentadas no mapa somam um total de 29, distribuindo-se estas por locais de habitat e locais de enterramento. Infelizmente a maioria destes materiais foi recolhido de uma forma aleatória, e não no decorrer de escavações levadas a cabo com uma metodologia científica. Deste modo encontram-se desprovidos de toda a informação essencial que o conhecimento do seu contexto arqueológico seria passível de fornecer. Consequentemente, para a delineação de possíveis analogias, que permitissem a construção de uma cronologia relativa, só é possível utilizar como referência as estações que foram alvo de um estudo metodologicamente válido. O ponto base a ser utilizado para o estabelecimento de analogias será o trabalho levado a cabo por S. O. Jorge na área de Chaves, devido, por um lado, ao carácter sistemático do mesmo, e por outro, à unidade espacial das estações analisadas.

⁽¹¹⁾ SHENNAN, S. (1988) *ibidem* Pp 74.

⁽¹²⁾ Para explicação completa do teste ver SHENNAN, S. (1988) *ibidem* Pp 78/80.

⁽¹³⁾ Para uma listagem completa das estações consultar JORGE, S. O. (1986) *ibidem* vol. II Est. CCVIII.

⁽¹⁴⁾ Idem (1986) *ibidem* vol. IB Pp 822-23

O âmbito cronológico do «mundo» estilístico das cerâmicas «tipo Penha» parece percorrer um período que se iniciaria em meados do III até inícios do II mil a. C. Outro «mundo» estilístico englobaria um período desde os inícios do III até meados do II mil a. C.

As organizações e motivos deste «mundo» sem cerâmicas incisas metopadas, - principalmente as organizações II, III e VI - de S. O. Jorge revelam segundo autora ⁽¹⁵⁾ um «fundo» (origem?) neolítico (provavelmente do Sudoeste Peninsular). Este «fundo» teria sido veículado através do vale do Douro, e evoluído regionalmente ao longo do III mil a. C. ⁽¹⁶⁾.

Quanto ao «mundo» estilístico das cerâmicas incisas metopadas, e dentro do qual se insere o material aqui estudado, parece ter tido origem na segunda metade do III mil a. C. (última ocupação da Vinha da Soutilha) ⁽¹⁷⁾. Segundo S. O. Jorge, «Este padrão estilístico apresenta um forte carácter regional, embora articule técnicas e motivos presentes em contextos calcólíticos meridionais, particularmente desenvolvidos na Estremadura portuguesa». ⁽¹⁸⁾. Esta reformulação local de princípios estilísticos meridionais, revela-se, por um lado, numa grande percentagem de cerâmicas decoradas, e por outro, por uma certa capacidade inventiva que resulta numa grande variabilidade de motivos e organizações decorativas, isto em relação ao mundo calcólítico da Estremadura portuguesa.

Comparando as formas cerâmicas existentes na zona de Chaves-Vila Pouca de Aguiar com aquelas obtidas neste trabalho, verifica-se que há uma correspondência bastante acentuada entre as que registam uma frequência maior em ambas as áreas (formas globulares e hemisféricas). À parte certas formas específicas, como as campaniformes, que não existem no espólio recolhido no Monte da Penha, as restantes encontram-se, genericamente, em ambas as áreas.

A existência de formas carenadas no espólio do Monte de Penha poderia apontar para um período que rondaria os finais do III, inícios do II mil a. C., de acordo com a panorâmica geral reconhecida na área de Vila Pouca de Aguiar ⁽¹⁹⁾.

É de notar a existência na estação de Penha de formas que não foram registadas na zona de Chaves - Vila Pouca de Aguiar: as formas 8, 9, 10 e 12.

Quanto às organizações decorativas, a existência de um possível «oculado» apontaria, de acordo com a investigação levada a cabo na área de Chaves (S. Lourenço), para um momento situado em torno dos finais do III mil a. C.

Ainda no âmbito das organizações decorativas, a existência no material proveniente da Penha, das organizações 7, 10 e 11 (deste trabalho), indicaria um período situado entre os finais do III mil e inícios do II mil a. C., i. é., na terceira fase estilística considerada por S. O. Jorge ⁽²⁰⁾.

É ainda de salientar a fraca presença de cerâmicas penteadas no Monte da Penha, parecendo haver uma total ausência da decoração V de S. O. Jorge. Uma outra ausência de relevo parece ser a das organizações decorativas que S. O. Jorge supõe reflectirem um fundo cultural de tradição Neolítica. São as decorações de triângulos incisos e preenchidos a pontilhado, e as linhas de pontos sob o bordo, simples ou com «grinaldas». As últimas encontram-se totalmente ausentes do material aqui analisado, enquanto os motivos em triângulos têm uma presença diminuta e são sempre preenchidos a incisões.

Em conclusão, e pelo que é possível comparar com as estações escavadas recentemente, poder-se-á afirmar que a *estação do Monte da Penha terá tido uma ocupação calcólítica compreendida, genericamente, entre os meados do III e os inícios do II mil a. C.* O espólio desta estação apresenta, no entanto, certas particularidades (ausência de certas organizações decorativas e presença de formas inéditas) que podem reflectir um certo regionalismo a nível da cultura material (traço esse também identificado por S. O. Jorge na área por si estudada). No entanto, estas particularidades podem também resultar do processo de recolha das cerâmicas aqui estudadas, processo esse já amplamente referenciado neste trabalho.

Tendo em conta a análise tipológica do material proveniente do Monte da Penha, e dentro do que já foi dito, no início deste ponto 6, quanto à distribuição espacial do «mundo» estilístico das cerâmicas incisas metopadas, parece que esta estação arque-

⁽¹⁵⁾ Idem (1986) *ibidem* vol. IA Pp 785.

⁽¹⁶⁾ Idem (1986) *ibidem* vol. IB Pp 919-20.

⁽¹⁷⁾ Idem (1986) *ibidem* vol. IA Pp 280.

⁽¹⁸⁾ Idem (1986) *ibidem* vol. IA Pp 281.

⁽¹⁹⁾ Idem (1986) *ibidem* vol. IA Pp 623 e Pp 786.

⁽²⁰⁾ Idem (1986) *ibidem* vol. IA Pp 779.

lógica poderia ter tido mais afinidades, a nível da cultura material, com as estações de localização mais litoral do que com as estações do vale do Alto-Tâmega. Assim o espólio proveniente da estação da Gandra, Esposende, publicado por Armindo de Sousa ⁽²¹⁾ revela uma certa semelhança com o material da Penha quer no carácter «barroco» das organizações decorativas metopadas, quer na profundidade das incisões, quer mesmo pela ausência das organizações decorativas que poderiam denotar um «fundo» neolítico possivelmente originário do Sudoeste Peninsular. Parece, no entanto, não se verificar nesta estação qualquer tipo de organização decorativa baseada num princípio aditivo de faixas horizontais, nem a presença de formas carenadas. No entanto, no que respeita a formas cerâmicas, esta estação da Gandra apresenta casos semelhantes à forma 12 deste trabalho, que fazem lembrar os «copos» do Calcolítico da Estremadura portuguesa ⁽²²⁾.

Embora o material sobre o qual este trabalho se debruçou se encontre desprovido de informação essencial para uma compreensão mais correcta e aprofundada do mesmo, este parece, no entanto, constituir um conjunto culturalmente homogéneo, o qual se poderia *inserir num período relativamente lato entre os meados do III e os incios do II mil a. C.* As ausências e presenças de certos traços tipológicos podem ser fruto de uma possível realidade constituída por diferentes áreas estilísticas, adentro do fenómeno geral das cerâmicas incisivas metopadas, ou poderão ser resultado de uma variação cronológica impossível de percebermos mercê o processo de recolha do material estudado.

Só será possível avançar no estudo e caracterização da comunidade pré-histórica que ocupou, em determinada época, o Monte da Penha saindo do âmbito que caracterizou este trabalho ⁽²³⁾. Deste modo, só um trabalho de escavações arqueológicas, inseridos num projecto de estudo global do povoamento da área em causa, durante a época pré-histórica, poderá dar continuidade a este esforço de análise ⁽²⁴⁾.

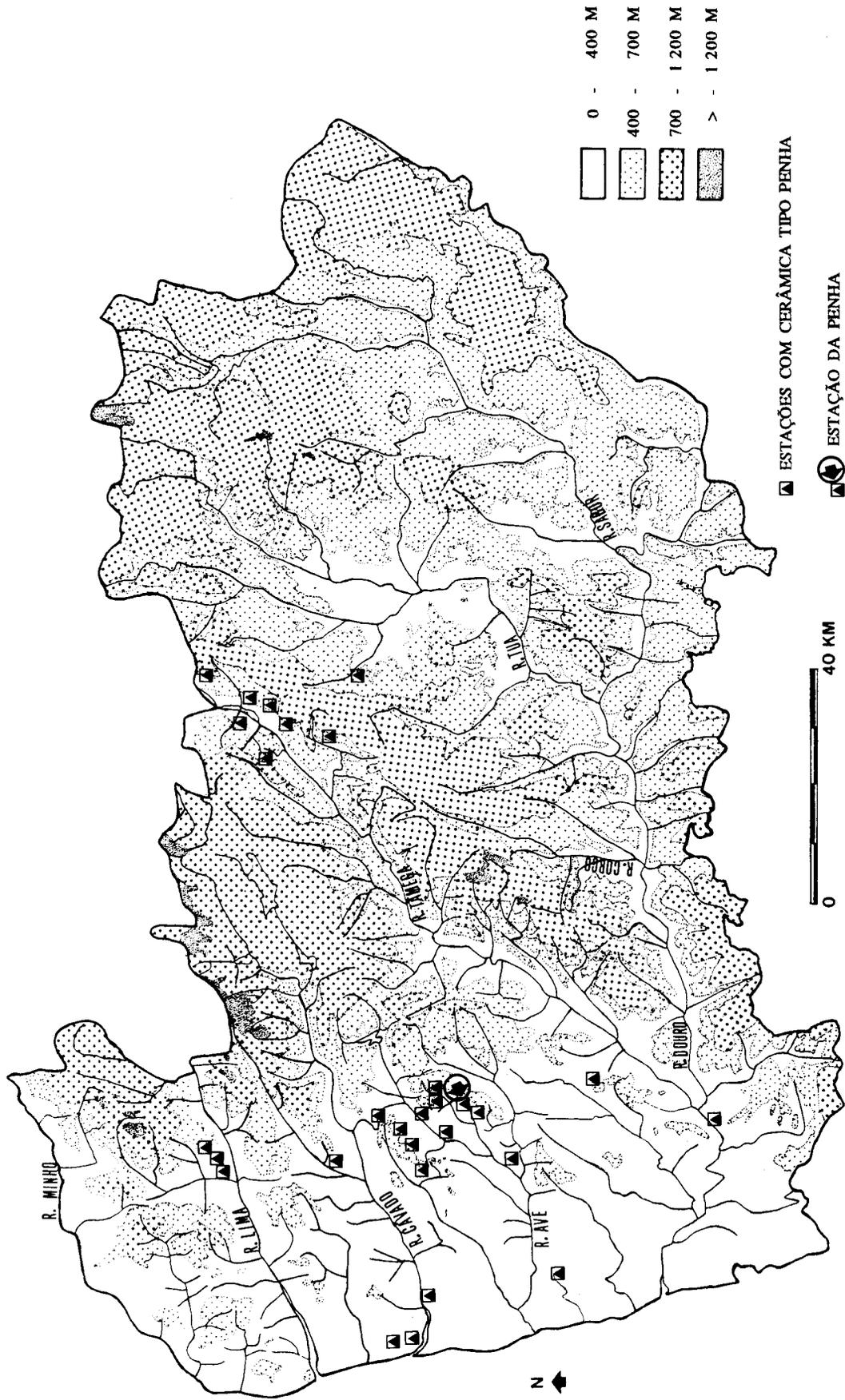
⁽²¹⁾ SOUSA, A. de (1982) A cerâmica de Gandra, Esposende, *Portugalia*, Nova Série, Vol. II/III, FLUP, 1981/1982.

⁽²²⁾ Ainda dentro deste tipo de vasos cerâmicos se poderá incluir o chamado «vaso de Rendufe» (Guimarães), que também se encontra exposto no museu da Sociedade Martins Sarmento.

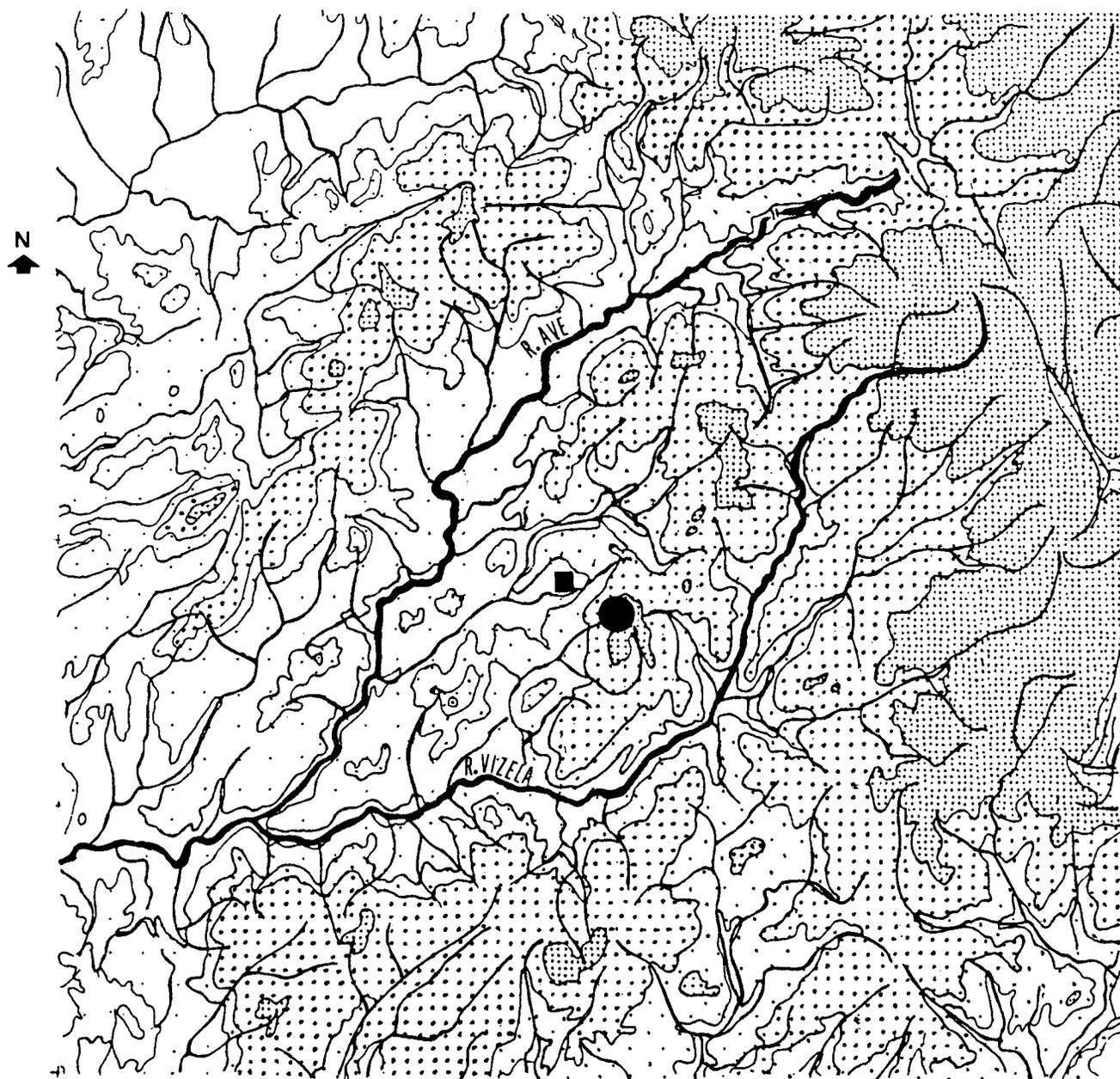
⁽²³⁾ De referir o facto de que o Monte da Penha terá registado momentos de ocupação posteriores ao reflectido pelo material aqui analisado, como a tipologia de certos materiais (cerâmicos e metálicos) existentes no Museu da Sociedade Martins Sarmento deixa supôr. Uma análise de C14, efectuada sobre a madeira incarbonizada do cabo de uma ponta de lança em bronze (também sem contexto arqueológico preciso), forneceu a data de 930 a. C. (2 800 ± 65 BP), confirmando assim uma ocupação da referida estação no período do Bronze Final (A data encontra-se publicada em: CARDOZO, M. de Sá (1971) A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. 1 Coimbra, publicação do Ministério de Educação Nacional).

⁽²⁴⁾ Queremos aqui expressar o nosso agradecimento a Susana O. Jorge pela sua orientação e incansável disponibilidade às quais este trabalho deve a sua existência, bem como a Maria de Jesus Sanches pelos seus úteis comentários ao texto e conteúdo deste trabalho. Gostamos ainda de agradecer a G. M. Santos, M. M. Santos e P. M. Santos pela sua ajuda e paciência no tratamento informático e estatístico do material. Finalmente gostaríamos de agradecer à Sociedade Martins Sarmento pela autorização e facilidades concedidas para o estudo, desenho e registo fotográfico das peças cerâmicas, agradecimento feito de uma forma particular ao sr. Guimarães e ao Sr. Presidente da Sociedade, o Dr. F. A. de Araújo Príncipe.

Fig. 1



Apertado de S. O. Jorge, 1986



ESCALA: 1/100 000

● PENHA ■ GUIMARÃES

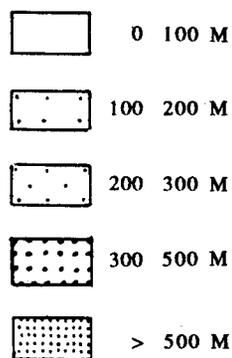
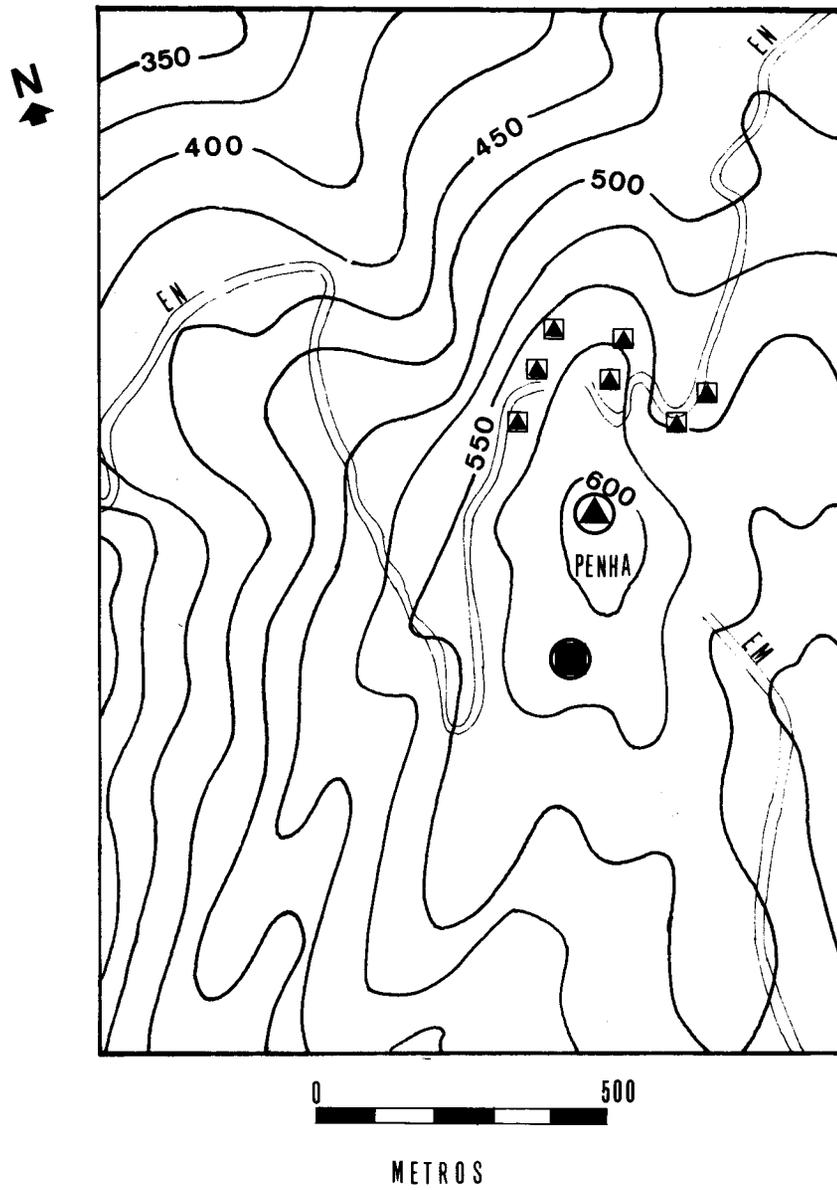


Fig. 3



-  MONUMENTO A PIO IX
-  CAPELA DE STA. CATARINA
-  OUTROS EDIFÍCIOS

Mapa da urbanização do Monte da Penha.
(Adaptado de Mário Cardoso 1971 Actas do II Colóquio de Arqueologia)

Quadro das Organizações Decorativas

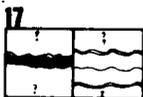
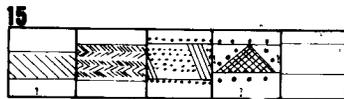
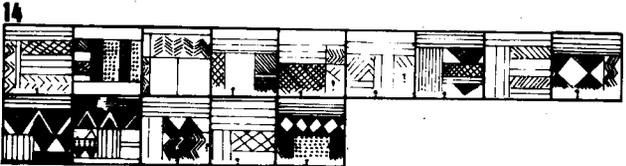
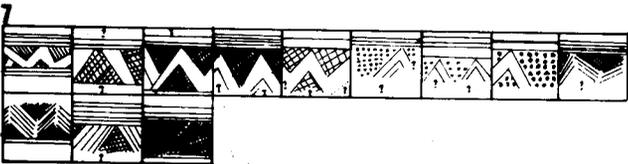
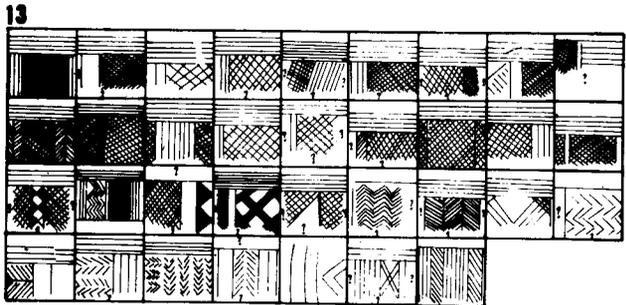
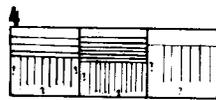
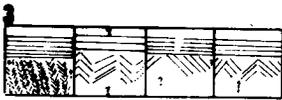
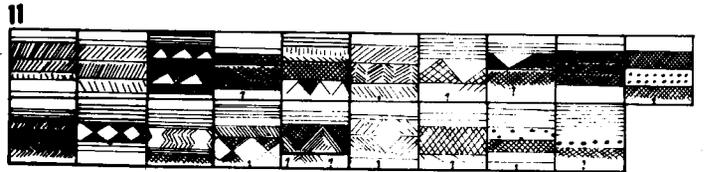
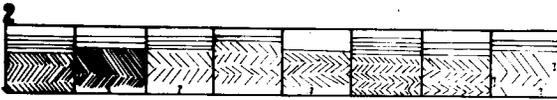
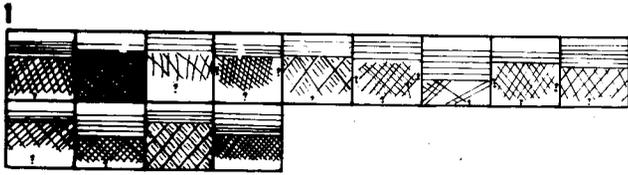
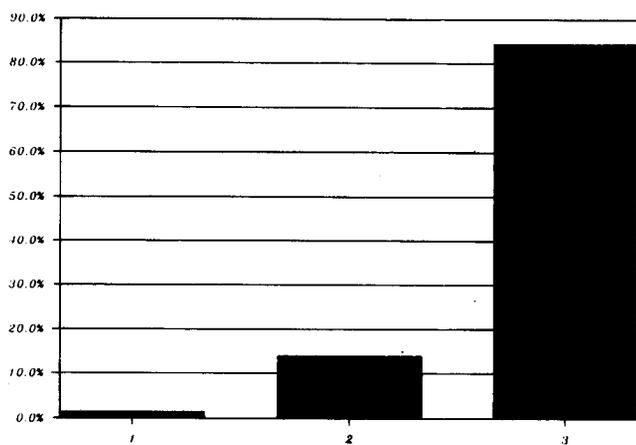


Fig. 5

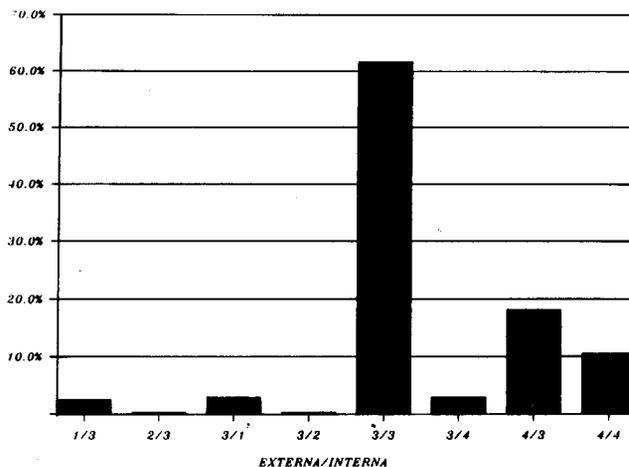
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	

GRÁFICO DE DESENGORDURANTES



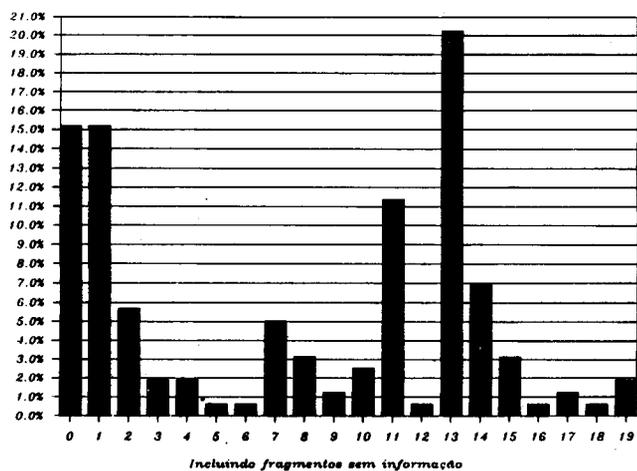
1.

GRÁFICO DE SUPERFÍCIES



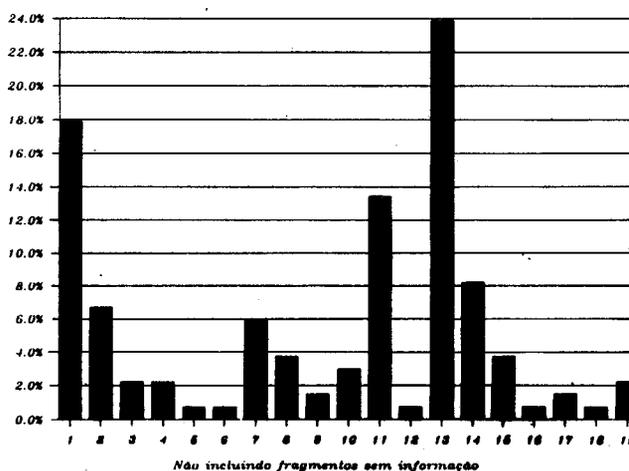
2.

GRÁFICO DE ORGANIZAÇÕES DECORATIVAS



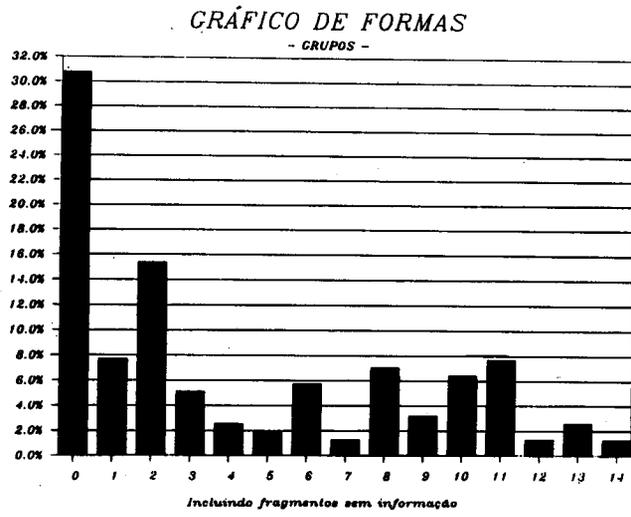
3.

GRÁFICO DE ORGANIZAÇÕES DECORATIVAS

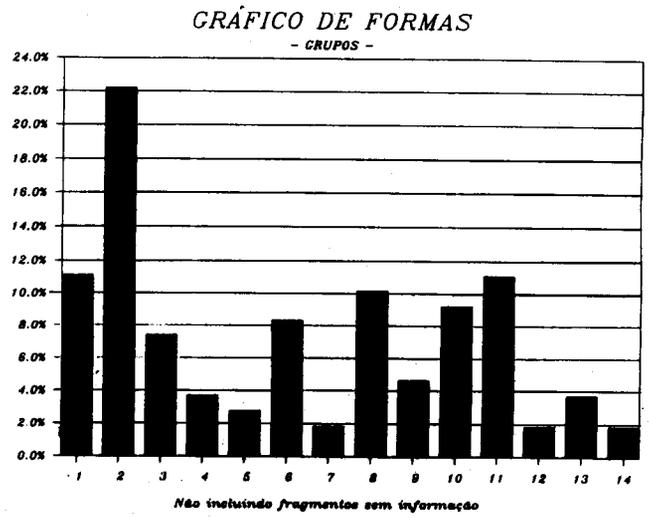


4.

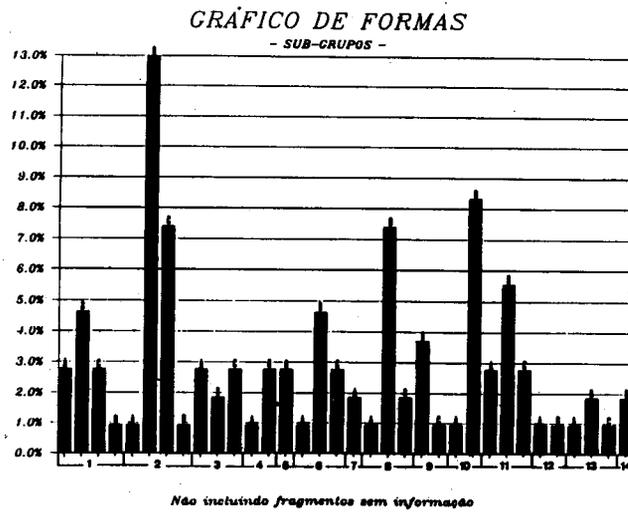
Fig. 7



1.



2.



3.

	FORMA	ORG. DECORATIVA	SUPERFÍCIE	DESEN-GORDURANTE
FORMA	X	●	●	●
ORG. DECORATIVA	X	X	●	●
SUPERFÍCIE	X	X	X	●
DESEN-GORDURANTE	X	X	X	X

Pares de relações para o teste do Qui-quadrado.

4.

Fig. 8

ORGANIZAÇÃO DECORATIVA

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	TOTAL	
1		1		1			4				2	3		1					1	13	
2	3	1					1	1	1	2	2		6	5	1					1	24
3						1	1						2	2							6
4	1								1						1	1					4
5	1												1								2
6	2	2		1							1	1	1								8
7	1																				1
8	1	1						1			1	4	2	1							11
9	1						1				1	2									5
10		1	1			1	1				6										10
11	1	1									1	1	5		1						10
12	1									1											2
13							1				2										3
14																					1
TOTAL	12	7	1	2		2	8	3	2	3	16	1	24	10	5	1				3	100

1.

SUPERFÍCIE

	1/3	2/3	3/1	3/2	3/3	3/4	4/3	4/4	TOTAL
1					11		2		13
2			1	1	14		4	4	24
3					5		2	1	8
4					3		1		4
5					2		1		3
6	1				6			2	9
7					2				2
8			2		7		2		11
9					4			1	5
10					4	2	4		10
11					7		1	3	11
12					2				2
13					2			2	4
14					2				2
TOTAL	0	1	3	1	71	2	17	13	100

2.

DESENGORDURANTE

	1	2	3	TOTAL
1			13	13
2	2	1	21	24
3		3	5	8
4			4	4
5			3	3
6		3	6	9
7	1		1	2
8		1	10	11
9			5	5
10		5	5	10
11		3	8	11
12			2	2
13		1	3	4
14		1	1	2
TOTAL	3	18	87	108

3.

ORGANIZAÇÃO DECORATIVA

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	TOTAL	
1/3	1																				1
2/3												1									1
3/1													1	2							3
3/2		1																			1
3/3	14	4	1	2	1		5	2	1	4	12		17	8	3		1	1	3		79
3/4	1										2										3
4/3	5	3	1			2	1	2			3	1	8	3		1	1				31
4/4	3	1	1	1			2	1	1		1		4								15
TOTAL	24	9	3	3	1	2	8	5	2	4	18	1	31	11	5	1	2	1	3		134

4.

ORGANIZAÇÃO DECORATIVA

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	TOTAL	
1	2																			1	3
2	1	2	1				1	1			7		4	2					1	1	21
3	21	7	2	3	1	2	7	4	2	4	11	1	27	9	5	1	2			1	109
TOTAL	24	9	3	3	1	2	8	5	2	4	18	1	31	11	5	1	2	1	3		134

5.

SUPERFÍCIE

	1/3	2/3	3/1	3/2	3/3	3/4	4/3	4/4	TOTAL
1					4				4
2					25	3	4	5	37
3	7	1	8	1	134	5	34	23	213
TOTAL	7	1	8	1	163	8	38	28	254

6.

Fig. 9

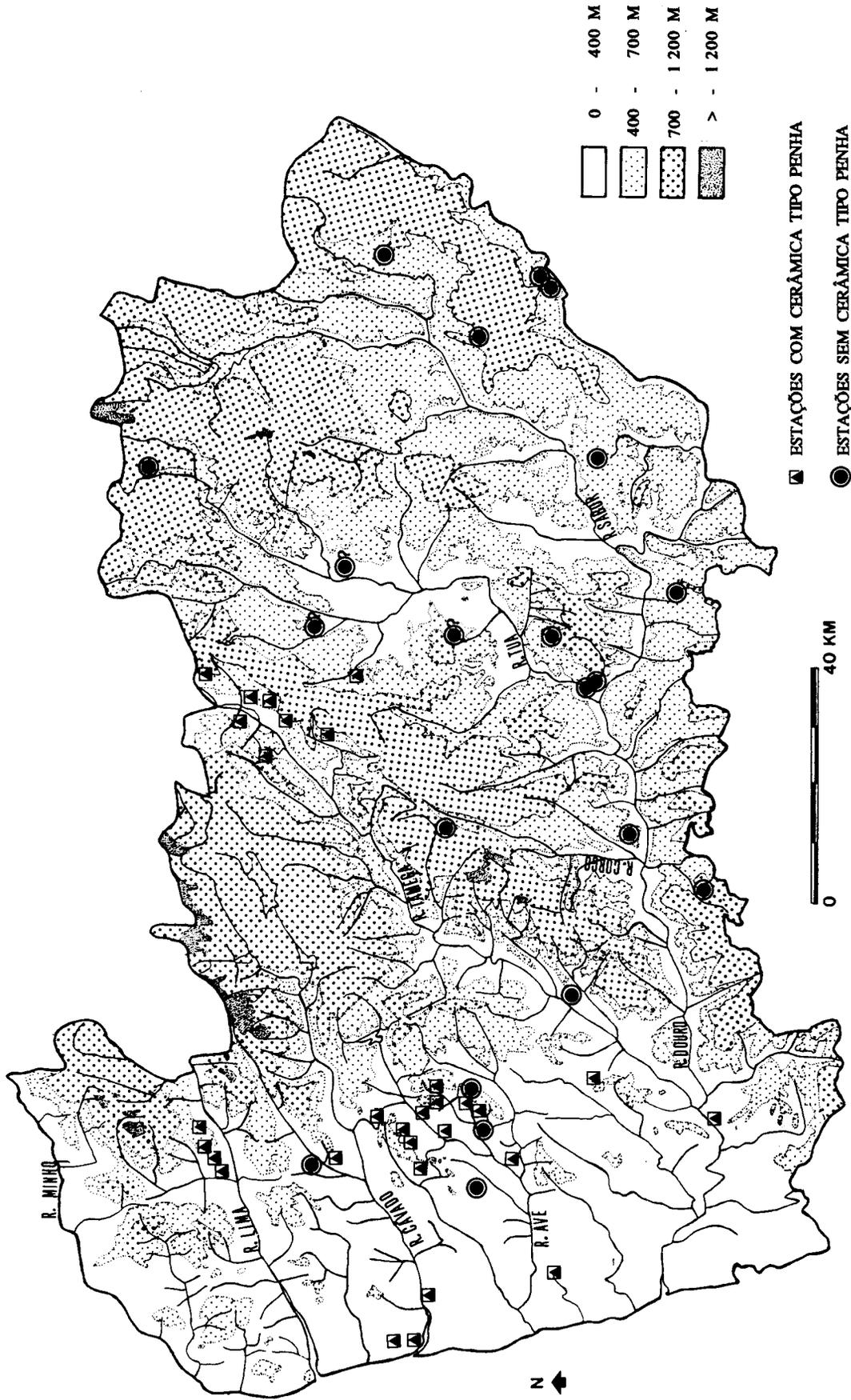


Fig. 10

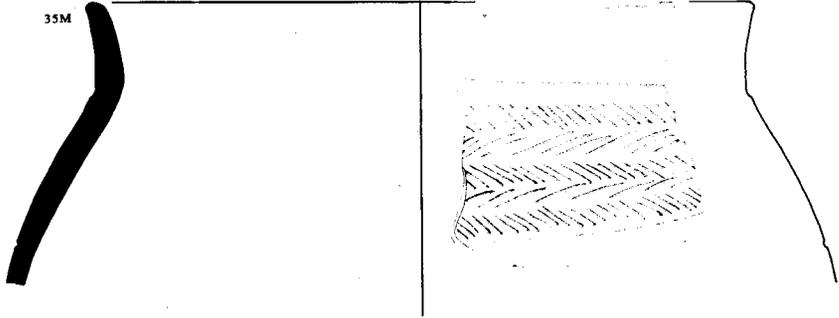
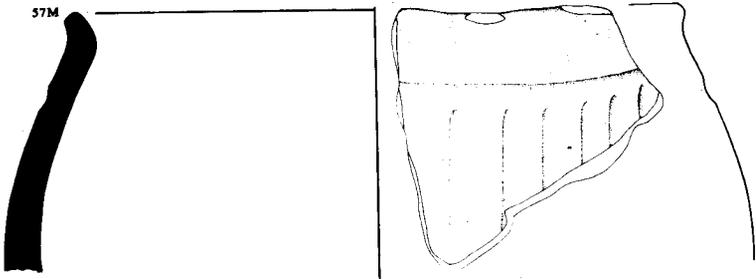
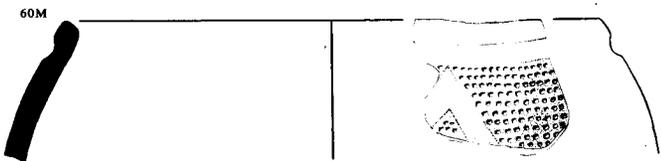
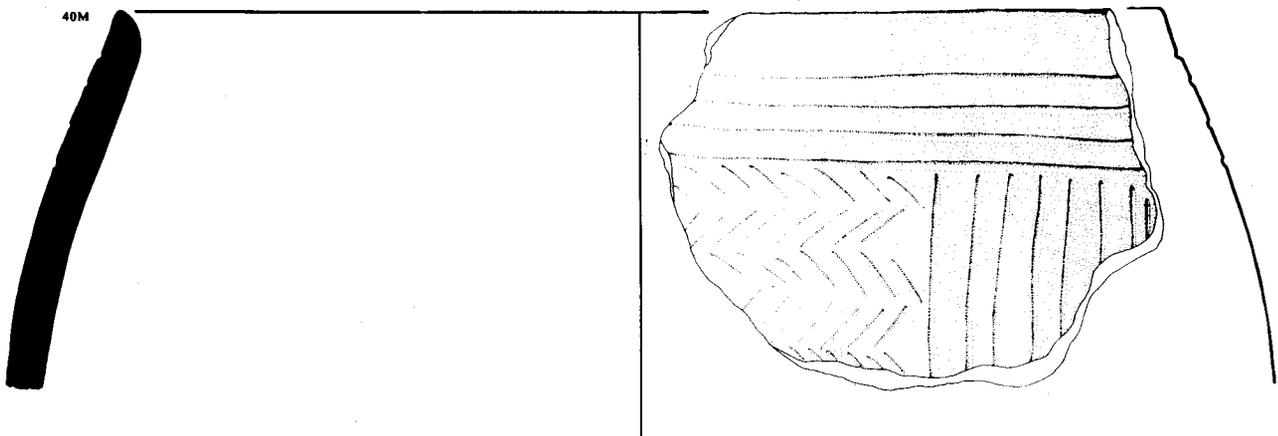
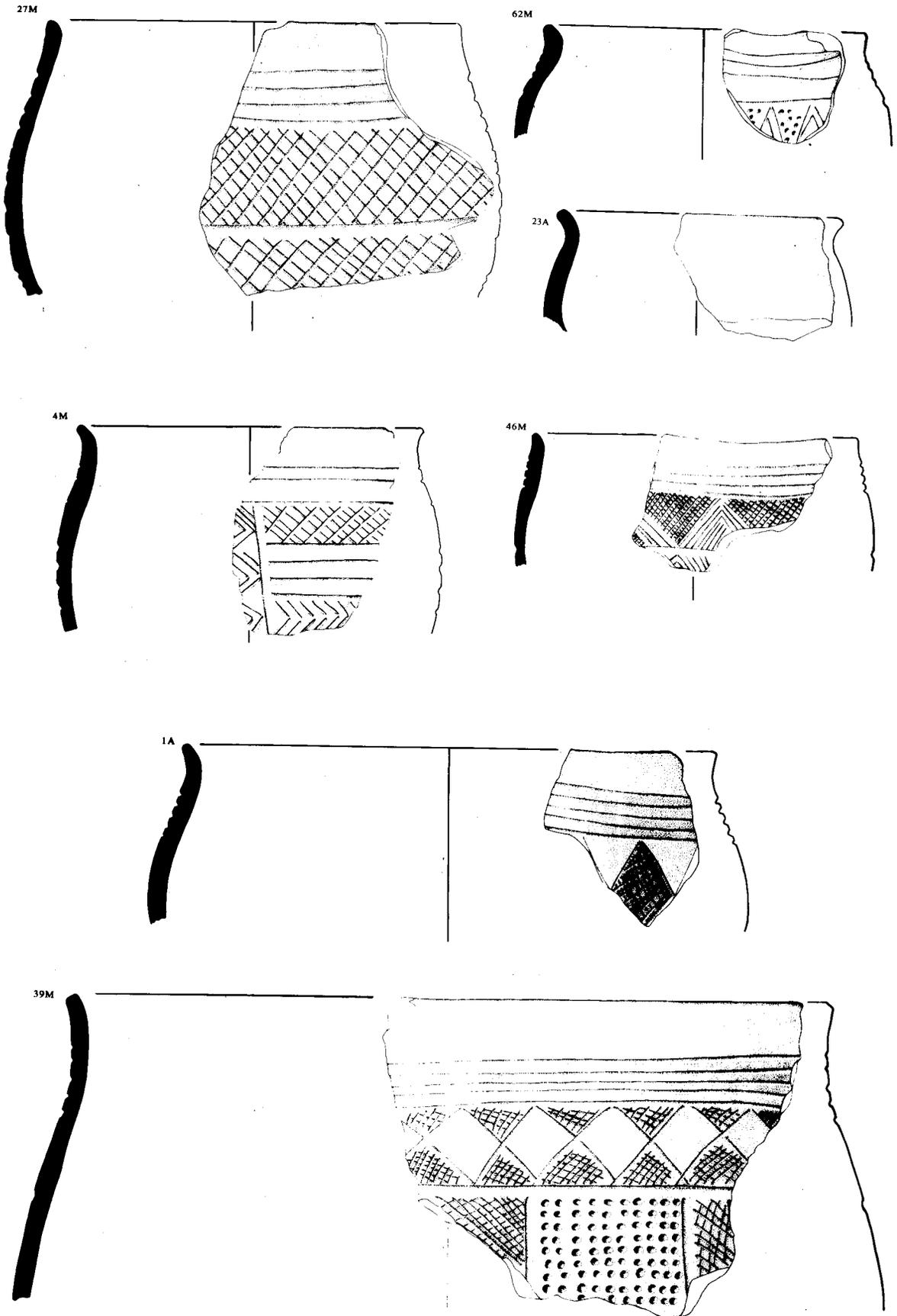


Fig. 11



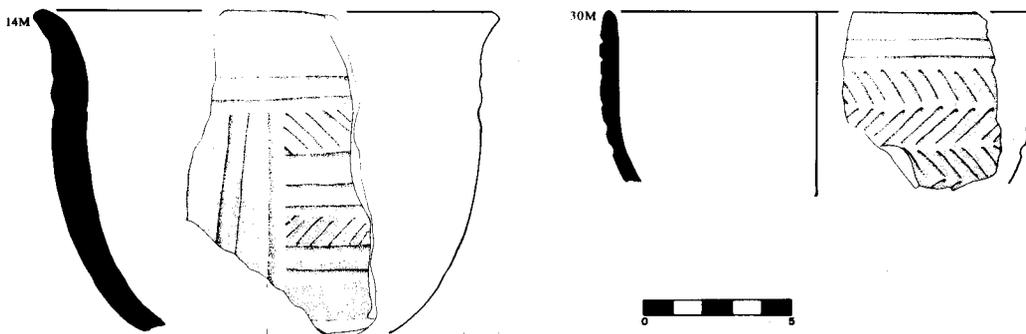
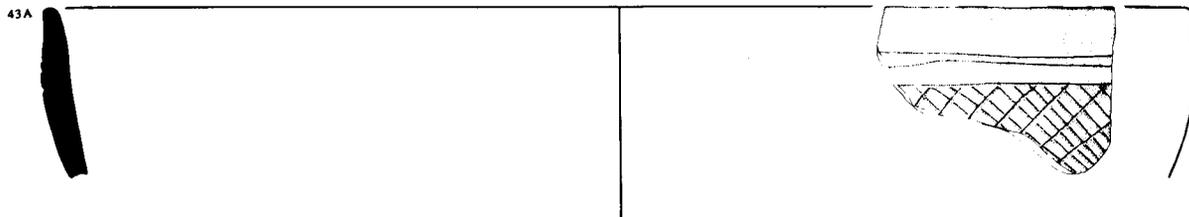
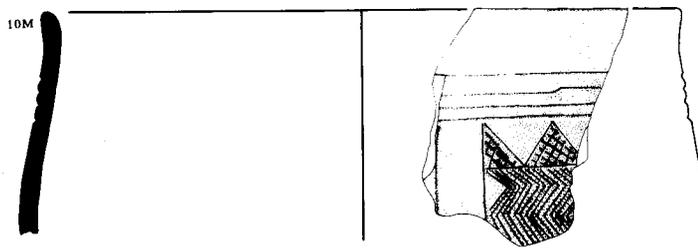
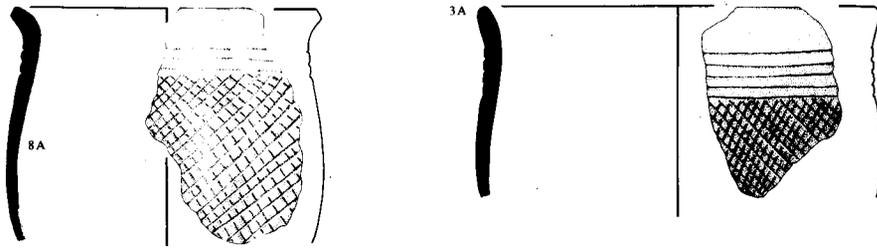
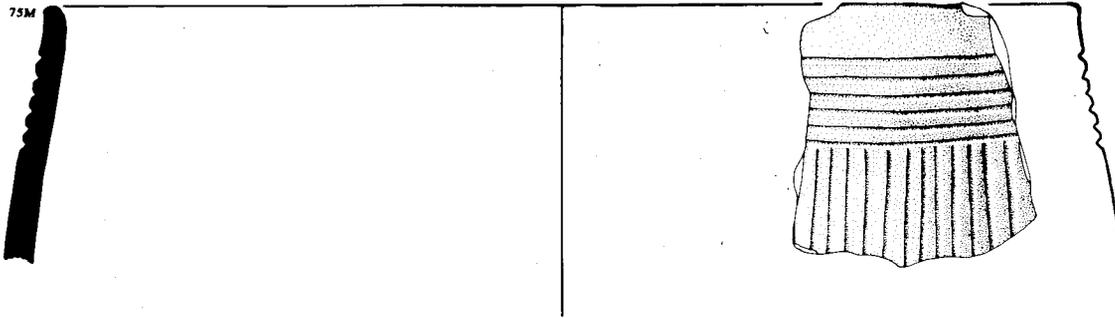
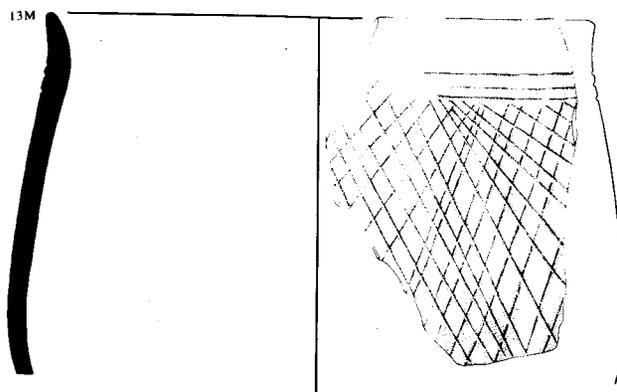
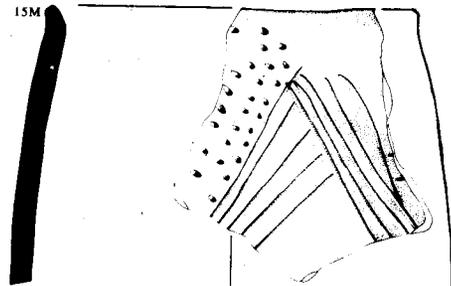
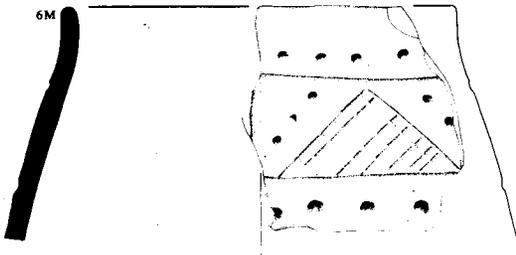
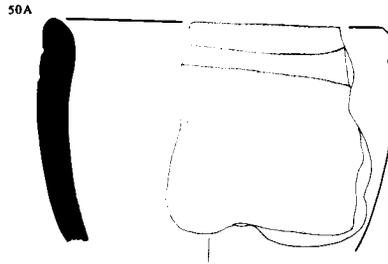
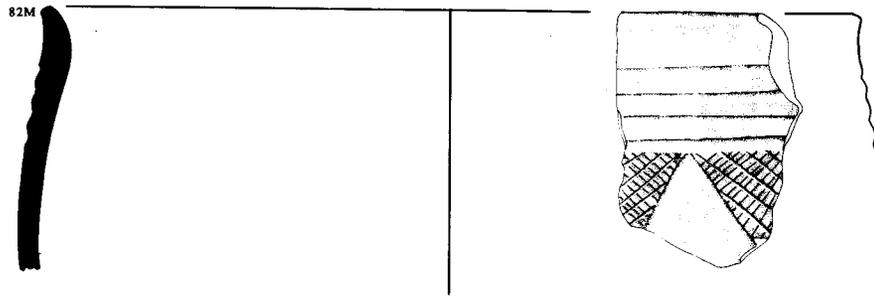


Fig. 13



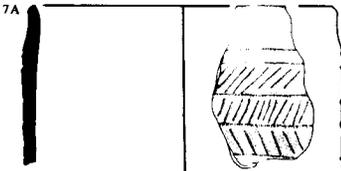
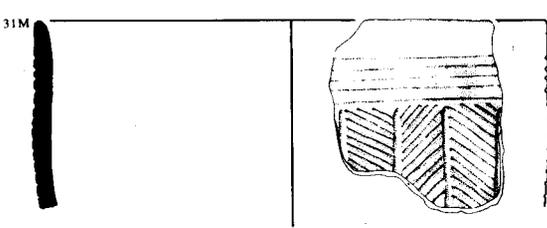
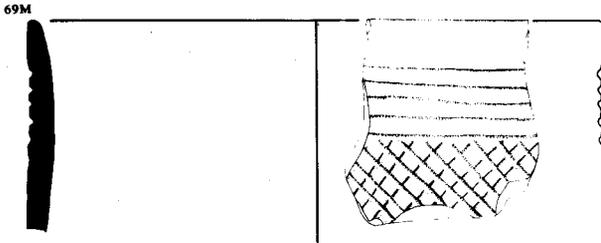
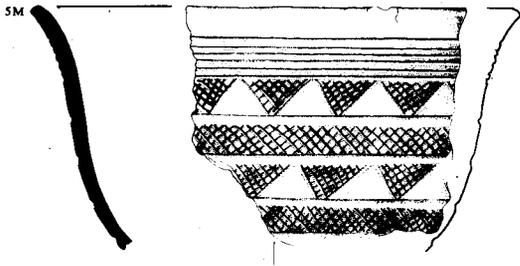
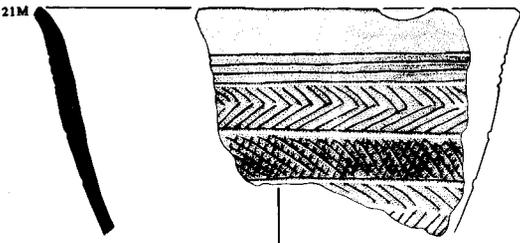
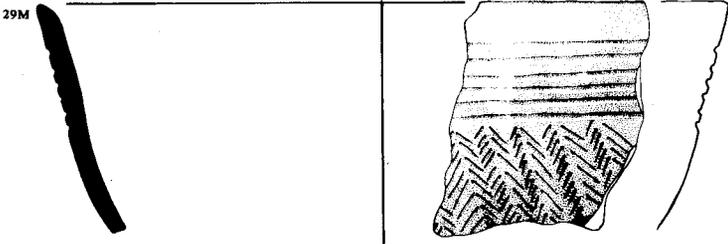
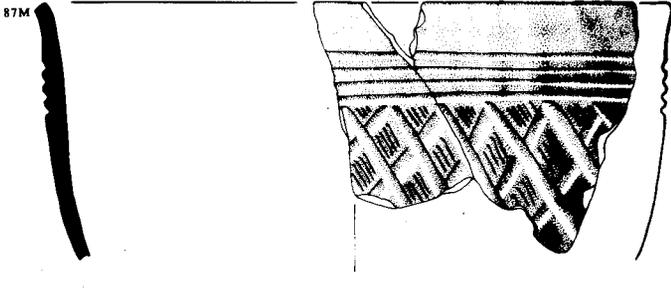
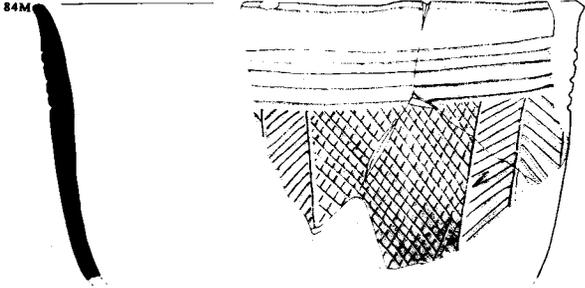
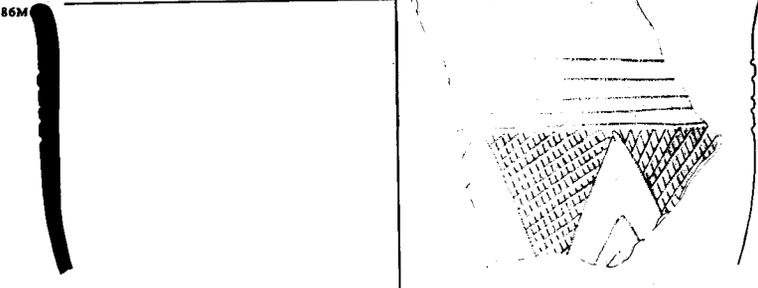
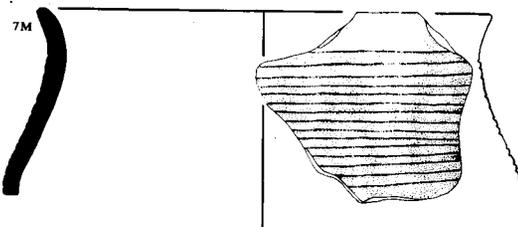
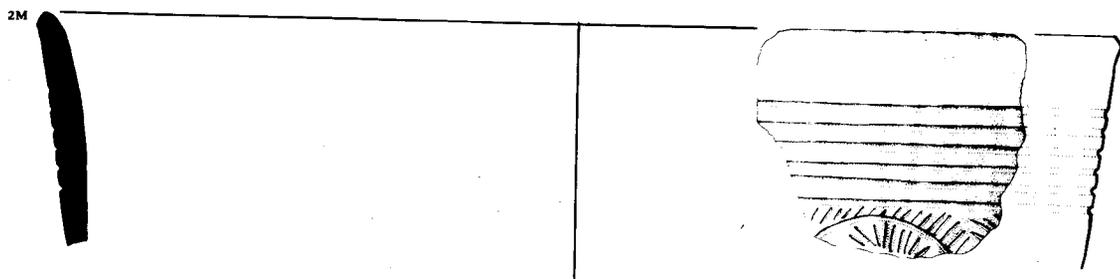
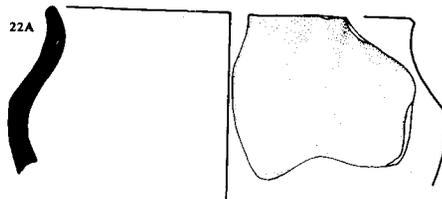
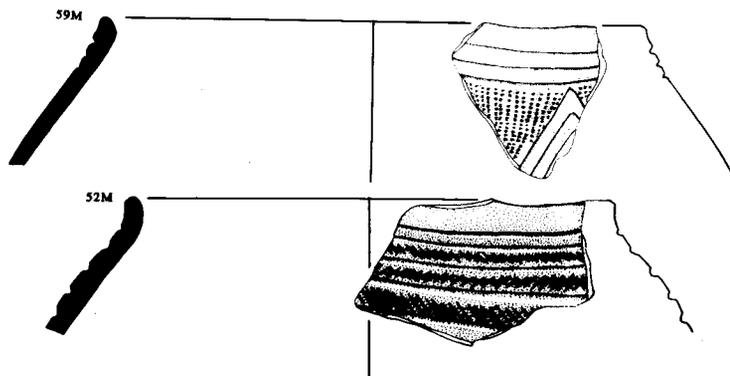
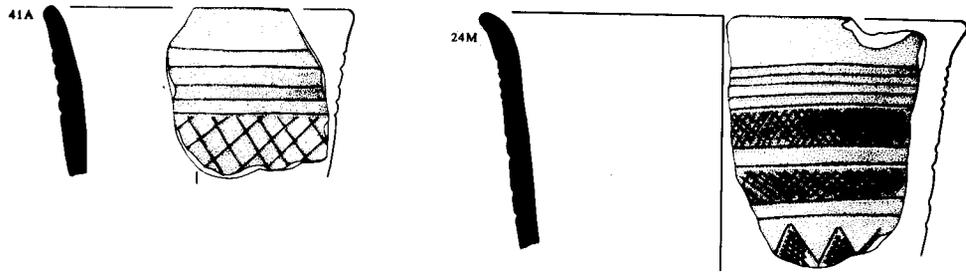
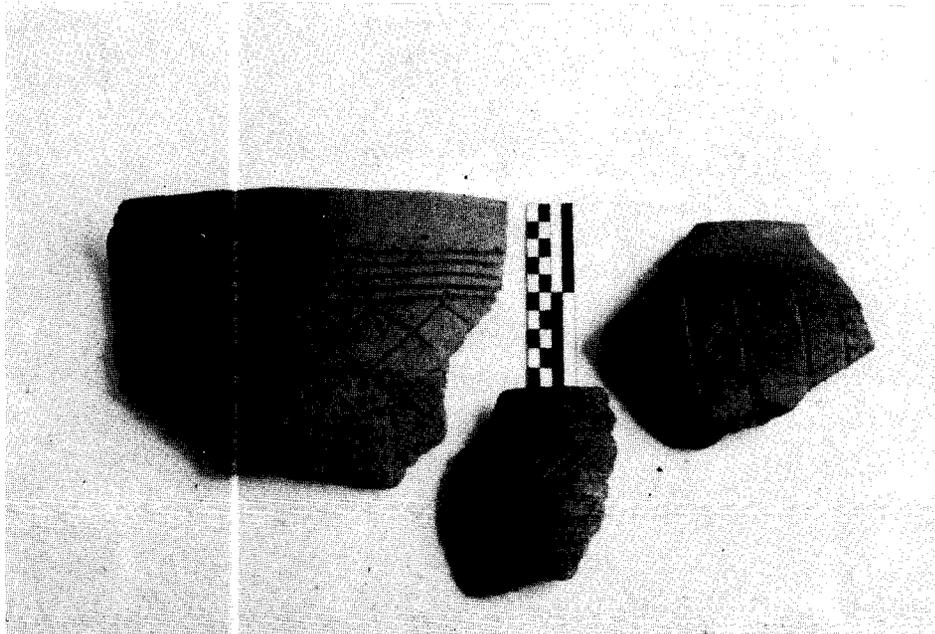
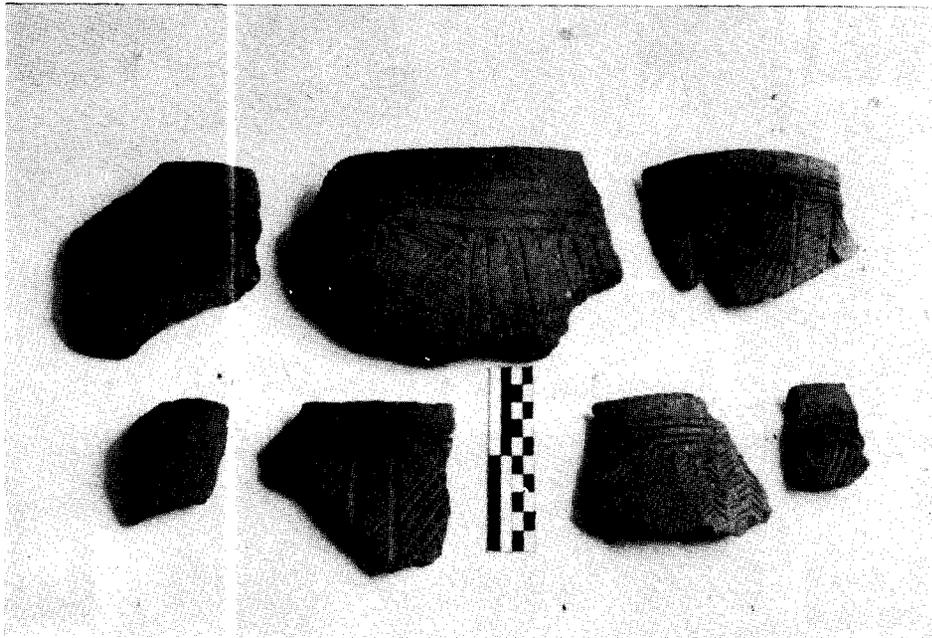
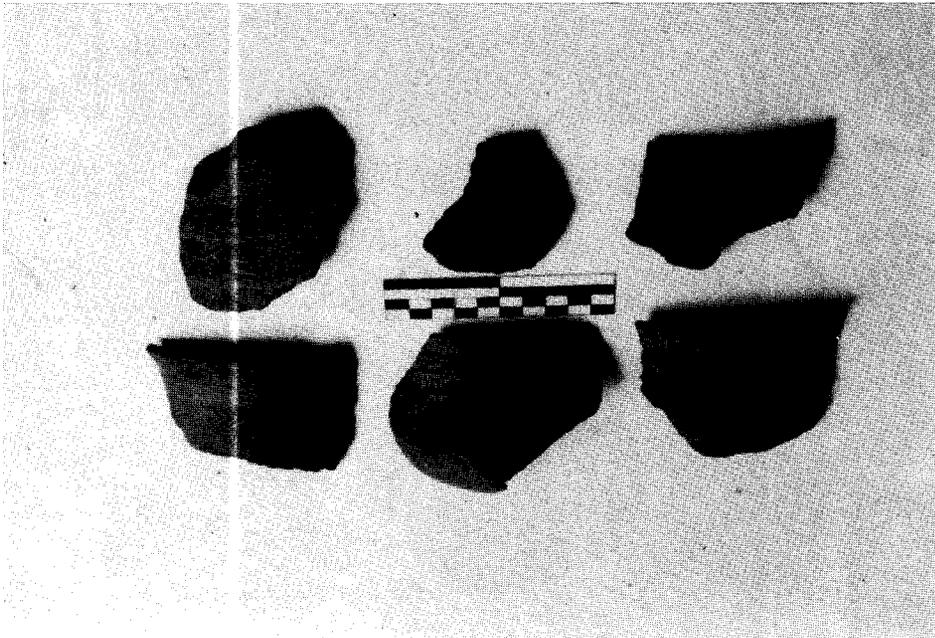
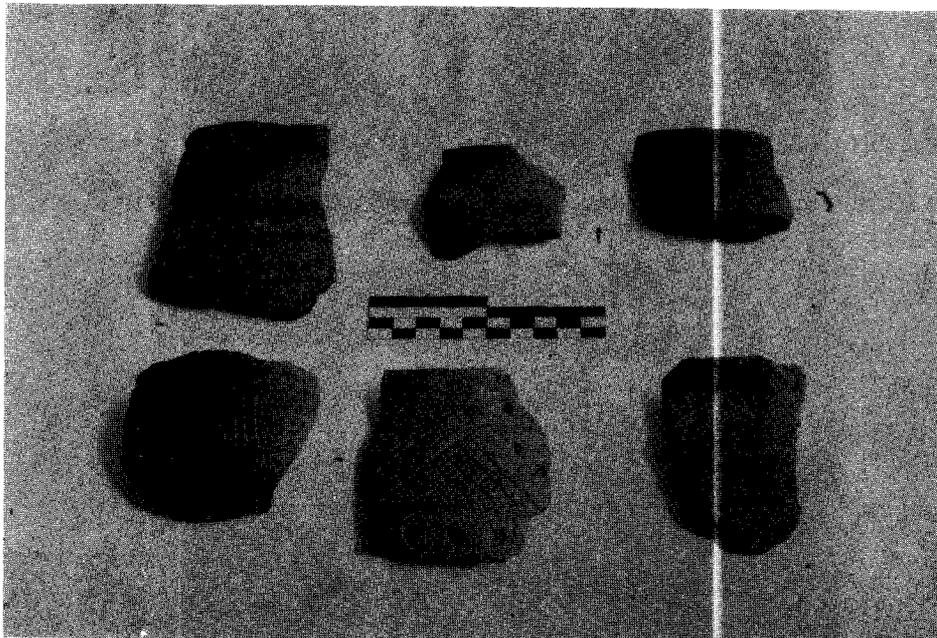
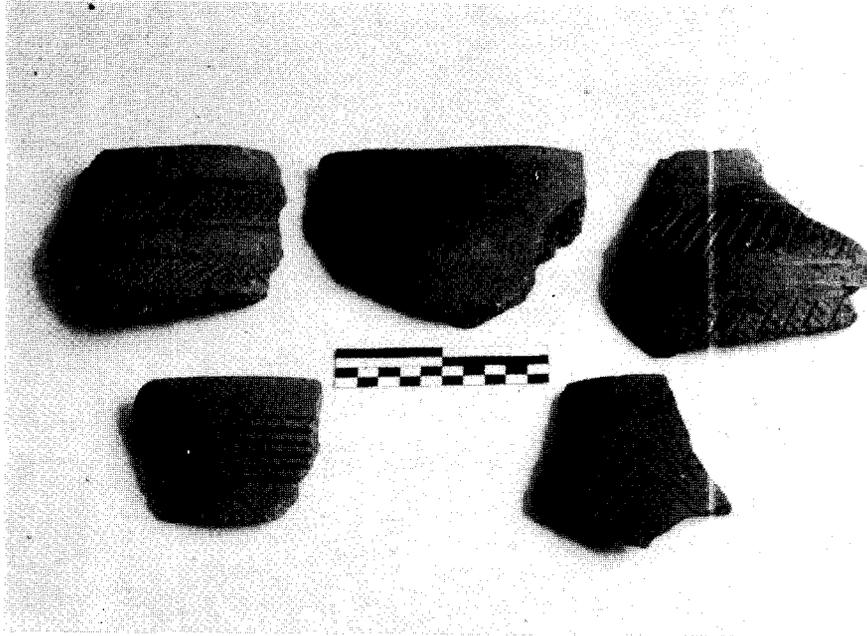
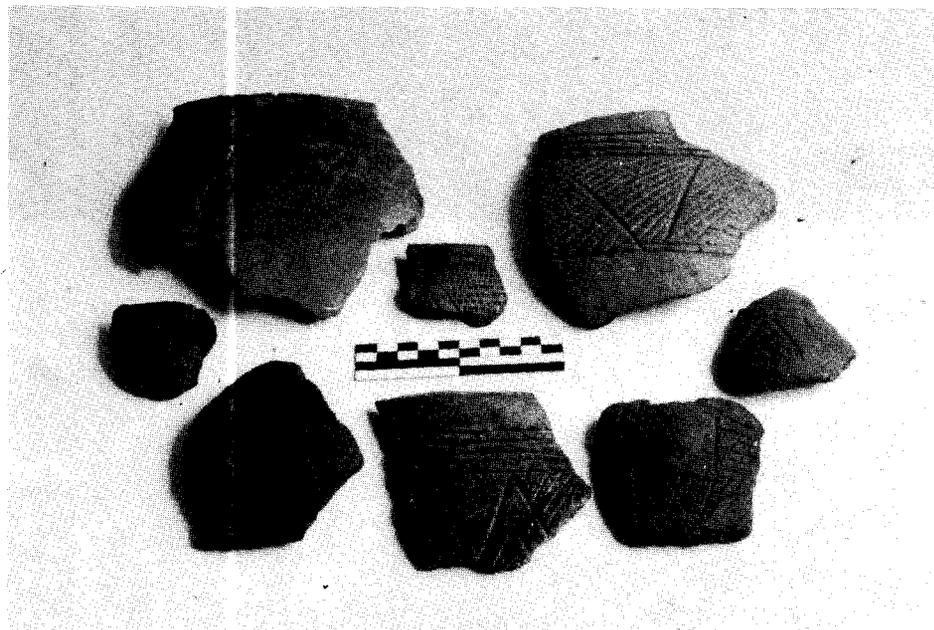
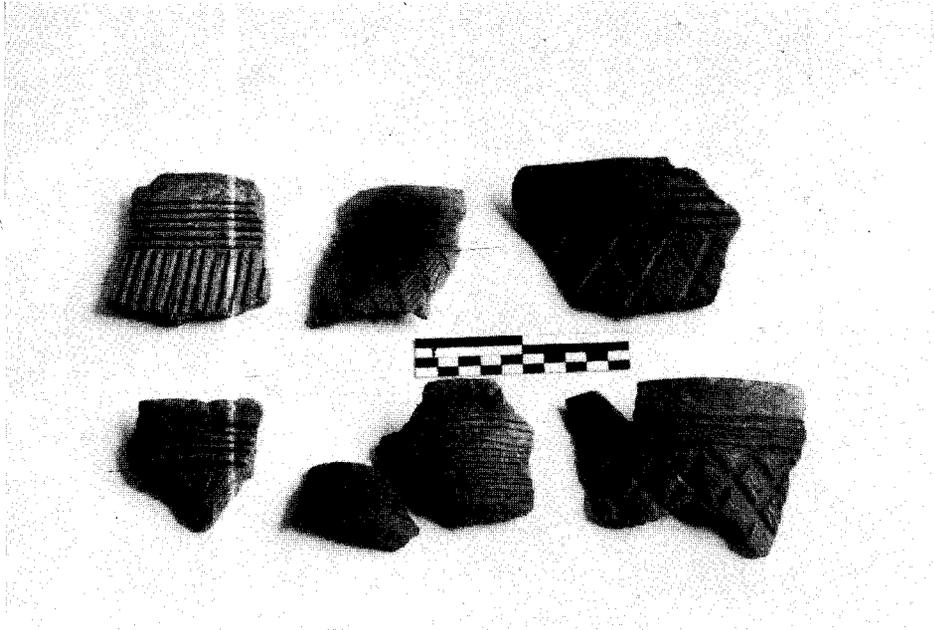


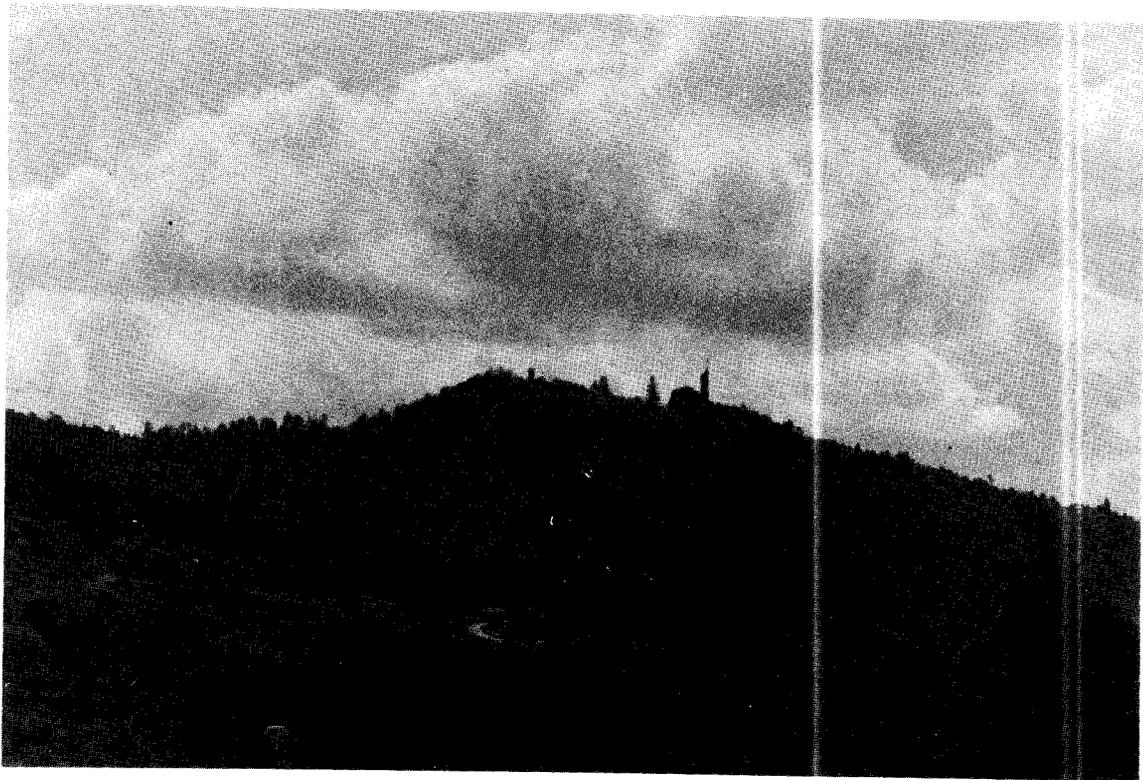
Fig. 15











O Monte da Penha, Guimarães (Lado N/E)

A IV CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES NO CABEÇO DO CRASTO DE S. ROMÃO (SEIA)

ALGUNS RESULTADOS PRELIMINARES*

*Carlos Fabião ***
*Amílcar Guerra ***

1 - INTRODUÇÃO

O povoado fortificado do Cabeço do Crasto acha-se implantado na confluência do rio Alva com a ribeira da Caniça, entre as povoações da Senhora do Desterro (a norte) e a Lapa dos Dinheiros (a sul-sudoeste), na freguesia de S. Romão, concelho de Seia. As coordenadas centrais da sua elevação este são 236.850 / 380.250 Gauss, na folha 212 da CMP na escala 1:25 000 - para outros pormenores sobre as características topográficas do sítio v. SENNA-MARTINEZ / GUERRA / FABIÃO, 1985 e 1986; GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1986 e 1988.

A nossa intervenção no local, iniciada em 1985, efectuou-se no âmbito de um Programa de Investigação (PEABMAM), que visa o estudo das estratégias de povoamento e exploração de recursos na região média e alta da bacia hidrográfica do Mondego, desde o neolítico ao período romano (SENNA-MARTINEZ / GUERRA / FABIÃO, 1986: 1-7). A longa diacronia de ocupação deste povoado, claramente definida no decurso de prospecções de superfície, determinou a sua escolha. Para o local tínhamos projectado, numa primeira fase, um conjunto de seis campanhas de escavações, com as quais esperávamos obter uma caracterização suficiente das diferentes fases da sua ocupação - para mais pormenores sobre estes trabalhos e seus antecedentes v. GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989.

Ao fim de três anos de escavações, possuíamos já um conhecimento suficiente da fase mais antiga de ocupação, enquadrável no Bronze Final, e uma ainda insuficiente caracterização de algumas zonas ocupadas no período romano, particularmente durante o Baixo Império (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989: 197-9), embora uma importante epígrafe nos indicasse que o sítio deveria ter conhecido uma ocupação significativa em épocas menos tardias (GUERRA, 1989). Atendendo a estas circunstâncias, decidimos continuar com maior concentração de recursos e esforços a intervenção voltada para a pesquisa de uma potencial ocupação da "Idade do Ferro" e para as correspondentes às diferentes fases do período romano.

Infelizmente, tal não foi possível. A Câmara Municipal de Seia, única entidade financiadora deste projecto desde a primeira hora, manifestou logo no início do ano a sua incapacidade para fazer face a despesas desta envergadura, particularmente por ser notório o desinteresse das entidades que superintendem à arqueologia em Portugal.

Por esta razão, vimo-nos compelidos a realizar uma curta intervenção de apenas 15 dias, não podendo contar com mais de uma dúzia de colaboradores. A total falta de apoio manifestada pelo SRAZC do IPPC, que os signatários naturalmente lamentam, inviabilizou, na prática, a continuidade dos trabalhos. Assim, em 1989 já não foi possível realizar qualquer intervenção e, de facto, não sabemos quando poderão ser retomadas as investigações.

* Este texto pretende apenas apresentar alguns resultados da 4.ª campanha de escavações efectuada neste sítio arqueológico, bem como algumas reflexões que os mesmos suscitam. Não deve, portanto, ser considerado uma monografia final. Uma versão mais curta foi apresentada ao II Colóquio Arqueológico de Viseu, em Abril de 1990.

** Assistente da FLL. Investigador da UNIARQ (Unidade de Arqueologia). Centro de Arqueologia e História (INIC). Faculdade de Letras, P - 1699 LISBOA CODEX.

2 - OBJECTIVOS DA CAMPANHA

Com estes constrangimentos, estava fora de questão a abertura de uma nova frente de escavação e a continuação dos trabalhos no *Sector M* - a área junto à muralha exterior do povoado, onde identificámos a ocupação tardo-romana (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989:197-9) (v. Fig. 1) - afigurava-se de difícil exequibilidade, visto que, neste *Sector*, existe uma camada de entulhos recentes, normalmente estéril de materiais arqueológicos, e um nível de derrube de construções que chega a atingir 1,80 m de profundidade (*Ibid.*). Optámos, portanto, pela conclusão da escavação do *Sector B*.

Naquele lugar, tínhamos escavado, em 1986, uma muralha cuja construção datava do período romano, conservada apenas ao nível dos alicerces, e vestígios de um habitat do Bronze Final (*Ibid.*: 193-5). Se a nossa leitura destas realidades resulta correcta - o que julgamos ser evidente - tinha a intervenção incidido exclusivamente na zona extra-muros do habitat do período romano, pelo que a área a este da muralha nos oferecia a possibilidade de recuperar eventuais níveis de ocupação contemporâneos da sua construção/utilização, sendo de prever, por isso, que ali poderíamos, pela primeira vez neste sítio arqueológico, identificar uma situação de efectiva sobreposição de dois (ou mais) níveis de habitat - visto ser esperada a identificação do prolongamento do habitat do Bronze Final - e, para além disso, poderíamos encontrar qualquer elemento que permitisse datar a construção da fortificação, seguramente de época romana, mas de cronologia não definida.

Eram estes, pois, os objectivos da pequena campanha de escavações que projectámos, pouco ambiciosos, como se vê, mas fundamentais para a compreensão da dinâmica da ocupação humana do Cabeço do Crasto.

3 - ÁREA DE INTERVENÇÃO

A área escolhida para a campanha de 1988 apresentava uma forma aproximadamente rectangular, sendo definida do lado poente pela muralha [6], já identificada anteriormente, e do lado nascente por um conjunto de afloramentos graníticos que formam como que uma barreira. A norte limitam-na outros núcleos de blocos, deixando apenas uma estreita passagem para a vertente que apresenta uma acentuada inclinação. A sul é definida por um alinhamento que parece ter sido especificamente construído para fechar o espaço onde se veio a realizar a nossa intervenção.

Constituiu-se, deste modo, uma área com 12 m x 5 m cuja extensão maior é perpendicular ao eixo topográfico implantado na primeira campanha (1985) de escavações no sítio (Fig. 1).

A área fornecia, à partida, condições ideais para conservar uma quantidade significativa de informação uma vez que, o facto de ser limitada por todos os lados por barreiras elevadas, permitiria a acumulação e conservação de sedimentos e, portanto, de vestígios das diferentes ocupações que o local teria conhecido.

4 - RESULTADOS

4.1. - Estruturas e estratigrafia (v. Figs. 2, 3 e 4)

Logo após a limpeza da camada superficial [1], era possível distinguir claramente quatro realidades:

1) Um muro largo [6], de orientação aproximada NW-SE, cuja construção atribuímos, na sequência dos trabalhos aí realizados na campanha 2(86), ao período romano. A muralha é definida por grandes blocos de granito, alguns dos quais aparelhados, e preenchida por granitos e grauaques locais de menores dimensões.

2) O derrube desta construção [23], que estudámos apenas internamente, uma vez que já tinha sido investigado do lado exterior na campanha 2(86).

3) Uma camada de terra castanha escura, bastante solta, rica em raízes, correspondente aos depósitos recentes [24].

4) Grandes blocos graníticos [30] que afloram em toda a elevação.

Retirada a camada superficial, geralmente pouco espessa, foi possível verificar que boa parte do espaço da intervenção era ocupado por estes afloramentos, entre os quais teria sido impossível o desenvolvimento, em qualquer época, de uma ocupação continuada. Limitámo-nos, por isso, a escavação à zona circunscrita pelos penedos e a muralha, retomando os trabalhos com a definição do derrube.

Ao procedermos a esta operação, esperávamos encontrar então vestígios da ocupação no período romano, tal como o fazia prever a presença, à superfície, de alguma cerâmica de cobertura (fragmentos de *tegulae* e *imbrices*), claramente deslocados do seu contexto original de deposição. Verificámo-nos, no entanto, que, contrariamente ao esperado, não existiu, nesse ponto, nenhuma construção desse período do lado interior da muralha, embora, em determinado momento, tivesse existido uma do seu lado exterior (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989: 194 e fig. 15).

Imediatamente por baixo do desmoronamento identificámo-nos a continuidade da UE 24, interpretada então como uma camada de depósitos antigos. Era constituída por terras castanhas escuras, pouco compactas, com escasso espólio cerâmico e apresentando algumas manchas esbranquiçadas resultantes dos granitos desagregados que constituíam o enchimento da muralha [6]. Corresponde a um período compreendido entre a sua construção e a fase de abandono do habitat antigo.

Seguia-se um estrato de terras castanhas escuras [25], idênticas às da camada anterior, mas que individualizámo-nos pela abundância dos vestígios cerâmicos correspondentes a uma ocupação do Bronze Final e a que andavam associados diversos fragmentos de mós manuais. Já tínhamos experimentado a extraordinária dificuldade na identificação de pisos de habitat correspondentes à mais antiga fase da ocupação daquele sítio, no decurso da campanha de 1986, razão pela qual optámos pela realização de uma cuidada decapagem em toda a área da intervenção, removendo apenas a componente sedimentar, de modo a conservar em contexto primitivo de deposição todos os vestígios da ocupação humana. Uma das plantas apresentadas (Fig. 2) corresponde precisamente a esta situação, verificando-se a relativa abundância de espólio cerâmico, nalguns casos documentando situações de esmagamento *in situ* de recipientes pertencentes à ocupação do Bronze Final. À apreciável quantidade de fragmentos não corresponde, porém, infelizmente, a possibilidade de recuperar um número muito significativo de formas, devido à exiguidade da área preservada.

Como se pode ver na planta da Fig. 2, a conservação deste estrato [UE 25] foi possível apenas nos pontos em que o derrube da muralha do período romano lhe serviu de protecção, podendo considerar-se que na restante área a identificação dos níveis correspondentes não pode ser feita, dado o revolvimento, para fins agrícolas, das terras que os constituíam. Este facto decorre não tanto da profundidade da lavoura, mas sobretudo da escassa potência dos depósitos acumulados ao longo de vários milénios, ao contrário do que faria supor o carácter "fechado" do espaço escolhido para a intervenção. Tal circunstância poderá explicar-se pela forte erosão a que o sítio está sujeito.

Deste modo, do ponto de vista técnico, deveriam distinguir-se na UE 24 duas realidades: uma cobrindo a UE 25 (o nível de ocupação/abandono do Bronze Final) e uma outra assentando directamente sobre os granitos alterados da base (UE 31). A primeira, conservada sob o derrube da muralha romana (UE 23), a segunda, revolvida pelos trabalhos agrícolas (v. Fig. 4). No entanto, era impossível distinguí-las de facto no decurso da escavação, pelo que qualquer divisão a introduzir resultaria objectivamente arbitrária, decorrendo não de uma observação das suas características físicas, mas apenas de interpretação posteriormente efectuada.

O prosseguimento do processo de decapagem viria a revelar, de um modo mais nítido, aquilo que resultava já com certa clareza da observação deste plano: a área escavada correspondia a dois espaços individualizados de habitação que designámos como Ambientes I e II (v. Fig. 3).

Ambiente I - É definido na sua quase totalidade por um conjunto de blocos de granito que parecem ter sido deslocados intencionalmente [UE 28] que compõem com os afloramentos locais um espaço de forma subcircular, parecendo apresentar uma abertura na direcção nascente. A área ocupada por esta habitação foi integralmente abrangida pela escavação, embora o piso que lhe deveria corresponder se tivesse conservado apenas na parte que foi coberta pelo derrube da muralha (Fig. 3 e 4).

Ambiente II - Situado a norte do anteriormente descrito, é delimitado parcialmente, na parte posta a descoberto, por um grande bloco granítico e por um conjunto de outros de menores dimensões [UE 29], também, ao que nos pareceu, intencionalmente deslocados. A restante área desta habitação foi coberta pela construção da muralha de período romano, não tendo sido, por este motivo, investigada. Pela dimensão, disposição e quantidade do espólio encontrado estamos convencidos que o conjunto habitacional se encontra, de um modo geral, num bom estado de conservação, devido essencialmente ao facto de a ele se ter sobreposto a estrutura romana e o respectivo derrube que o protegeu. Neste Ambiente, a norte e junto da zona da muralha, foi identificada uma fossa [UE 26], presumivelmente um buraco de implantação de um poste. O seu enchimento [UE 27], revelou-se muito rico em matéria orgânica e carvões, tendo proporcionado ainda alguns fragmentos de cerâmica do Bronze Final (Fig. 3).

Não foi possível distinguir qualquer estrato entre as camadas correspondentes à ocupação mais antiga e os granitos alterados de base [UE 31], que constituem, juntamente com os afloramentos [UE 30], o passado geológico local.

Assim, pode dizer-se que, do ponto de vista estratigráfico, o Sector B do Cabeço do Crasto não levanta grandes problemas de interpretação.

A concentração de cerâmicas de cobertura de época romana (*tegulae* e *imbrices*) que se verifica na camada [1] e no topo da UE [23], correspondente ao derrube da estrutura [6], é atribuível aos períodos modernos de utilização deste espaço e, inclusivamente, uma parte da camada compacta de pedras, com fraca cobertura sedimentar, pode ter-se constituído, por acção humana, em épocas recentes. Esta situação relaciona-se, certamente, com a utilização para fins agrícolas que toda a elevação conheceu, particularmente no período da última guerra mundial, resultando, portanto, das acções de limpeza do terreno a explorar. Idêntica razão explicaria o profundo revolvimento notado em toda a área não abrangida pela camada de derrube da muralha.

Do período romano conservou-se apenas o imponente alicerce [6] e a certeza da existência de construções com cobertura de *tegulae* e *imbrices*, aqui ou nas suas proximidades, que, no entanto, não puderam ser identificadas. Esta ocupação decorreu seguramente num período significativamente posterior ao abandono do habitat mais antigo desta área, visto que houve tempo para a constituição de uma espessa camada de sedimentos sem vestígios de ocupação humana [UE 24]. Para além disto, parece significativa a ausência de distúrbios notórios nos níveis do Bronze Final.

Por estas razões, parece plausível a afirmação de que, se existiu, de facto, uma ocupação local na Idade do Ferro, ela deve ter-se implantado em outras áreas que não a da elevação oeste.

A ocupação mais bem conservada é, sem dúvida, uma vez mais, a datável do Bronze Final. Aqui, foi possível definir claramente um "arranjo" do espaço, que parece ter implicado a deslocação de alguns grandes blocos graníticos que, juntamente com os afloramentos, delimitavam dois recintos, um de planta circular e outro, presumivelmente ovalado, cujos contornos não puderam ser integralmente investigados. É possível interpretá-los como fundações de estruturas habitacionais, certamente edificadas com materiais perecíveis. Num caso, foi possível identificar o que parece ter sido um buraco de poste [UE 26], que auxiliaria a suportar a cobertura destes recintos. Essa cobertura deveria aproveitar o grande penedo existente no local para apoiar uma parte da sua estrutura.

Não foi possível identificar pisos preparados, como, aliás, já tinha acontecido na campanha 2 (1986). A ocupação deste período encontra-se, no entanto, bem definida por uma superfície de abandono onde se encontraram recipientes cerâmicos quebrados em conexão, mós manuais naviformes, alguns percutores de quartzo e seixos rolados, cujo contexto funcional não era perceptível. No interior do Ambiente II, junto a uma área onde se encontravam alguns elementos dormentes de mós, identificámos uma laje de xisto muito fragmentada, que poderá ter servido para alguma actividade que não lográmos identificar.

Disponemos de diversos carvões para estudo antracológicos e para análise de rádio-carbono - esta última poderá vir a realizar-se no âmbito do plano de datações do IPPC / ICEN de 1990. Parece-nos plausível, de momento, e enquanto se aguarda a referida análise, extrapolar para esta camada a data de radiocarbono que obtivemos para a sua correspondente neste Sector, no lado exterior da muralha [UE 15] - ICEN - 197 2910 35 B.P. - o que permite atribuí-la ao séc. X a. C. (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989: 194).

4.2. - *Espólio* ***

Da fase mais recente de ocupação, para além dos fragmentos de cerâmica de cobertura, recolhidos, na maior parte dos casos, em clara situação de revolvimento, há somente a registar um fragmento de um pequeno pote de cerâmica comum, recolhido no topo da UE 24. A pasta apresenta uma matriz granítica, tal como a esmagadora maioria das cerâmicas dos diferentes períodos recolhidas neste sítio arqueológico; pelo elevado teor de desidratação que apresentava, é evidente que se encontrava já num contexto revolvido. Assim, as manchas escuras que são visíveis nas paredes exteriores, tanto podem ser atribuídas à sua utilização como recipiente de cozinha, como a um qualquer acidente mais recente. Apresenta evidentes semelhanças com os potes recolhidos nos contextos tardo-romanos do Sector M (SENNA-MARTINEZ / GUERRA / FABIÃO, 1986:40 e fig. 11), pelo que se poderá enquadrá-lo nas produções dessa época, com as devidas ressalvas decorrentes do profundo desconhecimento que ainda temos das cerâmicas comuns romanas desta região.

O espólio mais relevante que foi recolhido pertence quase exclusivamente à fase mais antiga da ocupação e não apresenta novidade de maior em relação ao já conhecido desta fase no povoado do Cabeço do Crasto. Inclui algum material lítico, mós naviformes e percutores de quartzo, mas é constituído fundamentalmente por cerâmica.

A totalidade das cerâmicas deste nível (UE 25) é de fabrico manual. As pastas, em análise macroscópica, apresentam grande uniformidade no que respeita à composição de matriz granítica, embora sejam notórios diferentes cuidados na sua preparação, em função das dimensões e formas dos recipientes, o que produz pastas de componente argilosa fina, ou grosseira, estando a primeira destinada fundamentalmente a certas formas. Face a esta homogeneidade, o critério mais evidente para a distinção das diferentes produções é o do acabamento das superfícies. Assim, podemos claramente distinguir dois grupos: o das cerâmicas polidas e o das cerâmicas "grosseiras", ou não polidas.

Dentro do primeiro grupo, são claramente distinguíveis três grandes categorias ou sub-grupos. Uma primeira, que poderíamos definir como a das cerâmicas "finas", inclui fundamentalmente formas abertas, taças carenadas, de superfícies cuidadosamente polidas, assimiláveis, genericamente, à forma 5 da recente tipologia de M. Martins (1987: 48 e Est.II). No entanto, e apesar das semelhanças formais registadas, a grande abundância de mica que patenteiam os exemplares de S. Romão afasta claramente esta tradição cerâmica da sua contemporânea do vale do Cávado (MARTINS, 1987: 40-2). É entre os recipientes deste grupo que se regista a maior utilização das pastas mais finas, embora tal composição não se verifique em todos os exemplares; é igualmente evidente a clara preferência pelas tonalidades escuras (cinzenta e negra) atribuíveis a cozeduras reductoras, ou ao "abafamento" do forno na fase terminal do processo de cozedura, situação que é frequentemente definida como cozedura oxidante/reductora.

Ao contrário do que se verificou nos níveis do Bronze Final deste mesmo Sector escavados na campanha de 1986 (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989: 194-5 e fig. 19), a variedade de formas aqui registada é significativamente menor (v. Fig. 5, n.º 2 a 7).

É dentro desta categoria que encontramos as típicas decorações do "estilo" Baiões - St. Luzia, sempre efectuadas por gravação - incisão efectuada depois do processo de polimento e num momento em que a peça se encontrava já perfeitamente seca, o que produz um típico estalamento da superfície cerâmica nos bordos das incisões, quando é usada uma ponta acerada, ou um efeito semelhante ao "brunido", quando o instrumento é rombo - nas paredes exteriores dos recipientes. Os motivos parecem obedecer a padrões decorativos pré-concebidos, onde predomina a forma triangular, podendo registar-se um motivo próximo do n.º 156 de Ferreira da Silva (1986) (v. Fig. 5, n.º 6), ou um outro mais simples, constituído por uma linha quebrada descontínua, a que se juntaria possivelmente uma outra, mais abaixo, ambas paralelas ao plano do bordo (v. Fig. 5, n.º 7); embora num caso (Fig. 5, n.º 5) a decoração se apresente com a aparência de mero esboço, aliás bastante irregular. Tal como se verificara já nos outros sectores escavados, o número de recipientes decorados é claramente minoritário no conjunto da totalidade dos exemplares desta categoria.

Dentro das cerâmicas com superfícies polidas podem distinguir-se, ainda, dois outros sub-grupos, diferenciáveis pelas dimensões dos recipientes e, conseqüentemente, pelas presumíveis finalidades a que se destinavam.

***A terminologia utilizada na descrição das cerâmicas é a proposta por BALFET / FAUVET-BERTHELOT / MONZON, 1983 e RYE, 1988.

Um primeiro, inclui maioritariamente formas fechadas de medianas dimensões, não faltando, contudo, também, as formas abertas. São normalmente fabricos mais grosseiros, embora num caso se registre uma pasta de textura mais fina. Parecem preferir, igualmente, as tonalidades bastante escuras, havendo a assinalar, porém, algumas excepções. O leque de formas representadas corresponde ao já conhecido neste sítio arqueológico, com nítido predomínio dos recipientes abertos ou fechados, com asas de fita, arrancando do bordo (SENNA-MARTINEZ / GUERRA / FABIÃO, 1986 e GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989), razão pela qual optámos por apresentar apenas as excepções. A primeira (Fig. 5, n.º 9) é uma forma aberta, muito esvasada, com pega mamilar sobre o bordo, registada pela primeira vez neste sítio arqueológico. Não conhecemos nada que se possa considerar análogo no conjunto dos materiais coevos já publicados do actual território português. As raras decorações registadas dentro dos exemplares deste sub-grupo foram também efectuadas por gravação: num caso (Fig. 5, n.º 8), reproduzindo uma combinação de motivos típicos do "estilo" Baiões-St. Luzia; e noutro (não desenhado), um fragmento de bordo com arranque de asa em fita, ostentando uma decoração por pressões múltiplas de unha (unhadas).

O outro sub-grupo individualizável abrange os recipientes de grandes dimensões, inequivocamente destinados à armazenagem de produtos, de que já tínhamos logrado reconstituir, na íntegra, um exemplar (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989: 194-5 e fig. 17). Estes grandes recipientes são, naturalmente, fabricados com argilas grosseiras e denotam elementos não plásticos de grandes dimensões; apresentam-se, contudo, cuidadosamente polidos o que confere às suas superfícies, particularmente à externa, uma textura muito regular, acetinada. Verifica-se uma clara preferência pelas tonalidades claras, resultantes de cozeduras redutoras-oxidantes.

Nesta campanha recolhemos somente fragmentos que não permitiram ensaios de reconstituição significativos. No entanto, parecem estar representadas duas formas distintas: uma (Fig. 6, n.º 11) análoga ao exemplar já citado e outra de colo francamente estrangulado (Fig. 6, n.º 12). Esta última, de problemática reconstituição, e que se regista neste sítio arqueológico pela primeira vez, poderia ser igualmente provida de quatro asas e ter uma ligação angulosa entre o colo e o bojo, o que justificaria a aparência excessivamente esvasada do seu bordo. Assim sendo, poderíamos aproximá-la, de algumas formas recolhidas em contextos do Bronze Final da Citânia de S. Julião, Vila Verde (MARTINS, 1987 e 1988, Forma 3 de S. Julião I). Embora tecnicamente estas duas variantes pertençam à categoria das formas fechadas, resulta evidente a significativa diferença entre elas, o que poderá corresponder a uma eventual diversidade funcional - a primeira destinada à armazenagem de sólidos e a segunda à de líquidos?...

Há a registar, ainda, um único caso de decoração neste sub-grupo: um recipiente fechado que ostenta um cordão plástico, paralelo ao bordo, na parte superior do bojo (Fig. 6, n.º 13). Este tipo de decoração, não sendo inédito neste sítio arqueológico, é, de facto, pouco frequente e quase sempre apanágio deste sub-grupo.

Por último, claramente distinta das produções anteriores, surge a categoria das cerâmicas "grosseiras". Estas, apresentam um fabrico pouco cuidado, que contrasta fortemente com os desvelos recebidos pelas produções enquadráveis nos sub-grupos atrás citados. Invariavelmente produzidas com argilas grosseiras, denotam frequentes irregularidades de fabrico, bem patentes nos múltiplos acrescentos e "remendos", visíveis na maior parte dos exemplares, que não foram disfarçados pelo acabamento das superfícies. Este é bastante variável, registando-se situações de alisamento descuidado, feito à mão ou com escova, senão mesmo "batido" (RYE, 1988:84-5), ou, ainda, por raspagem de escova ou pente. O pouco cuidado posto nestas operações e a fragilidade dos recipientes, decorrente da sua moldagem irregular, tornam particularmente difícil a sua conservação, tanto mais que, por vezes, atingem dimensões bastante grandes (Fig. 6, n.º 14).

As formas são relativamente monótonas, quase sempre potes de média dimensão, providos de asas em fita que arrancam dos bordos. No entanto, registamos aqui um exemplar particularmente grande (Fig. 6, n.º 14), que é também uma das formas mais completas que até hoje registámos dentro deste sub-grupo. Estes recipientes apresentam-se, na maioria dos casos, decorados por incisão com a unha (unhadas), quase sempre sobre o bordo (Fig. 7 n.º 17 e 19), mais raramente no bojo (Fig. 7, n.º 18). Neste panorama de formas pouco variadas há a registar, todavia, uma vez mais, a forma aberta, muito esvasada, com pega mamilar sobre o bordo, que se apresenta também decorado com unhadas (Fig. 7, n.º 15), aparentemente muito semelhante ao exemplar da Fig. 5, n.º 9. Digno de nota é ainda um fundo reforçado, ostentando no exterior uma decoração, formando faixas perpendiculares ao plano da base, feita com pente, ao que julgamos, semelhante a outras documentadas no povoado da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul (SILVA, 1978: 188 e 1979: 522).

Como tem sido frequentemente notado, é dentro deste grupo que se encontram os recipientes com sinais de fogo, o que sugere a sua utilização na preparação de alimentos. Curiosamente, ao contrário do que acontecia nas outras áreas do Sector B, este grupo aparece aqui escassamente representado.

Numa apreciação globalizante, é conveniente salientar que as pequenas taças carenadas ocorrem exclusivamente na primeira categoria mencionada, dentro das cerâmicas polidas, e que, pelas suas dimensões, a categoria dos grandes recipientes de armazenagem se destaca, de igual modo, de forma clara dos restantes materiais. Quanto às formas propriamente ditas, é notória a identidade entre as produções que integrámos na segunda categoria das cerâmicas polidas e as "grosseiras". Tal identidade, já claramente demonstrada para os potes de asas em fita arrancando do bordo, fica igualmente demonstrada para os recipientes abertos com pegas mamilares sobre o bordo (cf. Fig. 5, n.º 9 e Fig. 7, n.º 15).

Quanto às decorações, parecem bem significativas as observações efectuadas: a técnica da gravação ocorre somente nos recipientes de superfícies polidas, o que demonstra claramente a prioridade concedida ao acabamento de superfícies, sobre a elaboração dos motivos decorativos, no decurso da actividade dos oleiros, mesmo nos casos em que esta se resume a simples unhas sobre o bordo. Naturalmente, nas cerâmicas "grosseiras" a decoração é sempre por incisão efectuada com a pasta ainda fresca.

A abundância de fragmentos de recipientes de paredes polidas não pode deixar de se relacionar com a ausência de lareiras nesta área do Sector B. Assim, aparentemente, encontramos mais um elemento de confirmação das funções normalmente atribuídas aos recipientes de fabricos "grosseiros".

Para além dos grandes grupos cerâmicos referidos, registamos dois fragmentos de recipientes decorados, cujas formas não conseguimos reconstituir (Fig. 7, n.º 20 e 21). Em ambos os casos, apesar de as pastas apresentarem igualmente uma matriz granítica, parece tratar-se de materiais importados, visto que a gramática decorativa que apresentam é inédita neste povoado, assim como o é a prática das decorações simultaneamente internas e externas. Embora não seja fácil apresentar paralelos exactos para o n.º 20, podem assinalar-se algumas decorações típicas da fase de Cogotas 1 da Meseta (FERNANDEZ-POSSE Y ARNAIZ, 1986: 477-80, Fig. 1, n.º 1, 7 e 10 e Fig. 2, n.º 1 e 2) e para o n.º 21 podem referenciar-se as decorações pontilhadas de Baiões, ou mesmo as decorações com punção, em "espiga" (KALB, 1978: *passim*; 1979: SGB 149, 155, 131 e 140 e SILVA, 1986, motivos 63 a 68) e ainda algumas cerâmicas do Castelo de Matos (Baião) (FIGUEIRAL / QUEIROGA, 1988: 142-3, Fig. 9, n.º 2-3). Por fim, apresentamos um estranho objecto cerâmico, aparentemente uma pega de feição zoomórfica (Fig. 7, n.º 22).

5 - CONCLUSÃO

A campanha 4(88) não trouxe, pois, grandes novidades em relação ao que já se conhecia do Cabeço do Crasto de S. Romão. Genericamente os dados que obtivemos em nada colidem com um enquadramento geral no chamado grupo cultural de Baiões-St. Luzia (SILVA, 1978 e 1979; KALB, 1978 e 1979); facto que já tínhamos sublinhado em anteriores trabalhos (SENNA-MARTINEZ / GUERRA / FABIÃO, 1986 e GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1989). Inclusivamente, parece plausível extrapolar para o nível de ocupação/abandono do Bronze Final (UE 25) a data de Radiocarbono que obtivemos para idêntico nível daquele sector de escavação e, deste modo, datá-lo do Séc. X a. C.

O aspecto mais saliente dos trabalhos foi a definição, de uma forma clara, de espaços de habitat deste período. Parece, por outro lado, confirmar-se, pela negativa, que em toda a área da elevação oeste a ocupação de períodos imediatamente posteriores ao Bronze Final não foi relevante, ou dela não se conservaram vestígios.

No período romano este espaço foi usado, designadamente pela edificação de uma muralha e de outras construções apenas reveladas, de forma indirecta, por fragmentos de cerâmicas de cobertura. Não é de excluir a hipótese deste espaço ter desempenhado alguma função relevante no povoado romano, recorde-se que, no derrube externo da estrutura [6], foi recolhida uma ara anepígrafa (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1988 e GUERRA, 1988). No entanto, por se encontrar num contexto de reaproveitamento torna-se arriscado procurar extrair conclusões deste facto. A tarefa de identificar os vestígios dessas construções é, no entanto,

prejudicada pelas vicissitudes a que esteve sujeito o local e a que já nos referimos noutro lugar (GUERRA / FABIÃO / SENNA-MARTINEZ, 1988).

É, pois, de excluir esta área de um projecto de continuação dos trabalhos conducentes à elucidação sobre a possível ocupação da Idade do Ferro, bem como para o estudo dos níveis do período romano. Assim, se os resultados acabaram por ser efectivamente redundantes, foram, porém, importantes para encerrar o ciclo das nossas escavações da elevação oeste deste sítio arqueológico.

BIBLIOGRAFIA:

- BALFET, H. / FAUVET-BERTHELOT, M.-F. e MONZON, S. 1983: - *Pour la Normalisation de la Description des Poteries*, Paris, CNRS.
- FERNANDEZ-POSSE Y ARNAIZ, M. D. 1986: - La Cultura Cogotas I, in: *Homenaje a Luis Siret*, C. C. J. A., pp. 475-487.
- FIGUEIRAL, I. M. A. C. R. & QUEIROGA, F. M. V. R. 1988: - Castelo de Matos 1982-86, in: *Arqueologia*, 17, pp. 137-150.
- GUERRA, A. 1989: - Uma importante epígrafe proveniente do Cabeço do Crasto (S. Romão, Seia), *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, G. C. V., pp. 425-430.
- GUERRA, A.; FABIÃO, C. J.; SENNA-MARTINEZ, J. C. 1986: - Cabeço do Crasto, S. Romão, in: *Informação Arqueológica*, 8, pp. 35-38.
- GUERRA, A.; FABIÃO, C. J.; SENNA-MARTINEZ, J. C. 1989: - O Cabeço do Crasto, S. Romão, Seia. Alguns resultados preliminares das campanhas I(1985) a 3(1987), *Actas do I Congresso Arqueológico de Viseu*, Viseu, G. C. V., pp. 189-234.
- KALB, Ph. 1978: - Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung 1977 auf eines Höhensiedlung des Atlantischen Bronzezeit in Portugal, in: *Madrider Mitteilungen*, 19, pp. 112-138.
- 1979: Contribución para el Estudio del Bronce Atlántico: Excavaciones en el Castro "Senhora da Guia" de Baiões (S. Pedro do Sul), in: *XV Congreso Nacional de Arqueología (Lugo, 1977)*, Zaragoza, pp. 581-590.
- MARTINS, M. 1987: - Cerâmica Proto-histórica do Vale do Cávado: Tentativa de sistematização, in: *Cadernos de Arqueologia*, série II, 4, pp. 35-77.
- 1988: *A Citânia de S. Julião, Vila Verde*, "Cadernos de Arqueologia", 2, Braga.
- RYE, O. S. 1988: - *Pottery Technology. Principles and Reconstruction*, 2.ª ed., Washington, Tarexatum.
- SENNAMARTINEZ, J. C.; GUERRA, A.; FABIÃO, C. J. 1985: - Cabeço do Crasto, S. Romão. 1.ª campanha, in: *Informação Arqueológica*, 7, p. 44-46.
- 1986: "Cabeço do Crasto", S. Romão, Seia. *A campanha I(1985). Catálogo da exposição temporária*, Lisboa.
- SILVA, A. C. F. 1986: - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, C. T. 1978: Cerâmica típica da Beira Alta, in: *Actas das III Jornadas Arqueológicas da A. A. P. (Lisboa, 1977)*, 1.º vol., Lisboa, pp. 185-196.
- 1979: O Castro de Baiões (S. Pedro do Sul), in: *Beira Alta*, 38, pp. 511-531.

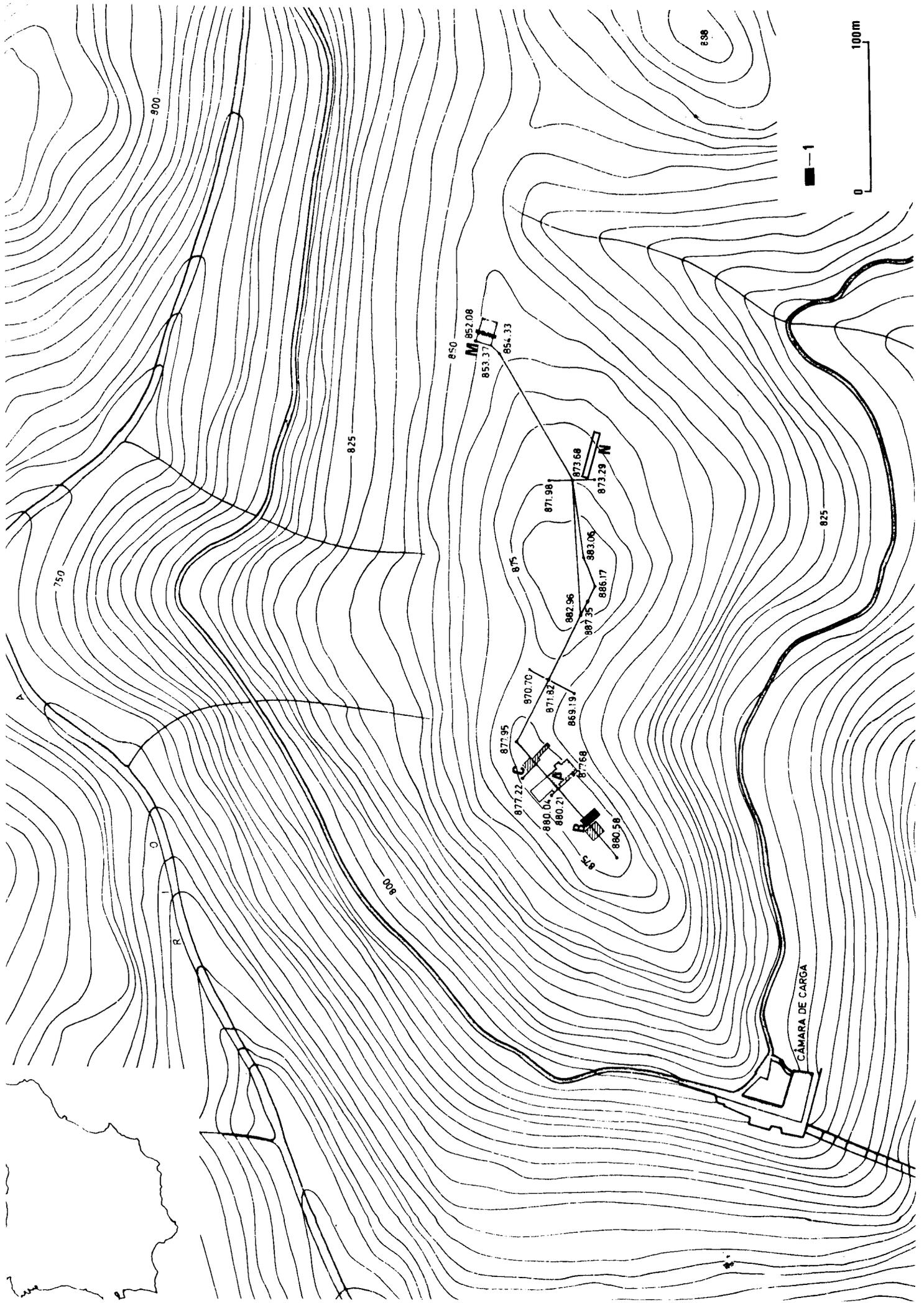


Fig. 1 - Planta Geral do sítio. 1 - Local onde se efectuou a intervenção a que se reporta o texto.

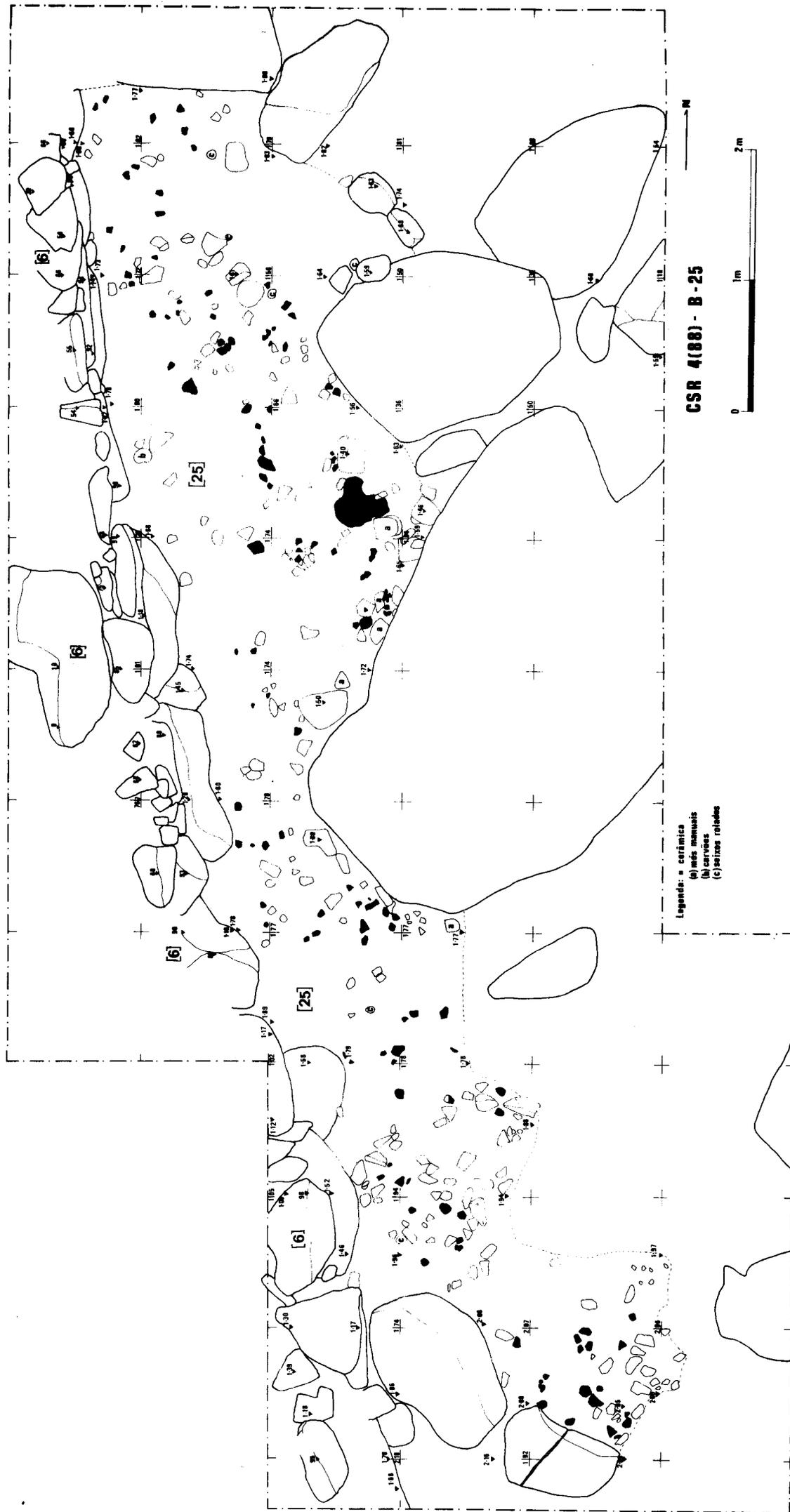


Fig. 2 - Planta da área intervencionada correspondente à superfície do nível de ocupação/ abandono do Bronze Final.

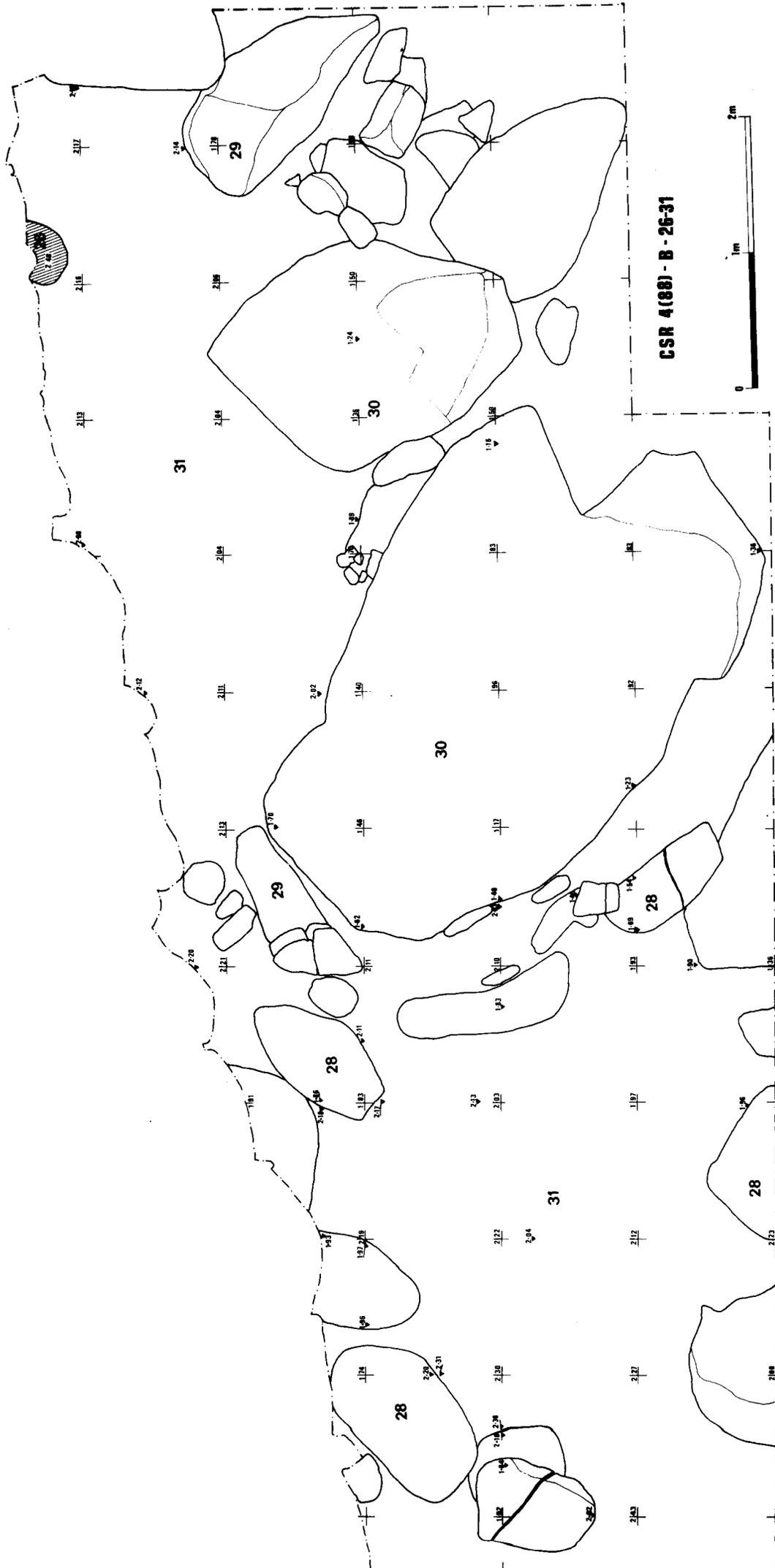
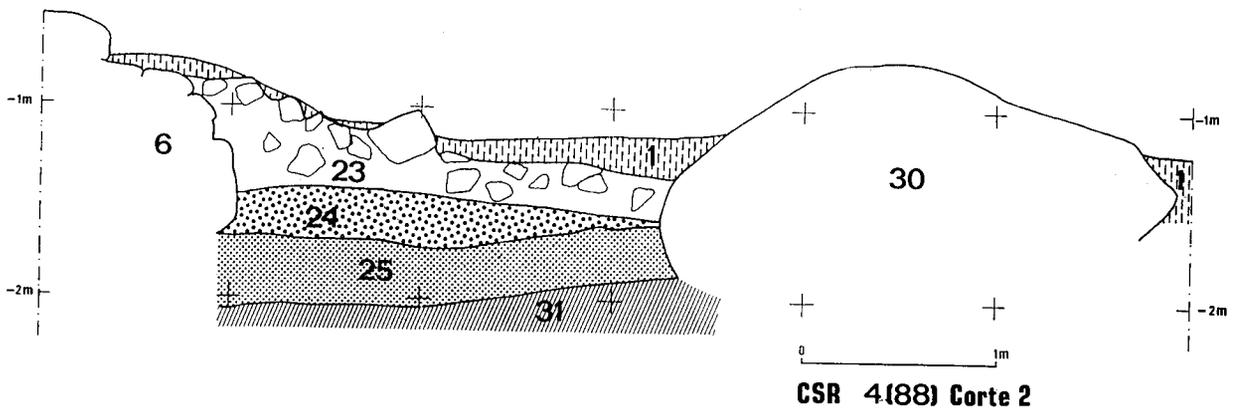
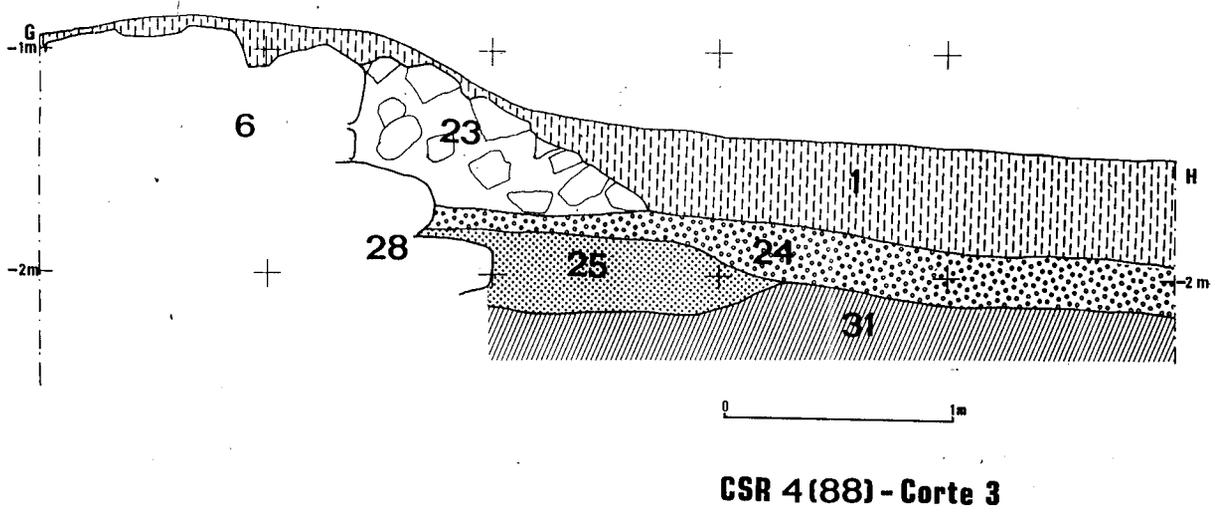


Fig. 3 - Planta da área escavada correspondente às realidades do início da ocupação do Bronze Final.

Fig. 4

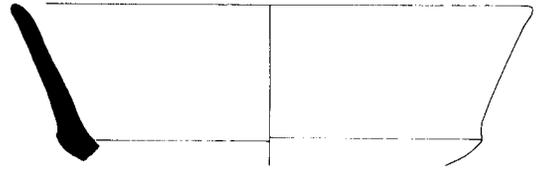


Perfis estratigráficos da área escavada na campanha 4(88).

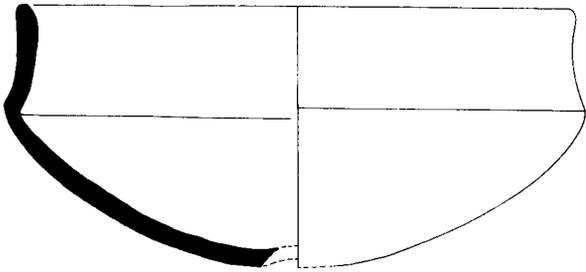
Fig. 5



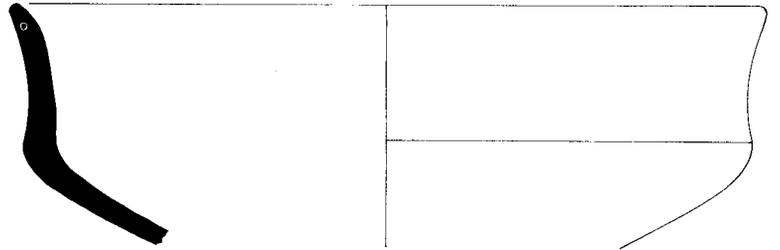
1



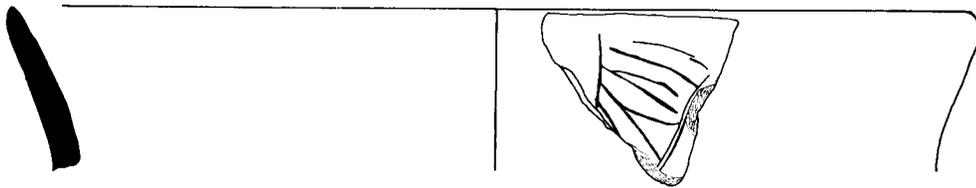
2



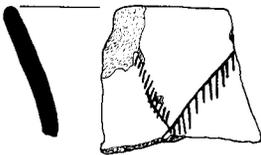
3



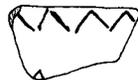
4



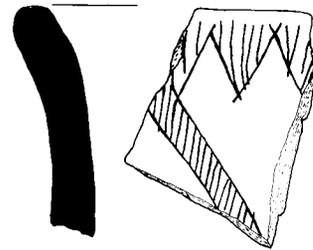
5



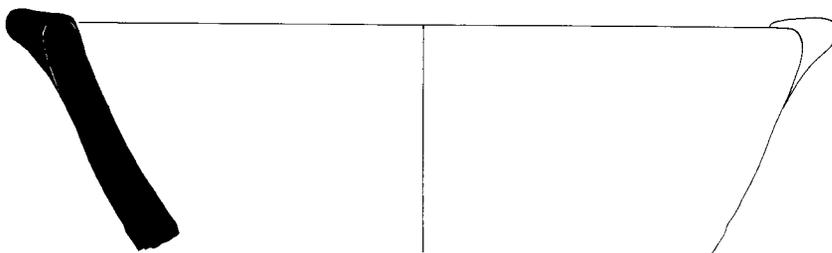
6



7



8

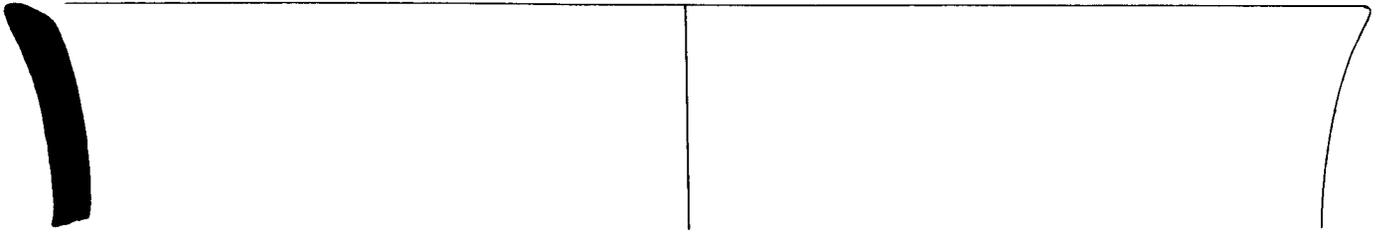


9

Fig. 6



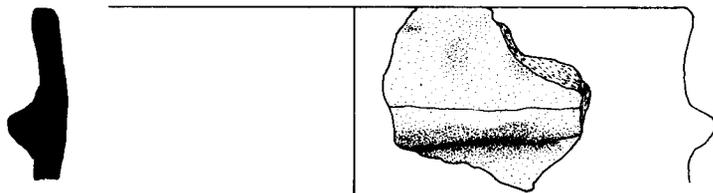
10



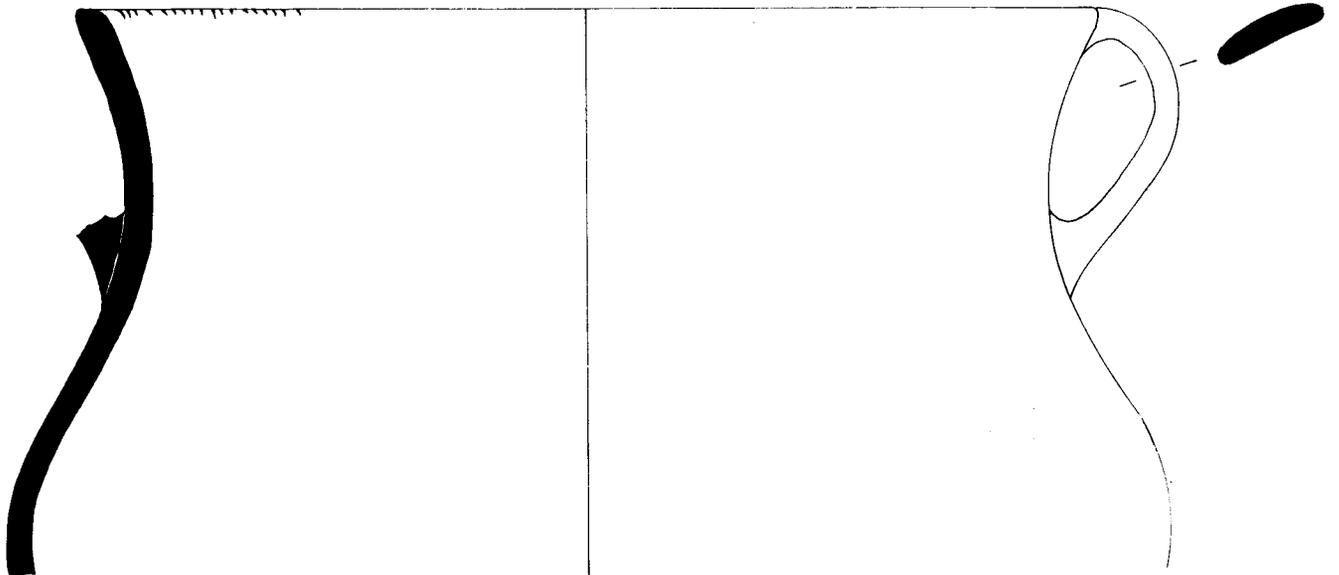
11



12

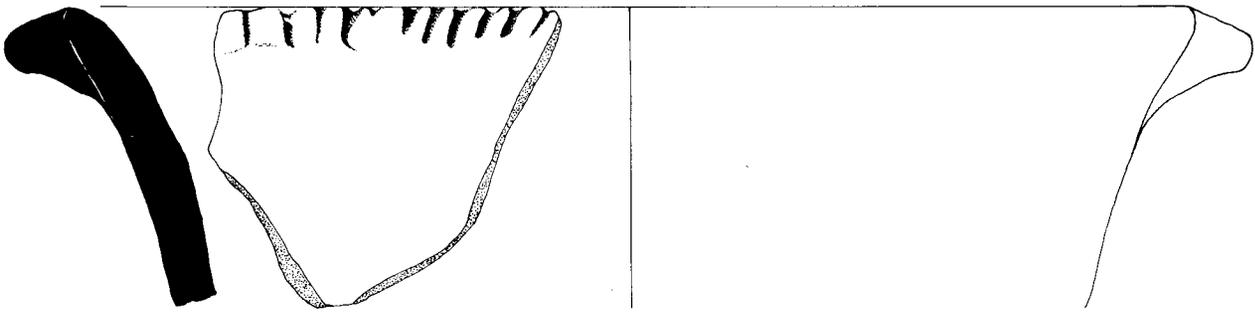


13

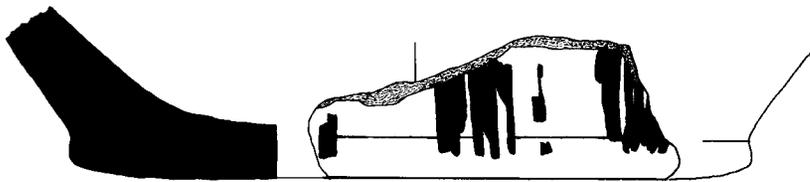


14

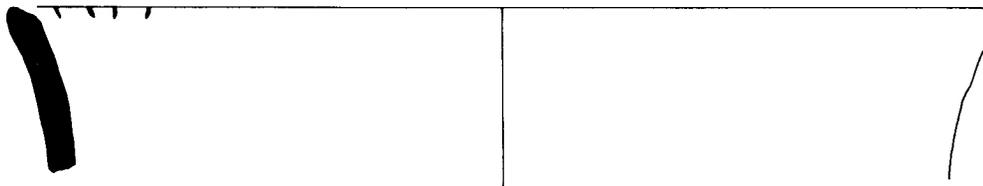
Esc. 1:3



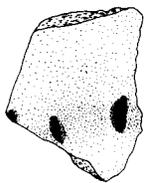
15



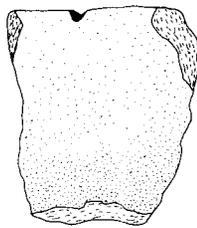
16



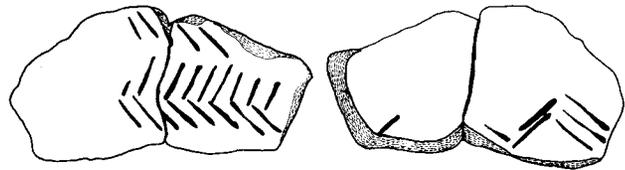
17



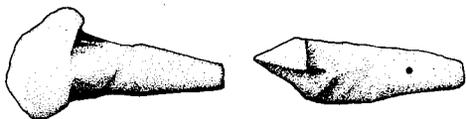
18



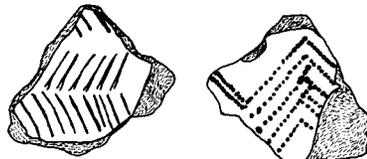
19



20



22



21

A ESTAÇÃO DA IDADE DO FERRO DO PORTO DAS LAGES

(OURIQUE, BEJA)

Virgílio Hipólito Correia

A ESTAÇÃO

A estação arqueológica da Idade do Ferro do Porto das Lages foi descoberta pelo Dr. Caetano de Mello Beirão, em prospecções no Concelho de Ourique.

Situa-se na freguesia de S. Salvador de Ourique, desse concelho, distrito de Beja. As suas coordenadas (Quadrícula hectométrica de Gauss) segundo a Carta Militar de Portugal à esc. 1/25000, folha 563 - Gomes Aires (Almodôvar) são 188 5 - 66 1, a uma cota aproximada dos 180m.

As obras de remodelação do traçado da estrada E. N. 264, que puseram em perigo a estação, já que o corte nos taludes da estrada se aproximam a cerca de 10 m da área com estruturas evidentes, levaram à realização de uma intervenção arqueológica de salvamento, que se desdobrou por três períodos sucessivos nos anos de 1985, 86 e 87; tendo a primeira campanha sido dirigida pelo Dr. Jorge Oliveira e as restantes pelo autor.

A estação, apesar de já conhecida, mantinha-se inédita na bibliografia arqueológica, tendo posteriormente à conclusão dos trabalhos sido referida em notícia do autor (CORREIA 1988).

Após a conclusão dos trabalhos, cuja responsabilidade foi assumida pelo Serviço Regional de Arqueologia do Sul, a estação foi vedada, estando actualmente em estudo a consolidação das estruturas e a organização museográfica do sítio (¹).

CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

O povoado do Porto das Lages integra-se na zona de contacto entre as duas unidades de paisagem que são características de toda a área da bacia hidrográfica do Mira, que são a planície e o vale do rio que, em abundantes troços do seu curso pode, com propriedade, ser apelidado de garganta.

O local escolhido não é a cota baixa no centro da *raquette* formada pelo meandro do rio ao encaixar o seu leito no manto de xistos carbónicos mas, tal como em todos os outros povoados conhecidos nesta zona, a cota proeminente é desprezada.

Do fenómeno de escolha estratégica da cota mais baixa inserida no meandro do rio são típicos os povoados de Fernão Vaz e da Vaga da Cascalheira, com as respectivas necrópoles situadas na cota imediatamente superior. O caso do povoado do Pêgo da Sobreira é ligeiramente diferente, já que a cota escolhida é mais elevada e o grande monumento funerário se situa na elevação contígua a W. Idêntico ao caso do Porto das Lages (até por não conhecermos as necrópoles que lhes correspondem) parece ser o caso do habitat do Moínho do Ovilheiro.

O horizonte visual abrangido a partir dos povoados é limitado a uma área da veiga imediatamente subjacente e às colinas limítrofes, sendo as capacidades naturais de defesa dos locais escolhidos de somenos importância.

(¹) Queremos exprimir o nosso agradecimento ao Dr. Caetano de Mello Beirão pela importante colaboração que prestou ao trabalho e a este estudo. Os agradecimentos são extensivos a Ivone Beirão, Carolina Páscoa e Fátima Pereira, desenhadoras, a Manuel Ribeiro, fotógrafo e a Manuel Ricardo, cuja colaboração é sempre indispensável.

Isto, e por cépticos que sejamos acerca de análises socio-económicas estritamente baseadas numa aparente estratégia de povoamento, definida a partir de um reduzido número de casos localizados, não pode deixar de ser significativo acerca da posição destes povoados no seio das sociedades proto-históricas do Sudoeste peninsular na Idade do Ferro, das quais a preocupação com as fortificações e as condições de defesa em geral parece, em muitos casos, estar ausente.

O terreno onde se implanta é formado por solos pouco espessos sobre xistos do Carbónico de Facies Marítima, com encostas abruptas e pouco praticáveis, sendo apenas agricolamente exploráveis, ou as planícies que se desenvolvem para além das zonas escavadas pelos rios, ou as pequenas áreas entre os meandros, onde por vezes se conservam depósitos aluvionares relativamente espessos.

TRABALHOS

A reduzida espessura de terras acumuladas sobre a rocha de base e as estruturas levou à escolha de um método de escavação em área contínua, sem banquetas, conservando apenas os perfis estratigráficos dos limites da área, aliás pouco ou nada elucidativos da dinâmica de ocupação do sítio. Isto levou-nos a considerar quer os muros quer as depressões na rocha de base como unidades estratigráficas, a escavar com ênfase numa perspectiva planimétrica e altimétrica e não uma perspectiva estratigráfica. Daí a divisão da área escavada em espaços (notados de A a F) definidos pelas construções ou entre elas. Por isso apresentamos apenas um perfil estratigráfico, reconstituído a partir das observações altimétricas, posteriormente tratadas.

A área escavada começou por ser definida por quatro quadrados de 4 x 4m (1985), posteriormente alargada em 1 x 8m (1986) e em 1 x 8 + 3 x 10m (1987). Os alargamentos sucessivos, obedecendo a uma quadricula geral orientada Norte-Sul, mas não respeitando obrigatoriamente os limites dos quadrados, responderam simultaneamente às necessidades de compreensão dos espaços construídos e de economia de meios.

A área escavada, no fim dos trabalhos apresentava-se como um rectângulo de 11 x 10m, com os lados menores orientados E/W, correspondendo a nove quadrados de 16m² numerados de 1 a 9, de E para W e de S para N. Toda a área foi escavada até à rocha de base, numa profundidade mínima de 10cm e máxima de 40cm aproximadamente.

ESTRATIGRAFIA

A estratigrafia detectada em toda a estação é de uma extrema simplicidade e exiguidade. A potência estratigráfica só em zonas extremamente limitadas se aproxima de 40cm (áreas correspondentes ao interior de alguns compartimentos). Nas restantes zonas, o que inclui toda a extensão dos perfis estratigráficos (observados apenas nos limites da área, pois não se preservaram banquetas) detecta-se uma espessura média oscilante entre os 5 e os 10cm, constituída por terras arenosas lavradas e raízes da vegetação rasteira presente no local. Esta camada, apenas em áreas limitadas cobria completamente as estruturas. A este nível foi recolhido algum espólio, nomeadamente uma mó manual, fragmentos de um vaso decorado e um pequeno cossoiro, de forma extremamente irregular.

Em geral, sob esta camada, encontravam-se as pedras pertencentes aos muros ou as que fazem parte das estruturas «tipo lageado», não se detectando qualquer alteração das características do solo, desde a superfície até ao contacto com os xistos de base.

Apenas nos compartimentos se detectou uma maior potência estratigráfica.

Num deles (espaço B) encontramos uma cavidade artificial, de contorno aproximadamente quadrangular, cavada na rocha de base e correspondendo grosseiramente ao contorno interno dos muros do compartimento. Com uma profundidade irregular, mas sempre aproximada dos 25cm, encontrava-se preenchida por um sedimento arenoso muito compacto, de cor ligeiramente mais avermelhada que as terras superficiais, e que incluía muitas pedras (maioritariamente seixos rolados de grauvaque) e alguma cerâmica fragmentada *in situ*, mas que não definia um nível arqueológico nítido, quer por ser extremamente irregular a sua superfície quer por não haver qualquer alteração significativa de textura, relativamente à camada anterior. Idêntica consideração há a fazer quanto à espessura de sedimentos detectados no interior da construção circular (cerca de 15cm), depositados na concavidade formada pelo aplanamento da rocha de base.

Não estaremos em presença de pavimentos de terra batida, mas sim perante a estruturação do nível desses pavimentos, que podiam até ser mais consistentes, estruturação essa que, com as cavidades abertas na rocha, desempenharia também o papel de desumidificador da superfície.

Os muros dos compartimentos mais a W da área (espaços C e D), estando implantados em zonas de maior declive provocaram uma maior deposição de terras húmusas superficiais, sendo no entanto invariavelmente pouco espesso e descontínuo o estrato da base.

A ausência de potência estratigráfica deve-se sem dúvida à localização da estação numa elevação de vertentes relativamente pronunciadas, com escassa vegetação no topo, muito sensível aos fenómenos erosivos, que a afectaram profundamente. Daí que não se tenha formado um estrato húmido significativo que recubra as estruturas, fenómeno ainda agravado pela repetição da lavragem das terras.

A escavação da estação segundo dois planos artificiais e as observações altimétricas feitas durante os trabalhos permitiram-nos reconstituir o perfil estratigráfico apresentado na fig. 4, traçado segundo um eixo cuja implantação é marcada na planta geral da fig. 3. Consideram-se as seguintes camadas:

- 1 - Terras aradas de cor castanha clara, argilosas muito compactas, com pedras e pouca cerâmica.
- 2 - Sedimentos arenosos avermelhados, compactados, com pedras e muita cerâmica, estratigraficamente relacionáveis com as estruturas construídas.
- 3 - Xistos do Carbónico de facies marítima («Pedra talisca») da base.

A descontinuidade absoluta (planimetricamente) da camada 2 levou-nos a tomar cada uma das áreas onde ela se detectou como uma unidade estratigráfica independente, ainda que correlacionável. Foi também considerado como uma unidade estratigráfica o enchimento das diaclases da base e as pedras que por vezes as parecem colmatar, sem que seja segura a intencionalidade da sua colocação.

ESTRUTURAS

As estruturas do povoado foram detectadas em muito mau estado de conservação, pelo que a sua análise se terá de limitar à planta e a prováveis reconstituições de alçados, apresentados com o máximo de dúvidas sobre a sua veracidade.

Fora da área escavada não são visíveis quaisquer outros vestígios de construções pelo que é possível pensar que estamos de facto perante um pequeno núcleo habitacional isolado. É no entanto possível contrapor que os factores destructivos podem não ter agido da mesma forma em toda a área do cerro, dada a própria topografia dele, e que outras estruturas possam ter sido completamente destruídas ou, pelo contrário, mais profundamente soterradas, sem deixar vestígios superficiais.

No centro da área escavada surge uma construção de planta circular (Espaço A), regular, com cerca de 2,5m de diâmetro externo e 1,8m de diâmetro interno, que está reduzida à primeira fiada de pedras assentes sobre a rocha, e a escassas pedras da segunda. Após o assento deste muro a rocha foi ligeiramente regularizada em alguns pontos do exterior da estrutura - a rocha é particularmente irregular imediatamente a W dela - e cuidadosamente rebaixada (entre 5 e 8cm) e aplanada no interior.

A esta construção adossa-se um muro que atravessa a área na direcção NW/SE e que, com outro perpendicular, define um compartimento provido de um lareira central (Espaço D). No primeiro destes muros detecta-se uma entrada, criada pela interrupção da segunda camada de pedras, sendo a inferior formada por lages especialmente planas e lisas. A detecção, nos limites da área, do que parecem ser os arranques dos restantes muros (estando no entanto muito destruídos pela lavoura) leva-nos a calcular uma dimensão próxima dos 12m² (3 x 4m), em planta aproximadamente quadrangular.

A lareira central deste compartimento é formada por blocos rolados de grauaque, colocados directamente sobre a rocha de base regularizada, sendo o enchimento de uma terra especialmente compacta e de cor nitidamente vermelha, talvez devido à acção do fogo, mas sem que se detectem vestígios de carvões ou de cinzas.

No interior deste compartimento o aplanamento da rocha de base foi desigual na cota escolhida, deixando uma faixa de cerca de 1m de largura, 15 a 20cm mais alta, na extremidade SW do compartimento, sendo a separação criada numa diaclase do xisto. Este desnivelamento, além de permitir vencer o declive original, funcionou certamente como dispositivo de arranjo doméstico.

A NE deste conjunto foram adossados, quer ao muro do compartimento quadrangular quer ao da construção circular, três muros que definem um espaço de planta trapezoidal aberto a NW (Espaço C), correspondendo ao que seria o menor lado não paralelo do trapézio. Este compartimento parece ser um aproveitamento de uma área definida por exclusão dos restantes espaços construídos, sendo nítido o adossamento dos seus muros aos das outras construções. O muro W desta construção aproveita as diaclases do xisto, tendo o aplanamento intencional da rocha formado um degrau sobre o qual se constrói o muro.

Paralelamente ao limite S da área escavada detectamos um muro de construção especialmente irregular que, aparentemente, termina abruptamente a W, descrevendo (a E) um arco de círculo. Para N deste muro encontramos um pequeno compartimento rectangular de aproximadamente 2 x 3m (Espaço B), com uma entrada aberta a E, estruturada como uma cavidade aberta no xisto, que nivela o exterior, formando um degrau cuja linha de corte segue o alinhamento da face externa do muro. O interior do compartimento é aplanado em dois níveis diferenciados cerca de 30cm, formando a extremidade mais baixa uma cavidade aproximadamente quadrangular.

A área a NE deste compartimento (Espaço F) foi uma das mais afectadas pelas lavragens e aquela em que era menor a espessura de sedimentos, daí a insegurança em se poder definir um ou dois compartimentos de planta aproximadamente quadrangular com os pequenos troços de muros que detectámos, integrando provavelmente o buraco de poste encontrado junto ao limite W da área.

Entre estes dois blocos de compartimentos, um a NE da área o outro a S e SW, fica um espaço aberto que certamente funcionou como zona de circulação (Espaço E), em que não se verifica um alisamento importante da rocha mas sim a colmatação das suas diaclases com algumas lages e pedras, dando origem a uma espécie de lageado, extremamente fruste e descontínuo. Não podemos sequer afirmar estarmos na presença de um pavimento intencionalmente estruturado, podendo a deposição das pedras nas fendas e cavidades da rocha tratar-se de um fenómeno casual, cuja ocorrência é natural num espaço de circulação.

Esta área aberta compreende a NW, quase nos limites da escavação e parcialmente fora dela, uma lareira estruturada com um círculo muito imperfeito de blocos irregulares de grauvaque, com o centro formado de pequenos seixos de quartzo leitoso.

Os alçados destas estruturas, actualmente reduzidas ao pequeno soco rochoso deixado pelo alisamento da rocha à volta dos muros posteriormente à sua construção e uma ou duas fiadas de pedra, seriam provavelmente conseguidos com a elevação de adobes ou taipa sobre a base de pedra seca, tal como é ainda comunmente utilizado na área, e tal como é apontado para outros povoados da Idade do Ferro, no Alentejo e fora dele. No entanto temos também de admitir a existência de estruturas completamente construídas em pedra e ainda de estruturas de técnica mista, com adobe ou taipa, pedra e partes compostas à base de postes de madeira. O estado de conservação destas que aqui estudamos não permite maiores precisões.

Espaço	estrato 1	estrato 2	%	Manual (est. 2)	%	Torno (est 2)	%
A	—	35	13.5	26	75	9	25
B	1	16	6.5	16	100	—	0
C	—	30	11.5	21	70	9	30
D	—	72	27.5	72	100	—	0
E	—	49	18.7	13	25	36	75
F	6	52	22.3	36	70	16	30
Total	7	254	100	184	70	70	30

Para averiguarmos da possibilidade de reconstituir o esquema da funcionalidade dos espaços detectados, elaboramos o quadro acima em que organizamos, por espaço considerado, a quantidade absoluta de cerâmica recolhida nos estratos 1 e 2 (2.ª e 3.ª colunas) e a percentagem de cerâmica que provém de cada espaço, relativamente ao total recolhido. As restantes demonstram qual a proporção, dentro de cada espaço, entre cerâmica manual e a torno (em percentagem arredondada) (6.ª e 8.ª colunas).

O quadro revela-se, quanto a nós, inconclusivo. Não existem espaços onde esteja ausente o espólio, nem outros onde ele seja muito mais frequente que os restantes. Uma percentagem relativamente maior proveniente do espaço D, provido de lareira, confirma-nos apenas um carácter mais definido como área de vivência permanente e certamente de cozinha. A elevada proporção de cerâmica ao torno no espaço de circulação E deve-se sem dúvida à maior resistência desta cerâmica, e não a questões de funcionalidade do espaço.

Uma outra observação a fazer é a de que os fragmentos referenciados no catálogo sob os números 22 e 23 provêm do espaço A. Não consideramos prudente indicar apenas por isso uma funcionalidade de armazém de produtos de luxo para a construção circular.

ESPÓLIO

O espólio recolhido no Porto das Lages constitui um conjunto pouco numeroso e diversificado de cerâmicas, de tipologia quase nada elucidativa da cronologia ou das actividades socio-económicas do povoado.

À excepção de um elemento dormente de mó manual, todo o espólio é constituído por fragmentos de cerâmica. O escasso número de fragmentos recolhidos provêm quase exclusivamente (97%) das zonas mais profundas da escavação, nomeadamente do interior dos compartimentos, e da área central lageada, em contacto com a rocha de base ou com as lages que preenchem os seus interstícios (áreas que reúnem cerca de 80% dos fragmentos). Estas observações, em conjunto com o facto de a cerâmica se apresentar extremamente fragmentada (uma quantidade igual a 10% da cerâmica analisável é constituída por fragmentos de dimensão média inferior a 1cm), leva-nos a pensar que a estação terá sido abandonada progressivamente, o que terá provocado a escassez de material, em termos absolutos, e o facto de a sua conservação, em termos relativos, ter sido melhor em zonas naturalmente protegidas ou de mais fácil sedimentação, a coberto da escorrência de terra para as vertentes. Outra observação que, quanto a nós corrobora esta hipótese é a de a conservação da cerâmica a torno no espaço central de circulação ter sido muito maior do que a de cerâmica manual. Sem motivos para pensar que a diferenciação das componentes do conjunto de cerâmica aí recolhido fosse diferente de outros espaços, é à erosão e destruição de fragmentos de cerâmica menos compactos (como os manuais) depositados neste espaço, e a esses fenómenos sujeitos durante um largo espaço de tempo, que essa diferenciação deverá ser atribuída.

O estado de destruição superficial da estação é ainda testemunhado pela reduzida percentagem de material recolhido à superfície ou no estrato superior.

	Manuais		Torno		Total	
	=	%	=	%	=	%
Com forma	21	8.0	4	1.5	25	9.5
Outros	163	62.5	73	28.0	236	80.5
Total	184	70.5	77	29.5	261	100

O achado, nas terras da lareira do compartimento quadrangular, de alguns nódulos, que tanto podem ser de escória metálica muito oxidada como de terra rica em óxidos metálicos concrecionada pelo fogo, não é motivo suficiente para falarmos de actividade metalúrgica neste povoado. Este problema terá que ser analisado com outros pressupostos que não os mesmos que conduzem a análise do espólio cerâmico.

TIPOS DE CERÂMICA

Entre a diversa cerâmica manual recolhida notamos dois tipos fundamentais, característicos pelas diferenciadas condições de cozedura, nomeadamente:

- O tipo A caracteriza-se pelas pastas pouco compactas, com muito desengordurante, composto predominantemente de fragmentos angulosos de quartzo de calibre muito irregular, com outros elementos não plásticos de dimensão média superior a 1mm e incluindo abundantes minerais de cor escura, geralmente de menor calibre. O acabamento das superfícies é geralmente o alisamento medianamente cuidado, detectando-se poucos fragmentos bem alisados e apenas

alguns em que a superfície não demonstra qualquer tipo de alisamento. É significativo o número de fragmentos que, devido à pouca compactidade da pasta, se encontram com a superfície erodida, não podendo por isso ser convenientemente analisados. A coloração das pastas não é homogénea, variando a cor das superfícies do vermelho (2.5YR5/6 ou 4/8) ⁽¹⁾ ao castanho avermelhado (5YR2.5/1) e detectando-se fragmentos cuja coloração de cerne é, quer indistinta da pasta, quer nitidamente enegrecida, podendo chegar ao cinzento escuro (10YR4/1).

- O tipo B, basicamente semelhante, é no entanto distinto pela generalidade das colorações mais escuras, do preto (5YR2.5/1) ao castanho avermelhado escuro (2.5YR2.5/1), por uma maior friabilidade das pastas e pelo menor cuidado dos acabamentos.

As cerâmicas a torno são tecnicamente homogéneas. Os tons da pasta são geralmente vermelho acastanhado (5YR4/3). As superfícies externas variam entre cores idênticas à pasta e o preto (5YR2.5/1). As pastas são compactas, com pouco desengordurante predominantemente quartzítico, fino e bem calibrado, de dimensões sempre muito inferiores a 0.5mm, com raros elementos não plásticos de dimensão superior. Os acabamentos das superfícies externas são constituídos, na quase completa totalidade dos fragmentos identificados, por um polimento intenso obtido ao torno, por espatulamento horizontal. Por este processo são obtidas superfícies com um ligeiro aspecto de «brunido», provocado pelo movimento da espátula, que deixa estrias ou faixas horizontais, realçando algumas delas certas modulações do perfil dos vasos. Tecnicamente, a aparência das superfícies polidas leva-nos a supor uma acção polivalente de alisamento/polimento e estriagem, produzida sobre o torno, com a peça ainda bastante húmida.

Alguns dos fragmentos surgem com o mesmo aspecto, mas sem a superfície polida. Não sendo de crer que condições de jazida diversificadas terão, por fenómenos erosivos, provocado tal diferença, pensamos que esta característica estético-funcional deve ser obtida (ou não) respondendo aos desejos do oleiro e talvez a produções previamente estereotipadas.

Dos dois exemplos de decoração recolhidos, um é por demais escasso para poder ser analisado (incisões finas, sem que seja claro qual o motivo ou padrão executado). O vaso n.º 26 é decorado por uma linha de pequenas incisões romboidais, cruzadas, que se desenvolvem a partir de um mamilo de plano elipsoidal.

Para além destas cerâmicas torneadas, temos testemunhos de três outros vasos que, ao contrário de todos os outros anteriormente referidos, foram provavelmente importados de um ponto indeterminado, mas que certamente se situa numa esfera que ultrapassa a região do povoado, em sentido estrito. Tratam-se de:

- a) Um vaso (n.º 22) e uma taça (n.º 23) fabricados em pasta laranja-avermelhada, relativamente depurada, cuidadosamente engobados com uma depuração de argila que conferiu à superfície uma cor mais escura, (negro no fragmento do vaso, castanho avermelhado na taça) tendo tornado homogéneo o seu aspecto.

- b) Uma taça (n.º 24) em cerâmica arenosa, com grandes grãos de desengordurante, que sofreu uma cozedura intensa em ambiente fortemente oxidante.

Na fig. 6 apresentamos fotografias ampliadas das superfícies bem conservadas de três fragmentos de cerâmica que consideramos de fabrico regional, dos dois exemplares engobados e da taça de cerâmica arenosa. Pesem embora as limitações inerentes a esta sumária análise macroscópica parece-nos marcante a semelhança das pastas dos três primeiros, apesar de dois deles pertencerem a vasos de fabrico manual (n.º 1 e n.º 2) e o restante (n.º 3) ser torneado e polido em estrias (a aresta formada por duas destas estrias é visível na fotografia).

Os três exemplares de fabrico não-local são estatisticamente pouco significativos no conjunto dos materiais recolhidos na estação (1%). São no entanto as peças mais importantes, pelo seu carácter de raridade local, que não intrínseca. É precisamente este facto - que consideramos estatisticamente demonstrável - que para nós é fundamental: a existência de um conjunto cerâmico de fabrico local, ao qual são somados alguns exemplares de fabricos importados que, para uma população de escassos recursos, assumem o carácter de produções de luxo. No que toca às produções locais, se não podemos afirmar que estas são fabricadas no povoado, certamente que a cerâmica provém de uma oficina próxima, que se limita a fornecer uma clientela reduzida, o que explica os escassos recursos técnicos e artísticos demonstrados.

(¹) As referências de coloração são de *Munsell Soil Color Charts*, devendo entender-se como aproximadas.

CATÁLOGO DO MATERIAL CERÂMICO

- 1 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/02/076)
Pasta pouco compacta, friável, abundante desengordurante mal calibrado (fino a médio) predominantemente quartzítico. Vaso possivelmente hemisférico, bordo sub-vertical, lábio arredondado. Cerne castanho avermelhado escuro, superfícies vermelho acastanhado.
- 2 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/02/050)
Pasta idêntica ao anterior. Superfície externa alisada, superfície interna sem acabamento. Vaso «tipo saco», bordo ligeiramente introvertido, lábio arredondado.
Cor geral castanho avermelhado escuro com manchas de cor vermelha (desenhado).
- 3 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/01/D4)
Pasta compacta não friável, abundante desengordurante mal calibrado (fino a médio), predominante quartzítico, com alguma mica, branca e preta. Superfícies bem alisadas. Tijela hemisférica, bastante aberta, bordo extrovertidoafilado, lábio arredondado. Cerne de cor cinzenta muito escura, superfícies castanho avermelhado escuro com manchas vermelhas (desenhado).
- 4 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/02/090)
Pasta idêntica ao anterior. Superfície interna sem acabamento, a externa está erodida. Cor geral castanha avermelhada, mais avermelhada no exterior.
Forma não reconstituível (desenhado).
- 5 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/02/045)
Pasta idêntica ao anterior. Superfícies ligeiramente alisadas. Vaso hemisférico, bordo ligeiramente extrovertido, lábio arredondado. Cor de pasta, cinzento escuro, camada superficial externa de cor vermelha (desenhado).
- 6 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/01/D5)
Pasta pouco compacta, pouco friável, pouco desengordurante bem calibrado (fino), predominante quartzítico. Superfícies alisadas. Pequeno vaso Hemisférico, bordo muito ligeiramente introvertido, lábio aplanado. Cor geral vermelha (desenhado).
- 7 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/02/093)
Pasta idêntica ao anterior. Fundo plano, ligeiramente indicado. cerne cinzento muito escuro, com finas camadas superficiais de cor vermelha.
- 8 – Pequeno fragmento decorado. (PL/02/058)
Superfície externa polida, decorada por incisões muito finas (triângulos? linhas quebradas?)
Cor castanho forte.
- 9 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/327)
Pasta grosseira (muito desengordurante quartzítico, mal calibrado), mal cozida em ambiente irregularmente oxidante, sem tratamento de superfícies (apresentado-se estas muito erosionadas).
Cor extremamente variável, até na mesma peça, do avermelhado ao castanho, avermelhado ou acinzentado.
Fundo plano não indicado.
- 10 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/331)
Pasta idêntica ao anterior. Fundo plano não indicado.
- 11 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/332)
Pasta idêntica ao anterior. Fundo plano não indicado.
- 12 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/333)
Pasta idêntica ao anterior. Fundo plano não indicado.
- 13 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/334)
Pasta idêntica ao anterior. Fundo plano. não indicado.

- 14 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/03/307)
 Pasta compacta não friável, abundante desengordurante mal calibrado (fino a médio), predominante quartzítico, com alguma mica, branca e preta. Superfícies bem alisadas. Tijela hemisférica, bastante aberta, bordo extrovertido afilado, lábio arredondado. Cerne de cor cinzenta muito escura, superfícies castanho avermelhado escuro com manchas vermelhas (desenhado).
- 15 – Fragmentos de vaso de fabrico manual. (PL/03/334)
 Pasta idêntica ao anterior. Cor irregular do castanho claro ao negro. Tigela hemisférica de fundo plano não indicado Bordo extrovertido de lábio afilado (desenhado).
- 16 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico manual. (PL/03/102)
 Pasta idêntica ao anterior. Bordo sub-vertica de lábio arredondado simples (desenhado).
- 17 – Fragmento de cossoiro. (PL/03/167)
 Fabrico idêntico ao da restante cerâmica manual. Secção troncoconica, com pefuração cilíndrica.
- 18 – Fragmento de fundo de vaso de fabrico manual. (PL/03/202)
 Pasta compacta, não friável, pouco desengordurante bem calibrado (fino), predominantemente quartzítico. Cor vermelha acastanhada escura. Fundo côncavo indicado por um ligeiro reforço externo. Superfícies completamente polidas, sendo a exterior canelada (desenhado).
- 19 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico ao torno. (PL/03/167)
 Pasta idêntica ao anterior. Bordo muito extrovertido, lábio boleado.
- 20 – Fragmento ombro e colo de vaso de fabrico ao torno. (PL/02/052)
 Pasta idêntica ao interior. Superfície externa preta. Superfície externa canelada.
- 21 – Fragmento de pança e ombro de vaso de fabrico ao torno. (PL/02/083)
 Fabrico idêntico ao anterior.
- 22 – Fragmentos de vaso de fabrico ao torno (PL/03/169-174)
 Pasta alaranjada com núcleos de desengordurante de cerâmica triturada, de cor vermelha. Aguada espessa acastanhada, posteriormente polida, aplicada sobre a superfície mal alisada. Taça de fundo plano ligeiramente indicado, bordo ligeiramente espessado, forma em calote de esfera.
- 23 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico ao torno. (PL/03/139)
 Pasta idêntica ao anterior. Engobe relativamente espesso e bem aderente, de cor negra. Bordo extrovertido.
- 24 – Fragmento de bordo de vaso de fabrico ao torno. (PL/03/)
 Pasta arenosa com algum desengordurante de grande calibre. Muito bem cozida. Cor cinzento claro com manchas avermelhadas. Taça sub-hemisférica com bordo espessado em toro.
- 25 – Fragmento de um grande vaso de fabrico manual. (PL/03/vários)
 Pasta compacta, não friável, pouco desengordurante bem calibrado (fino), predominantemente quartzítico. Cor muito variável do vermelho escuro ao negro. A forma não é reconstruível mas tratar-se-ia de um grande vaso de corpo globular, com um diâmetro máximo próximo dos cinquenta centímetros, colo esvasado, sendo os ombros indicados por uma ligeira carena. Não existem elementos do bordo ou do fundo. A superfície externa é irregularmente tratada, sendo o colo, acima dos ombros, intensamente polida e o restante deixado quase em bruto.
- 26 – Fragmento de bordo e bojo de um vaso decorado. (PL/Sup.)
 Pasta medianamente compacta, desengordurante quartzítico abundante, bem calibrado, fino. Cor castanho claro, de amarelado a acinzentado. Bordo extrovertido, arrancando dos ombros do vaso e inflexão bem marcada, bojo de tendência hemisférica (o fragmento recolhido, talvez devido à inserção do mamilo, mostra uma tendência para paredes sub-verticais, que talvez não corresponda à forma geral do vaso). Linha de incisões romboidais cruzadas, não horizontal, que toca no mamilo.

27 – Cossoiro (PL/Sup.)

Pasta arenosa, superfície bem alisada. Plano e secção irregular (tendencialmente circular e elipsoidal, respectivamente). Perfuração cilíndrica muito fina, que deixou marcas na superfície ao ser produzida, nomeadamente criando uma saliência à volta do orifício.

PARALELOS E INDICAÇÕES CRONOLÓGICAS

A taça referida pelo n.º 22 tem paralelos na taça C.-S. B.-T.2-C.1 da necrópole da Chada (recolhida juntamente com uma fíbula anular hispânica - Tipo II de Quadrado) com datação atribuída do fim do Séc. VI a. C. (BEIRÃO, 1986, 86 ss.) e, do ponto de vista técnico, com a taça encontrada na Sep. I da Necrópole do Mealha Nova, apenas vagamente datada pela sua relação com um escaravelho de *Pedubaste* (provável produção de *Naucratis*), cuja cronologia se pode estender pelos Sécs. VI e V a. C. As características do «cartouche» sugerem no entanto uma datação recente dentro do espaço indicado. (DIAS, BEIRÃO & COELHO, 1970, 181 ss.).

A taça que publicamos sob o n.º 24 encontra paralelo na taça da Sep. IV da necrópole da Herdade do Pêgo, que foi depositada juntamente com uma faca afalcatada de ferro, com decoração em cobre/bronze, uma ponta de lança de ferro e dois elementos de adorno (um em ouro), formando um conjunto cuja datação mais provável se centra de meados a finais do Séc. VI a. C., data que se coaduna, no estado actual dos nossos conhecimentos, com a reutilização de uma lápide epigrafada de I.ª Idade do ferro na construção da própria sepultura. (DIAS, BEIRÃO & COELHO, 1970, 187 ss.).

A cerâmica manual do Porto das Lages encontra bons paralelos em Cerro Salomón e La Joya (BLANCO, LUZON & RUIZ; 1970; 12 ss. e ROIZ & GARCIA; 1978; 63 ss.), e em diversas situações estratigráficas nas áreas de povoado de Huelva (BELÉN, FERNANDEZ-MIRANDA & GARRIDO 1977) entre muitas outras estações, que não recenseámos unidas entre si pela característica comum de pertencerem à entidade cultural geralmente apelidada de «Reino de Tartessos». Os vasos hemisféricos, sejam de lábio aplanado ou afilado, são extremamente frequentes em ambientes indígenas orientalizados por toda a Baixa Andaluzia e, supomos, Sul de Portugal. A sua frequência e a elementaridade da forma não constituem um bom indicio cronológico, mas a sua datação genérica dos Sécs. VII e VI, com uma maior incidência neste último, está mais do que provada. Cerâmica com distintos tratamentos de superfície em diversas áreas do corpo do vaso, ocorrem em Carmona e Setefilla (referências não verificadas), com datações dos Sécs. VII-VI a. C..

O vaso decorado recolhido à superfície, talvez a peça de aparência mais tardia do conjunto, não encontra paralelos imediatos na área. Significativo é no entanto o facto de nem a forma nem as características técnicas serem próximas de qualquer peça publicada do depósito voltivo de Garvão, o que nos permite apontar um *terminus ante quem* de inícios do Séc. IV (BEIRÃO, SILVA, SOARES, GOMES & GOMES; 1985).

Estamos portanto perante um conjunto cerâmico composto maioritariamente por cerâmica manual com paralelos numa vasta área do Sudoeste peninsular, em povoados e necrópoles dos Sécs. VII e VI a. C., ao qual se juntam alguns exemplares adquiridos fora do povoado, com paralelos próximos que nos permitem afinar a cronologia para um espaço centrado nos fins do Séc. VI. Isto é marcante se aceitarmos que existe uma profunda continuidade de tradições que vêm desde a Idade do Bronze, que se reflectem na tecnologia e no reportório formal das cerâmicas locais (DIAS & COELHO 1983, 205). Os horizontes definidos pela cultura material teriam portanto que ser definidos a partir de espécimes nela integrados em frequências estatisticamente pouco significativas, mantendo-se as frequências mais importantes compostas por tipos pouco variáveis, ou variáveis apenas na muito longa duração.

Pensamos ser possível, desta afirmação e por analogia, retirar algumas ilacções para o domínio da paleo-etnologia, que nos poderão indicar que as populações do alto e médio vale do Mira se mantêm como um fundo cultural (e, logo, presumivelmente étnico) constante, recebendo e adoptando dados culturais importados ao longo da proto-História.

Esta cronologia e o estatuto paleo-etnológico dos paralelos que encontramos permitem-nos colocar o povoado que estudamos num período da proto-história do Sudoeste que constituiria a transição entre as duas Idades do Ferro, tal como foram definidas por Caetano Beirão e Mário Varela-Gomes. Existindo dois mundos diferenciados, dentro da Idade do Ferro do Sul, o daquelas sociedades que possuem uma civilização dotada de escrita, e cujos aspectos civilizacionais

(do que podemos julgar pela análise da cultura material) deve muito ao mundo orientalizante (BEIRÃO & VARELA-GOMES, 1980, 6); e o das sociedades que começam a evoluir para um modo de vida completamente diferente, que actualmente supomos mais próximo das culturas da Idade do Ferro da Meseta e do Levante, a que chamamos propriamente Ibéricas, e que aparentemente esqueceram a escrita (já que reaproveitam as lápides como material de construção); o povoado do Porto das Lages integrar-se-á precisamente num momento de início da transição entre eles, num espaço cronológico que provavelmente abrange a segunda metade do Séc. VI a. C. e o primeiro quartel do Séc. V a. C.

QUESTÕES DE INTEGRAÇÃO CRONOLÓGICO CULTURAL

A escassez de paralelos próximos para a estação que estudamos (deixando de lado o povoado de Fernão Vaz, que aguarda uma monografia actualizada) deve-se certamente mais à inexistência de investigação do que a questões objectivas de distribuição geográfica de estações comparáveis.

A questão da relação entre o povoado do Porto das Lages e os habitats da I.^a Idade do Ferro detectados nas proximidades das necrópoles que utilizavam as lápides epigrafadas é uma questão fundamental para a correcta integração cronológico-cultural da estação. Infelizmente, no actual desenvolvimento da investigação, a ausência de dados concretos sobre a cronologia, a especialização económica (que se postula ter existido) e as prováveis relações de interdependência entre os povoados, impede qualquer tipo de afirmação positiva sobre a matéria. No entanto as investigações de Caetano Beirão sobre a escrita do SO Peninsular - à qual se deveria aplicar, aliás, o adjectivo de «cinética» - e os dados recolhidos sobre os seus povoados e necrópoles permite, pelo menos, traçar o quadro teórico e as linhas mais gerais pelas quais estes povoados se relacionam com o mundo tartéssico que lhes está próximo, e como recebem e elaboram os influxos da *koiné* orientalizante mediterrânica do Séc. VIII a. C. e seus efeitos posteriores.

O que podemos certamente afirmar é que a estratégia de ocupação do território a que estes povoados obedecem não é condicionada por parâmetros religiosos idênticos aos *heraia* greco-orientais - como é indicado em análises recentes do problema, que enfermam de falta de dados generalizados sobre as estações da zona e de uma valorização incorrecta de alguns elementos constantes da cultura material aí presente (GAMITO, 1986, 33). Será mais proveitoso para a investigação, e na ausência de dados mais concretos sobre a diacronia dos povoados até agora identificados, tomar-se como ponto de partida a íntima relação dos habitats com o rio (parecendo provável que a recolha de metais nobres nos aluviões fosse um dos vectores económicos explorados) e indagarmos da relação destes com os outros pontos habitados, localizados na península, de cuja situação topográfica se deduziria mais facilmente uma vocação agrícola ou pastoril.

A questão fundamental é vermos para onde se fazem os movimentos de fluxo e refluxo, respectivamente de matérias primas locais e artesanatos importados; como se fazem, se por comércio ou por intermédio de uma rede de autoridades locais ligadas por laços de cordialidade e dependência e finalmente quais as relações desta zona com os autores materiais do movimento de colonização das costas mediterrânicas, sejam púnicos ou greco-orientais. Alguns dados que começam a ser divulgados e algumas ideias que começam a surgir necessitam ainda, em nossa opinião, de maior ponderação crítica e de maior contraste com a realidade arqueológica. (ARRUDA, 1984, 217 ss.; SILVA, SOARES, BEIRÃO, DIAS & COELHO-SOARES, 1981, 149 ss.; COELHO-SOARES, 1986, 80 ss.; AUBET, 1986; CHAMPION & CHAMPION, 1986, 59 ss.; RENFREW; 1986, 1 ss.; CORREIA 1989).

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA 1984 - ARRUDA, Ana Alcáçova de Santarém. *Relatório dos trabalhos arqueológicos de 1984*, *Clio-arqueologia*, 1, Lisboa, INIC, 1984; 217-223.
- AUBET 1986 - AUBET, M.^a Eugénia, *Tyro y las colonias fenicias de Occidente*, Barcelona, Bellaterra ed., 1987.
- BEIRÃO 1986 - BEIRÃO, Caetano de Mello, *Une civilization protohistorique du Sud du Portugal*, Paris, De Boccard ed., 1986.
- BEIRÃO & VARELA-GOMES 1980 - BEIRÃO, Caetano de Mello & GOMES, Mário Varela, A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes) *Arqueológico Português*, Série IV, 1, Lisboa, 1983; 207-266.
- BEIRÃO, SILVA, SOARES, GOMES & GOMES; 1985 - BEIRÃO, Caetano de Mello; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; GOMES, Mário Verela & GOMES, Rosa Varela, Depósito Votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira Campanha de escavações, in *O Arqueólogo Português*, Série N.º 3, Lisboa, MNAE, 1985; 45 ss.
- BELÉN, FERNANDEZ-MIRANDA & GARRIDO 1977 - BELÉN, Maria FERNANDEZ-MIRANDA, Manuel & GARRIDO, Juan Pedro, Los origenes de Huelva, *Huelva Arqueológica*, III, Huelva, 1977.
- BLANCO, LUZON & RUIZ 1970 - BLANCO, A., LUZON, J. M. & RUIZ MATA, D., *Excavaciones arqueológicas en el Cerro Salomón. Rio Tinto, Huelva*, Sevilla, 1970.
- CHAMPION & CHAMPION 1986 - CHAMPION, Thimoty and Sara, Peer polity interaction in the European Iron Age, in *Peer polity interaction and socio-political change* (Colin Renfrew & John F. Cherry Ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 1986, 59 ss.
- COELHO-SOARES 1986 - COELHO-SOARES, Antónia, Achados arqueológicos na vila de Odemira, *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1, Évora, 1986/87 ss..
- CORREIA 1988 - HIPÓLITO CORREIA, Virgílio, *A estação da Idade do Ferro de Porto das Lages (Ourique)*, (ABC Portugal n.º 3), Lisboa, 1988.
- CORREIA 1989 - HIPÓLITO CORREIA, Virgílio, A expansão orientalizante na fachada atlântica da Península, comunicação ao Colóquio «Arqueologia Hoje» (Faro, 1989).
- DIAS, BEIRÃO & COELHO 1970 - DIAS, Maria Manuel Alves, BEIRÃO, Caetano de Mello & COELHO, Luís, Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo alentejo, Ourique, *Arqueólogo Português*, Série III, 4, Lisboa, MNAE, 1970.
- DIAS & COELHO 1983 - DIAS, Maria Manuela Alves & COELHO, Luís, Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole porto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique), *O Arqueólogo Português*, Série IV, 1, Lisboa, MNAE, 1983; 197 ss.
- GAMITO 1986 - GAMITO, Teresa, Júdice, Os espetos de Bronze do Sudoeste Peninsular - Sua interpretação socio-ideológica, *Conimbriga*, XXV, Coimbra, 1986, 23 ss.
- RENFREW 1986 - RENFREW, Collin, Introduction..., in *Peer polity interaction and socio-political change* (Collin Renfrew & John F. Cherry Ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 1986, 1ss.
- ROIZ & GARCIA 1978 - ROIZ, Juan Pedro Garrido & GARCIA, Elena M.^a Orta, *Excavaciones en la necropolis de «La Joya» Huelva II*. (Excavaciones Arqueológicas en España 96). Madrid, 1978.
- SILVA, SOARES, BEIRÃO, DIAS & COELHO-SOARES 1981 - TAVARES DA SILVA, Carlos, SOARES, Joaquina BEIRÃO, Caetano de Mello, FERRER DIAS, Luisa & COELHO-SOARES, Antónia, Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal, *Setúbal Arqueológica*, 6-7, Setúbal, 1981; 149-218.

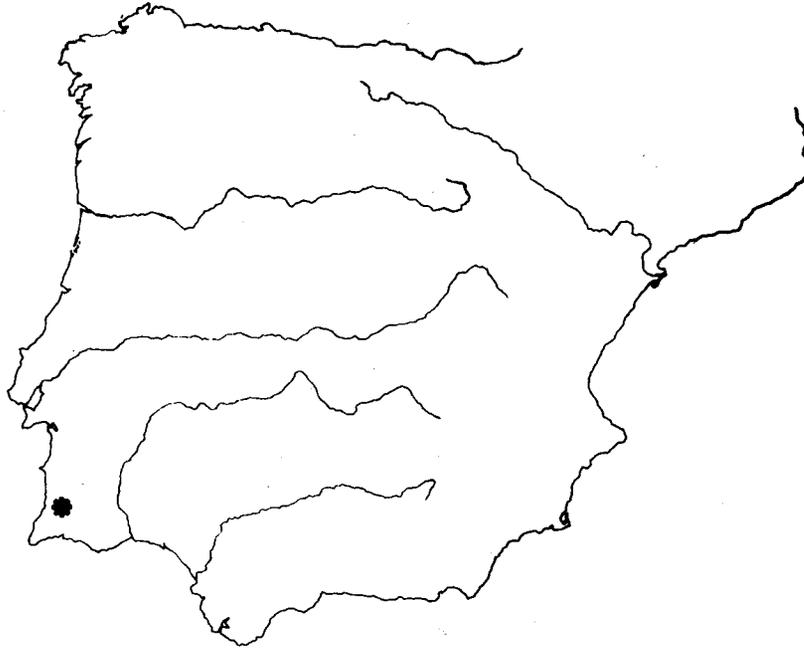


Fig. 1 - O porto das Lages na Península Ibérica.

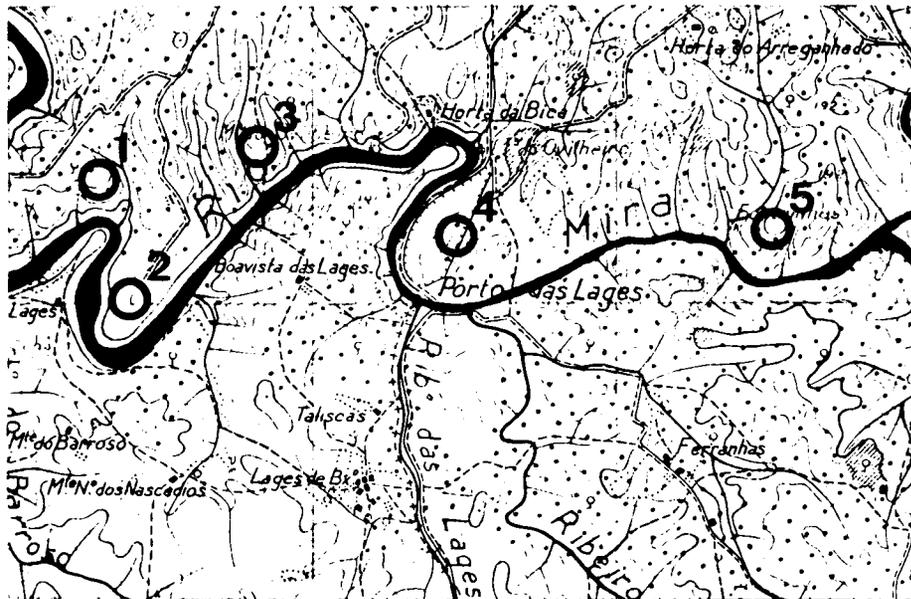


Fig. 2 - Povoados da Idade do Ferro no médio vale do Mira, 1/25000: 1- Vaga da Cascalheira; 2 - Fernão Vaz; 3 - Moinho do Ovilheiro; 4 - Porto das Lages; 5 - Pêgo da Sobreira.

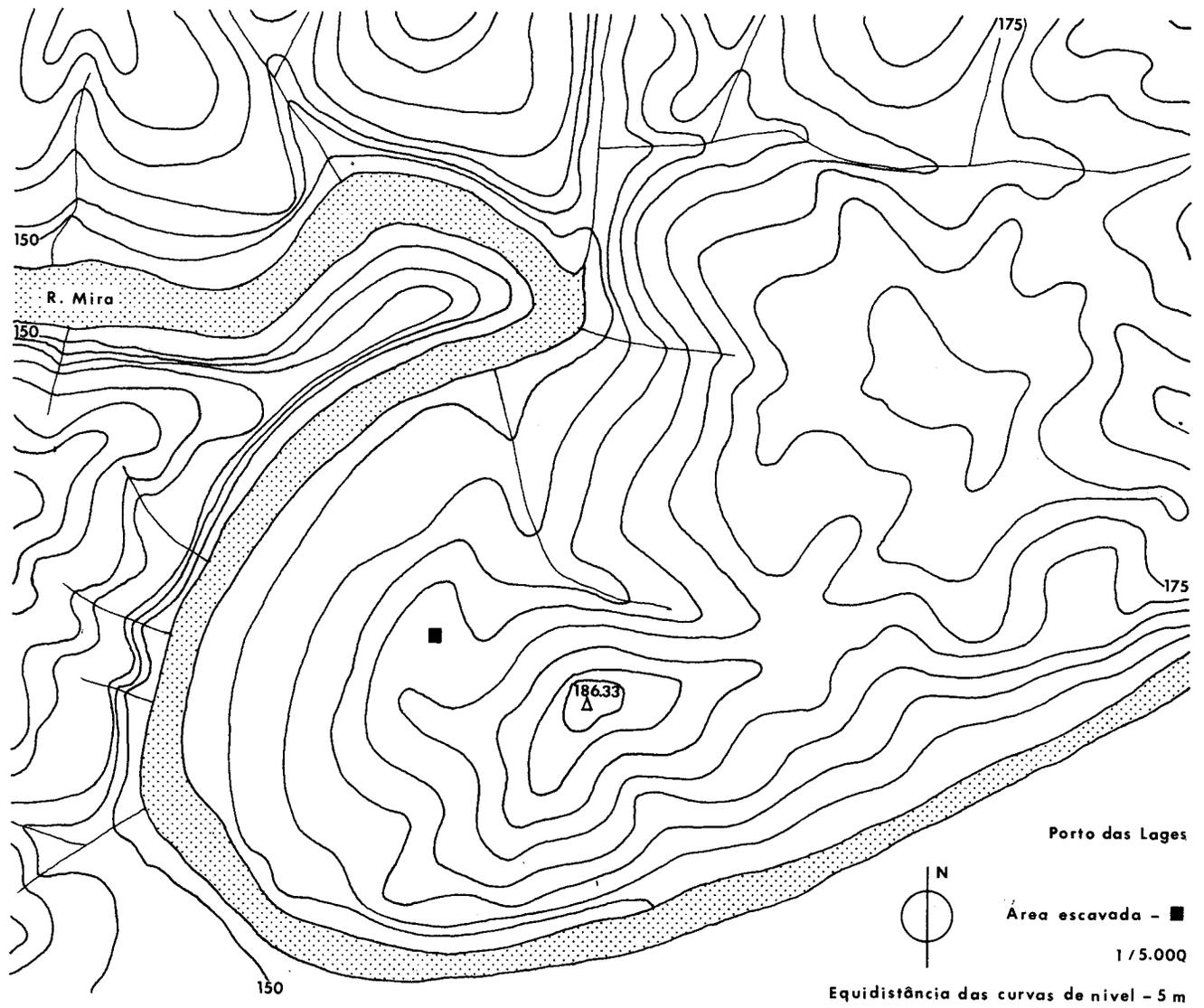


Fig. 3 - Porto das Lages, 1/5000.

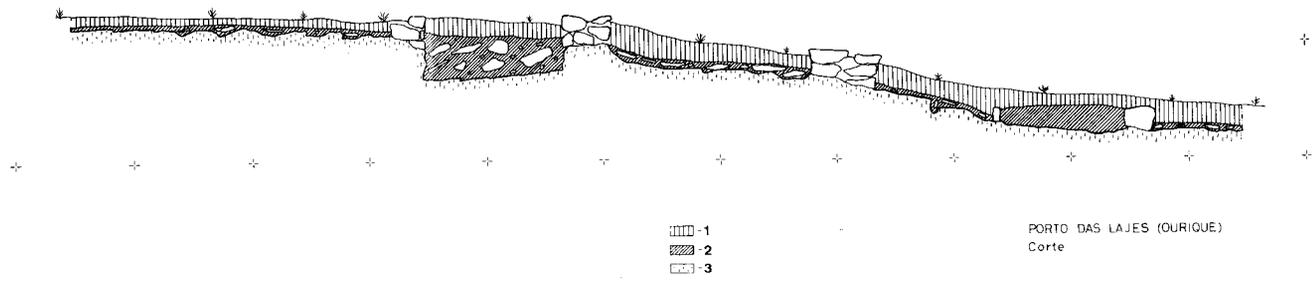


Fig. 4 - Perfil estratigráfico reconstruído, 1/60. 1 - Camada castanha clara; 2 - Camada avermelhada; 3 - Xistos da base.

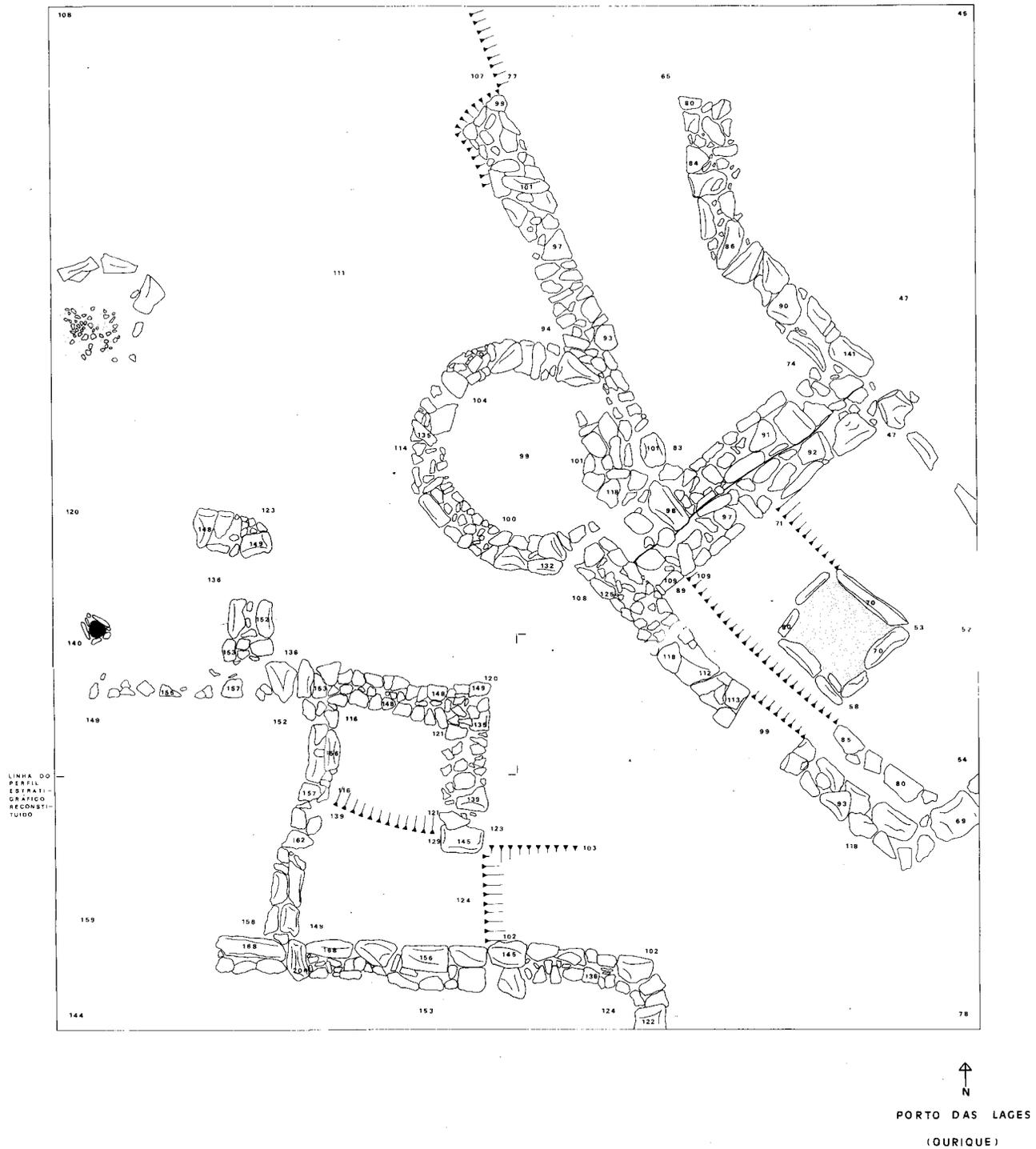


Fig. 5 - Planta das estruturas, 1/60.

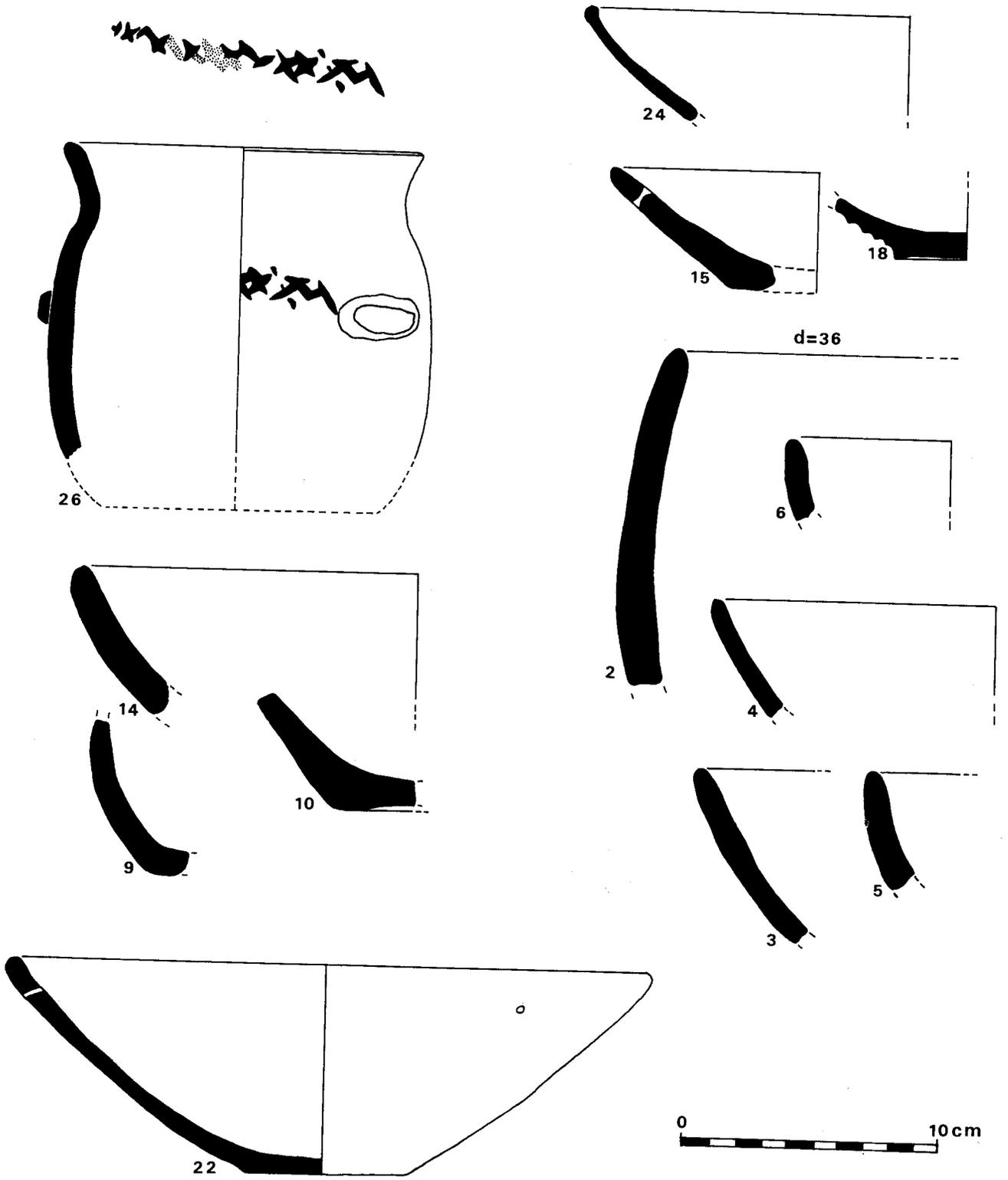
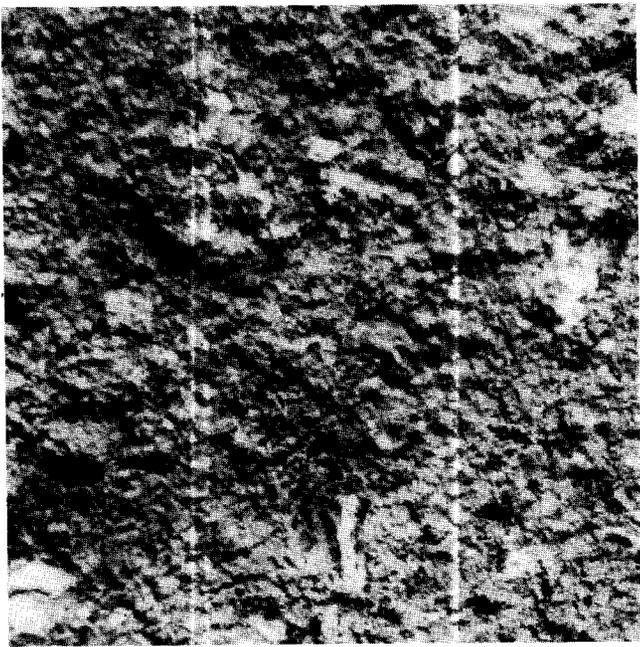
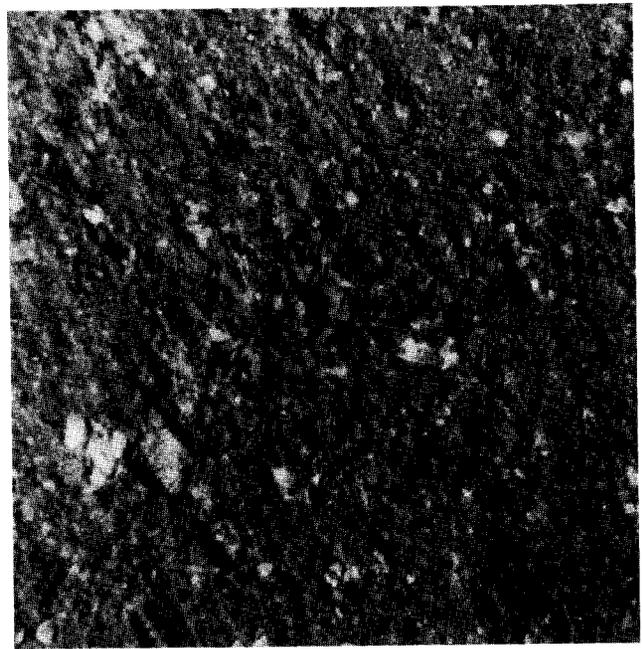


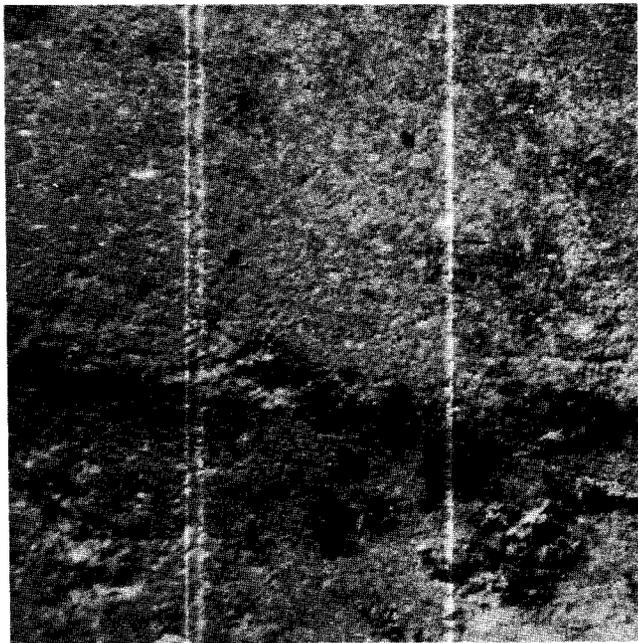
Fig. 6 - Cerâmicas (Números do catálogo).



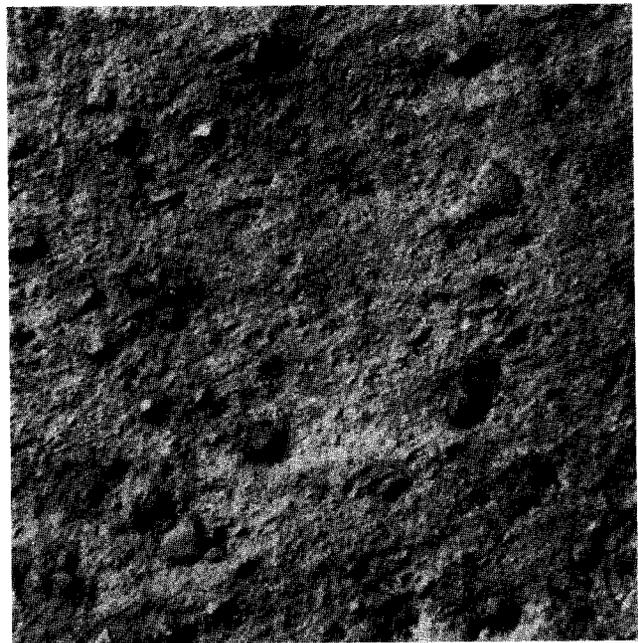
1



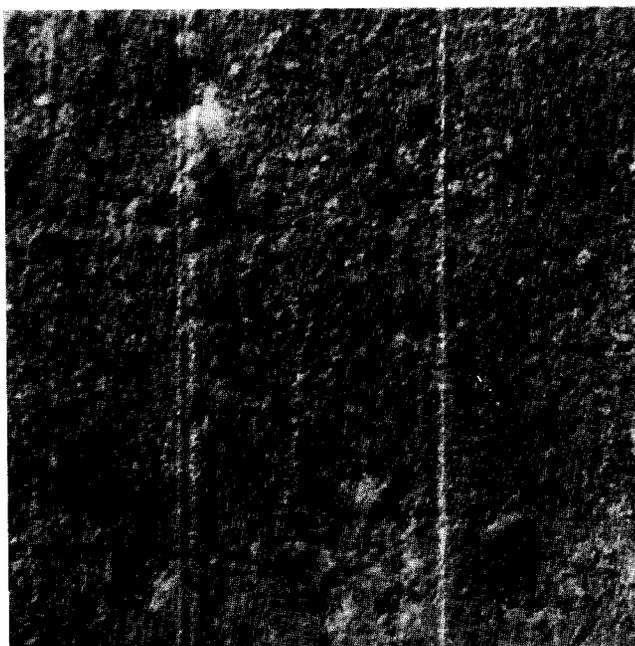
2



3



4



5



6

Fig. 7 - Aspecto superficial dois tipos cerâmicos, 10/1: 1 - cerâmica manual; 2 - Idem bem alisada; 3 - Cerâmica a torno polida em estrias; 4 - cerâmica arenosa; 5 - Engobe castanho; 6 - Engobe negro.

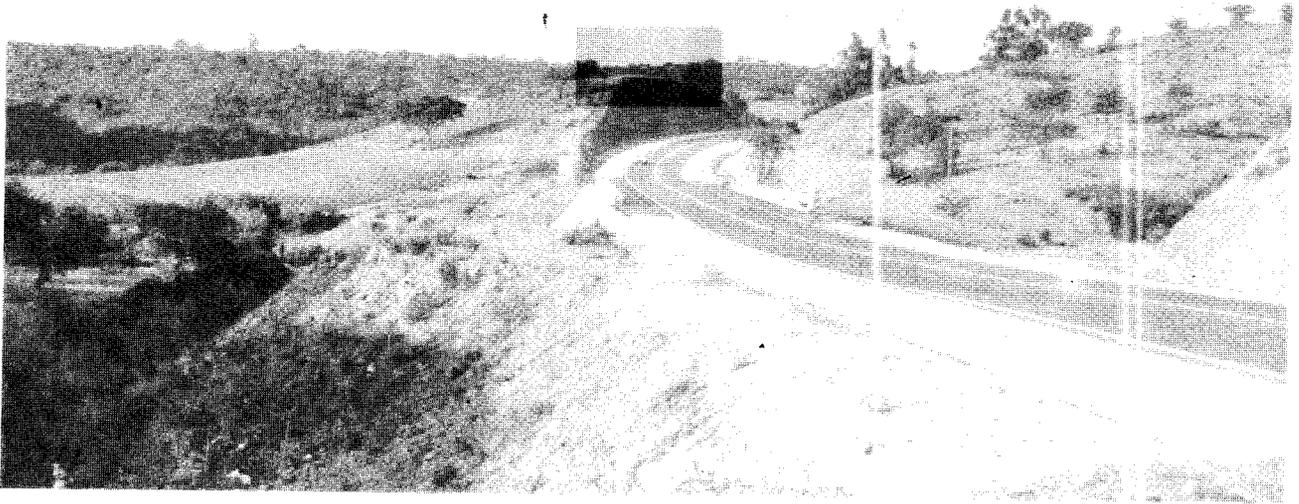


Fig. 1 - Localização. Visto do Sul.

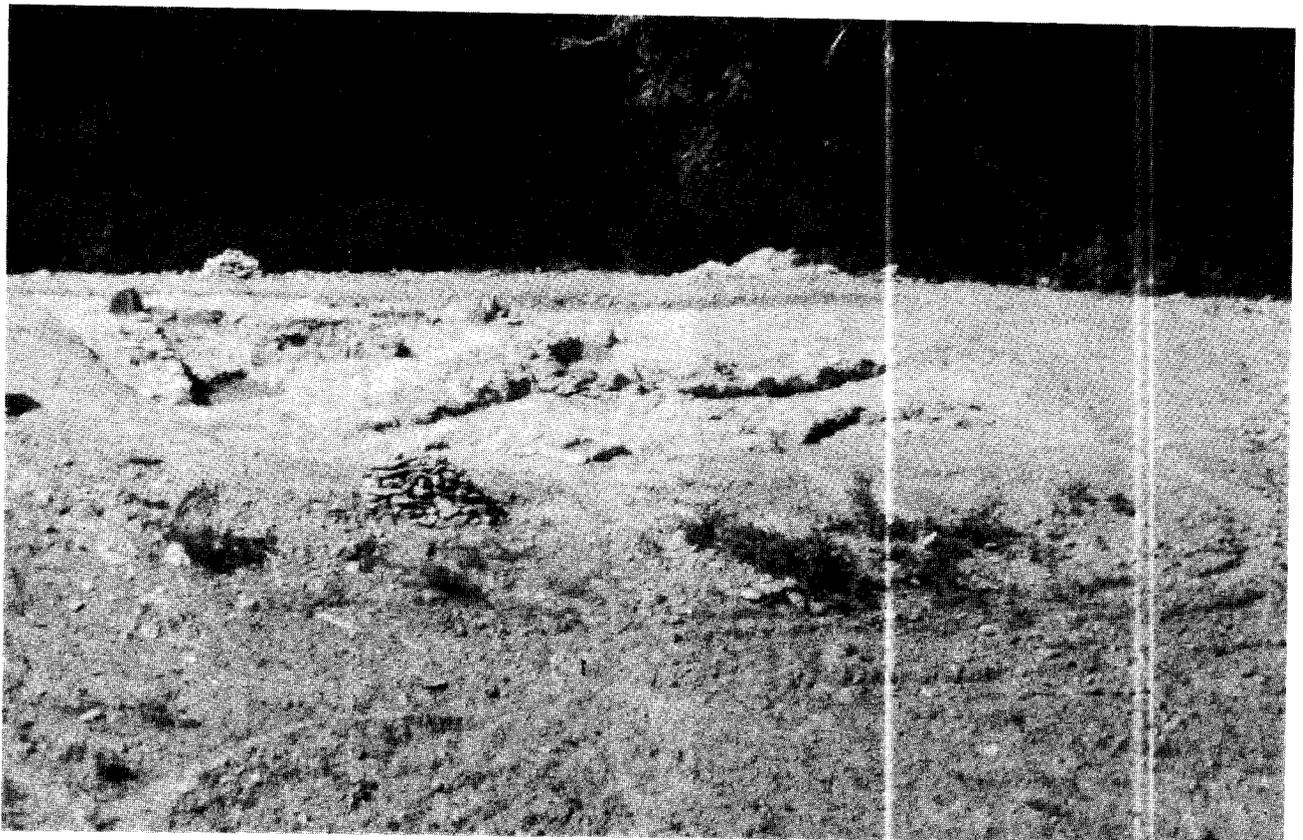


Fig. 2 - Aspecto da área escavada.

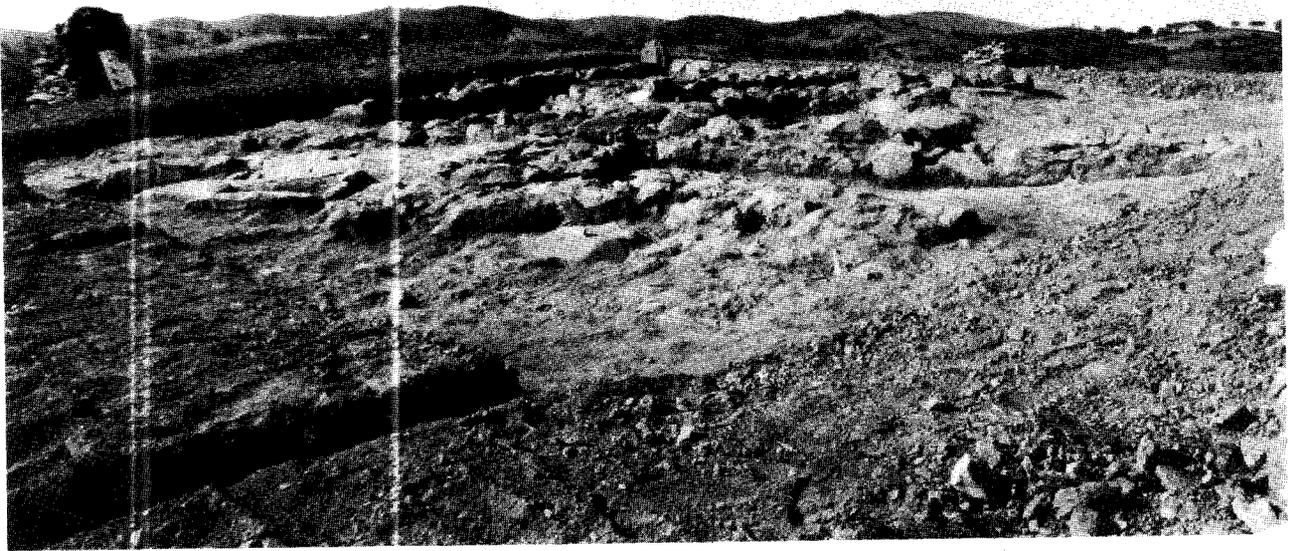


Fig. 3 - Aspecto das estruturas.

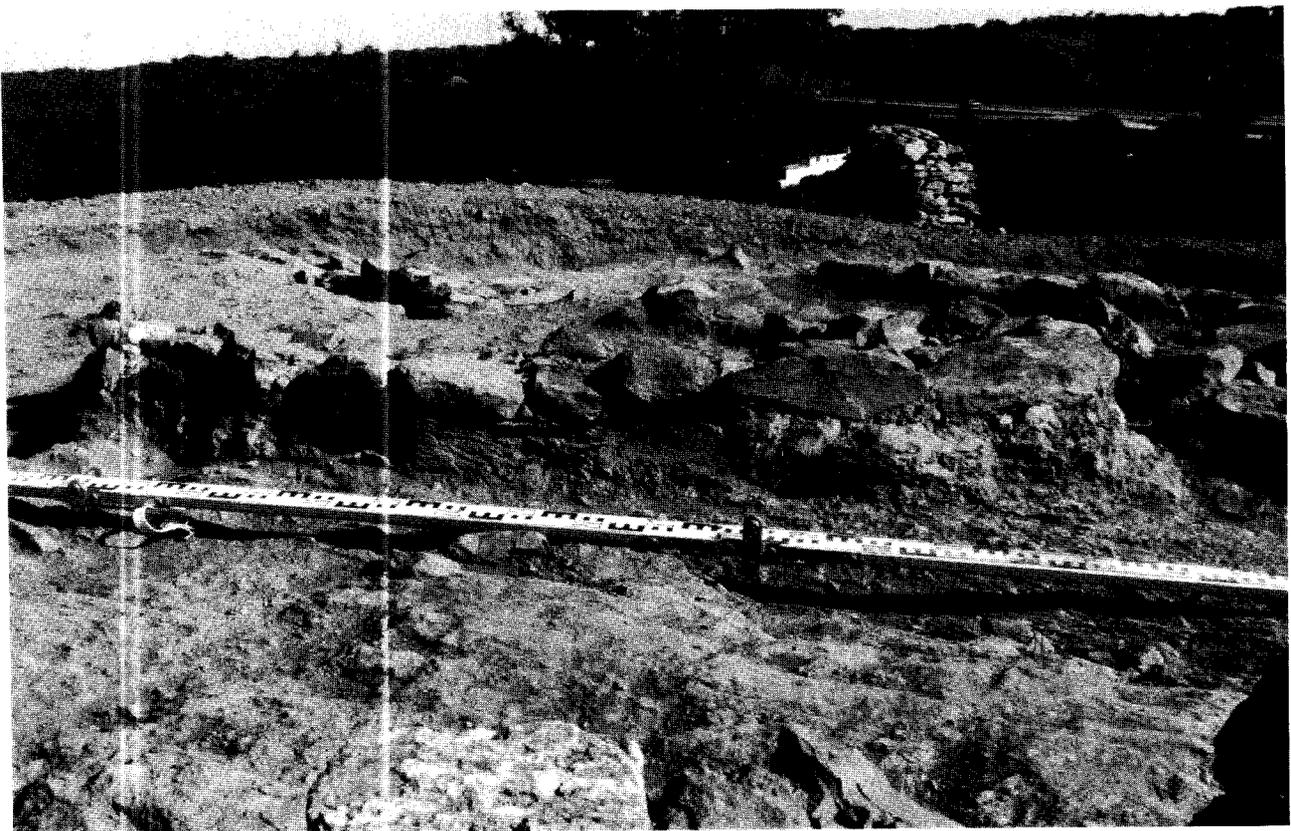


Fig. 4 - Alçado da construção circular.

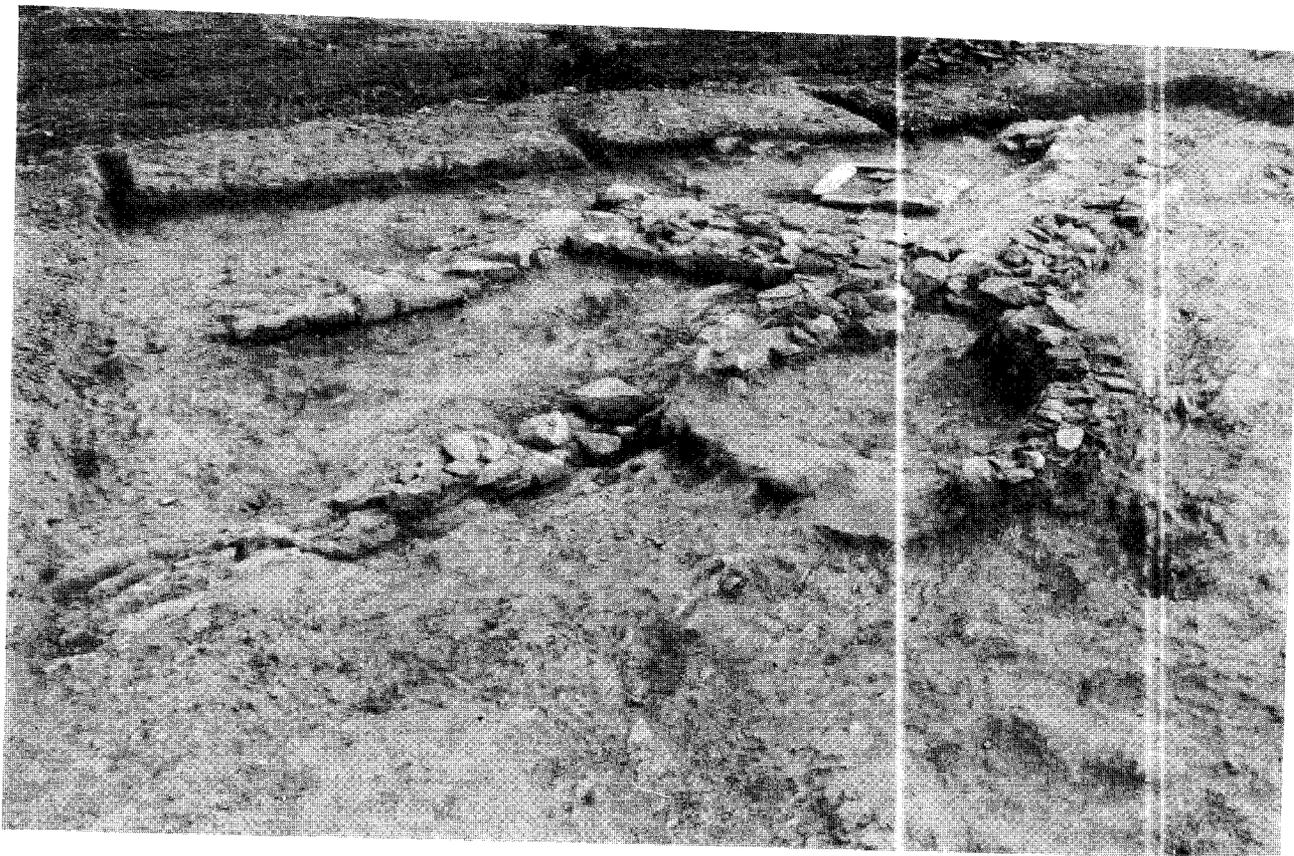


Fig. 5 - Estruturas a Nordeste da área escavada.

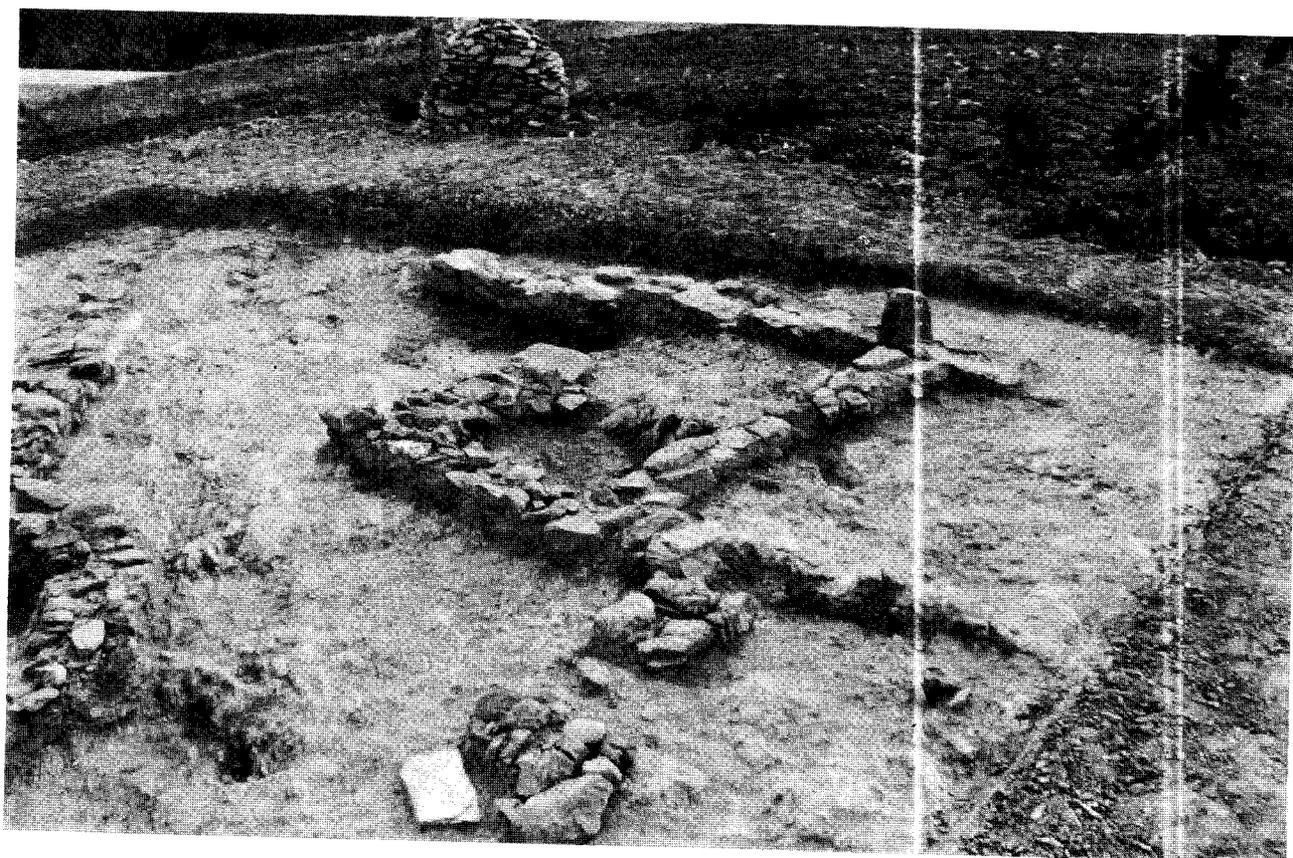


Fig. 6 - Estruturas a Sudoeste da área escavada.

MONUMENTOS MEGALÍTICOS DA SERRA DO ARESTAL (SEVER DO VOUGA - VALE DE CAMBRA). INVENTÁRIO PRELIMINAR

Ana M. S. Bettencourt *
Teresa M. H. Rebelo **

1 - INTRODUÇÃO

A realização de inventários, ainda que incompletos, justifica-se pela inexistência de um projecto sistemático de «Carta Arqueológica» e pela enorme quantidade de informações que, se perderiam pela não publicação de trabalhos deste tipo.

Os trabalhos de prospecção arqueológica, mesmo que elaborados em áreas relativamente restritas ou com pouca unidade geomorfológica, deveriam ser alvo de publicação imediata, pois são capitais para o conhecimento do património arqueológico nacional e para a sua preservação, conservação e defesa.

No domínio do megalitismo, tipo de monumentos que pelas suas características próprias se tornam, a olhos menos experimentados, pouco perceptíveis na paisagem, o ritmo crescente das destruições, provocadas pela florestação de grandes áreas, torna urgente a sua inventariação a nível nacional, primeira medida a adoptar numa política coerente de defesa deste património.

Se os argumentos, apresentados não justificassem este tipo de publicações, poderíamos acrescentar que sem trabalhos arqueográficos, são impossíveis estudos de âmbito geral, pelo que o inventário em questão constitui uma nova base de dados para quem sobre a região se venha a dedicar posteriormente.

O inventário compreende os monumentos megalíticos de carácter sepulcral encontrados nas áreas prospectadas da Serra do Arestal. Os concelhos abrangidos são os de Sever do Vouga e Vale do Cambra, este último ainda que de forma parcial.

Os dados obtidos em Sever do Vouga, resultaram de trabalhos pontuais iniciados em 1981 ⁽¹⁾ e retomados de forma sistemática em 1987, inseridos num projecto de «Carta Arqueológica» ⁽²⁾. Os monumentos registados no concelho de Vale de Cambra, devem-se a prospecções efectuadas no Verão de 1988, no âmbito de um trabalho escolar. ⁽³⁾

2 - METODOLOGIA

Como ponto de partida para a inventariação e cartografia dos monumentos megalíticos, procedemos à recolha bibliográfica, ao estudo dos dados toponímicos da região, bem como à consulta de vários tipos de cartas (Geológicas, Geomorfológicas, Corográficas, de Uso e Ca-

* Assistente da Universidade do Minho

** Professora do Ensino Secundário

⁽¹⁾ Este trabalho foi realizado por Ana Bettencourt durante a licenciatura em História-Variante Arqueologia e entregue no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

⁽²⁾ O projecto de «Carta Arqueológica do Concelho de Sever do Vouga» a realizar em vários anos está a ser inteiramente financiado pela Câmara Municipal deste concelho. Actualmente os trabalhos prosseguem sob a direcção das Dras. Maria José Bento e Maria José Miranda.

⁽³⁾ Trabalho realizado por Teresa Rebelo no âmbito da Licenciatura em História-Variante Arqueologia e entregue no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

pacidade de Solos, etc.), o que nos permitiu obter um manancial de dados a utilizar na fase seguinte, a da prospecção no terreno.

Nesta fase, sempre que possível, percorremos as zonas com condições geomorfológicas propícias à implantação de monumentos megalíticos, apoiando-nos frequentemente em informações orais das populações locais.

Todos os monumentos identificados foram cartografados na «Carta Militar de Portugal», escala 1/25.000, descritos de forma tão objectiva quanto as condições particulares de cada um o permitiram, e fotografados.

A sua descrição processou-se através do preenchimento de uma ficha previamente efectuada para tal, onde constam, por ordem de entrada, os seguintes elementos:

- Nome(s) do monumento, lugar, freguesia e concelho a qual pertencem, número e data da «C. M. P.», coordenadas quilométricas, altitude, descrição geomorfológica da área de implantação, ambiente ecológico, características gerais do monumento, intervenções arqueológicas, espólio e depósito do mesmo, referências bibliográficas.

O inventário propriamente dito foi dividido em duas partes; a primeira, regista por ordem alfabética todos os monumentos que observámos directamente; a segunda, inclui um conjunto de dados fornecidas quer pela bibliografia, quer por informações orais, e que por diversas razões não puderam ser confirmadas ou infirmadas.

No índice de monumentos por ordem alfabética, aqueles que são conhecidos por mais de um topónimo, entram por todos eles, aparecendo assim repetidos.

Abreviaturas Utilizadas:

Alt.	Altitude
Arest.	Arestal
Bor.	Borralhal
Cep.	Cepelos
C. M. P.	Carta Militar de Portugal
C. Arca	Campo de Arca
Cerc.	Cercal
Cerq.	Cerqueira
C. Esteves	Couto de Esteves
Cov.	Coval
Dorn.	Dornelas
Felg.	Felgueiras
Fol.	Folhense
Ir.	Irijó
Junq.	Junqueira
M.	Meridiano
M. Velha	Mouta Velha
P.	Paralelo
R. Vouga	Rocas do Vouga
S. Vouga	Sever do Vouga
S. Escura	Silva Escura
V. Cambra	Vale de Cambra

3 – MEIO FÍSICO (Est. I, 1)

A Serra do Arestal, que, administrativamente, percorre os concelhos do Sever do Vouga, Vale de Cambra e em menor escala o de Albergaria-a-Velha, é um maciço montanhoso orientado no sentido NE-SW, considerado contraforte da Serra da Arada.

Situada na margem direita do Vouga que a delimita a Sul, esta serra tem de extensão cerca de 20 Km e atinge a sua altitude máxima à cota de 869m acima do nível do mar. A Norte e Oeste, é delimitada pelo rio Caima e a Este, pelo rio Teixeira, importantes afluentes do Vouga. A Nordeste, é delimitada convencionalmente com a Serra da Arada, pela presença de uma falha de escarpa provável, orientada no sentido NW-SE.

Constituída, nas zonas mais elevadas, por grandes planaltos, a Serra do Arestal desce de forma relativamente suave a Este, formando várias plataformas onde irrompem pequenos cabeços. De forma geral, as vertentes Norte, Sul e Oeste são mais acentuadas, descendo de forma abrupta para o rio Vouga, Teixeira e Caima onde originam vales profundos e encaixados.

Segundo a «Carta Geológica de Portugal», na escala 1/50000, folha 3-D, Oliveira de Azemeis, de 1981, os planaltos superiores e a vertente Oeste da Serra são constituídos por xistos, grauvacoides e quartzitos cinzentos pertencentes ao complexo dos xistos das Beiras. São relativamente frequentes nestes planaltos, afloramentos graníticos de tendência alcalina, de grão fino e granodioritos gnássicos, de grão médio, bem como filões de quartzo e de quartzodioritos.

Na encosta Este, predominam os granitos de tendência alcalina com duas micas, de grão médio e grosseiro, algumas intrusões xistosas e a ocorrência de filões de quartzo.

Minerologicamente, o subsolo é rico em cobre, chumbo, estanho e volfrâmio.

A Serra do Arestal insere-se numa zona de Cambissolos húmicos associados a Luvisolos de forte influência atlântica (4), na sua maioria de classe F e de utilização não agrícola, com excepção de algumas áreas de encosta Este onde os solos são de classe C e de utilização agrícola condicionada (5).

O revestimento vegetal é composto essencialmente por florestas de pinheiros bravos e eucaliptos de introdução recente, com algumas manchas de castanheiros e carvalhos caducifólios que poderão representar resquícios da vegetação primitiva da zona.

Nos planaltos superiores e nas chãs de encosta, encontram-se algumas culturas cerealíferas com predominância para o milho e centeio. Nas zonas abrigadas da encosta, o milho combina com a cultura da vinha, da oliveira e da laranjeira.

A fauna é essencialmente constituída por animais domésticos com predomínio do gado bovino, seguido do ovino e caprino, tendo a criação de gado, constituído, até inícios do séc. XX, um recurso alimentar importante para as populações rurais da região.

O clima é temperado marítimo, progressivamente mais rigoroso nas zonas de maior altitude.

4 – INVENTÁRIO (Est. I, 2; II-III)

4.1. - Monumentos Cartografados

N.º 1 - *Mamoá das Águas*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554, 50; P. = 4517,15; Alt. = 758m

Numa grande chã da encosta Nordeste da Serra do Arestal, onde ocorrem afloramentos graníticos.

Zona florestal e agrícola com predominância de pinheiros e milho respectivamente, embora a mamoa se encontre coberta por vegetação herbácea.

A Sudoeste existe uma nascente de água potável.

O monumento é bem visível na paisagem. Apresenta uma fossa evidente de violação na área da câmara onde não são perceptíveis esteios.

Tem vestígios de couraça lítica superficial e é elíptica; mede no sentido Norte-Sul, cerca de 25,30m e no sentido Este-Oeste, cerca de 22,30m.

Inédita (6).

N.º 2 - *Mamoá d'Alagôa/Alto do Biso* (7)

Rocas da Vouga; Rocas da Vouga; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 554,80; P. = 4515,20; Alt. = 830m

Numa zona periférica do planalto superior da Serra do Arestal, entre dois afloramentos graníticos mas em situação de destaque na paisagem.

(4) Segundo a «Carta dos solos de Portugal», na esc. 1/1000.000.

(5) Segundo a «Carta de Uso e Capacidade de solos», na esc. 1/1000.000.

(6) Poderá ser um dos monumentos indicados nos inéditos de Alberto Souto, que refere uma mamoa na Chã, a Norte do Arestal, citado em M. M. M. SILVA, 1986, p. 59.

(7) O segundo topónimo foi-nos indicado pelo Senhor Aristides Gonçalves da Graça, morador no lugar do Arestal.

Região florestal com predominância de pinheiros. A algumas centenas de metros, a Norte e a Noroeste, há alguns terrenos agrícolas. A cerca de 200m para Oeste existia uma pequena lagoa natural.

Monumento relativamente baixo, acusando uma depressão central na zona da câmara onde não se registam esteios.

Sobre o lado Oeste do *tumulus*, que apresenta vestígios de couraça lítica superficial, há um esteio deslocado, provavelmente oriundo da câmara.

É circular, mede de diâmetro aproximado cerca de 11m.

BETTENCOURT, 1982, p. 40, cartografa o monumento, embora com uma pequena imprecisão.

N.º 3 - *Mamoá do Alto do Cruzeiro* (Est. VI, 1)

Arões; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 559,10; P. = 4517,50; Alt. = 550m

Sobre um pequeno talvegue da encosta Este da Serra do Arestal formando pela intersecção de dois cabeços existentes a Norte e a Sul. Zona granítica.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros.

O monumento é baixo, pouco visível na paisagem, apresentando uma fossa de violação na área da câmara onde ainda se podem observar quatro esteios *in situ*.

A câmara, tem uma planta poligonal e mede cerca de 70cm de diagonal. Deveria ter sido constituída por cinco esteios. O ortasto que parece o maior, volta-se a nascente e mede 70cm de largura, por 50cm de altura visível e 20cm de espessura máxima.

O *tumulus* é circular; tem de diâmetro aproximado 7,5m.

Inédita.

N.º 4 - *Mamoá do Arieiro ou Souto do Coval 3* (*)

Coval; Couto de Esteves; Sever de Vouga

N.º 165 (1978); M. = 557,20; P. = 4515,10; Alt. = 664m

Numa pequena chã da encosta Este da Serra do Arestal.

Área granítica, sobranceira ao vale da Ribeira da Corga.

Paisagem arbustiva e herbácea.

Monumento de pequenas dimensões, parcialmente destruído a Norte e a Noroeste pelo caminho que lhe dá acesso.

A área central, violada, contém ainda três esteios, dois deles (?) *in situ*.

Sobre a mamoa, do lado Oeste, há outro esteio fora do seu contexto original.

O *tumulus*, com couraça lítica superficial, tem na periferia dos lados Este e Sul blocos pétreos de grandes dimensões que poderão corresponder a fragmentos de outros esteios semi-enterrados ou a qualquer estrutura periférica que aí tivesse existido. Pelo lado Noroeste e Norte passa-lhe um muro por cima.

Mede actualmente cerca de 8,80m no sentido Norte-Sul e 10m no sentido Este-Oeste.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

(*) Designação de L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 473. O nome que lhe conferimos resulta do micro-topónimo pelo qual é conhecido o local onde o monumento se situa.

N.º 5 - *Mamoã do Cabeço de Fojo/Cemitério dos Mouros* (º)
Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 557,80; P. = 4514,35; Alt. = 500m

Num pequeno esporão da encosta Este da Serra do Arestal, muito próximo de um afloramento granítico.

Paisagem florestal com pinheiros e eucaliptos que cobrem parcialmente a mamoã.

Monumento bem perceptível na paisagem, apresentando uma depressão central de violação na zona da câmara, onde ainda se conserva um esteio visível.

A área do *tumulus* tem vestígios de couraça lítica superficial e é circular, medindo de diâmetro aproximado 10m.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografada o monumento mas não com suficiente precisão.

N.º 6 - *Mamoã ou Dolmen da Cerqueira I/Pedra Moura I* (1º) (Est. IV, 6; V, 1)
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,80; Alt. = 510m

Sobre um pequeno afloramento, numa zona periférica de uma grande chã da vertente Este da Serra do Arestal, em situação de destaque na paisagem e num local com abundantes afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com pinheiros, eucaliptos e algum milho. Nas imediações ocorrem lameiros.

Monumento constituído por uma câmara poligonal grande, composta por nove esteios e tampa, com cerca de 3,54m de largura por 3m de comprimento. O corredor, voltado a nascente, é longo e diferenciado da câmara em planta e alçado. Embora cortado pelo estradão que lhe dá acesso mede 4,40m de comprimento. A tampa da câmara, constituída por uma lage sensivelmente circular, mede cerca de 3,76m de largura por 3,26 de comprimento. Em alçado os esteios apresentam-se quase na vertical. A mamoã é do tipo «clássico», composta por uma couraça lítica superficial, por terras compactadas e por um anel lítico de contrafortagem em redor da câmara e do corredor.

Escavações de L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, e A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

Escavações de A. BETTENCOURT em Julho/Agosto de 1988.

O espólio de ambas as escavações é composto essencialmente por material lítico proveniente da câmara e do corredor. Destacamos cinco pontas de seta de base triangular, uma ponta pedunculada, seis micrólitos (cinco trapezoidais e um crescente) quatro lâminas e fragmentos de outras, por vezes retocadas, um raspador, várias lascas, dois núcleos, um pequeno disco de xisto não decorado, um objecto (?) indeterminado, um elemento móvel e fixo de moinho manual, bem como um seixo rolado.

Os fragmentos de cerâmica pré-histórica, de cor alaranjada, são muito reduzidos, não possibilitando a reconstituição de formas concretas.

O depósito de parte deste material encontra-se na Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11 e o restante, depositar-se-á, em breve, no Museu de Aveiro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474; 476-478, descreve sumariamente a escavação e o material exumado.

(º) É frequente a população da zona referir-se ao monumento do Cabeço do Fojo como local de Cemitério de Mouros.

(1º) Designação de L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 473. Optámos pelo uso do topónimo Cerqueira para nomear a necrópole, em virtude da mamoã I ser conhecida popularmente por «Dólmen de Cerqueira» e existirem várias placas de sinalização, com essa designação.

Sempre que nos foi possível fizemos corresponder a actual numeração dos monumentos com a anteriormente usada.

BETTENCOURT, 1989, p. 85-113, publica de forma sistemática os resultados da campanha de escavação de 1988, e estuda de novo os materiais da campanha de 1956.

N.º 7 - *Mamoia da Cerqueira 2/Pedra Moura 5* ⁽¹⁰⁾ (Est. IV, 5)
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,70; Alt. = 500m

(A cerca de 170m a Su-Sudeste da Mamoia da Cerqueira 1 e a 13,5m a Sul da Mamoia da Cerqueira 3)

Numa zona periférica de uma chã da vertente Este da Serra do Arestal, em situação de destaque na paisagem. Perto ocorrem afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento constituído por uma câmara sub-quadrangular, talvez de tipo cista, composta por quatro esteios e com 1,40m de comprimento por 1,25 de largura. Actualmente, conservam-se dois esteios *in situ*. A mamoia envolvente apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é ligeiramente elíptica. Mede, no sentido Norte-Sul, cerca de 16m e no sentido Este-Oeste, 18,50m.

Escavações de L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

O espólio exumado, proveniente do interior da câmara, é composto por um micrólito trapezoidal simétrico, em sílex bege, de 3,4cm de comprimento máximo por 0,90cm de comprimento mínimo, 0,95cm de largura e 0,25cm de espessura ⁽¹¹⁾.

O depósito deste material encontra-se a Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474; 479-480, publica sumariamente os trabalhos de escavação.

N.º 8 - *Mamoia da Cerqueira 3/Pedra Moura 4* ⁽¹⁰⁾ (Est. IV, 2)
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,71; Alt. = 500m

(A cerca de 170m a Su-Sudeste da Mamoia da Cerqueira 1 e a 20m a Sul da Mamoia da Cerqueira 4)

Ver ficha n.º 7.

Ver ficha n.º 6.

Monumento de câmara trapezoidal, provavelmente fechada, com cerca de 1,75m de comprimento por 60cm de largura mínima. Não foi possível estabelecer a largura máxima da câmara devido à inexistência de alguns esteios, mas esta não devia exceder 1,50m.

A mamoia envolvente apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é circular, medindo de diâmetro aproximado 13m.

Escavação de L. A. CASTRO, O. V. FERREIRA, A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

Não há referência a qualquer tipo de espólio.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474; 479, publica sumariamente o resultado das escavações.

N.º 9 - *Mamoia da Cerqueira 4/Pedra Moura 3* ⁽¹⁰⁾
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

⁽¹¹⁾ Estudo realizado por Ana Bettencourt.

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,73; Alt. = 500m

(A cerca de 170m a Su-Sudeste da Mamoa da Cerqueira 1 e a 20m a Sul da Mamoa da Cerqueira 5)

Na grande chã da vertente Este da Serra do Arestal, numa zona com profusão de afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento bem perceptível na paisagem, sem vestígios de esteios na zona da câmara. A mamoa envolvente apresenta restos de uma couraça lítica superficial e é circular medindo aproximadamente 15m de diâmetro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento que diz ter explorado sem qualquer outra informação.

N.º 10 - Mamoa da Cerqueira 5/Pedra Moura 11 ⁽¹⁰⁾
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga ⁽¹²⁾

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,75; Alt. = 500m

(A 24m a Norte da Mamoa da Cerqueira 4)

Na grande chã da vertente Este da Serra do Arestal em local com abundantes afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento muito pouco perceptível na paisagem, com uma pequena depressão central e sem esteios visíveis.

Há vestígios de uma couraça lítica superficial. A mamoa é circular e mede de diâmetro cerca de 10m. Estaremos na presença de uma pequena cista do tipo da encontrada na Mamoa 1 da Fonte da Malga (Viseu) ou mesmo das registadas na necrópole de Parão (Tondela)? ⁽¹³⁾.

A resposta a esta questão passa evidentemente por uma escavação sistemática do monumento.

CASTRO *at alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

N.º 11 - Mamoa da Cerqueira 6/Pedra Moura 9 ⁽¹⁰⁾
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga ⁽¹²⁾

N.º 165 (1978); M. = 558,35; P. = 4514,85; Alt. = 510m

(A cerca de 43m a Nor-Nordeste da Mamoa da Cerqueira 1)

Numa grande chã de vertente Este da Serra do Arestal, numa zona onde ocorrem afloramentos graníticos.

Ver ficha n.º 6.

Monumento bem perceptível na paisagem. Na zona central há uma depressão sem esteios visíveis.

A mamoa apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é circular, embora mais compacta pelos lados Sul e Este. Mede 13m de diâmetro aproximado.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474 cartografa o monumento.

⁽¹²⁾ Segundo a C. M. P. na escala 1/25.000, este monumento encontra-se administrativamente situado em território do Concelho de Sever do Vouga, embora localmente se afirme que ele já pertence ao Concelho de Vale de Cambra.

⁽¹³⁾ F. KALB, M. HÖCK, 1979 a), p. 596, 598-599 refere «Antes da escavação o monumento tinha uma aparência de uma Mamoa pouco elevada, coberta de pedras e com cerca de 6 metros de diâmetro...»; F. KALB; M. HÖCK, 1979 b), p. 46-52; J. COELHO, 1947, p. 99-114.

N.º 12 - *Mamoas da Cerqueira 7/Pedra Moura 10 (?)* (14)

Cercal; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,33; P. = 4514,87; Alt. = 510m
(A cerca de 19m a Nor-Noroeste da Mamoa da Cerqueira 6)

Sobre um afloramento de uma grande chã da vertente Este da Serra do Arestal.

Ver ficha n.º 6.

Monumento muito baixo que seria pouco perceptível na paisagem se não estivesse construído sobre um afloramento.

Há uma pequena depressão central na zona que poderá corresponder à câmara. Na área envolvente, ocorrem vestígios de couraça lítica, confirmados pela limpeza superficial de uma pequena área. Poderá tratar-se de um monumento do mesmo tipo do da Mamoa de Cerqueira 5.

Parece medir 9m de diâmetro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.N.º 13 - *Mamoas da Cerqueira 8/Pedra Moura 10 (?)* (14)

Cercal; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,35; P. = 4514,87; Alt. = 510m
(A cerca de 19m a Nor-Noroeste da Mamoa da Cerqueira 6)

Ver ficha n.º 12.

Ver ficha n.º 6.

Monumento pequeno e baixo com uma ligeira depressão central assinalando a área da câmara.

A existência de uma couraça lítica também foi confirmada por uma pequena limpeza superficial.

Comentário sobre as Mamoas da Cerqueira 7 e 8:

As couraças líticas dos dois monumentos parecem confundir-se em determinada zona, pelo que poderíamos estar em presença de uma estrutura complexa, cuja mamoa envolvesse mais do que uma sepultura.

O facto dos monumentos quase se confundirem com o afloramento sobre o qual se ergueram, dificulta uma observação mais objectiva, pelo que as hipóteses expressas se fazem com algumas reservas.

N.º 14 - *Mamoas da Cheirinha*

Dornelas; Silva Escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 551,85; P. = 4516,40; Alt. = 665m

No alto do Cabeço da Cheirinha, na encosta Oeste da Serra do Arestal, em posição dominante sobre a paisagem. Zona xistosa com introsões graníticas abundantes e filões de quartzo branco.

Paisagem florestal com predominância de eucaliptos. Perto, existem terrenos agricultados.

Monumento bem perceptível, apresentando uma grande fossa de violação na área da câmara, onde não se registam esteios.

(14) L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 474, faz referência apenas a um monumento neste local, que designa por Pedra da Moura 10. Como pensamos estar na presença de duas mamoas distintas ou de duas estruturas inseridas no mesmo *tumulus*, a correspondência com a necrópole descrita por aqueles autores torna-se difícil.

A mamoa tem vestígios de couraça lítica superficial, com profusão de blocos de quartzo branco. A sua forma é elíptica, medindo no sentido Norte-Sul cerca de 25m e no sentido Este-Oeste cerca de 20m.

Inédita ⁽¹⁵⁾.

N.º 15 - *Mamoa do Cimo do Lameiro*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,25; P. = 4517,65; Alt. = 761m

Numa grande chã da encosta Nordeste da Serra do Arestal onde irrompem afloramentos graníticos. Perto, ocorrem lameiros como o próprio topónimo indica.

Paisagem florestal e agrícola com predominância de pinheiros, milho e cevada, respectivamente.

Monumento bem perceptível na paisagem, embora com sinais de violação na zona da câmara onde ainda se nota o topo de dois esteios, situados a Nor-Nordeste e a Nor-Noroeste.

O *tumulus*, de forma sensivelmente elíptica, apresenta vestígios evidentes de couraça lítica superficial. Mede no sentido Norte-Sul 22,5m e no sentido Este-Oeste 24m.

Inédita

N.º 16 - *Mamoa da Cruz/Lameiro Longo*

Folhense; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,60; P. = 4515,80; Alt. = 800m

Sobre um cabeço natural, numa zona periférica do planalto superior a Serra do Arsenal em posição de destaque na paisagem. Zona com abundantes afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com predominância de pinheiro. Perto ocorrem alguns lameiros.

Monumento com uma grande vala de violação na zona da câmara conservando ainda um esteio *in situ*. A violação estendeu-se ao lado Norte do *tumulus*, pelo que o imóvel se encontra bastante destruído.

A mamoa apresenta vestígios de couraça lítica superficial e parece ser sensivelmente circular. Mede de diâmetro aproximado 16m.

Explorações de A. SOUTO nos inícios do séc. XX ⁽¹⁶⁾.

O espólio conhecido consta de um machado de anfibolito polido, de secção quadrangular depositado no Museu de Aveiro ⁽¹⁶⁾.

BETTENCOURT, - 1982, p. 40-41, cartografa o monumento e descreve o espólio encontrado.

N.º 17 - *Mamoa da Espinheirinha*

Borralhal; Rocas de Vouga; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 454,40; P. = 4514,65; Alt. = 830m

Numa zona periférica do planalto superior da Serra do Arestal, que aqui toma a designação particular de Alto dos Salgueiros. Nas proximidades, ocorrem afloramentos graníticos.

⁽¹⁵⁾ Poderá tratar-se do monumento referido nos inéditos de Alberto Souto como mamoa da Senhora da Saúde, citado por M. M. M. SILVA, 1986, p. 72, embora ele se situe a várias centenas de metros deste santuário.

⁽¹⁶⁾ A. M. S. BETTENCOURT, 1982, p. 40, regista, «...um machado de anfibolito polido, de secção quadrangular, com 14cm de comprimento, 4cm de largura máxima e 3,5cm de espessura...».

Paisagem florestal e herbácea. A cerca de 100m, para Sudeste há um lameiro.

Monumento relativamente baixo, destacando-se pouco na paisagem. Na zona central existe uma fossa de violação sem esteios visíveis. Sobre o *tumulus*, do lado Este, há fragmentos de esteios fora do seu contexto original. A mamoa tem vestígios de couraça lítica superficial com profusão de blocos de quartzo branco e apresenta-se mais compactada a nascente. É circular, mede de diâmetro aproximado 11m.

BETTENCOURT, 1982, p. 40-41, cartografa o monumento.

N.º 18 - *Mamoa do Lameiro* (Est. VI, 3)

Junqueira; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 555,20; P. = 4516,85; Alt. = 790m

Paisagem florestal com abundância de pinheiros. Junto do monumento existe uma nascente.

Monumento de câmara poligonal fechada, conservando ainda seis esteios *in situ*. Mede de diagonal entre 80cm e 1m de comprimento.

O *tumulus*, pouco visível na paisagem, apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é circular. Mede de diâmetro aproximado 12m.

Inédita.

N.º 19 - *Mamoa do Lameiro de Ouguedelo/Aguedelo/Coval, Mouraceira* ⁽¹⁷⁾ ou *casa da Moura* ⁽¹⁸⁾ (Est. IV, 1; V, 2).

Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 557,10; P. = 4515,40; Alt. = 720m

Na periferia de uma chã da vertente Este da Serra do Arestal. Zona granítica com ocorrência de afloramentos.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros embora o revestimento que cobre o monumento seja composto essencialmente por vegetação arbustiva e herbácea. Perto existe um lameiro como o próprio topónimo indica.

Monumento bem perceptível na paisagem, constituído por uma câmara poligonal grande e um corredor longo e diferenciado em planta e alçado, voltado a Nordeste.

A câmara, onde actualmente se registam seis esteios, era composta por nove, à semelhança da Mamoa da Cerqueira 1 e mede cerca de 2,70m de largura por 3,10m de comprimento. O corredor, originalmente com cinco esteios de cada lado, tem aproximadamente 4,20m de comprimento. A tampa da câmara, hoje totalmente desaparecida, era composta por um enorme monólito de granito que, de acordo com a planta de A. Girão, media de comprimento 4,10m por 3,10m de largura.

O *tumulus*, revestido por uma poderosa couraça lítica, está muito bem preservado, não parecendo ter sofrido o fenómeno de compactação frequente nestas estruturas. Encontra-se ainda ao nível do topo dos esteios. A sua forma é elíptica medindo no sentido Norte-Sul 27,5m por 30m no sentido oposto.

Escavações de A. A. GIRÃO nos inícios do séc. XX.

O espólio então encontrado pelo autor mostrou-se irrevelante: «Rebuscando e entulho do monumento até à rocha viva [...] nada se encontrou digno de nota, apenas alguns pedaços de carvão, um cristal de quartzo e dois fragmentos de uma faca de sílex que parecem ter sido abandonados por inúteis» ⁽¹⁹⁾.

⁽¹⁷⁾ Designação popular, usada no lugar de Agros.

⁽¹⁸⁾ Designação de L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 473. Optámos por manter a designação de «Lameiro do Ouguedelo» por ser este o topónimo do local onde o monumento se encontra.

⁽¹⁹⁾ A. A. GIRÃO, 1921, p. 63.

Pela observação atenta dos desenhos deixados por GIRÃO, 1921, (Est. VII, 7) verificámos que o fragmento de lâmina tem 3,4cm de comprimento, por 1,4cm de largura que o segundo fragmento citado no texto, parece mais um micróbio trapezoidal, ligeiramente assimétrico, com 2,8cm de comprimento máximo por 0,6cm de comprimento mínimo e 1,4cm de largura.

GIRÃO, 1921, p. 64a), p. 66-68 e Est. 1 descreve o monumento e o resultado das explorações nele praticadas.

GIRÃO, 1922, p. 106, 108, mostra plantas.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

N.º 20 - *Mamoas da Lomba 1*

Dornelas; Silva Escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 551,30; P. = 4516,65; Alt. = 646m

No tabuleiro superior de um cabeço da encosta Oeste da Serra do Arestal. Região xistosa mas com intrusões graníticas.

Paisagem florestal com eucaliptos. Perto irrompe uma nascente.

Monumento bem perceptível na paisagem, com uma vala de violação na área da câmara, onde não são visíveis esteios.

O *tumulus*, apresenta vestígios de couraça lítica superficial com profusão de quartzo branco e é mais baixo do lado Este.

A sua forma, sensivelmente circular, tem de diâmetro aproximado 18m.

Inédita ⁽²⁰⁾.

N.º 21 - *Mamoas da Lomba 2*

Dornelas; Silva Escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); A. = 551,20; P. = 4516,15; Alt. = 640m

(A cerca de 500m a Sul da Mamoas da Lomba 1)

Em posição periférica no tabuleiro superior de um cabeço da encosta Oeste da Serra do Arestal. Zona xistosa mas onde irrompem afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com profusão de pinheiros e eucaliptos.

Monumento alto mas bastante destruído por um muro de divisória de concelhos. Na zona da câmara não são visíveis esteios.

O *tumulus* tem vestígios de couraça lítica superficial com profusão de quartzo branco e é elíptico. Mede no sentido Norte-Sul, 15,10m e no sentido Este-Oeste, 17m.

Inédita ⁽²⁰⁾.

N.º 22 - *Mamoas das Novas*

Novas; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,70; P. = 4515,60; Alt. = 522m

⁽²⁰⁾ Poderá tratar-se de uma das mamoas do Janardo referidas nos inéditos de Alberto Souto, citadas por M. M. M. SILVA, 1986, p. 59.

Numa grande chã da encosta Este da Serra do Arestal, a mesma onde está inserida a necrópole da Cerqueira, embora numa situação interior. Zona granítica.

No seio de um povoado rural onde se pratica uma agricultura baseada no milho. O imóvel está coberto por uma grande camada de palha e foi-lhe construído uma meda por cima.

Monumento quase totalmente destruído devido à construção de uma eira que lhe afectou o lado Oeste. No corte artificial, provocado pela construção da eira, podem observar-se ainda alguns vestígios da couraça lítica superficial. Apesar da inúmera vegetação dificultar a observação da estrutura, parece-nos existir ainda um esteio. Segundo informações orais da população local, a «pedra principal», talvez a tampa ou eventual esteio de cabeceira, foi levada para a construção de uma lareira. Segundo as mesmas fontes, nos anos cinquenta, o monumento ainda conservava, se não na totalidade, parte da câmara megalítica.

N.º 23 - *Mamoá da Preirada/Outeiro Castêlo*

Folhense; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,20; P. = 4515,90; Alt. = 820m

No planalto superior da Serra do Arestal numa área com profusão de afloramentos graníticos.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros e vegetação arbustiva. Muito perto ocorrem duas nascentes.

Monumento bem visível na paisagem, apresentando na zona da câmara uma pequena vala de violação, onde ainda existe, do lado Sul, o topo de um esteio que parece estar *in situ*, bem como um fragmento de outro esteio ou de tampa que se encontra caído. Do lado Sul da mamoa, existe outro esteio *in situ*, (?), menos espesso do que o da câmara e partido parcialmente num dos cantos. Será um esteio de câmara deslocado ou tratar-se-à de um esteio de corredor?

Salientamos que a mamoa se apresenta mais compactada deste lado, embora seja circular. Mede de diâmetro aproximado 18,5m.

BETTENCOURT, 1982, p. 40, cartografa o monumento.

N.º 24 - *Mamoá da Presa Grande 1*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,20; P. = 4517,75; Alt. = 753m

(A 15m a Oeste da Mamoa da Presa Grande 2)

Numa grande chã da encosta Nordeste da Serra do Arestal, onde ocorrem afloramento graníticos.

Paisagem florestal e agrícola com predominância de pinheiros, e eucaliptos e de milho e cevada respectivamente. Como o topónimo indica existe, a cerca de 50m, uma presa de água.

A grande altura do imóvel confere-lhe uma posição de destaque na paisagem e por conseguinte monumentalidade. A zona da câmara, apresenta pelo lado Sudeste, uma grande vala de violação sem esteios visíveis.

Há vestígios de couraça lítica superficial e a mamoa é sensivelmente circular. Mede 25m no sentido Norte-Sul e 25,8m no sentido oposto ⁽²¹⁾.

Inédita.

⁽²¹⁾ Provavelmente tratar-se-ia de um monumento de câmara poligonal fechada e de grandes dimensões, pois o Senhor Martinho Tavares de Almeida refere-se a uma «casota fechada onde cabia mais do que um homem deitado».

N.º 25 - *Mamoá da Presa Grande 2*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,22; P. = 4517,75; Alt. = 753m

(A 15m a Nordeste da Mamoá da Presa Grande 1)

Ver ficha n.º 25.

Ver ficha n.º 25

Monumento bem perceptível na paisagem, com vala de violação central e sem esteios visíveis. O *tumulus* apresenta vestígios de couraça lítica superficial e é sensivelmente circular. Mede de diâmetro aproximado 15m.

Inédita.

N.º 26 - *Mamoá da Sobreirinha*

Agros; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 556,85; P. = 4515,55; Alt. = 753m

Situada sobre um pequeno cabeço em posição de destaque na paisagem, numa chã a Este da Serra do Arestal. Área granítica com ocorrência de afloramentos.

Zona florestal com pinheiros embora o monumento se encontre coberto por espessa camada de vegetação herbácea.

O monumento é bem visível na paisagem, possivelmente devido ao facto de ter sido construído sobre uma elevação natural. Apresenta na zona da câmara uma grande vala de violação mas parece ter ainda um esteio *in situ*. A intensa vegetação que cobre o imóvel torna difícil uma observação mais minuciosa.

A forma do seu *tumulus* é elíptica, medindo no sentido Norte-Sul cerca de 21m por 27m no sentido oposto.

Tratar-se-á de um dolmen de corredor virado a nascente? É possível.

Inédita.

N.º 27 - *Mamoá do Souto do Coval 1* (Est. IV, 3; V, 3)

Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,05; P. = 4515,25; Alt. = 575m

(A 13,60m a Sul da Mamoá do Souto do Coval 2)

Numa chã da encosta Este da Serra do Arestal. Zona granítica com afloramentos.

Paisagem florestal e agrícola com predominância de pinheiros, milho e cevada respectivamente, embora o imóvel se encontre coberto por vegetação herbácea.

Monumento facilmente perceptível na paisagem embora não muito alto. Na zona central há uma depressão resultante de escavações realizadas em 1956, onde se nota uma câmara poligonal alongada, talvez de tipo cista (?), com 1m de largura por 1,75m de comprimento, composta actualmente por seis esteios ⁽²²⁾.

Há vestígios de couraça lítica superficial num *tumulus* que mede no sentido Norte-Sul cerca de 15m por 17,5m no sentido Este-Oeste.

Escavações de L. A. CASTRO, O .V. FERREIRA, A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

⁽²²⁾ L. A. CASTRO *et alii*, 1957, p. 481, desenha uma planta com nove esteios, mas segundo as dimensões que refere há três deles que se distinguem, por serem mais pequenos e menos espessos, do que os seis existentes.

Do espólio exumado há referência a um pequeno fragmento de cerâmica manual, lisa, de cor avermelhada, depositado na Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11 ⁽²³⁾.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474 e 480-481 cartografa e publica sumariamente o resultado das escavações.

BETTENCOURT, 1989, p. 112 nota 21, descreve o espólio do monumento.

N.º 28 - *Mamoá do Souto do Coval 2*

Coval; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,05; P. = 4515,26; Alt. = 575m
(A 13,60m para Norte da Mamoá do Souto do Coval 1)

Ver ficha n.º 27

Ver ficha n.º 27

Monumento razoavelmente perceptível na paisagem com vala de violação na área da câmara onde não são visíveis esteios. O *tumulus* tem vestígios de couraça lítica superficial e é sensivelmente circular. Mede 11m no sentido Norte-Sul e 10m no sentido este-Oeste.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento que diz ter reconhecido. Na p. 481, refere ter escavado o imóvel que não forneceu qualquer tipo de espólio.

N.º 29 - *Mamoá da Terranha / Mamua ou Mama Tarranha*

Arestal; Silva escura; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 553,90; P. = 4515,80; Alt. = 822m

Numa zona periférica do planalto superior da Serra do Arestal onde ocorrem afloramentos graníticos. Paisagem florestal e agrícola, com predominância de pinheiros e milho respectivamente, embora o monumento se encontre fundamentalmente revestido por vegetação herbácea e arbustiva. Há uma nascente a cerca de 300m.

Monumento bastante alto distinguindo-se bem na paisagem. Apresenta uma enorme vala de «exploração» na zona da câmara onde não são visíveis esteios.

No *tumulus*, há vestígios evidentes de couraça lítica superficial e a sua forma é sensivelmente circular. Mede 18,70m no sentido Norte-Sul e 19m no sentido oposto.

De referir que o monumento se encontra menos compacto pelo lado Este.

Explorações de A. SOUTO nos inícios do séc. XX ⁽²⁴⁾.

O espólio então exumado constou de um vaso tronco-cónico com decoração mamilar sobre o bordo, duas lâminas de sílex ⁽²⁵⁾ e dois machados de pedra polida ⁽²⁴⁾. Este material está parcialmente depositado no Museu de Aveiro.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 15, refere em nota, parte do espólio do monumento. Na Est. 1, mostra uma fotografia desses artefactos.

BETTENCOURT, 1982, p. 40-43, publica o espólio encontrado no Museu de Aveiro.

⁽²³⁾ A. M. S. BETTENCOURT, 1989, refere na nota n.º21, p. 112 «... um fragmento de vaso manual, de pasta grosseira com desengordurantes de quartzo de médio e pequeno calibre. É alisado no interior e exterior. A cor é avermelhada com manchas mais escuras. Mede de espessura 0,75cm».

⁽²⁴⁾ Informação do senhor Aristides Gonçalves da Graça, residente no lugar do Arestal. Segundo a mesma fonte, Alberto Souto teria desmantelado a câmara megalítica e levado os esteios para Aveiro com o objectivo de montar, naquela cidade, um monumento deste tipo.

Efectivamente, nos jardins dependentes do Museu de Aveiro, existem alguns esteios de proveniência desconhecida e que parecem ser lajes de um monumento megalítico.

N.º 30 - *Mamoá do Vale Mau* (Est. VI, 2)
Mouta Velha; Arões; Vale de Cambra

N.º 165 (1978); M. = 558,50; P. = 4519,30; Alt. = 802m

No tabuleiro superior de um promontório montanhoso que contraforta com o Arestal pelo lado Este. A área aplanada em questão é um elevado talvegue resultante de dois grandes afloramentos graníticos que lhe ficam a Norte e a Sul. A Oeste e a Este as encostas decem de forma relativamente abrupta, dominando de ambos os lados uma paisagem imponente.

Paisagem florestal na encosta Oeste, com predomínio de pinheiros; vegetação herbácea e arbustiva na encosta Este e no talvegue.

Monumento muito baixo, quase imperceptível na paisagem.

Na zona central há uma pequena depressão que poderá resultar de violações de uma câmara não megalítica.

O *tumulus* encontra-se muito desorganizado, principalmente do lado Sudeste. A ideia geral é de uma mistura caótica de terra e de alguns blocos graníticos, pelo que não utilizaremos aqui o termo de couraça superficial.

É sensivelmente circular; mede de diâmetro, cerca de 7,5m.

Inédita.

4.2. - *Informações Diversas:*

N.º 31 - *Mamoá do Cabeço de S. Tiago / Cerqueira*
Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 164 (1977); M. = 558,60; P. = 4514,35; Alt. = 503m

No tabuleiro superior de um pequeno cabeço na encosta Este da Serra do Arestal. Área granítica com filões de quartzo.

Paisagem florestal e agrícola com pinheiros, eucaliptos e milho respectivamente.

Tratava-se de um monumento de câmara pequena, provavelmente fechada, (dólmen ?, cista ?), com mamoa envolvente ⁽²⁶⁾.

Foi totalmente destruída quando da construção da Capela de S. Tiago nos anos sessenta.

Escavações de L. A. CASTRO; O. V. FERREIRA; A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento e diz tê-lo explorado sem qualquer outra indicação.

N.º 32 - *Mamoá da Costa d'Arca*
Campo d'Arca; Arões; Vale de Cambra

N.º 164 (1978); Alt. entre 500 e 600m.

Segundo informações orais do Senhor Agostinho Rodrigues de Almeida morador no local, teria existido uma «Arca» no sítio denominado Costa d'Arca.

Este monumento, destruído há longos anos, nunca foi observado pela testemunha, que sabia da sua existência por ouvir referências aos seus antepassados.

A prospeção realizada pelas signatárias resultou infrutífera.

⁽²⁵⁾ Citado e, L. A. CASTRO *et alii*, 1957, Est. 1 e nota da p. 481.

⁽²⁶⁾ Esta descrição é baseada nas informações orais da Senhora Emília Tavares, moradora na Cerqueira, que se lembra da existência de um montinho de pedras tendo no meio umas lajes onde só cabia «um homem todo encolhido».

N.º 33 - *Mamoá da Fonte Cebola*

Chã; Junqueira; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); M. = 554,5; P. = 4517,80; Alt. = 770m

Numa pequena chã de um cabeço da encosta Nordeste da Serra do Arestal. Zona granítica.

Paisagem florestal com predominância de pinheiros. No local ocorre uma nascente.

Monumento totalmente destruído pelas obras de acesso à nascente referida na alínea anterior ⁽²⁷⁾.

Inédita ⁽²⁷⁾.

N.º 34 - *Mamoá de Irijó*

Irijó; Cepelos; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); Alt. entre 500m e 600m.

O monumento, do qual não possuímos qualquer descrição, parece ter sido destruído pela construção da estrada n.º 227, que liga Irijó a Cepelos.

Como espólio teriam aparecido vários vasos cerâmicos.

ALBERGARIA, 1972, p. 3.

N.º 35 - *Mamoá de Merlães*

Merlães; Cepelos; Vale de Cambra

N.º 164 (1977); Alt. entre 500m e 600m.

Segundo informação oral do Senhor Martinho Tavares de Almeida, morado no lugar da Chã, existem várias «mamoas» no lugar de Merlães.

Não nos foi possível confirmar esta informação.

N.º 36 - *Mamoá da Pedra Moura 2*

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,45; P. = 4514,75; Alt. = 500m
(A cerca de 170m a este da Mamoá da Cerqueira 1)

Ver ficha n.º 9

Ver ficha n.º 6.

Totalmente destruída, possivelmente devido à construção do estradão que liga os lugares da Cerqueira, Cercal e Mouta.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474 cartografa o monumento e refere a sua destruição.

N.º 37 - *Mamoá da Pedra Moura 6* (Est. IV, 4)

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,85; Alt. = 510m
(A cerca de 60m a Oeste da Mamoá da Cerqueira 1)

⁽²⁷⁾ Poderá tratar-se de uma das mamoas referidas nos inéditos de Albergo Souto, citadas por M. M. M. SILVA, 1986, p. 65. A existência deste monumento comprova-se também pelas informações orais do Senhor Martinho Tavares de Almeida, morador no lugar da Chã.

Numa zona periférica de uma grande chã de vertente Este da Serra do Arestal onde ocorrem afloramentos graníticos.

Actualmente a paisagem é agrícola com predominância do milho.

Tratava-se do monumento mais alto e de maior diâmetro da necrópole da Cerqueira ou Pedra Moura. A câmara, possivelmente sub-quadrangular, revelou apenas dois esteios quando escavada. Media no sentido Este-Oeste cerca de 1,40m, pelo que as signatárias pensam poder tratar-se de uma cista. Segundo os arqueólogos que a exploraram, o fundo da câmara encontrava-se «escavado à maneira de concha e revestido ou calcetado, de delgadas lages de gneiss...».

Foi totalmente destruída devido aos arroteamentos agrícolas.

Escavações de L. A. CASTRO; O. V. FERREIRA; A. VIANA em Abril/Maio de 1956.

O espólio, proveniente da zona da câmara, é composto por um machado votivo, em quartzito(?) de grão fino, com secção sub-rectangular, de 4,20cm de comprimento, 2,15cm de largura e 1,8cm de espessura; um micrólito em forma de crescente irregular, em sílex bege, opaco, perfil ligeiramente curvilíneo, com 2,3cm de comprimento, 1,4cm de largura, e 0,25cm de espessura e por fragmentos de cerâmica de pasta cinzenta, dura, feitas a torno e resultantes de violações (11).

O depósito deste material encontra-se na Sala de Arqueologia e Pré-História do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, armário lateral n.º 11.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografam o monumento que dizem ter encontrado totalmente destruído. Paradoxalmente, na p. 480, refere a escavação na Pedra Moura 6 e os resultados nela obtidos, pelo que nos fica a dúvida sobre qual o monumento intervencionado, (ver ficha n.º 38).

N.º 38 - *Mamoá da Pedra Moura 7*

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,86; Alt. = 510m

(A poucos metros a Norte da Pedra Moura 6)

Ver ficha n.º 37.

Ver ficha n.º 37.

Totalmente destruída.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento que refere ter explorado (ver ficha n.º 37).

N.º 39 - *Mamoá da Pedra Moura 8*

Cerqueira; Couto de Esteves; Sever do Vouga

N.º 165 (1978); M. = 558,30; P. = 4514,87; Alt. = 510m

(A poucos metros a Norte das Pedras Mouras 6 e 7)

Ver ficha n.º 37.

Ver ficha n.º 37.

Totalmente destruída.

CASTRO *et alii*, 1957, p. 473-474, cartografa o monumento.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza do trabalho realizado, essencialmente de cartografia, inventariação e descrição dos monumentos sepulcrais, torna difícil ilações de ordem geral e reduz as tendências observadas ao nível da distribuição espacial dos monumentos, tipologia, cultura material e eventual cronologia, a meras hipóteses de trabalho que só projectos sistemáticos englobando escavações poderão confirmar ou infirmar.

De uma forma global, a *Serra do Arestal* pode ser considerada como um *enorme espaço sepulcral*, à semelhança de outros maciços montanhosos do Centro-Norte, Norte de Portugal ⁽²⁸⁾ e Galiza ⁽²⁹⁾.

O número de monumentos registados, ascende já às várias dezenas, estando cartografados e descritos trinta, sem entrarmos em linha de conta com aqueles que foram destruídos mas cuja localização e existência ainda está presente na memória das populações locais e/ou nos registos bibliográficos mais antigos ⁽³⁰⁾.

Dispersão dos Monumentos na Paisagem (Est. II-III):

Uma análise particularizada, mostra que a distribuição do conjunto megalítico na Serra do Arestal se assume de forma distintas:

- Existem verdadeiras *necrópoles* num sentido restrito, entendendo-se o termo necrópole como uma grande concentração de monumentos sepulcrais numa área de poucos hectares (Necrópole da Cerqueira que registava em 1957 doze monumentos).

- Existem pequenos *núcleos* de dois ou três monumentos, entendendo-se como núcleo um grupo de imóveis que não se distanciam mais de 150m uns em relação aos outros (Mamoas do Souto do Coval 1 e 2, Mamoas da Presa Grande 1, 2 e Mamoas do Cimo do Lameiro).

- Existem monumentos relativamente *isolados* na paisagem (Mamoas da Alagôa, Arieiro, Cabeço do Fojo, Cabeço de S. Tiago, Cruz, Espinheirinha, Preirada, Vale Mau, etc.).

Tipologia dos Monumentos (Est. IV-VI):

Tentar uma tipologia arquitectónica dos monumentos megalíticos no estado actual dos nossos conhecimentos não é uma tarefa fácil; o número de plantas publicadas é escasso, a maioria dos monumentos inéditos, que contêm esteios, estão mal conservados e a inexistência de escavações nos espaços envolventes das câmaras, não permite estabelecer uma articulação entre *tumulus/câmara*.

De uma forma muito genérica e tendo sempre presente as limitações apontadas, distinguimos:

- 1 - Monumentos de *câmara poligonal grande, com corredor longo* diferenciado em planta e alçado. Os *tumuli* envolventes conferem aos imóveis grande monumentalidade na paisagem (Mamoas da Cerqueira 1 e Mamoas do Lameiro de Ouguedelo). No primeiro caso, existem dados concretos sobre a mamoa, que se estrutura, da superfície para o solo, pela presença de uma couraça lítica superficial, por terras compactadas e por um contraforte em redor da câmara e corredor. Ambos os monumentos citados, apresentam esteios colocados praticamente na vertical.

- 2 - Monumentos de *câmara poligonal pequena*, inseridos em mamoa razoavelmente, ou pouco, perceptíveis na paisagem, cujas dimensões variam entre os 7m e os 15/17m de diâmetro (Mamoas do Alto do Cruzeiro, Mamoas do Lameiro e Mamoas do Souto do Coval 1).

- 3 - Monumentos de *câmara sub-quadrangular* com mamoa de dimensões bem perceptíveis na paisagem (Mamoas da Cerqueira 2, e Pedra Moura 6 ou 7).

- 4 - Monumentos de *câmara trapezoidal fechada*, de pequenas dimensões, mas com mamoa envolvente bem perceptível (Mamoas da Cerqueira 3).

⁽²⁸⁾ Veja-se sobre o assunto a síntese realizada por D. J. CRUZ, 1988, p. 17-18.

⁽²⁹⁾ F. CRIADO BOADO *et alii*, 1989, p. 48-49.

⁽³⁰⁾ A recolha destas informações, associada aos dados toponímicos e aos resultados da nossa própria prospecção, constituem um auxiliar precioso na reconstituição do megalismo local.

5 - Monumentos *muito pouco perceptíveis na paisagem*, cujas câmaras, não deverão ser do tipo megalítico. A mamoa envolvente é circular medindo entre os 7,5 e os 10m (Mamoas da Cerqueira 5, 7 e 8 e Mamoa do Vale Mau).

Os dados apresentados demonstram um *polimorfismo acentuado nas soluções arquitetónicas* adoptadas pelas populações que tumularam na Serra do Arestal. A sincronia ou diacronia desse polimorfismo não é possível estabelecer no estado actual da investigação.

Distribuição Espacial dos Monumentos (Est. II-III):

Segundo os princípios da *lógica da visibilidade* ou *monumentalidade* estabelecidos para a Galiza ⁽³¹⁾, registámos, na região, dois grupos distintos de organização espacial dos monumentos na paisagem; *no primeiro, inserimos os túmulos construídos em posição dominante e no segundo, os que se situam, em zonas sem preocupação de visibilidade no horizonte, tornando-se quase imperceptíveis.*

No primeiro grupo incluímos duas situações distintas:

1 - Monumentos situados nos *tabuleiros superiores de esporões ou cabeços*, onde dois tipos de situações são possíveis de discernir: o dos *túmulos isolados* de dimensões razoáveis, que por qualquer significado mágico-simbólico ou ritual, parecem estar «associados» a outros túmulos que avistam (Mamoa do Arieiro, Cabeço do Fojo, Cabeço de S. Tiago, Cheirinha, Lameiro da Cruz, Lomba 1 e Lomba 2) e o dos monumentos que, *inseridos numa necrópole* se constroem sobre pequenos afloramentos, (Mamoa da Cerqueira 1, 7 e 8), os dois últimos, de dimensões tão reduzidas, que a sua perceptibilidade na paisagem seria difícil se não estivessem construídos sobre os referidos afloramentos.

2 - Monumentos situados nas *zonas periféricas de chãs* (Mamoas da Alagôa, Arieiro, Cerqueira 1 e 2, Lomba 2, Terranha), cujas dimensões são mais ou menos bem perceptíveis na paisagem.

No segundo grupo destacamos:

1 - Monumentos em *áreas baixas ou pequenas depressões topográficas* sem grandes condições de visibilidade (Mamoa do Alto do Cruzeiro que ao contrário do que o nome indica fica no sopé do cabeço que tem esse nome, Mamoa da Cerqueira 5). Todos eles são monumentos de pequenas dimensões, quer em diâmetro quer em altura.

A ideia de distribuir os monumentos em grupos e sub-grupos, segundo os critérios aqui expressos, pode ser útil como metodologia de trabalho, sobretudo para definir tendências, mas estes não devem ser encarados como unidades estanques. A realidade é por vezes muito complexa e há túmulos que se enquadram em mais do que uma situação sem que possamos privilegiar uma ou outra. A Mamoa da Cerqueira 1 e a da Cruz, são disso exemplo, pois apesar de situadas nos limites das chãs, foram também construídas sobre elevações naturais.

Distribuição Altimétrica dos Monumentos Megalíticos:

Quadro da distribuição altimétrica dos monumentos megalíticos num total de 36 efectivos:	
Curva de nível de:	Porcentagem:
500m	50%
600m	11%
700m	22%
800m	17%

	100%

⁽³¹⁾ F. CRIADO BOADO, 1984/85, p. 11-17; F. CRIADO BOADO *et alii*, 1989, p. 49-52; R. FÁBREGAS VALCARCE, 1988, p. 58-59.

Perante o quadro apresentado verificamos de imediato a grande concentração de monumentos na curva de nível de 500m e a sua diminuição de intensidade nos planaltos superiores, embora de forma não gradual.

É também entre os 500m e os 600m que em termos de dispersão dos monumentos na paisagem, existe uma maior diversidade (monumentos relativamente isolados, verdadeiras ne-crópoles) bem como um grande polimorfismo das formas arquitectónicas (monumentos de câmara poligonal e corredor diferenciado em planta e alçado, monumentos de câmara poligonal pequena, monumentos de câmara sub-quadrangular e trapezoidal, monumentos pouco perceptíveis na paisagem) resultando provavelmente do que Vítor Oliveira Jorge chama de «processo de necropolização» e que na Serra da Aboboreira ocorre nos planaltos superiores.

Acima da curva de nível dos 800m, i. é., nos planaltos superiores da Serra do Arestal, os monumentos encontram-se sempre em posição de relativo isolamento, sem que tenhamos dados sobre a sua morfologia.

É na curva de nível do 700m que existe, de novo, um número significativo de monumentos, quer isolados quer agrupados.

Ao relacionarmos estes dados com a topografia e a capacidade do uso dos solos, verificamos que a maior concentração de monumentos (500m-700m) se regista em grande chãs, actualmente com maior vocação agrícola, enquanto no planalto superior, onde os monumentos estão sempre isolados, os solos são de Classes F com vocação não agrícola.

Cultura Material (Est. VII-VIII):

O espólio conhecido, porque escasso e na maioria das vezes sem contexto arqueológico muito preciso, impede necessariamente conclusões de ordem cultural e de cronologia relativa.

Globalmente podemos estabelecer três categorias de objectos exumados: espólio lítico lascado, não lascado e cerâmico, todo ele proveniente do interior de câmaras e corredores. No primeiro grupo inserimos os micrólitos geométricos (na sua maioria trapezoidais), as lâminas (por vezes retocadas), as lamelas, as pontas de seta (de base triangular ou pedunculadas) bem como algumas lascas e núcleos. A matéria prima mais utilizada é o sílex, seguida do quartzo.

O espólio lítico não lascado compreende machados de pedra polida de secção sub-retangular e quadrangular, seixos, elementos móveis e fixos de moinhos manuais, uma pequena placa de xisto circular sem qualquer incisão e cristais de quartzo que por serem frequentes, quer na Galiza ⁽³²⁾ quer em Portugal, poderão ter eventualmente um valor mágico-ritual.

O terceiro grupo, mais difícil de caracterizar dado a escassez e as reduzidas dimensões da maioria dos fragmentos cerâmicos encontrados, apenas permite verificar a existência de pastas variadas, finas e grosseiras, que vão do laranja ao castanho-avermelhado, de fragmentos lisos e de um vaso tronco-cónico com decoração mamilar sobre o bordo que poderá corresponder a um momento tardio dentro do megalitismo ⁽³³⁾.

Cronologia:

A falta de escavações sistemáticas e a inexistência de datações fornecida pelo C14 torna qualquer tentativa de periodização hipotética, pelo que não pretendemos mais do que contribuir com alguns dados que possam facilitar a sua realização posterior.

As hipóteses formuladas basearam-se fundamentalmente em comparações morfológicas com outros monumentos, já datados, do Noroeste Peninsular, em particular as zonas da Beira-Alta e da Serra da Aboboreira onde existe o maior número de datações de C14 para este tipo de monumentos.

No conjunto megalítico da Aboboreira, as mamoas mais antigas parecem remontar aos meados do IV.º milénio a. C., com a construção de pequenos dólmenes poligonais sem corredor, relativamente isolados ou inseridos em núcleos ⁽³⁴⁾.

⁽³²⁾ R. FABREGAS VALCARE, 1988, p. 64.

⁽³³⁾ Sobre o assunto veja-se a síntese elaborada por S. O. JORGE, 1986, vol. 1B, p. 869-876 e A. M. S. BETTENCOURT, 1988, p. 101-104.

⁽³⁴⁾ V. O. JORGE, 1989, p. 395-399.

Poderão alguns dos monumentos, com *pequenas câmaras poligonais sem corredor e com tumulus envolvente*, corresponder à *fase inicial* do megalitismo da Serra do Arestal e ao mesmo momento cronológico dos monumentos «aparentemente» semelhantes da Serra da Aboboreira?

Aos finais do IV.^o milénio a. C., primeira metade do III a. C. pensamos poder incluir a Mamoa da Cerqueira 1 (*monumento de câmara poligonal, de grandes dimensões, e corredor longo diferenciado em planta e alçado com tumulus organizado por couraça lítica superficial, terras compactadas e contraforte*) escavada por uma de nós ⁽³⁵⁾, bem como a do Lameiro do Ouguedelo morfologicamente comparável à Cerqueira 1. Esta hipótese é baseada em comparações com os grandes dólmenes de corredor da Beira-Alta, datados pelo C14 ⁽³⁶⁾, bem como com o dólmen de Chã Parada 1, único monumento de corredor conhecido na Serra da Aboboreira ⁽³⁷⁾.

Poderão as Mamoas n.º 5, 7 e 8 da Cerqueira, bem como a Mamoa do Vale Mau, *muito pouco perceptíveis na paisagem, com diâmetros muito reduzidos e que dificilmente conterão uma câmara, de tipo megalítico*, corresponder ao último monumento das tumulações, com mamoa envolvente, na Serra Arestal?

Sem querermos ser abusivos nas nossas comparações e utilizando-as apenas como método de trabalho, fazemos notar que na Serra da Aboboreira, a última fase dos monumentos megalíticos, data da primeira metade do II.^o milénio a. C., e corresponde a túmulos cuja tendência geral é para a pouca perceptibilidade na paisagem, com câmaras pequenas e baixas, sugerindo um «individualismo dos rituais» e a perda do «carácter de referências comunitárias» presente anteriormente ⁽³⁸⁾.

Como hipótese de trabalho, as comparações efectuadas parecem-nos pertinentes, mas só projectos de investigação sistemáticos, poderão resolver as questões que sobre este aspecto ficaram em aberto.

Considerações de ordem económica e social (Est. I, 2):

Apesar da diversidade de soluções encontradas ao nível da dispersão, distribuição espacial, tipologia dos monumentos, possível variabilidade sócio-económica dos construtores de megálitos e eventual amplitude cronológica há denominadores comuns no fenómeno megalítico do Arestal a reter:

a) - *Grande número e dispersão de monumentos megalíticos na paisagem*, o que não significa forçosamente grande densidade demográfica, se tivermos em conta a grande duração cronológica que este fenómeno pode ter tido no local.

b) - Todos os monumentos são construídos nas *proximidades de afloramentos graníticos*, matéria prima indispensável para a sua construção, o que nos pode levar a pensar, tal como alguns autores, que estaríamos na presença de pequenas comunidades humanas, cujos *reduzidos recursos construtivos* a nível de transporte e possivelmente sócio-económicos as obrigariam a construir junto aos referidos afloramentos ⁽³⁹⁾.

c) - Grande percentagem dos monumentos distribuem-se pelos *planaltos superiores* ou na *encosta Este da Serra do Arestal*.

d) - *Inexistência de monumentos megalíticos conhecidos abaixo da curva de nível dos 500m.*

e) - Os monumentos megalíticos encontram-se todos *junto de lameiros ou de nascentes*.

Os factos apresentados nas alíneas c) e d) podem prender-se evidentemente com as características da própria serra, cujas vertentes, de uma forma geral se tornam bastante abruptas abaixo dos 500m, sendo a partir daí muito pequenas as chãs com possibilidades agrícolas. Pensamos que os construtores de megálitos viveram predominantemente nas áreas onde os construíram, isto é, acima dos 500m de altitude, recorrendo possivelmente aos *recursos que a*

⁽³⁵⁾ A. M. S. BETTENCOURT, em Julho/Agosto de 1988 no âmbito de um projecto denominado «Campo Arqueológico da Serra do Arestal».

⁽³⁶⁾ V. O. JORGE, 1978, p. 379.

⁽³⁷⁾ V. O. JORGE, *et alii*, 1988.

⁽³⁸⁾ V. O. JORGE, 1989, p. 398.

⁽³⁹⁾ F. CRIADO BOADO, 1984, p. 9-10; R. FABREGAS VALCARE, 1988, p. 58.

pastorícia lhes poderia fornecer (aqui, na falta de dados arqueológicos, recorreremos às comparações etnológicas locais. Grande parte da população rural viveu da pastorícia do gado caprino, ovino e bovino, até incios do séc. XX, como complemento importante de uma agricultura bastante pobre).

O recurso à pastorícia seria completado com uma agricultura de subsistência praticada em lameiros ⁽⁴⁰⁾, facto que se parece confirmar pela presença de nascentes junto dos monumentos megalíticos, pela exumação de machados de pedra polida, elementos móveis e fixos de moinho e também pela perpetuação até à actualidade de uma agricultura pobre, feita nas chãs da serra e normalmente muito perto dos monumentos. Aliás, a vinculação dos monumentos megalíticos com solos aráveis adaptáveis a uma agricultura com tecnologias pouco desenvolvidas tem vindo também, a ser observada na Galiza ⁽⁴¹⁾.

O uso do *sílex como matéria prima* fundamental no fabrico de espólio lítico lascado, será representativo de *relações de intercâmbio a nível inter-regional?*

Em caso afirmativo, qual seria a intensidade e importância dessas relações?

Quais os mecanismos sócio-económicos que os permitiram?

São questões que ficam em aberto, bem como muitas sobre o megalitismo da Serra do Arestal.

Braga / Coimbra 1989

⁽³⁹⁾ F. CRIADO BOADO, 1984, p. 9-10; R. FABREGAS VALCARCE, 1988, p. 58.

⁽⁴⁰⁾ V. O. JORGE, 1982, vol. 1, p. 704, 852-853 põe a hipótese de uma economia mista baseada na exploração agrícola e pastoril para as comunidades construtoras de megálitos na Serra da Aboboreira.

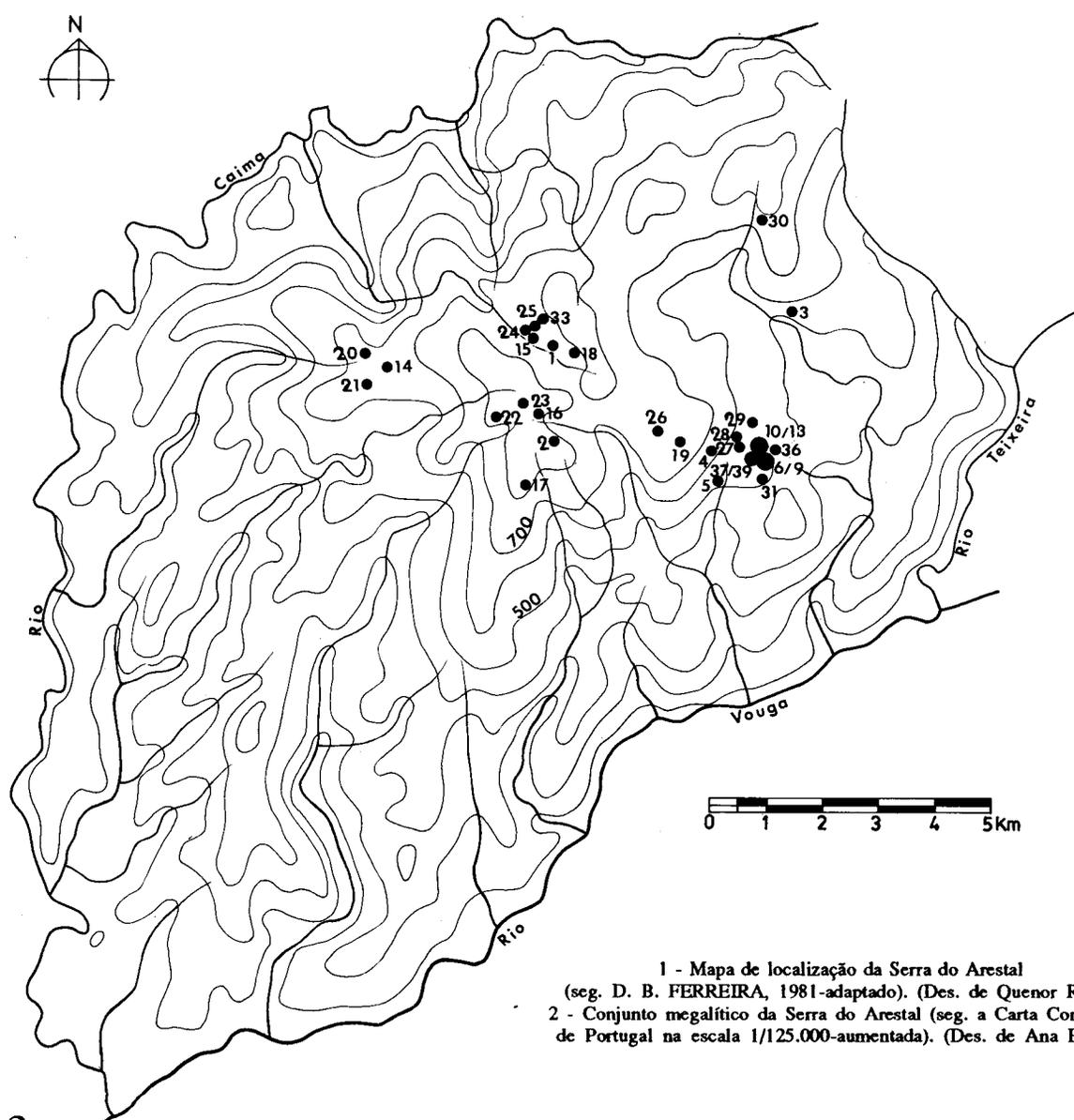
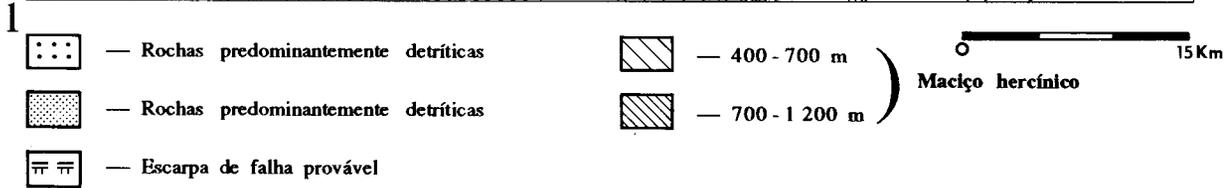
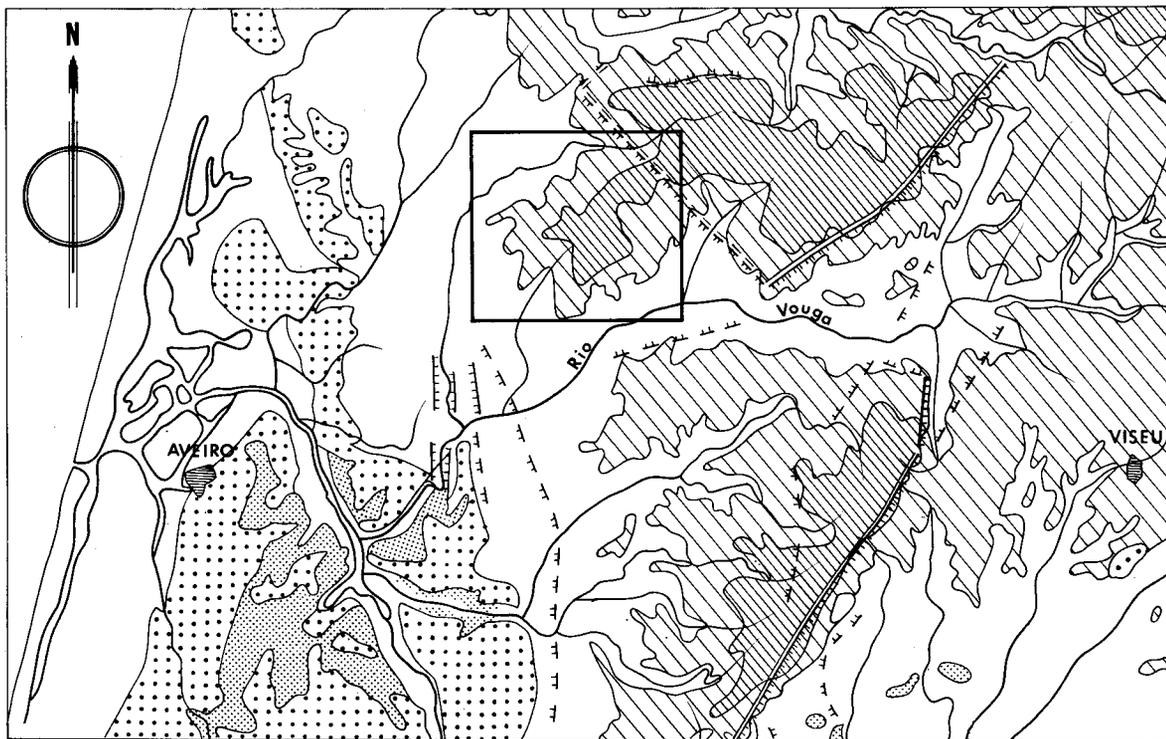
⁽⁴¹⁾ F. CRIADO BOADO, 1984, p. 151-160; R. FABREGAS VALCARCE, 1988, p. 58, 60-61.

ÍNDICE DOS MONUMENTOS CARTOGRAFADOS POR ORDEM ALFABÉTICA

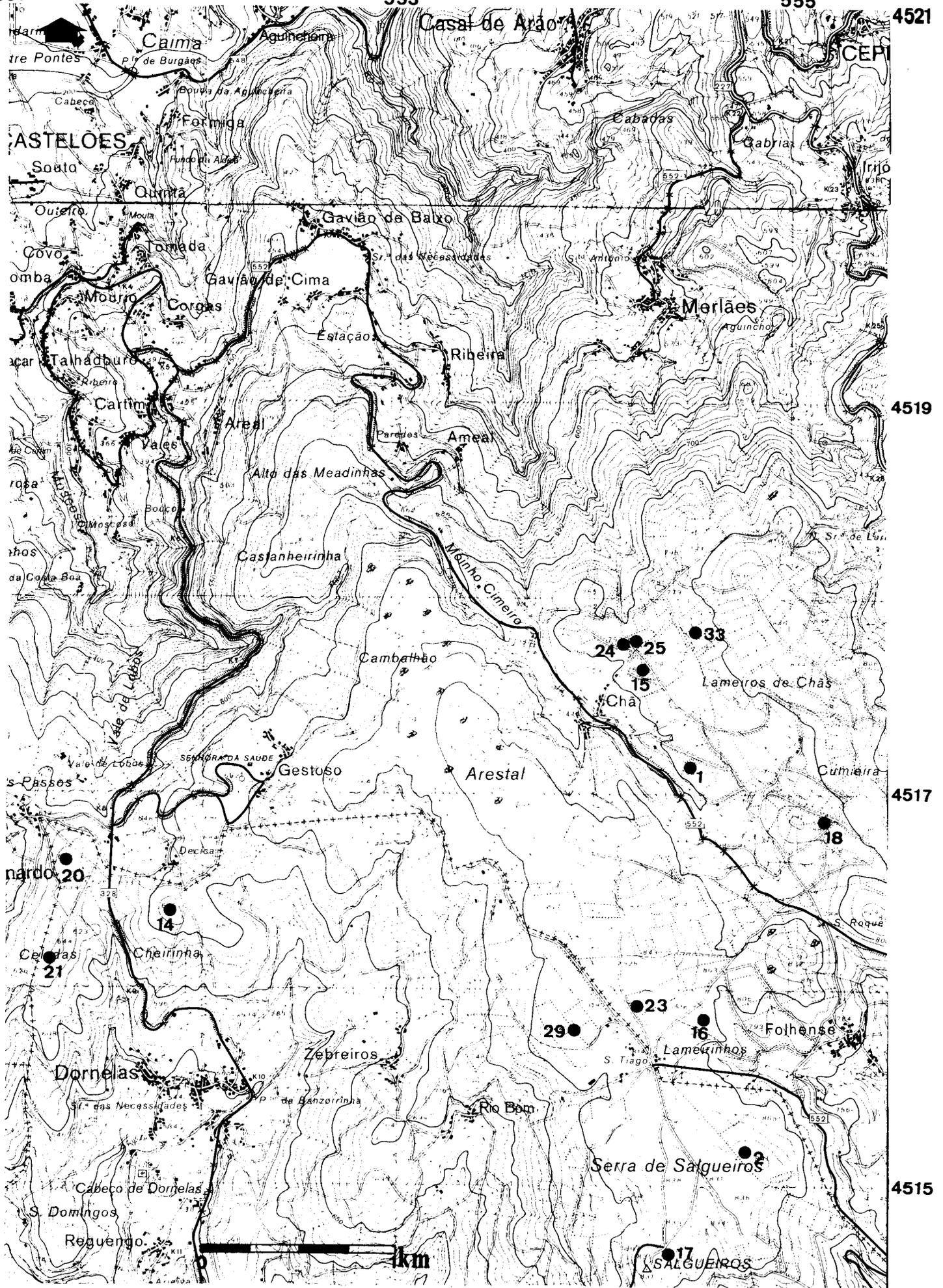
DESIGNAÇÃO	LUGAR	FREGUESIA	CONCELHO	N.ºORDEM
- Águas (das)	Chã	Junq.	V. Cambra	1
- Alagôa (d') / Alto do Biso (do)	R. Vouga	R. Vouga	S. Vouga	2
- Alto do Biso (do) / Alagôa (d')	"	"	"	2
- Alto do Cruzeiro (do)	Arões	Arões	V. Cambra	3
- Arieiro (do) / Souto do Coval 3 (do)	Cov.	C. Est.	S. Vouga	4
- Cabeço do Fojo / Cemitério dos Mouros	"	"	"	5
- Cabeço de S. Tiago (do) / Cerqueira (da)	Cerq.	C. Est.	"	31
- Casa da Moura / Lameiro do Ouguedelo / Aguedelo / / Coval / Mouraceira	Cov.	"	"	19
- Cemitério dos Mouros / Cabeço do Fojo	Cov.	C. Est.	"	5
- Cerqueira (da) / Cabeço de S. Tiago (do)	Cerq.	"	"	31
- Cerqueira 1 (da) / Pedra Moura 1 (da)	"	"	"	6
- " 2 (da) / " " 5 (da)	"	"	"	7
- " 3 (da) / " " 4 (da)	"	"	"	8
- " 4 (da) / " " 3 (da)	"	"	"	9
- " 5 (da) / " " 11 (da)	"	"	"	10
- " 6 (da) / " " 9 (da)	"	"	"	11
- " 7 (da) / " " 10 (?) (da)	"	"	"	12
- " 8 (da) / " " 10 (?) (da)	"	"	"	13
- Cheirinha (da)	Dorn.	S. Esc.	"	14
- Cimo do Lameiro (do)	Chã	Junq.	V. Cambra	15
- Costa d' Arca (da)	C. Arca	Arões	"	32
- Coval / Lameiro do Ouguedelo / Aguedelo / / Casa da Moura / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Cruz (da) / Lameiro Longo (do)	Fol.	Junq.	"	16
- Espinheirinha (da)	Bor.	R. Vouga	S. Vouga	17
- Fonte Cebola	Chã	Junq.	V. Cambra	33
- Irijó (de)	Ir.	Cep.	"	34
- Lameiro (do)	Junq.	Junq.	V. Cambra	18
- Lameiro do Aguedelo / Ouguedelo (do) / / Casa da Moura / Coval / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Lameiro Longo (do) / Cruz (da)	Fol.	Junq.	V. Cambra	16
- Lameiro do Ouguedelo (do) / Aguedelo / / Casa da Moura / Coval / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Lomba 1 (da)	Dorn.	S. Esc.	"	20
- Lomba 2 (da)	"	"	"	21
- Merlães (de)	Merl.	Cep.	V. Cambra	35
- Mouraceira / Lameiro do Ouguedelo / / Aguedelo / Casa da Moura / Mouraceira	Cov.	C. Est.	S. Vouga	19
- Novas (das)	Nov.	Arões	V. Cambra	22
- Outeiro Castêlo (do) / Preirada (da)	Fol.	Junq.	"	23
- Pedra Moural 1 (da) / Cerqueira 1 (da)	Cerq.	C. Est.	S. Vouga	6
- " " 2 (da)	"	"	"	36
- " " 3 (da) / " 4 (da)	"	"	"	9
- " " 4 (da) / " 3 (da)	"	"	"	8
- " " 5 (da) / " 2 (da)	"	"	"	7
- " " 6 (da)	"	"	"	37
- " " 7 (da)	"	"	"	38
- " " 8 (da)	"	"	"	39
- " " 9 (da) / " 6 (da)	"	"	"	11
- " " 10 (?) (da) / " 7 (da)	"	"	"	12
- " " 10 (?) (da) / " 8 (da)	"	"	"	13
- " " 11 (da) / " 5 (da)	"	"	"	10
- Preirada (da) / Outeiro Castêlo (do)	Fol.	Junq.	V. Cambra	23
- Presa Grande 1 (da)	Chã	"	"	24
- Presa Grande 2 (da)	"	"	"	25
- Sobreirinha (da)	Ag.	Junq.	V. Cambra	26
- Souto do Coval 1 (do)	Cov.	C. est.	S. Vouga	27
- " " 2 (do)	"	"	"	28
- " " 3 (do) / Arieiro (do)	"	"	"	4
- Tarranha (mamua) / Terranha (da)	Arest.	S. Esc.	S. Vouga	29
- Terranha (da) / Tarranha (mamua)	"	"	"	29
- Vale Mau (do)	M. Velha	Arões	V. Cambra	30

BIBLIOGRAFIA

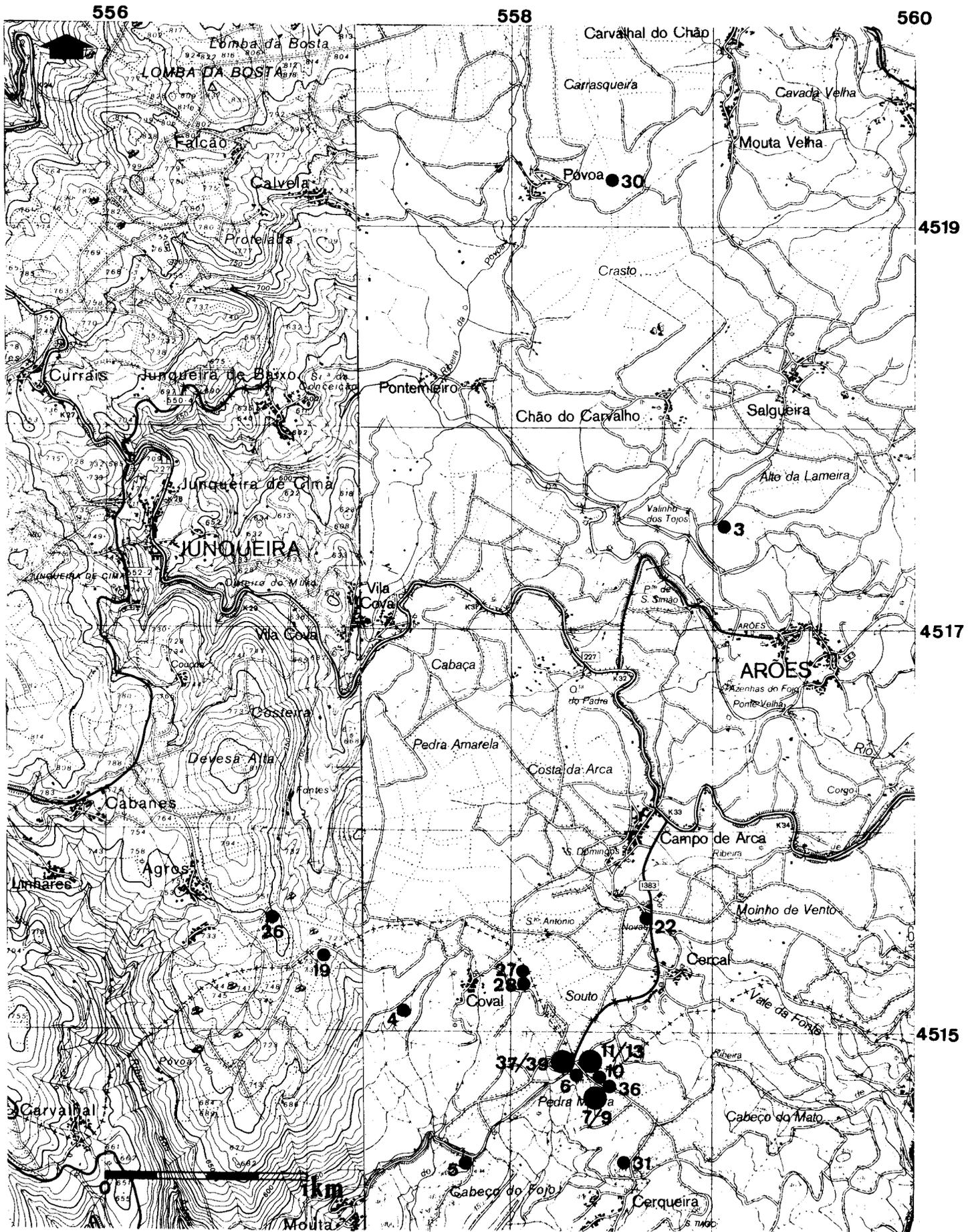
- ALBERGARIA, A.-1972 - Cepelos, história e tradições, jornal *A Voz de Cambra*, ano 2, 33, 15 de Setembro, p. 3.
- ARNAUT, J. M.-1978 - O megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, 1977, vol. 1, Lisboa, p. 97-112.
- BETTENCOURT, A. M. S. - 1982 - A propósito de um vaso tronco-cónico do Museu de Aveiro, *Arqueologia*, 5, Junho, Porto, p. 40-43.
- Idem-1988 - Os vasos tronco-cónicos da estação arqueológica do Castelo-Sever do Vouga, *Arqueologia*, 18, Dezembro, p. 99-104.
- Idem-1989 - Campanha de escavação e consolidação da Mamoa 1 da Cerqueira (Serra do Arestal) - Sever do Vouga, *Arqueologia*, 19, Junho, Porto, p. 85-113.
- CASTRO, L. A.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A.-1956 - Acerca dos monumentos dolménicos da bacia do Vouga, *Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências, Coimbra, 1956*, T. VIII - Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Coimbra p. 471-481.
- COELHO, J.-1947 - Notas arqueológicas IV, sepulturas através dos tempos, *Beira Alta*, 6(2), Viseu, p. 99-114.
- CRIADO BOADO, R.-1984/85 - «El tercer factor» o la logica oculta del emplazamiento de los túmulos megalíticos gallegos, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 35(100), p. 7-18.
- Idem-1988 - Mamias y rozas: panorama general sobre la distribución de los túmulos megalíticos gallegos, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22-24 de Setembro de 1988)*, vol. 1 in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, p. 151-160.
- CRIADO BOADO, F.; FABREGAS VALCARCE, R.-1989 - Aspectos generales del megalitismo galaico, *Arqueologia*, 19, Junho, Porto, p. 48-63.
- CRUZ, D. J.-1988 - O Megalitismo do Norte de Portugal, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22-24 de Setembro de 1988)*, vol. 1, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, p. 15-49.
- FABREGAS VALCARCE, R.-1988 - Megalitismo de Galicia, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22 a 24 de Setembro de 1988)*, vol. 1, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, p. 57-77.
- FERREIRA, D. B.-1981 - *Carte Geomorphologique du Portugal*, (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 6), Lisboa.
- GIRÃO, A. A.-1921 - *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, Coimbra.
- Idem-1922 - *Bacia do Vouga*, Coimbra.
- JORGE, S. O.-1978 - O Megalitismo no contexto neolítico Peninsular, *Revista de Guimarães*, 88, Janeiro-Dezembro, p. 369-387.
- Idem - 1986-*Povoados da pré-história recente da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar* Porto, (3 vols.)
- JORGE, V. O.-1982 - *O Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto-Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu* (2 vols.). (Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras do Porto), Porto.
- JORGE, V. O.-1989 - Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, *Revista da Faculdade de Letras*, 2. Sér., 6, Porto, p. 365-443.
- JORGE, V. O.; BETTENCOURT, A. M. S.-1988 - Sondagens arqueológicas na mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 17 Junho, Porto, p. 73-118.
- KÄLB, P.; HÖCK, M.-1979 - Escavações na necrópole de mamoas «Fonte da Malga» - Viseu, Portugal, *Beira Alta*, 38(3), p. 595-604.
- Idem-1979 - Ausgrabungen in der grabhägelnecropole Fonte da Malga, (Viseu, Portugal), *Madrider Mitteilungen*, 20, Madrid, p. 43-55.
- Idem-1981 - Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgräber, *Madrider Mitteilungen*, 22, Madrid, p. 55-77.
- MOITA, I.-1966 - Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta, *Ethnos*, 5, Lisboa, p. 189-312.
- PEREIRA, E.; GONÇALVES, M. S.; MOREIRA, A.-1980 - *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50.000. Notícia explicativa da folha 13-D de Oliveira de Azeméis*, Lisboa.
- REBELO, T. M.-1988 - *Informações arqueológicas: Arões, Castelões, Junqueira (Vale de Cambra)*. Coimbra (trabalho fotocopiado apresentado no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra no âmbito da disciplina de Técnicas de Investigação Arqueológicas).
- SILVA, M. M. M.-1986 - *Megalitismo na bacia hidrográfica do baixo Vouga*, Coimbra (trabalho apresentado ao Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra no âmbito da disciplina de Pré-História Peninsular e Europeia).



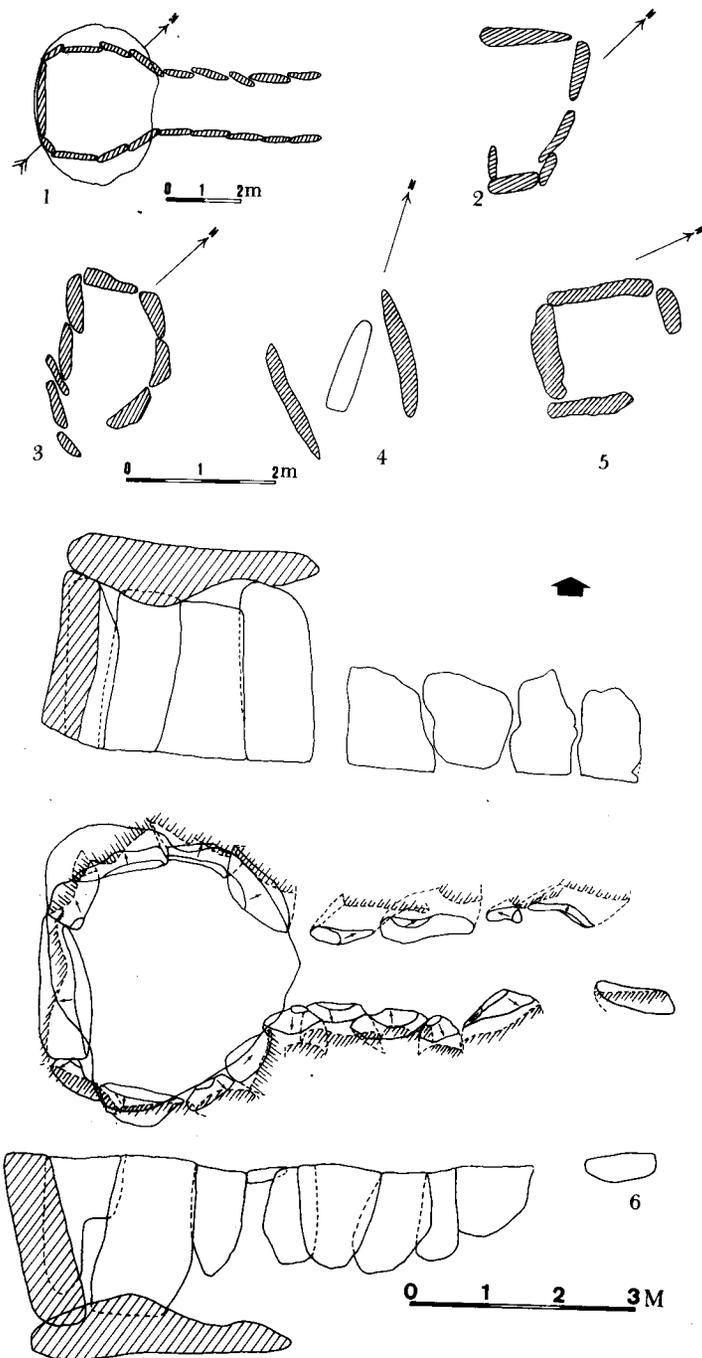
1 - Mapa de localização da Serra do Arestal (seg. D. B. FERREIRA, 1981-adaptado). (Des. de Quenor Rocha)
 2 - Conjunto megalítico da Serra do Arestal (seg. a Carta Corográfica de Portugal na escala 1/125.000-aumentada). (Des. de Ana Fontes).



Localização dos monumentos megalíticos na «Carta Militar de Portugal», escala 1/25.000.
As coordenadas expressas correspondem ao ponto central dos círculos pretos.

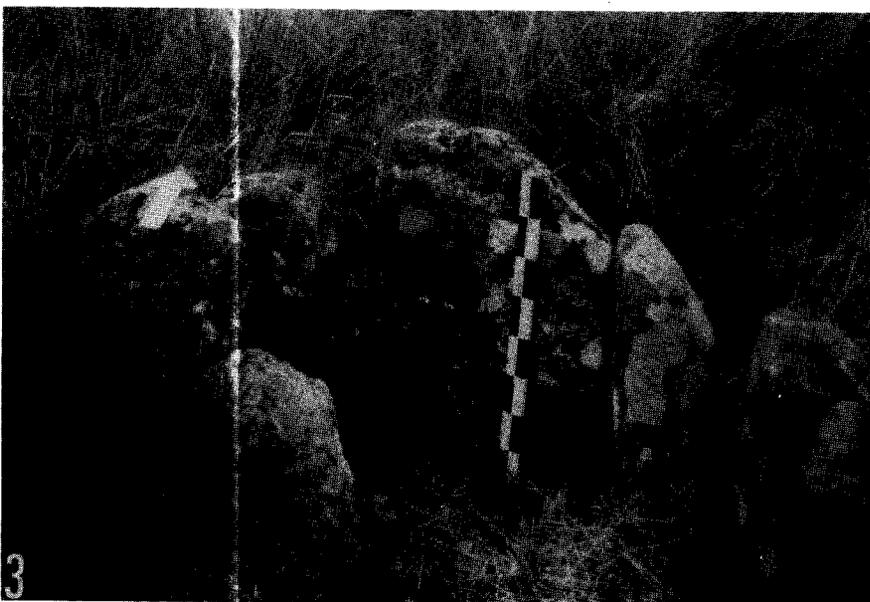
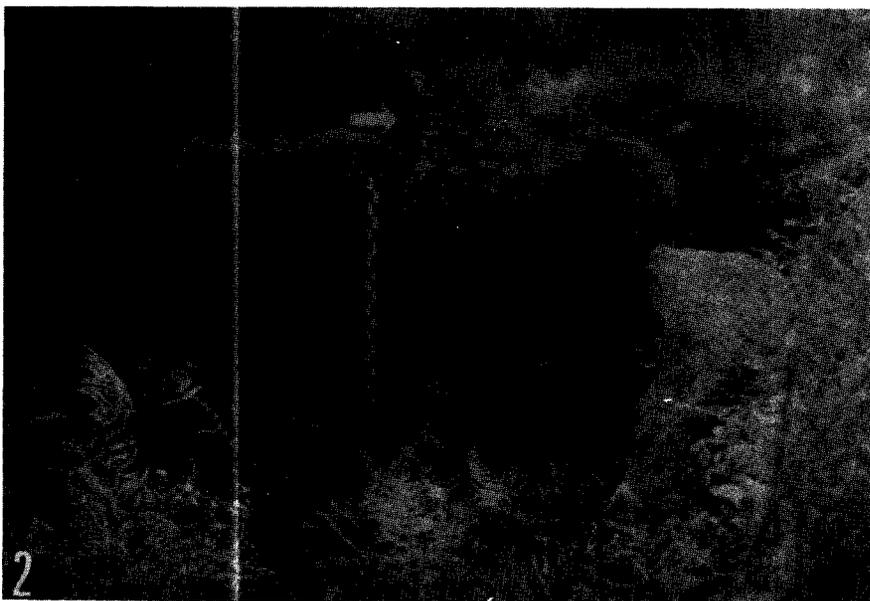
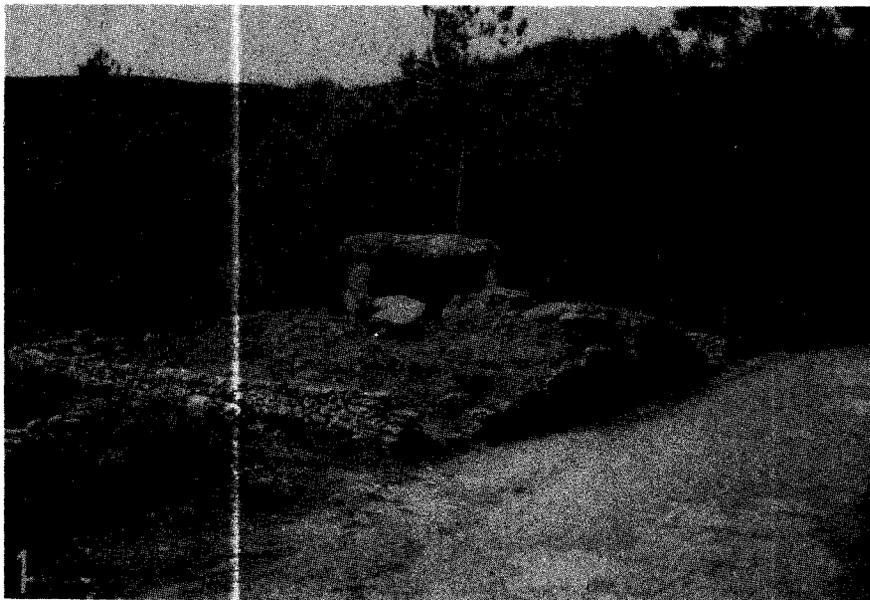


Localização dos monumentos megalíticos na «Carta Militar de Portugal», escala 1/25.000.
Os círculos pequenos representam 1 monumento e os maiores 3.

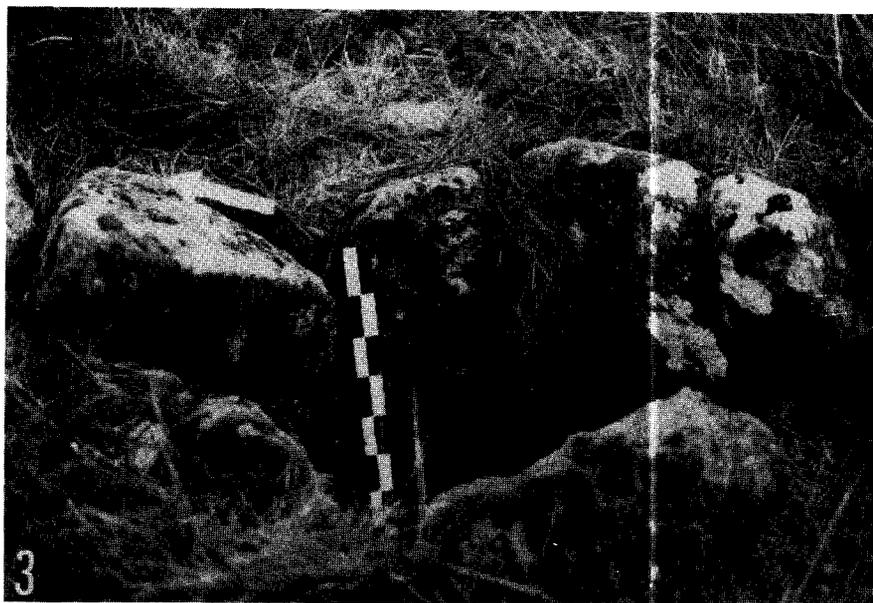
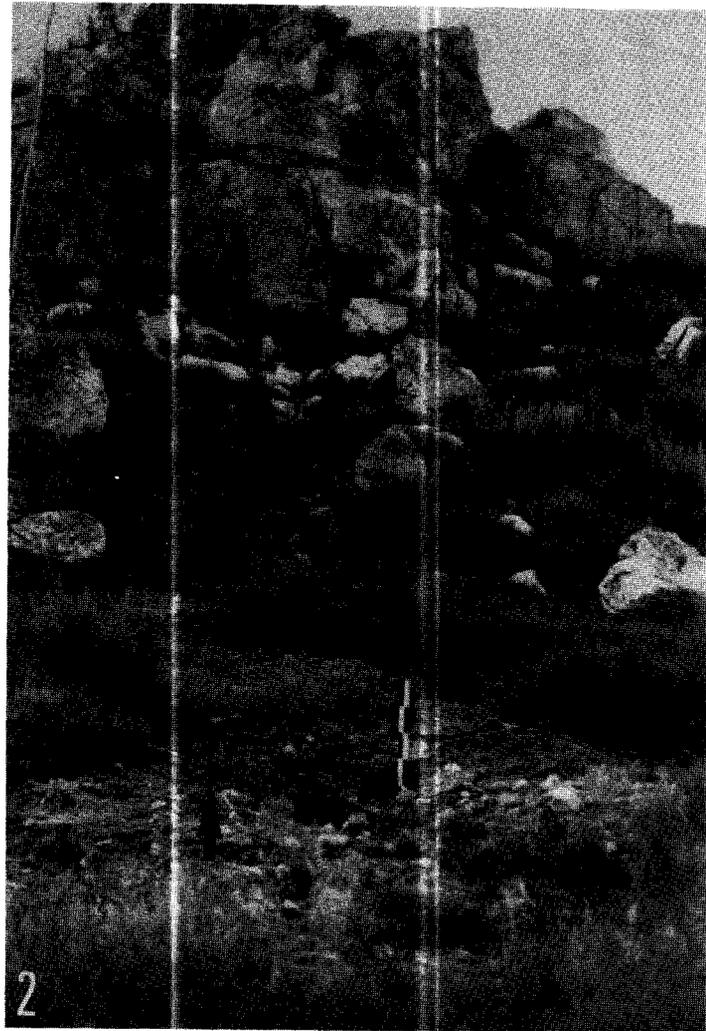


Plantas de alguns monumentos megalíticos:

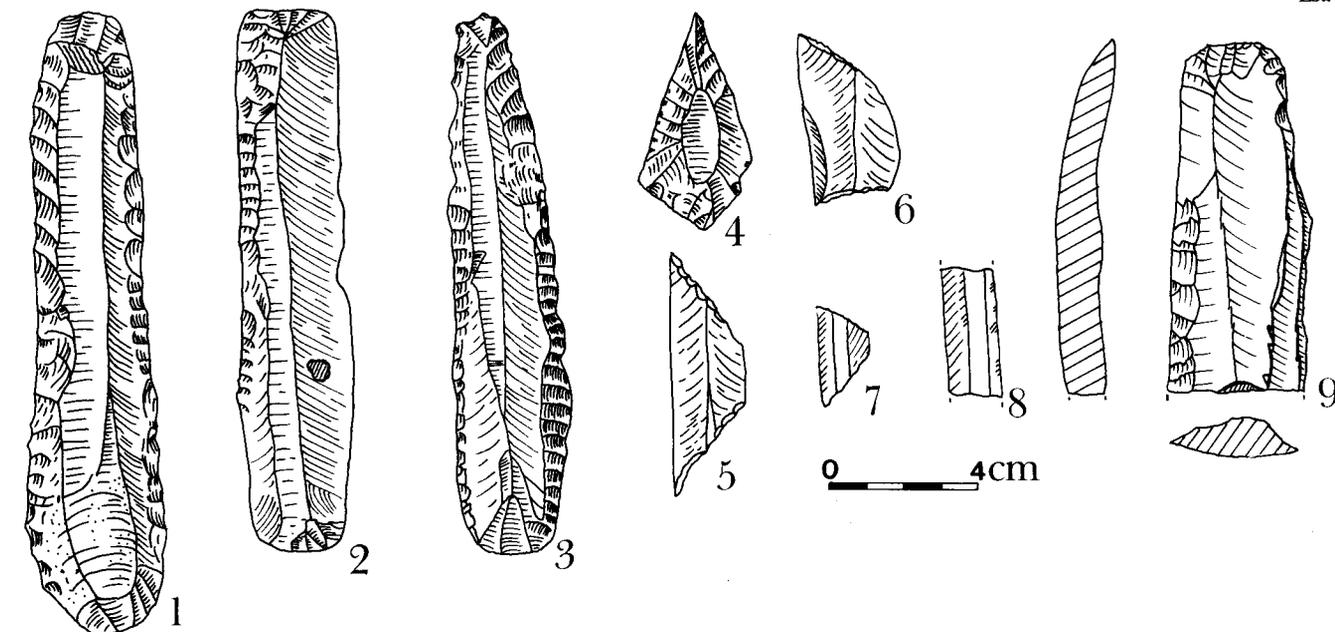
- 1 - Mamoa do Lameiro do Ouguedelo (seg. A. A. Girão, 1921, 1922); 2 - Mamoa da Cerqueira 3; 3 - Mamoa do Souto do Coval 1; 4 - Mamoa da Pedra Moura 6; 5 - Mamoa da Cerqueira 2 (Estas quatro plantas foram desenhadas seg. L. Castro *et alii*, 1957); 6 - Mamoa da Cerqueira 1 (seg. A. M. S. Bettencourt, 1989-adaptado).



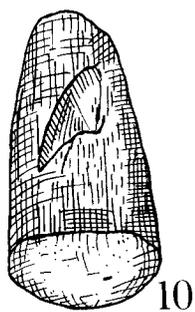
1 - Mamoa da Cerqueira 1, após os trabalhos de escavação e consolidação realizados em 1988;
2 - Pormenor da câmara da Mamoa do Lameiro do Ouguedelo onde se pode observar que a
couraça lítica superficial ainda se encontra ao nível do topo dos esteios;
3 - Câmara megalítica da Mamoa do Souto do Coval 1 (Fot. de Ana Bettencourt).



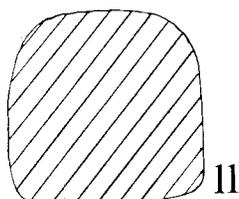
1 - Câmara da Mamoa do Alto do Cruzeiro; 2 - Aspecto geral da Mamoa do Vale Mau;
3 - Câmara da Mamoa do Lameiro (Fot. de Ana Bettencourt).



0 2cm

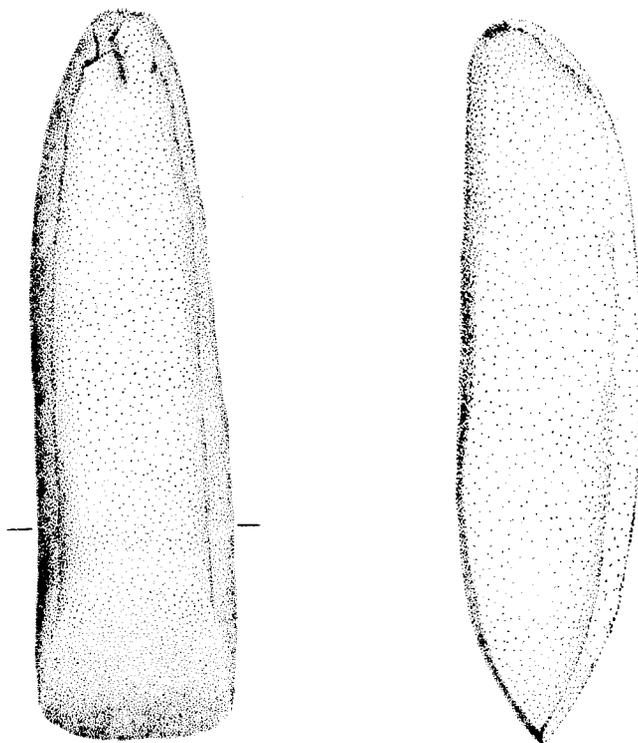


10



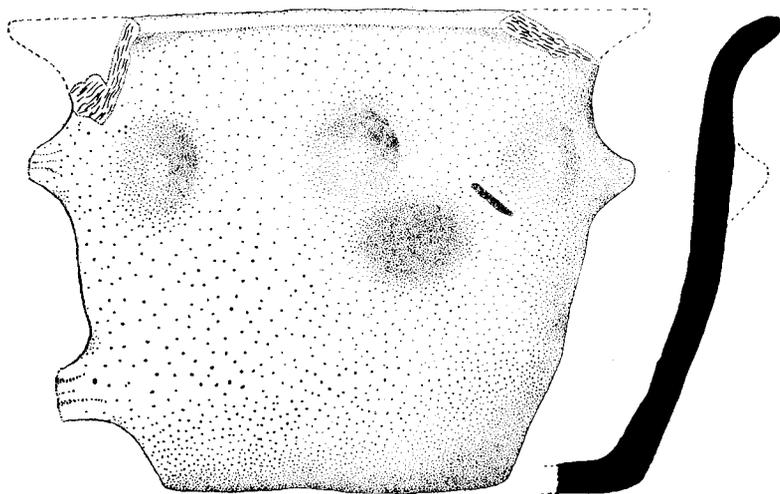
11

0 4cm

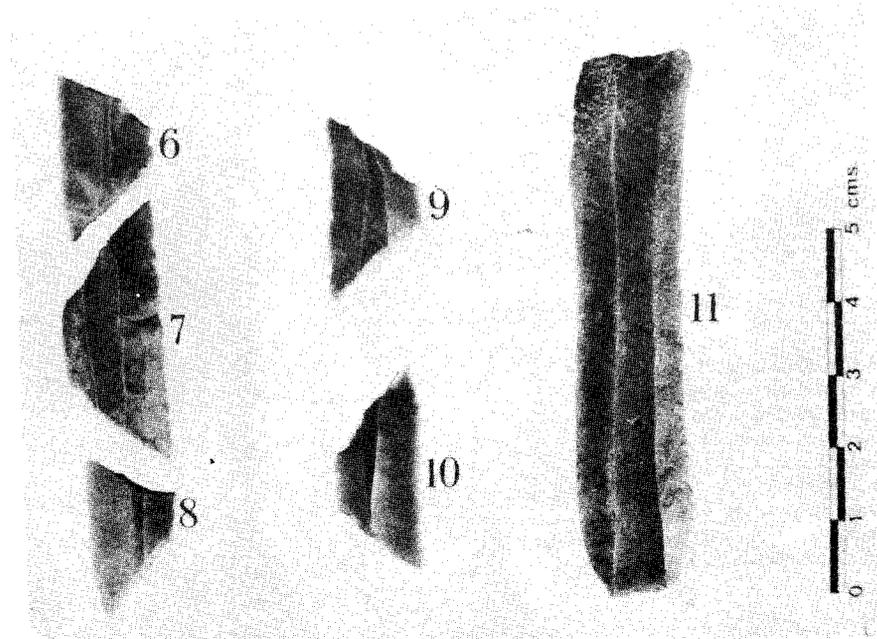
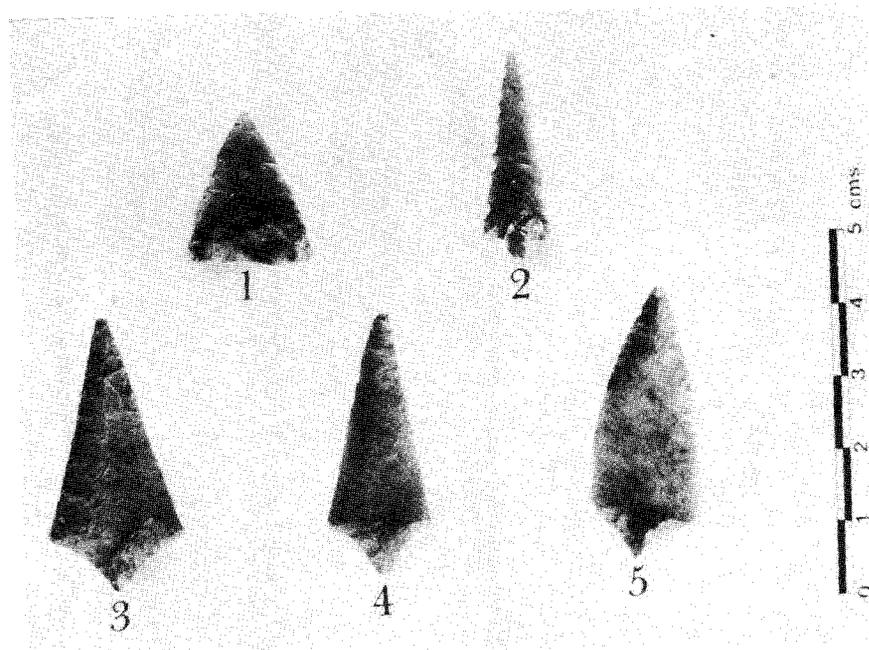
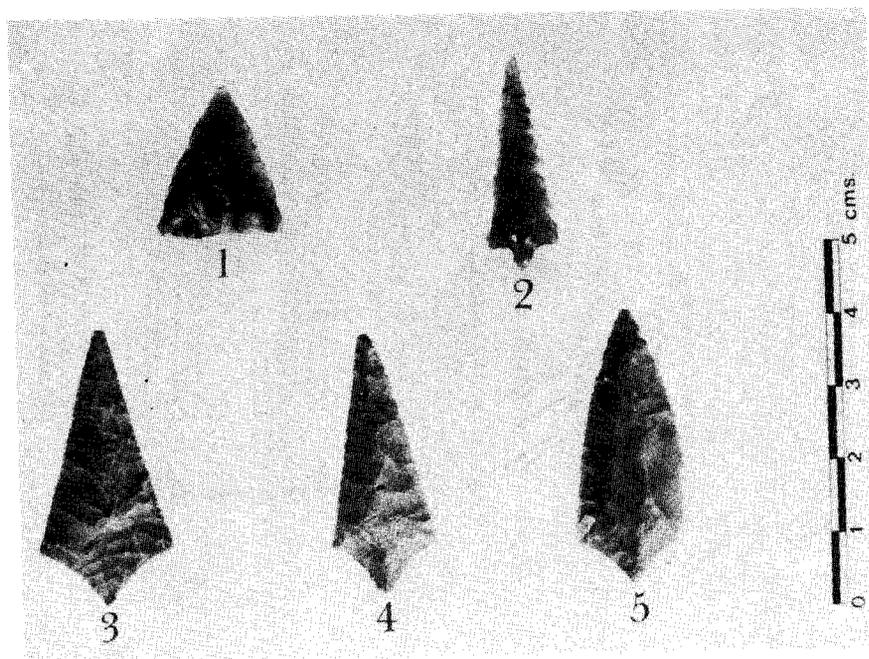


0 6cm

1 a 4 - Objectos encontrados na Mamoa da Cerqueira 1;
 5 - Microlito proveniente da Mamoa da Cerqueira 2;
 6 e 10 - Material da Mamoa da Pedra Moura 6 (Os desenhos de 1 a 6 e 10 foram feitos seg. L. A. Castro *et alii*, 1957);
 7 a 8 - Objectos provenientes da mamoa do Lanciro do Ouguedelo (seg. A. A. Girão, 1921); 9 e 12 - Artefactos exumados da Mamoa da Terranha (seg. A. M. S. Bettencourt, 1982 - modificados parcialmente); 11 - Machado encontrado na Mamoa da Cruz (seg. A. M. S. Bettencourt, 1982).



12



Material proveniente da Mamoa da Cerqueira 1 (Fot. de Manuel Santos).

NOVOS ELEMENTOS SOBRE O MEGALITISMO DA SERRA DA ABOBOREIRA (BAIÃO)

Vitor Oliveira Jorge (*)
com a colaboração de
Susana Oliveira Jorge (*), Isabel Figueiral (**),
G. Delibrias e M. Fontugne (***),
Peixoto Cabral e Monge Soares (****)

1 - TRABALHOS EFECTUADOS EM AGOSTO DE 1989 (1)

Em 1989, e na sequência de uma exposição sobre o estado dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira feita por um dos signatários ao I. P. P. C. - S. R. A. Z. N. - (V. O. J.), este Instituto decidiu criar as condições técnicas e financeiras indispensáveis ao início de um processo de protecção e valorização dos monumentos. Nomeou uma equipa (2) que, após reunião havida na Câmara Municipal de Baião e em que esta se comprometeu a apoiar os trabalhos, decidiu empreender as acções seguintes:

1. *Dólmen de Chã de Parada 1*

- a) limpeza dos esteios com gravuras;
- b) cobertura dos blocos de cimento colocados em 1987, por forma a não «ferir» a estética do monumento, até à realização de novas escavações e remoção dos referidos blocos;
- c) alteamento da mamoa na zona oeste, de modo a atingir o nível do topo dos esteios da câmara, por forma a melhor proteger esta dos agentes erosivos.

2. *Dólmen de Chã de Parada 3*

- a) deslocação dos esteios com pinturas para a vila de Baião;
- b) cobertura das áreas abertas pelas escavações de 1982/83.

3. *Dólmen de Meninas do Castro 3*

- a) desvio do estradão que destruiu parte da mamoa;
- b) reconstrução da parte da mamoa amputada pelo mencionado estradão.

4. *Outras acções*

- a) Edição de um desdobrável explicativo dos trabalhos de 1989;
- b) Construção de um «abrigo de pas tores» em Chã de Parada, para impedir a continuação da tradicional prática de se acenderem fogueiras no interior da câmara do monumento n.º 1, o que tem danificado fortemente as respectivas gravuras.

As acções 1. a), b) e c), 2. b) e 4. a) foram efectivamente concretizadas.

* Instituto de Arqueologia da F. L. U. P.

** Bolseira do Governo Francês.

*** Centre des Faibles Radioactivités, Gif sur Yvette (França).

**** I. C. E. N. - L. N. E. T. I. (Sacavém)

(1) Colaboraram nestes trabalhos o Dr. António da Silva Pereira, arqueólogo da equipa do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira, e os elementos da direcção do G.E.A.P. Carla Stockler Nunes e José Manuel Varela.

(2) Coordenada, por parte do I. P. P. C., pelo Dr. Orlando de Sousa.

Quanto a nós, como elementos responsáveis pelas escavações arqueológicas da Aboboreira, cumpria-nos uma tarefa bem específica: recolher, em áreas intervencionadas de monumentos que iam, ou irão num futuro próximo, ser cobertas pelas acções de conservação, as amostras necessárias às análises laboratoriais que se impõem para determinação da cronologia das mamoaas e do meio-ambiente em que foram construídas. Passamos pois a enumerar o que se fez ⁽³⁾:

Dólmen de Chã de Parada 3

a) limpeza do corte oeste da sanja norte, para leitura estratigráfica;

b) abertura de uma pequena sondagem, que afectou o quadrado E8 e, parcialmente (metade leste), o E9, com o fim de se recolher carvões (datações C14 e análises antracológicas) e sedimentos (análises sedimentológicas e, se possível, palinológicas).

A estratigrafia verificada (Est. II - 1) revelou-se mais complexa do que a observada nas escavações de 1982/83, uma vez que o nível subjacente ao monumento (solo antigo, aqui considerado como camada 4) se pôde subdividir em:

a) terras de cor castanho escura, com carvões. Apresentavam em E8, e junto ao contraforte, algumas pedras, que talvez pertencessem a estrutura anterior ao monumento. Tais pedras ocorreram sob a camada 3 (saibro depositado pela construção), não sendo pois verosímil que fizessem parte do referido contraforte;

b) terras de cor castanho clara, amarelada;

c) terras de cor castanho escura, também com carvões. Pequenos blocos de quartzo ocorrem neste nível, de forma esparsa, tal como já havia acontecido no solo antigo de Chã de Parada 1 (escavações de 1987); devem considerar-se como de origem natural.

Os materiais encontrados foram:

- 4 fragmentos cerâmicos, de pequenas dimensões, sem decoração (3 no E9, 1 no E8; camada 4a, ou seja, topo do solo antigo);

- 1 pequena lasca residual, em quartzo hialino passando a leitoso (E8, camada 4a);

- 1 lamela em sílex, sem retoques (E9, terras da mamoa - camada 2 - peneiração). É de secção triangular e tem as seguintes dimensões máx: comp. - 3,9 cm; larg. - 1,1 cm; esp. - 0,5 cm (Est. IV - 1).

Dólmen de Outeiro de Ante 1

Tratando-se de um monumento, aparentemente, do mesmo tipo genérico do de Chã de Parada 3, e indo ser coberta, em 1990, a única sanja aberta pelas escavações que ainda não foi tapada com terras (vala leste), decidiu-se efectuar algumas observações e recolhas nesta mamoa. Ei-las:

a) limpeza do corte norte da sanja, no troço correspondente ao G8;

b) abertura de uma pequena sondagem no mesmo quadrado, com c. de 70 cm de comp. (ou seja, no sentido S-N) por 2m de largo (isto é, a extensão total do quadrado no sentido W-E);

c) abertura de pequena sondagem no H6, a qual deparou de imediato com o espesso contraforte da câmara, devendo ser concluída em 1990.

A sondagem do G8 detectou uma estratigrafia (Est. II - 2) que, não sendo dissonante em relação à observada nas escavações de 1981, permitiu no entanto algumas precisões no que toca aos níveis de base do (subjacentes ao) monumento. De notar que tais níveis não são exactamente iguais em todos os pontos escavados da mamoa. Assim, e no que poderemos designar, neste corte, camada 3, temos:

a) terras negras com carvões;

b) terras castanho escuras, com carvões;

b') terras castanhas, com aspecto saibro;

c) terras negras, com carvões;

c') terras negras, com carvões, mas de textura muito fina;

d) terras acastanhadas. Estão separadas de c' por um nível pouco espesso de areia granítica, e de c por pequenas pedras. É possível que este nível d) corresponda a terras dos interstícios da rocha de base, muito alterada, e nesse caso o «solo antigo» propriamente dito seria constituído pelos níveis

⁽³⁾ Trabalhos de campo dirigidos por S. O. J., dada a indisponibilidade do primeiro signatário.

a, b, c, b' e c'. Trata-se de uma hipótese a testar nas sondagens do próximo ano.

Materiais encontrados:

- 1 micrólito geométrico, em sílex - crescente (G8, terras da área afectada por violações).

Dimensões: comp. - 1,6 cm; larg. - 0,6 cm; esp. - 0,2 cm. Lembremos que este monumento revelou seis micrólitos na base da câmara, três dos quais crescentes, embora de maiores dimensões do que o presente exemplar (Est. IV - 2).

- 1 pequeno seixo rolado de xisto negro (mesma proveniência). Recordemos que as escavações de 1981 revelaram centenas destes seixos de xisto, que com toda a probabilidade fizeram parte de um primitivo piso da câmara.

- 1 vestígio botânico carbonizado (mesma proveniência). Submetido à apreciação do Eng.^o Pinto da Silva (Est. Agron. Nac.), foi por este assim caracterizado: «Corpúsculo esférico, achatado nos pólos que são deprimidos-perfurados, medindo c. de 8-9 x 6 mm, de circuito equatorial circular-ligonal. Superfície lisa, quase baça. Trata-se, sem dúvida, de um pseudo-bolbo de *Arrhenatherum elatius* ssp. *bulbosum*.» (4)

- 1 fragmento de quartzo leitoso, residual (H6, terras muito finas, acastanhadas, caracterizadas na nossa publicação deste monumento como «de tipo limo» - fig. 6, camada 5).

- 1 lamela fragmentada de sílex negro, sem retoques, com secção triangular (encontrada no chão, sem contexto, junto do corte do H6).

2 - DADOS ANTRACOLÓGICOS PARA AS MAMOAS 1 E 4 DE CHÃ DE PARADA

Isabel Figueiral, que em França conclui neste momento o seu doutoramento em Antropologia (5), comunicou-nos os resultados das análises que efectuou relativamente a carvões recolhidos durante as escavações de 1987 nas duas mamoadas em epígrafe (vide quadros - Est. V). A proveniência das amostras é a seguinte:

Chã de Parada 1

camada 2: amostras 12, 18, 20, 21 e 25;

camada 3: amostra 15;

camada 5: amostra 29;

transição entre as cam. 5 e 7:

amostra 16;

camada 7: amostra 19;

base, revolvida, da câmara dolménica: amostra 38.

Verifica-se que, em todos os níveis, o panorama das espécies presentes é relativamente homogéneo; ou seja, fundamentalmente, leguminosas, giestas, *Quercus* de folha caduca e carvalho alvarinho (c. 2'); as mesmas excepto a última nas c. 3 e 5; e também *Quercus* e leguminosas no nível 7.

Chã de Parada 4

Camada 3: amostras 3, 6, 12, 14 e 16;

camada 4: amostras 4 e 8.

Ambas as lareiras possuem *Quercus* de folha caduca e carvalho alvarinho, havendo, além disso, madressilva e sobreiro na lareira W (amostras 3 e 14) e clematite na lareira N (amostra 19). No mesmo nível 3, mas já no exterior das referidas lareiras, ocorre o carvalho negral. Leguminosas, *Quercus* de folha caduca, giesta, carvalho negral, clematite e sobreiro estão presentes na camada 4, correspondente ao solo antigo, de que a camada 3 é o topo (parecendo esta relacionada com uma queima da vegetação prévia à construção da mamoadas).

Estes dados serão retomados, desde um ponto de vista paleobotânico, no contexto de um trabalho de-conjunto de I. Figueiral e J.-L. Vernet.

3 - DATAS DE RADIOCARBONO PARA CHÃ DE PARADA 1

Possui-se neste momento mais quatro datas para o monumento em causa, uma obtida no laboratório francês de Gif sur Yvette (6), as outras três no laboratório do LNETI (7).

Apresentá-las-emos aqui segundo uma ordem arbitrária.

(4) Agradecemos a este investigador a sua colaboração.

(5) No Laboratório de Paleobotânica da Universidade de Montpellier, sob a direcção do Prof. J.-L. Vernet. Agradecemos a esta investigadora do C. A. S. A. os elementos que nos remeteu, bem como diversos esclarecimentos adicionais.

(6) Agradecemos a colaboração deste laboratório, nas pessoas de G. Delibrias e M. Fontugne.

(7) Ao Doutor Peixoto Cabral, e Eng.^o Monge Soares, deste laboratório, exprimimos o nosso reconhecimento pela sua colaboração, bem como ao I. P. P. C., que custeou as análises.

Amostra 1

Carvões provenientes da D7, sob as pedras da «estrutura de fecho», a 1m de profundidade (em relação à superfície do solo); recolhidos no corte E-W, Camada 7 (solo antigo enterrado sob o *tumulus*).

Resultado: 4.635 ± 100 anos B.P.

2.685 ± 100 anos a. C.

Calibração (seg. Pazdur e Michczynska, *Radiocarbon*, 1989): 3.625 - 3.062 B. C. (intervalo de confiança 95% - 2 sigmas).

Referência do laboratório: GIF - 7873.

Amostra 2

Carvões provenientes do D7, à profundidade de 1,30 m. Camada 7 (solo antigo).

Resultado: 4.880 ± 50 anos B. P.

2.930 ± 50 anos a. C.

Calibração: seg. o laboratório, «ao calibrar a data obtida utilizando a curva de Pearson *et al.* (*Radiocarbon*, 28 (2B), 1986, pp. 911-934), obtêm-se a intersecção em 3.693 cal AC e os seguintes intervalos: para 1 sigma: 3.774-3.754 cal AC; 3.705-3.637 cal AC. Para 2 sigma: 3.780 - 3.620 cal AC; 3.575-3531 cal AC.»

Referência do laboratório: ICEN-407.

Amostra 3

Carvões provenientes do E7, à profundidade de 1,25-1,35 m. Base de camada 5, em contacto com o topo do solo antigo.

Resultado: 4.180 ± 110 anos B.P.

2.230 ± 110 anos a.C.

Calibração: seg. o laboratório, «ao calibrar a data obtida utilizando a curva de Pearson *et al.* obtêm-se intersecções em 2.875, 2.778, 2.715 e 2.706 cal AC e os seguintes intervalos: para 1 sigma: 2.910-2.590 cal AC; para 2 sigma: 3.030-2.470 cal AC.»

Referência do laboratório: ICEN-408.

Amostra 4

Carvões provenientes do C7, à profundidade de 1,07 m. Base da camada 4, na periferia do monumento.

Resultado: 4.130 ± 45 anos B.P.

2.180 ± 45 anos a.C.

Calibração: seg. o laboratório, «ao calibrar a data obtida utilizando a curva de Pearson *et al.* obtêm-se intersecções em 2.862, 2.814, 2.738, 2.728, 2.695, 2.679, 2.665 e 2.630 cal AC e os seguintes intervalos: para 1 sigma: 2.874-2.851 cal AC; 2.832-2.802 cal AC; 2.778-2.716 cal AC; 2.705-2.653 cal AC; 2.646-2.613 cal AC; para 2 sigma: 2.887-2.793 cal AC; 2.787-2.578 cal AC.»

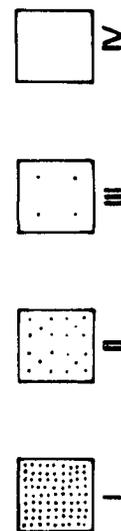
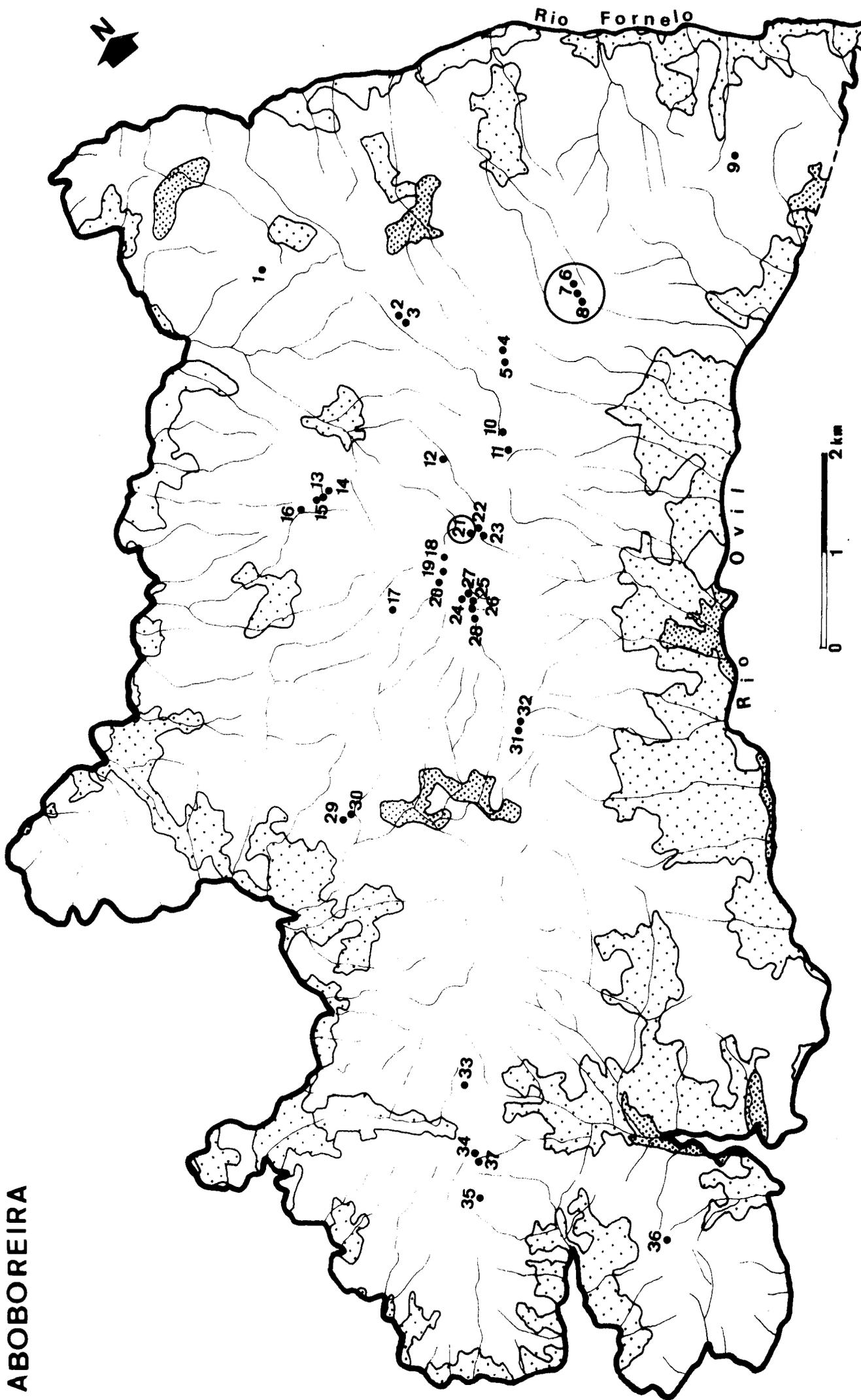
Ref. do laboratório: ICEN-409

As duas primeiras datas, correspondentes à primeira metade do III.º milénio a. C., vêm reforçar a ideia de que o dólmen de corredor de Chã de Parada I terá sido erigido durante essa época genérica. Para tal apontavam já as datas publicadas ICEN-172 (2.950 ± 260 anos a. C.) e ICEN-173 (2.660 ± 45 a. C.). Fica obviamente em suspenso um apuramento mais preciso da época de construção, pois cada uma dessas datas mais não é do que um *terminus post quem* para o monumento; apuramento esse que será, todavia, sempre muito difícil, uma vez que é praticamente impossível, neste caso, assegurar que determinada amostra de carvão corresponde exactamente ao momento da referida construção. Quanto às datas de 2.230 a. C. e de 2.180 a. C. (respectivamente ICEN-408 e ICEN-409) dizem sem dúvida respeito a fases de utilização do dólmen, utilização essa que deve ter ocorrido ao longo de todo o III.º milénio a. C.; o mesmo já acontecia com a data Gif-7672 (1.990 ± 80 anos a. C.), anteriormente divulgada.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- JORGE, V. O - Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Ante. Serra da Aboboreira, Baião, *Setúbal Arqueológica*, 1980/81, vols. VI-VII.
- JORGE, V. O. e MOREIRA, M. - Escavação da Mamoa 4 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 1987, vol. 16.
- JORGE, V. O. e BETTENCOURT, A. M. - Sondagens arqueológicas na Mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987), *Arqueologia*, 1988, vol. 17.
- SILVA, F. A. P. - Escavação da Mamoa 3 de Chã de Parada - Serra da Aboboreira, Concelho de Baião, 1982-83, *Arqueologia*, 1985, vol. 11.

ABOBOREIRA



Mapa do conjunto megálfico da Serra da Aboboreira, com indicação das mamoadas referidas nesta nota (assinaladas por círculos):
21-Outeiro de Ante I; 6, 7 e 8 - Chã de Parada I, 3 e 4, respectivamente.

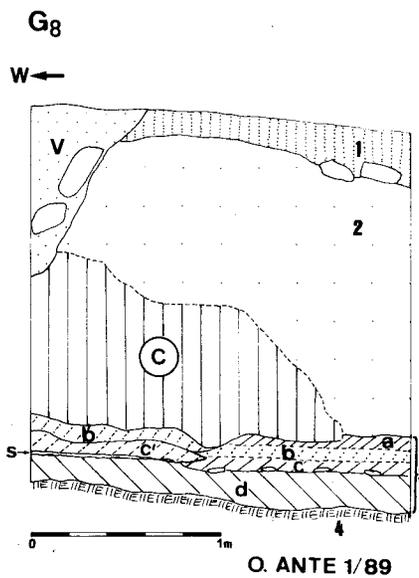
Chã de Parada 1

Amostras	12	15	16	18	19	20	21	25	29	38
Taxons										
<i>Erica arborea</i>	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-
<i>Erica sp.</i>	3	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Leguminosae ind.	40	7	1	15	1	3	3	14	3	29
<i>Quercus f.c.</i>	13	10	-	4	2	6	5	5	5	-
<i>Q. ped./sessil.</i>	6	1	1	3	-	2	-	8	2	-
<i>Q. pyrenaica</i>	-	-	-	1	-	-	1	3	-	-
<i>Quercus sp.</i>	1	1	1	-	1	1	-	-	2	-
<i>Selix sp.</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sarothamnus sp.</i>	26	2	-	8	-	2	4	13	7	11
<i>Sorbus sp.</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sorbus sp./Crataegus sp.</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indetermináveis	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-
Total	91	24	3	31	4	14	13	48	20	40

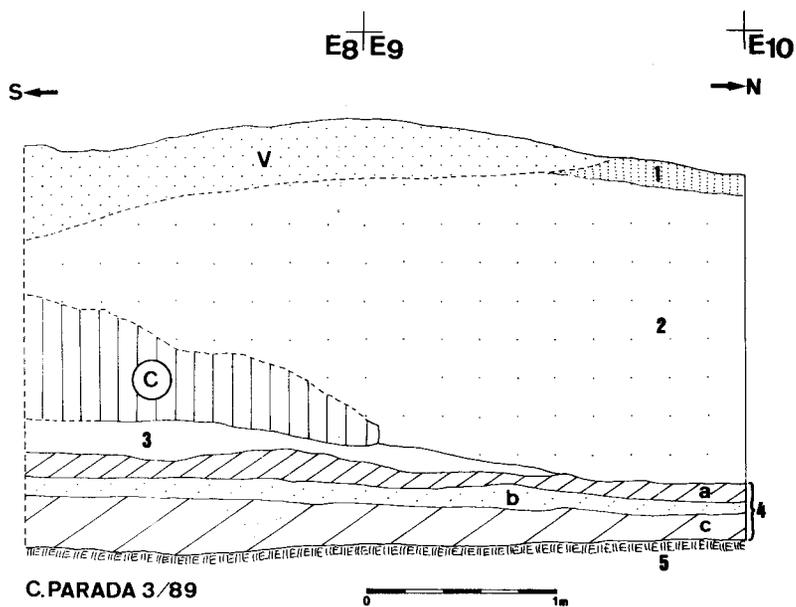
Chã de Parada 4

Amostras	3	4	6	8	12	14	19
Taxons							
<i>Clematis cf. vitalba</i>	6	-	-	6	4	-	15
<i>Frangula alnus</i>	1	-	-	-	-	1	-
Leguminosae ind.	-	2	5	1	-	1	-
<i>Lonicera sp.</i>	19	-	-	-	-	-	-
<i>Q.f.c.</i>	38	2	6	2	3	23	35
<i>Q. ped./sessil.</i>	15	-	7	-	-	27	23
<i>Q. pyrenaica</i>	4	-	-	11	3	2	-
<i>Q. suber</i>	5	-	-	2	-	10	-
<i>Quercus sp.</i>	-	-	1	1	-	1	-
<i>Sarothamnus sp.</i>	-	2	2	-	-	5	-
Indetermináveis	2	-	-	-	-	-	-
Total	90	6	21	21	10	70	73

Quadros das espécies detectadas pelo método antracológico em Chã de Parada 1 e 4, respectivamente (seg. Isabel Figueiral).

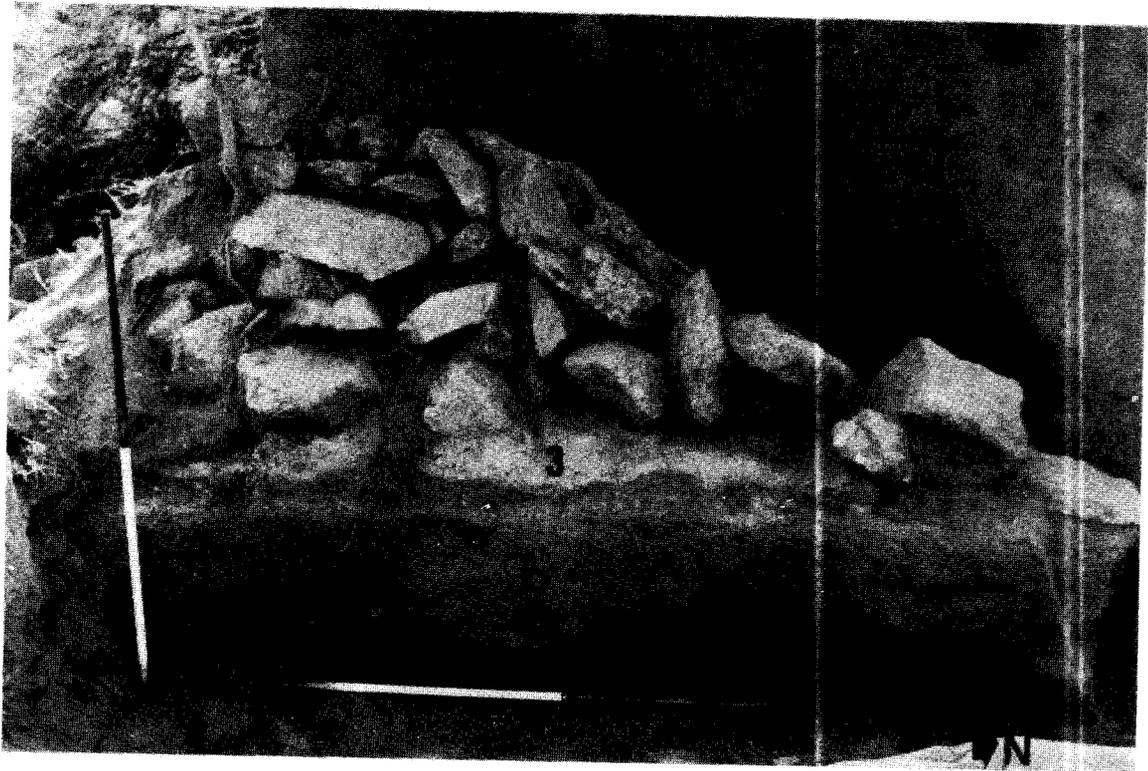


1.

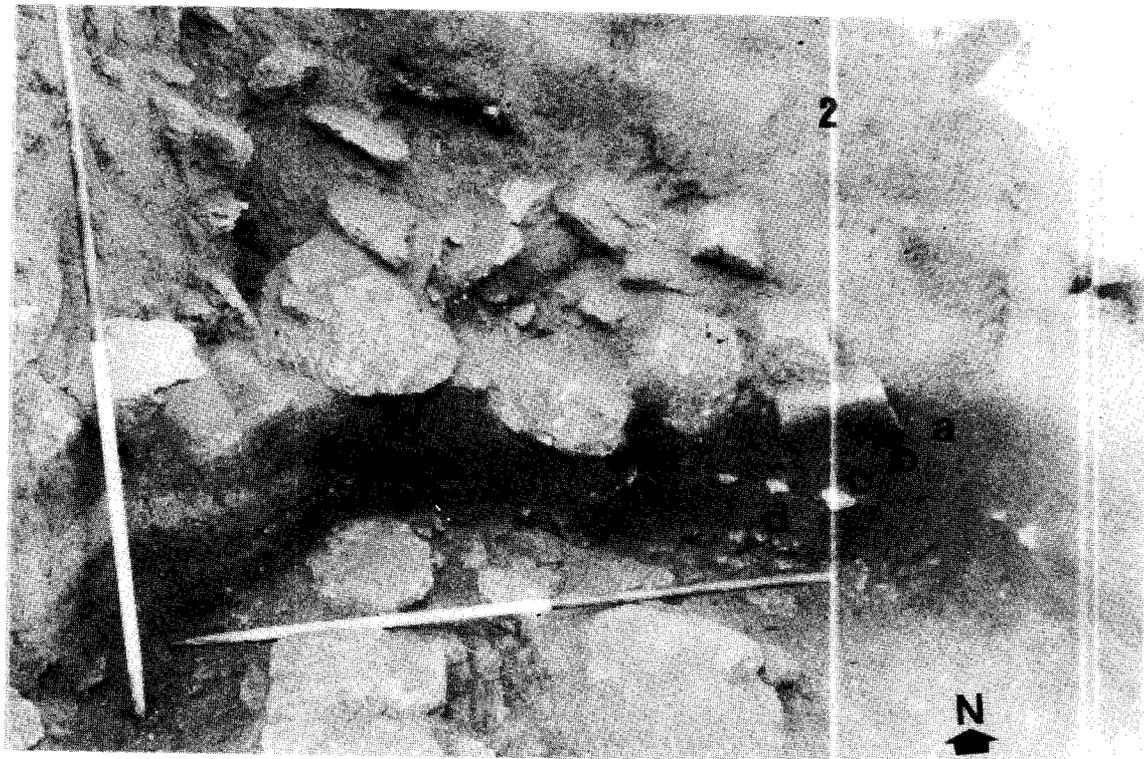


2.

- 1 - Estratigrafia observada em Chã de Parada 3 (ver texto).
- 2 - Estratigrafia observada em Outeiro de Ante 1 (ver texto).
- V - área perturbada por violações; C - Contraforte.

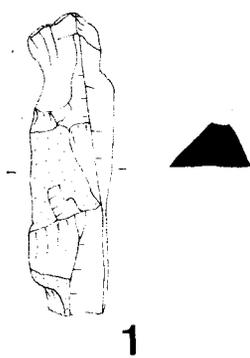


1.

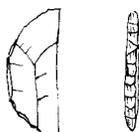
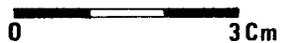


2.

- 1 - Detalhe da estratigrafia sob o contraforte de Chã de Parada 3.
- 2 - Detalhe da estratigrafia sob o contraforte de Outeiro de Ante 1.



1



2

- 1 - Lamela encontrada em Chã de Parada 3.
- 2 - Crescente exumado em Outeiro de Ante 1.

NÓTULA SOBRE DOIS VASOS PRÉ-HISTÓRICOS ENCONTRADOS EM COCA (PAREDES)

Vítor Oliveira Jorge
Maria de Jesus Sanches
Susana Oliveira Jorge

1 – INTRODUÇÃO

Nos inícios de 1989 fomos alertados, por uma aluna da Faculdade de Letras do Porto ⁽¹⁾, para o achado fortuito de dois vasos pré-históricos em propriedade de pessoas suas amigas localizada no lugar de Coca, da freguesia de Cete, concelho de Paredes (distrito do Porto). Trata-se da Quinta da Coca ⁽²⁾, situada nas imediações da estação de caminho de ferro de Cete, para sul da estrada esfaltada que se dirige para Recarei, entre a dita estrada e o rio Sousa, em cuja margem direita, portanto, se encontra (v. Est. I).

A descoberta dos dois vasos que vamos descrever foi feita por trabalhadores que arranjavam o jardim, numa pequena área próxima da residência, entre um poço que ali existe e a vedação que a separa da via pública.

Visitado o local ⁽³⁾, verificámos que o corte do saibro na parte contígua à vedação, com o fim de criar um espaço para a plantação de arbustos, tinha exposto duas manchas escuras, de terra humosa, correspondentes ao seccionamento de depressões abertas na aliterite granítica (v. Ests. II e III). Uma delas (A)

era de base circular e tinha c. de 25 cm de prof. máx.; a outra (B), situada a pouca distância para oeste da anterior, era de base plana e tinha quase 40 cm. de profundidade; é de admitir que pelo menos a segunda destas duas depressões fosse de interesse arqueológico, e tivesse algo a ver com os vasos, que foram encontrados na respectiva área, senão mesmo no seu interior ⁽⁴⁾. Com os dados que possuímos é impossível sabermos se se trata de restos de eventual sepultura, ou fossa pertencente a vestígios de um habitat, entre outras possibilidades. No entanto, e apesar de o afirmarmos com todas as reservas, a primeira hipótese parece-nos a mais verosímil: talvez estívéssemos perante uma sepultura aberta no saibro, presumivelmente alongada (do tipo Tapado da Caldeira ⁽⁵⁾), que teria sido afectada pela estrada e pelo muro da propriedade, ficando reduzida a uma parte terminal aquando dos recentes trabalhos no interior da mesma; os dois vasos poderiam ser oferendas funerárias colocadas nessa eventual sepultura. Infelizmente, no momento em que escrevemos esta nota (Out. 1989) não parece viável qualquer esclarecimento adicional sobre este caso arqueológico. ⁽⁶⁾

⁽¹⁾ Cristina Maria Sá Coutinho.

⁽²⁾ Propriedade do Sr. Júlio Alberto Caldeira, do Porto, a quem agradecemos as facilidades concedidas para o estudo dos vasos, que se encontram na sua posse.

⁽³⁾ Em finais de Janeiro de 1989.

⁽⁴⁾ Segundo informação do proprietário, os vasos foram encontrados por trabalhadores, na sua ausência; estes, tendo-os esvaziado do respectivo conteúdo, deixaram-nos no chão, ao lado da área em que cavavam, a qual corresponderia, *grosso modo*, à localização da fossa B.

⁽⁵⁾ Susana O. Jorge, A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião, *Portugalia*, nova série vol. I, 1980, pp. 29-50.

⁽⁶⁾ Comunicada a descoberta ao S. R. A. Z. N. do I. P. P. C., este deslocou um técnico ao local, e posteriormente (Abril de 1989) solicitou ao proprietário autorização para uma intervenção de emergência. Esta não pôde ser feita a curto prazo, e entretanto a área foi ajardinada com relva, inviabilizando (ou pelo menos dificultando) essa projectada intervenção, tanto mais que o Sr. Júlio Caldeira nos comunicou ter escavado o que restava das fossas A e B. Na sua opinião, a A seria apenas um buraco aberto por raízes de arbustos, enquanto que a B, de que apenas restavam uns 30 a 40cm de comprimento, poderia ter sido parte de uma sepultura. Acrescente-se que para norte da estrada, na área fronteira à casa, foi implementada a «Urbanização da Coca», que também compromete um estudo mais alargado da área envolvente. De registar, apesar de tudo, o interesse revelado pelo proprietário na conservação e estudo dos vasos, sem o que este local arqueológico teria ficado no mais completo olvido. Eis mais um exemplo de como o nosso património - sobretudo o pré-histórico - se encontra totalmente à mercê de circunstâncias aleatórias.

2 - DESCRIÇÃO DOS RECIPIENTES CERÂMICOS

Recipiente n.º 1 (Ests. IV-1 e V-1)

Dimensões:

Alt. máxima - 14,3cm
 Diâm. da abertura (aprox.) - 9,4 cm
 Diâm. máximo - 10,4 cm
 Diâm. do fundo - 6 cm

Descrição técnico-morfológica:

Pasta de boa cozedura, com textura compacta e desengordurante constituído por grande % de elementos micáceos finos e por grãos de quartzo de médio e grande calibre.

As superfícies, irregulares, apresentam-se sumariamente alisadas quer no exterior, quer no interior. São bem visíveis, em ambas as superfícies, as marcas deixadas pelos dedos aquando da moldagem do recipiente.

As paredes são de cor castanho clara tanto no interior como no exterior, embora aqui se encontrem algumas manchas negras decorrentes, supomos, do tipo de cozedura.

Fabrico - manual.

Recipiente fechado, alto, de perfil irregular, com colo alto, carena média e fundo plano.

Estado de conservação - encontra-se parcialmente fragmentado, pois falta-lhe aprox.º metade do colo.

Recipiente n.º 2 (Est. IV-2 e V-2)

Dimensões:

Alt. máxima - 6,2 cm
 Diâm. da abertura - 6,4 cm
 Diâm. máximo (na carena) - 7 cm
 Diâm. do fundo - 2,2 cm

Descrição técnico-morfológica:

Pasta de boa cozedura, com textura compacta e cujo desengordurante, fino, é constituído por aprox. a mesma % de elementos micáceos finos e grãos de quartzo de pequeno calibre.

As superfícies, irregulares e rugosas, apresentam-se moderadamente alisadas no exterior e mal alisadas no interior.

As paredes são de cor castanho clara, com algumas manchas mais escuras tanto no exterior como no interior.

Fabrico manual.

Pequeno recipiente fechado, achatado, de perfil anguloso e fundo plano.

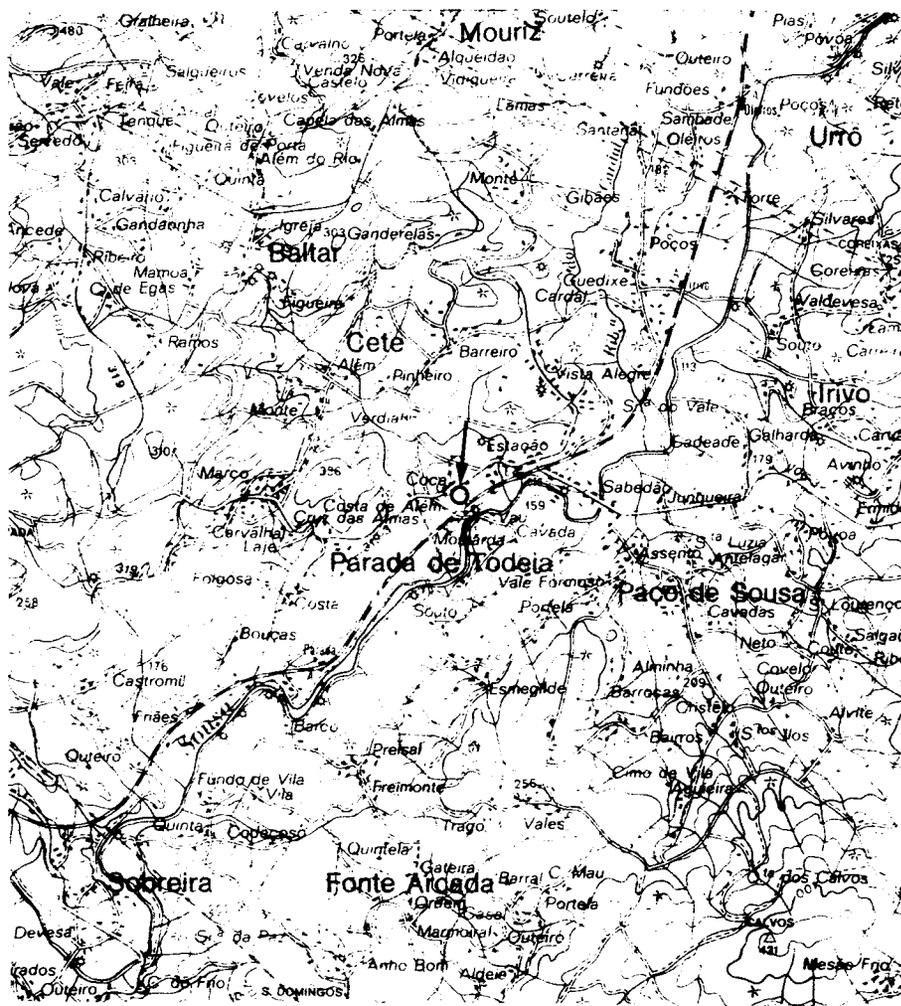
Trata-se de uma forma carenada - com carena média - e colo bem marcado.

Estado de conservação - recipiente quase completo, pois só lhe foram amputados dois pequenos fragmentos no bordo. As superfícies encontram-se corroídas em aprox.º e metade do colo.

III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morfologia dos vasos descritos não deixa dúvidas quanto a estarmos perante exemplares da Idade do Bronze - não se podendo, com segurança, acrescentar mais nada no que toca à cronologia. Ambos os recipientes são lisos, carenados e de fundo plano, apenas se distinguindo pelas dimensões, pela angulosidade dos perfis (muito mais acentuada no segundo do que no primeiro) e pelo acabamento muito mais apurado no vaso n.º 2 do que no n.º 1, que é um exemplar muito tosco. Alguns indícios que referimos e o próprio facto dos vasos se terem conservado tão bem apontam para um contexto sepulcral, mas há que não tomar essa possibilidade como uma certeza. Enfim, resta-nos dizer que a área, onde a urbanização se expande, deveria ficar doravante na mira dos S. R. A. Z. N., com o fito de se virem a salvar eventuais restos de sepulturas e/ou de níveis de habitação que, com muita probabilidade, aí terão existido.

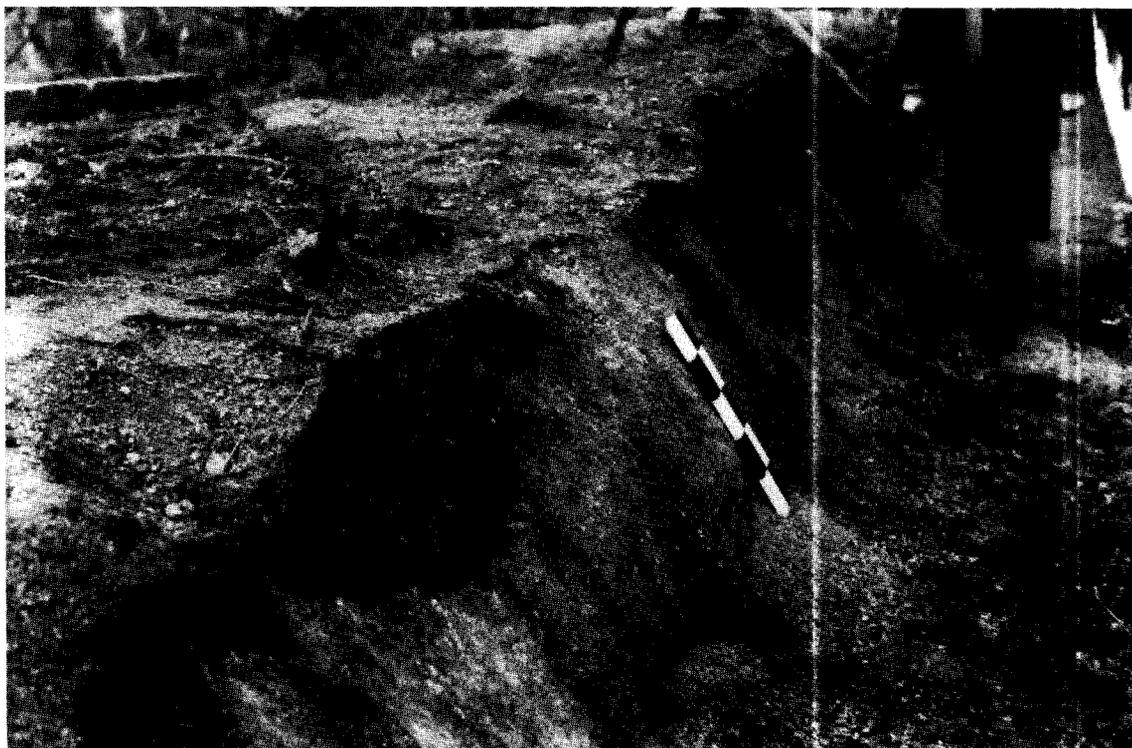
O concelho de Paredes, cuja Pré-história é relativamente pobre de vestígios - mau grado a existência do dólmen de Padrão (Baltar), tão degradado - merece, tal como outros concelhos periféricos do Porto, um cuidado atento dos responsáveis, por forma a que a extensão do modo de vida urbano não arrase definitivamente as raízes do seu passado longínquo. De outro modo, dentro em breve, a ciência pré-histórica só se poderá exercer, no Norte do país, em zonas mais deprimidas economicamente ou mais afastadas dos grandes centros, onde os dados arqueológicos têm mais hipóteses de se conservar, mas onde obteremos uma imagem necessariamente truncada, deformada, da realidade que visamos reconstituir.



Localização do sítio onde foram achados os vasos, na «Carta Corográfica de Portugal» na escala de 1:50.000, folha 9 - D (Penafiel).

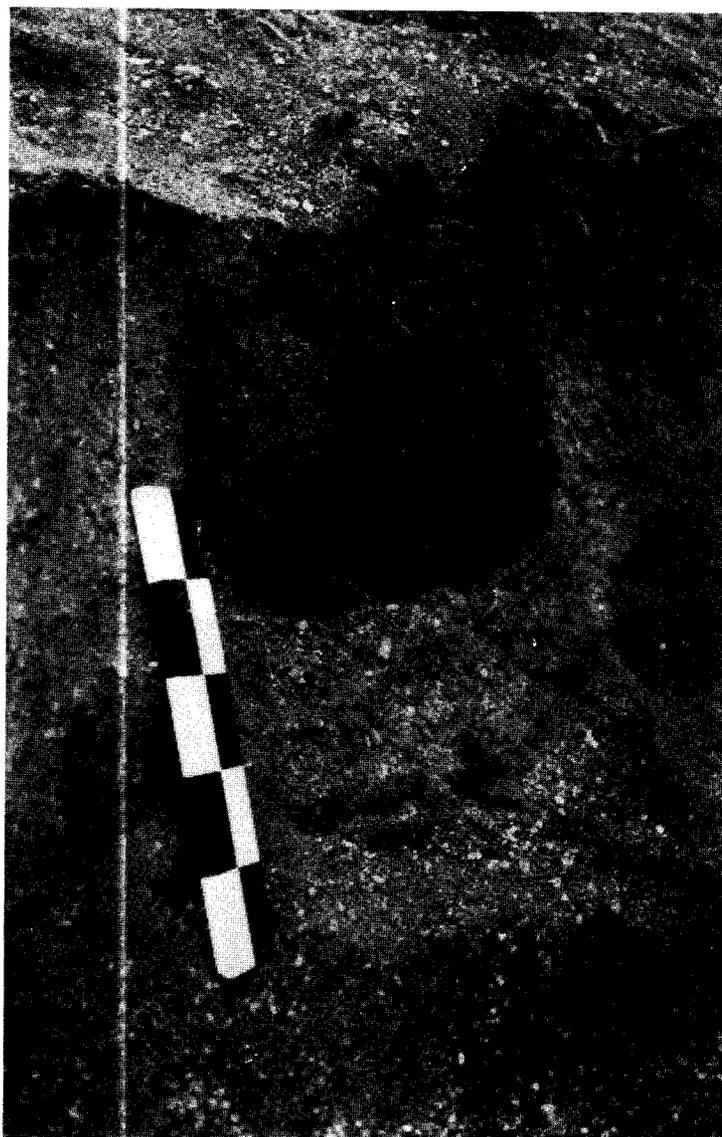


1

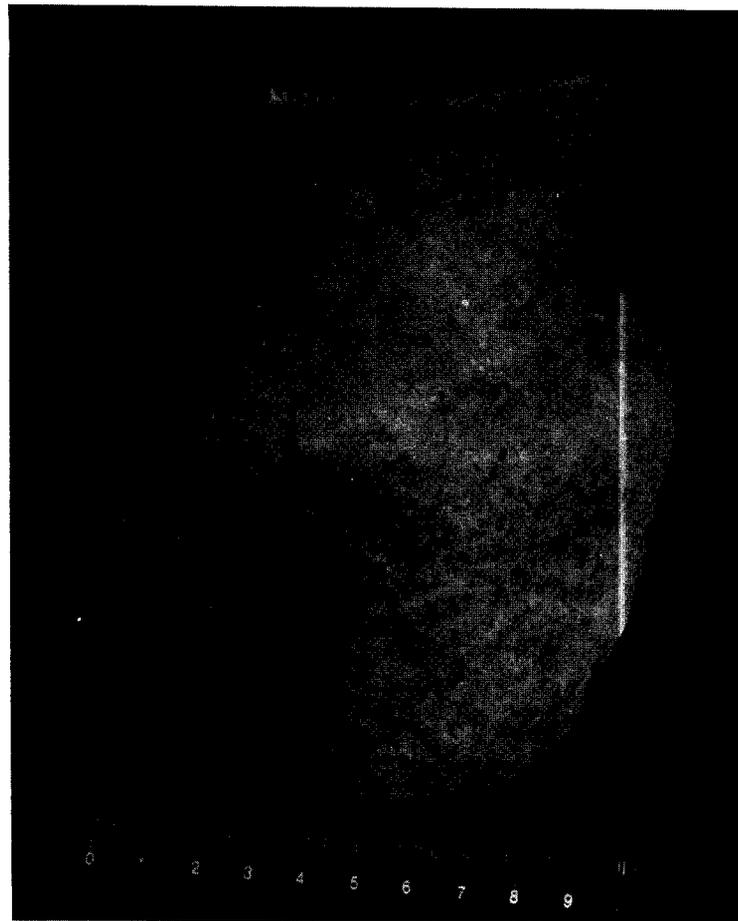


2

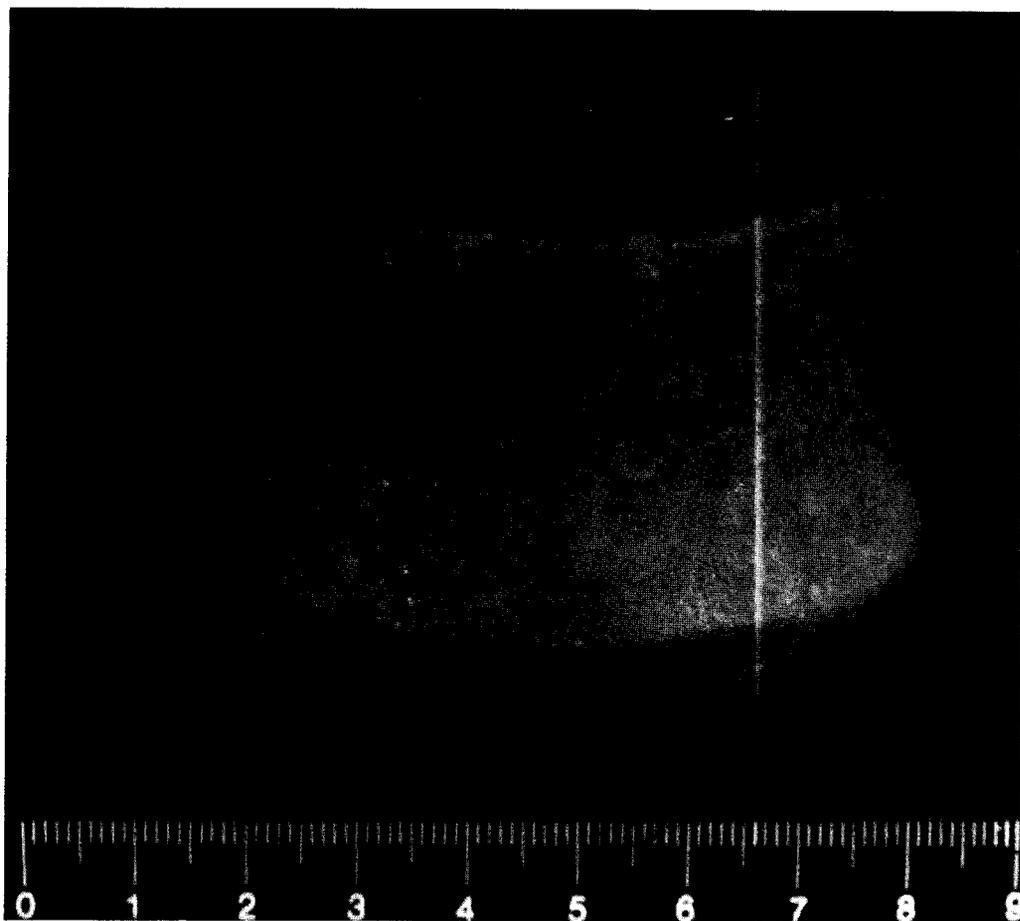
1. Aspecto do local do achado em Janeiro de 1989;
2. As duas depressões (A e B) então visíveis no corte praticado no saibro.



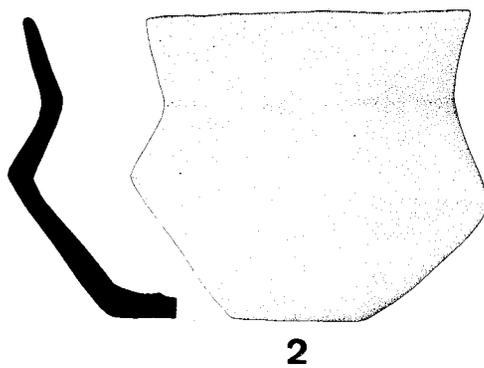
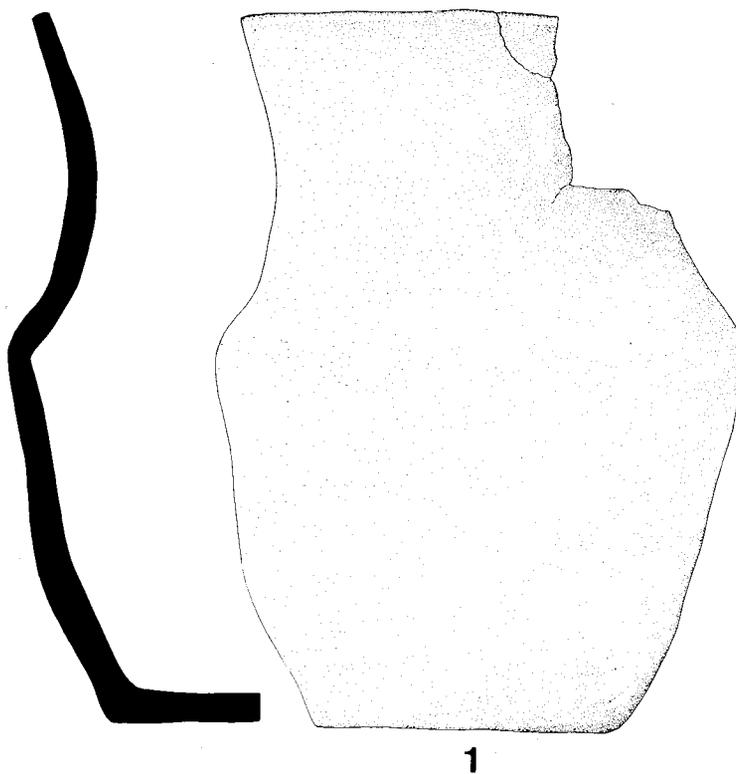
Por menor da depressão B.



1



2



0 5cm

Desenho dos dois vasos (por M. J. Sanches).



FRAGA D' AIA (S. JOÃO DA PESQUEIRA). PRIMEIROS RESULTADOS ANTRACOLÓGICOS

Isabel Figueiral (*)

ECOLOGIA ACTUAL

O abrigo de Fraga d'Aia está situado numa região de transição entre duas zonas fitoclimáticas: Subatlântica - Atlante/Mediterrânea e Submediterrânea. A primeira é caracterizada por uma silva climática constituída por *Betula celtiberica* (Vidoeiro), *Castanea sativa* (Castanheiro), *Pinus pinaster* ssp *atlantica* (Pinheiro bravo), *Pinus pinea* (Pinheiro manso), *Quercus faginea* (Carvalho lusitano), *Quercus pyrenaica* (Carvalho negral) e *Taxus baccata* (Teixo). A segunda zona apresenta como principais elementos vegetais *Olea europaea* (Oliveira), *Pinus pinaster* ssp *atlantica*, *Pinus pinea*, *Quercus faginea* e *Quercus suber* (Sobreiro) (Carta Ecológica, Comissão Nacional do Ambiente, 1984).

RESULTADOS ANTRACOLÓGICOS

O número extremamente reduzido de carvões recolhidos nesta estação impossibilita qualquer tipo de interpretação ecológica. Os resultados obtidos serão assim interpretados em termos de presença/ausência de espécies.

O estudo realizado baseia-se na análise anatómica de 189 fragmentos de carvão, dos quais 98 provêm da Camada 2a, 36 da camada 3 e 55 da Lareira 2 (Fig. 1). Esta análise permitiu a identificação de duas espécies de pinheiro - Pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) e Pinheiro silvestre (*Pinus sylvestris*), Carvalho (*Quercus* folha caduca), Sobreiro (*Quercus suber*), Medronheiro (*Arbutus unedo*), Torga (*Erica arborea*) e uma Leguminosa indeterminada.

Camada 2a				Camada 3		Lareira 2	
Quadrados	D1	D2	Total	Quadrados	D3	Quadrados	B2
Taxa	n.º	n.º	n.º	Taxa	n.º	Taxa	n.º
Arbutus unedo	5	1	6	Arbutus unedo	1	Pinus pinaster	50
Erica arborea	5	1	6	Erica arborea	4	Pinus sp.	4
Leguminosa indet.	2	-	2	Erica sp.	2	Pinha	1
Pinus pinaster	41	22	63	Pinus pinaster	19	Total	55
Pinus sylvestris	3	-	3	Pinus sylvestris	2		
Pinus sp.	6	5	11	Pinus sp.	5		
Pinha	1	-	1	Indetermináveis	3		
Quercus folha caduca	2	-	2	Total	36		
Quercus suber	1	-	1				
Indetermináveis	1	2	3				
Total	67	31	98				

Fig. 1 - Frequências absolutas dos taxa (Camadas 2a e 3; Lareira 2).

* Laboratoire de Paleobotanique. USTL Montpellier, France.

Carvões encontrados na Lareira 2: na lareira apenas dois taxa são identificados: *Pinus pinaster* e *Pinus sp.*; os carvões aqui identificados representarão, possivelmente, a última utilização desta estrutura de combustão. De assinalar apenas a presença de um fragmento de pinha, geralmente utilizada para facilitar o início da combustão.

Carvões dispersos nas camadas: Nas duas camadas estudadas, para além do Pinheiro bravo já identificado na Lareira, um outro tipo de pinheiro é assinalado - o pinheiro silvestre, que nos recorda aqui a vegetação de uma época ligeiramente mais recuada, e fruto de um clima mais rigoroso. As florestas de pinheiro silvestre são geralmente conotadas com o Paleolítico Superior/início do Neolítico; esta espécie será gradualmente substituída pelos Carvalhos durante o *optimum* climático (cf. trabalhos palinológicos e antracológicos no Sul de França e Espanha).

O Carvalho e o Sobreiro são identificados na Camada 2a. A eles se associarão a Leguminosa, a Torga e o Medronheiro. Enquanto que a Leguminosa é característica do Carvalhal degradado, as duas últimas espécies resultam habitualmente da degradação da floresta de folha persistente com Azinheiras e Sobreiros. No entanto, e no

que diz respeito ao Medronheiro, será necessário referir que ele cresce ocasionalmente ao lado do Pinheiro bravo e do Carvalho negral.

A importância majoritária do pinheiro bravo nesta estação não é uma prova da existência de um pinhal desenvolvido, nesta região e nesta época; ela resultará sobretudo de dois factores essenciais:

- uma ocupação de curta duração deste abrigo (Jorge, V. O. et al., 1988, 127)
- a acumulação dos resíduos das utilizações pontuais das estruturas de combustão. Sendo um excelente combustível, o pinheiro seria alvo da preferência dos ocupantes da estação.

Os resultados obtidos permitem apenas assinalar a presença desta espécie numa época bastante recuada nesta região do interior norte, contrariamente ao que acontece nas zonas mais próximas do litoral (Figueiral, inédito).

O Pinheiro bravo foi igualmente identificado, na região de Chaves, no povoado da Vinha da Soutilha (Pré-história recente) (Vernet, in Jorge S. O., 1986). A sua instalação precoce no Norte do país parece ligar-se assim a um clima de características mais continentais. No diagrama polínico da Serra da Estrela a instalação do pinhal bravo parece estar ligada à reflorestação da Idade Média (Van Den Brink and Janssen, 1985).

BIBLIOGRAFIA

- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., JORGE, S. O., SANCHES, M. J., SILVA, E. J., SILVA, M. S., CUNHA, A. L. - O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d' Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira) - Notícia preliminar, *Arqueologia* n° 18, Porto, Dezembro, 1988, pag. 109-130.
- VAN DEN BRINK, L. M. and JANSSEN, C. R. - The effect of human activities during cultural phases on the development of montane vegetation in the Serra da Estrela, Portugal, *Review of Palaeobotany and Palynology*, 44, Amsterdam, 1985, p. 193-215.
- VERNET, J.-L., - Analyses anthracologiques des stations préhistoriques de Vinha da Soutilha (Mairos), Pastoria (Chaves) et Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar), in Jorge, S. O. *Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves - V. P. de Aguiar*, Porto, 1986, 3 vol., p. 1127-1131.

NECRÓPOLE GALAICO-ROMANA DE LABORIZ (AMARANTE)

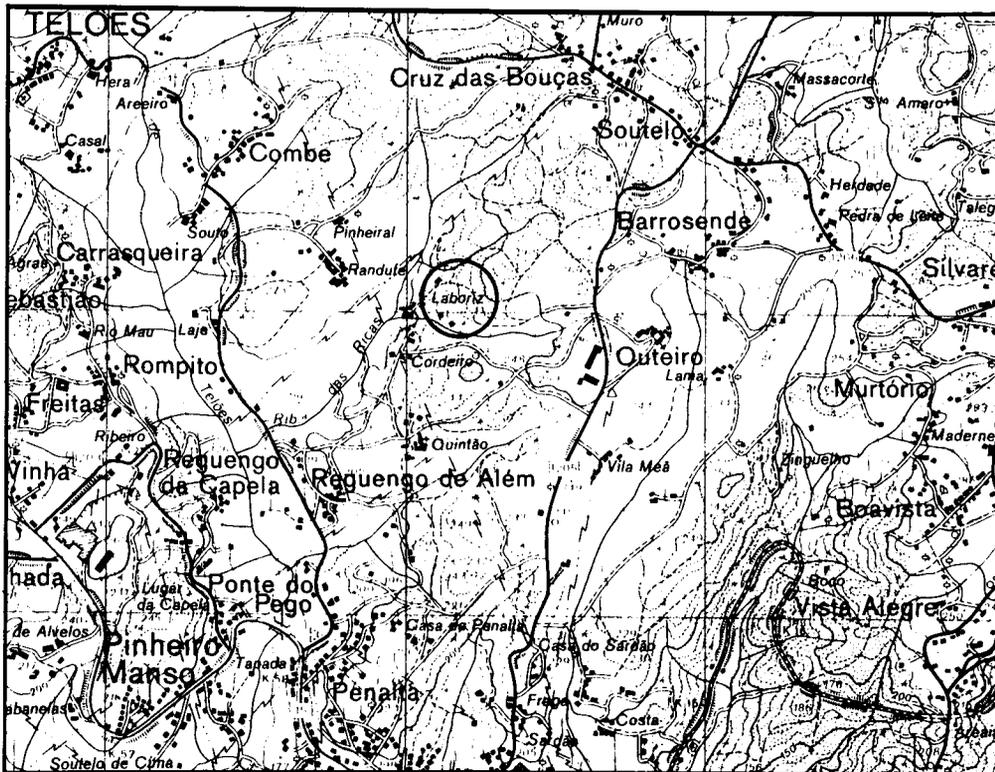
Adriana M. G. Jorge do Amaral

São poucas as referências bibliográficas relativas a estações e achados arqueológicos do período romano ocorridos no concelho de Amarante resumindo-se, quase na sua totalidade, a trabalhos levados a cabo entre os finais do século passado e princípios do actual e publicados na monumental obra que constituiu a *Portugalia*.

No presente estudo procedeu-se à análise do espólio proveniente de uma necrópole galaico-romana do vale do Tâmega, lugar

de Laboriz, Freguesia de Telões (fig. 1), cujo depósito se divide entre o Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto e o Museu de Etnografia e História da mesma cidade (1). O local apresenta, segundo a carta militar 1:25.000, folha 100, Amóia (Celorico de Basto), as seguintes coordenadas geográficas:

41° 18' 7", 29 Lat. N.
1° 03' 30" Long. E. Lx.



(1) Guardam estes dois museus materiais idênticos com a mesma proveniência que se achou por bem agrupar.

O referido material provém de escavações realizadas no início do século por dois colaboradores da *Portugalia*: José Fortes e José de Pinho. Os dados relativos a essa escavação permaneceram inéditos desconhecendo-se a localização precisa da necrópole, as condições do seu aparecimento, a sua dimensão e o registo minucioso do material exumado. José Fortes faz-lhe uma breve referência na já citada revista ⁽²⁾, salientando a semelhança do espólio cerâmico com o de Vila Caiz, referindo a presença de dois ritos de enterramento, incineração e inumação, e estabelecendo por fim um paralelismo com as necrópoles de Sanche, Lomba ⁽³⁾ e Vilarinho. Alguns dos vasos estudados possuem uma etiqueta com o ano de 1907, data esta coincidente com a informação fornecida pelo mesmo autor como ano da escavação da necrópole.

Pela referida indigência de elementos tem-se como principal objectivo dar a conhecer o material inédito depositado nos museus supracitados.

O espólio analisado consta exclusivamente de material de cerâmica comum de características tardias ⁽⁴⁾.

BILHAS

- Bilha fracturada. Est. I-1
Fundo plano donde parte o bojo desenhando leve esvasamento, continuando, em seguida, envasando. Gargalo apertado, bocal convexo com degrau no interior. Asa de fita levemente bilobada. Superfície de cor castanho-clara com grãos de areia e pequenas partículas de mica; cerne da mesma cor.
Depósito: I. A. P. ⁽⁵⁾
N.º de inventário: 41.13.01
- Bilha fracturada. Est. I-2
Gargalo estreito e bocal côncavo desenhando degrau no interior. Asa de fita rematada com dedeira junto ao bordo. Fundo plano, com reforço, cortado à corda. Pasta castanho-clara com partículas de mica de pequeno calibre.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.04
- Bilha fracturada Est. I-3
Bojo perfiforme. Base plana com reforço externo. Gargalo estreito, bocal quase vertical com bordo em forma de pequena aba. Asa trilobada com dedeira junto ao bordo. Pintura no bojo, erosionada, que consta de uma faixa branca ladeada de duas cor de tijolo. Superfície bege-alaranjada com palhetas de mica de pequeno calibre. Pasta homogénea, bem cozida, cor de laranja claro.
Depósito: M. E. H. ⁽⁶⁾
N.º de inventário: 7218
- Bilha fracturada. Est. I-4
Bojo ovóide, gargalo apertado de paredes côncavas, bocal convexo. Asa bilobada rematada com dedeira junto ao

bordo. Decoração de faixas pintadas no bojo, de cor acastanhada. Superfície bege com pequenas palhetas de mica. Pasta bem cozida.

Depósito: M. E. H.

N.º de inventário: 7220

- Bilha fracturada. Est. II-1
Forma ovóide, gargalo apertado, bocal côncavo desenhando degrau no interior. Asa bilobada com dedeira junto ao bordo. Decoração pintada, erosionada, que consta de faixas paralelas de cores alternadas, cor de tijolo e branco. Paredes exteriores de cor heterogénea com uma aguada esverdeada. Pasta bem cozida com palhetas de mica.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.04
- Bilha fracturada Est. II-2
Bojo ovóide, gargalo bastante apertado, base plana. Decoração pintada de faixas paralelas cor de laranja. Superfície bege com palhetas de mica. Pasta homogénea. Alisamento vertical na zona do colo.
Depósito: M. E. H.
N.º de inventário: 7223

JARROS

- Pequeno Jarro. Est. II-3
Periforme, gargalo estreito, levemente côncavo, bocal convexo terminado num bordo em forma de amêndoa. Fundo côncavo, cortado à corda. Asa de fita. Paredes com aguada, apresentando um tom heterogéneo, de cor base castanho-clara com manchas cinzentas e alaranjadas. Pequenas palhetas de mica. Sinais de alisamento vertical na zona do colo.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.02
- Jarro. Est. II-4
Corpo ovóide, bordo esvasado. Fundo plano. Asa de fita. Decoração incisa, imperfeita, na zona de arranque do colo, feita na pasta ainda fresca. Superfície castanha com sinais de roda. Vestígios de alisamento vertical na zona do colo. Pasta homogénea, com alguns grãos de areia.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.05
- Jarro reconstruído. Est. III-1
Perfil em S, bordo esvasado. Asa de fita. Fundo plano. Alisamento vertical na zona do colo. Decoração incisa nos ombros, muito apagada, feita na pasta ainda fresca. Grafito não alfabético na zona de arranque da asa. Partículas de mica de pequeno e médio calibre na superfície.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.06
- Jarro. Est. III-2
Perfil em S, bordo divergente. Fundo plano, cortado à corda. Asa de fita. Decoração incisa no início do colo feita na pasta ainda fresca. Superfície de cor castanho-clara com manchas avermelhadas. Partículas de mica. Sinais de alisamento vertical no colo.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.07

⁽²⁾ José Fortes, Casa e necrópole lusitano-romanas de Vilarinho (Amarante), *Portugalia*, II, 1905-08, p. 477-478.

⁽³⁾ José Fortes, Necrópole lusitano-romana da Lomba (Amarante) *Portugalia*, II, 1905-08, p. 252-262.

⁽⁴⁾ Agradeço aos Exm.ªs Senhores directores dos museus citados a autorização concedida para a realização do estudo deste espólio, assim como ao Exm.ª Senhor Dr. C. A. Brochado de Almeida a orientação prestada na elaboração do mesmo, que se encontra englobado num trabalho mais vasto realizado pela autora como bolsceira do INIC.

⁽⁵⁾ Instituto de Antropologia do Porto.

⁽⁶⁾ Museu de Etnografia e História do Porto.

- Jarro reconstruído. Est. III-3
Corpo ovóide, fundo ligeiramente côncavo, cortado à corda. Asa de fita. Bordo esvasado terminado em pequena aba. Grafitos no fundo exterior e na asa. Decoração incisa nos ombros. Paredes de cor bege acastanhada com partículas de mica e alguns grãos de areia. Alisamento da asa e parte do colo.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.08
- Jarro fracturado. Est. III-4
Fundo raso, bojo ovóide, colo divergente. Asa de fita. Superfície bege-clara, pasta homogénea da mesma cor, micácea e arenosa. Leve reentrância nos ombros e no início do colo.
Depósito: M. E. H.
N.º de inventário: 7219
- Jarro fracturado. Est. IV-1
Bojo ovóide, fundo plano, bocal tribolado. Asa de fita. Superfícies de cor heterogénea, acastanhada, com partículas de mica. Vestígios de fuligem no bordo e no colo.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.11
- Fundo de Jarro (?) Est. IV-2
Bojo ovóide. Fundo côncavo no exterior, cortado à corda. Superfície de cor bege escura com grãos de areia, pasta homogénea da mesma cor.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.19
- Fundo de Jarro (?). Est. IV-3
Paredes encurvadas, fundo plano. Superfícies de cor muito heterogénea bege-acastanhada com manchas cor de laranja e cinzento. Pasta da mesma cor, heterogénea, com grãos de areia. Vestígios de fuligem.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.20
- Jarro fracturado. Est. IV-4
Corpo ovóide, local de arranque de asa. Fundo levemente côncavo, cortado à corda. Superfície de cor heterogénea bege-escura com manchas cor de laranja e cinzentas. Partículas de mica. Pasta heterogénea da mesma cor.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.23

POTINHO

- Potinho (?) Est. IV-5
Forma esférica, bordo esvasado, levemente engrossado, biselado pelo interior. Superfície com engobe castanho-avermelhado no exterior e castanho no interior.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.12

LAMPARINA

- Lamparina (?) Est. IV-6
Paredes grossas, esvasadas com sinais de roda no interior. Fundo plano com ligeiro reforço externo. Superfície de cor bege com grãos de areia e mica. Vestígios de fuligem no interior do bordo.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.18

COPOS

- Copo fracturado. Est. V-1
Perfil em S. Fundo côncavo. Paredes cor de laranja claro com mica e grãos de areia.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.13

- Copo. Est. V-2
Perfil em S. Fundo côncavo, com pequeno reforço, cortado à corda. Superfície de cor bege heterogénea com manchas acastanhadas, com partículas de mica e areia. Pasta homogénea da mesma cor.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.14

- Copo. Est. V-3
Perfil em S. Fundo côncavo cortado à corda. Superfície de cor bege com partículas de mica. Alisamento do bordo e colo no interior. Pasta homogénea da mesma cor.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.16

- Copo reconstruído. Est. V-4
Perfil em S. Fundo côncavo cortado à corda. Superfície castanho-clara com partículas de mica.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.17

- Copo. Est. V-5
Perfil em S. Fundo côncavo cortado à corda. Bordo biselado pelo interior. Superfície de cor heterogénea, bege, com manchas acastanhadas e pequenas partículas de mica. Pasta homogénea da mesma cor. Bordo e colo interior alisados.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.15

- Fundo de copo (?). Est. V-8
Fundo plano reforçado no exterior. Paredes castanhas com palhetas de mica de pequeno calibre. Pasta homogénea da mesma cor.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.21

- Fundo de copo (?) Est. V-9
Base plana com reforço externo. Fundo exterior cortado à corda. Paredes de cor heterogénea bege com manchas cor de laranja e cinzentas. Pasta homogénea com grãos de areis de pequeno calibre.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.22

PÚCAROS

- Púcaro fracturado. Est. V-6
Perfil em S. Bordo esvasado e biselado no interior. Asa de secção elíptica. Pé de bolacha com sulco. Decoração incisa no início do colo feita na pasta ainda fresca. Paredes de cor castanha com algumas manchas castanho-avermelhadas; partículas de mica. Pasta homogénea. Alisamento no interior do bordo e colo. Alisamento vertical na superfície externa do colo.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.10

- Púcaro fracturado Est. V-7
Perfil em S. Bordo esvasado biselado no interior. Asa de fita. Fundo côncavo cortado à corda. Decoração incisa nos ombros feita na pasta ainda fresca. Paredes de cor castanho claro, alisadas, com minúsculas partículas de mica. Pasta homogénea. Sinais de alisamento vertical do colo e interior do bordo.
Depósito: I. A. P.
N.º de inventário: 41.13.09

PRATO

- Prato covo fracturado. Est. VI-1
Imitação da forma Drag. 36 (?). Paredes arqueadas, bordo em forma de aba pendente. Superfície externa bege

(?) Mezquiriz, *Terra sigillata hispanica*, T. II, Valencia, 1961, Lám. 16.

heterogénea com manchas acastanhadas e interna bege clara. Pasta homogénea, bem cozinha, palhetas de mica de médio calibre.

Depósito: M. E. H.

N.º de inventário: 7223

FRIGIDEIRAS

— Frigideira. Est. VI-2
Paredes divergentes, fundo plano, bordo revirado para o interior.

Depósito: I. A. P.

N.º de inventário: 41.13.25

— Frigideira. Est. VI-3
Paredes oblíquas com bordo engrossado e revirado internamente. Fundo plano. Superfície bege com partículas de mica. Vestígios de fuligem.

Depósito: I. A. P.

N.º de inventário: 41.13.24

MALGAS

— Malga. Est. VI-4
Copa arqueada, paredes grossas, bordo biselado pelo interior. Fundo plano. Englobe vermelho no interior. Paredes exteriores de cor bege com partículas de mica e grãos de areia.

Depósito: I. A. P.

N.º de inventário: 41.13.26

TIGELAS

— Tigela fracturada. Est. VI-5
Copa hemisférica. Fundo plano. Superfície de cor heterogénea, bege com manchas acinzentadas. Palhetas de mica de pequeno calibre. Pasta da mesma cor, bem cozida e homogénea.

Depósito: M. E. H.

N.º de inventário: não é perceptível.

CONCLUSÕES

A partir de uma observação macroscópica das pastas verifica-se uma grande homogeneidade do conjunto estudado.

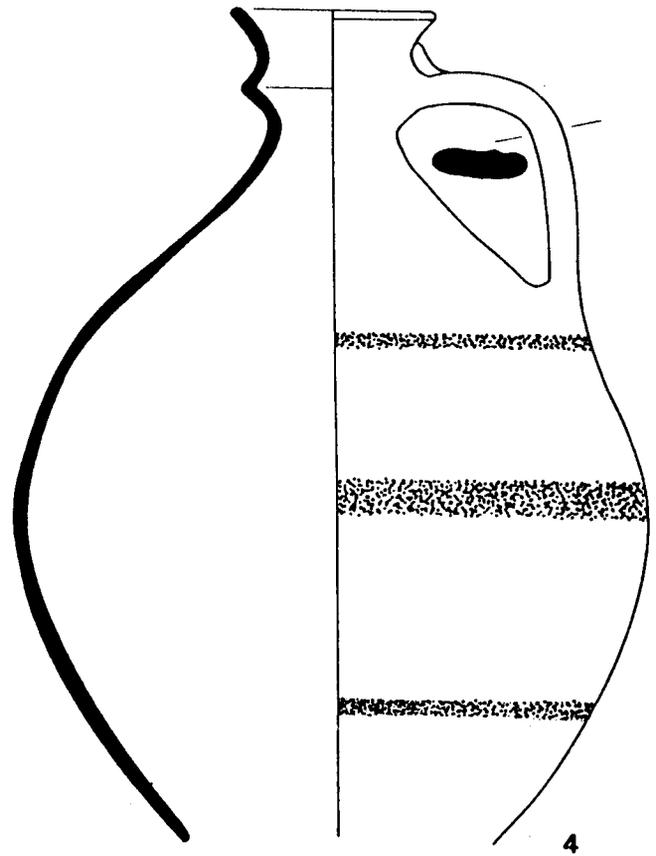
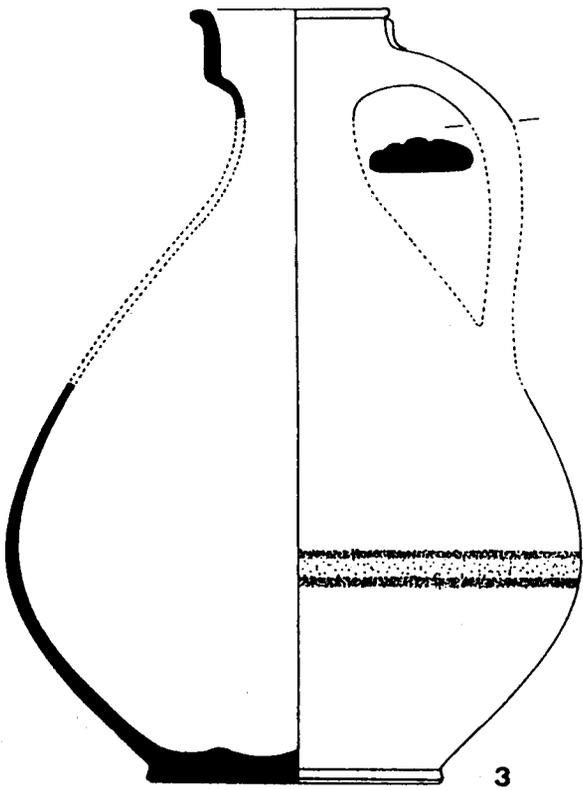
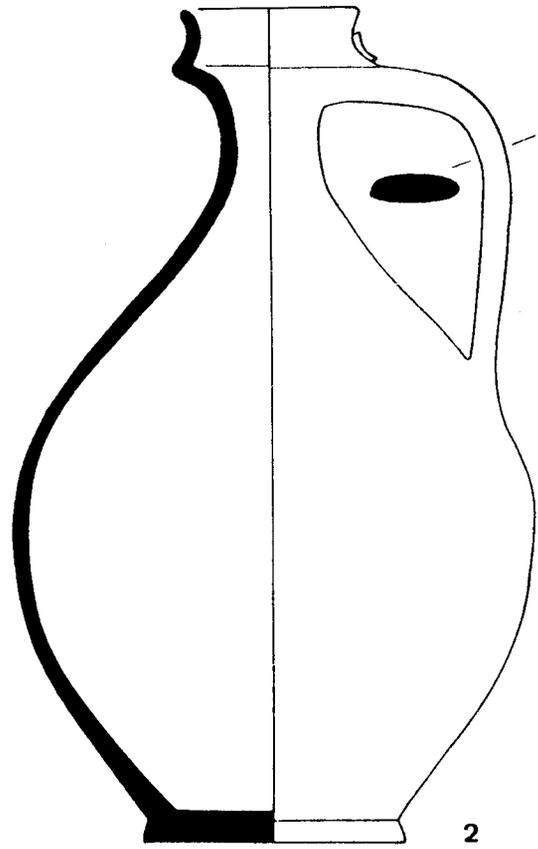
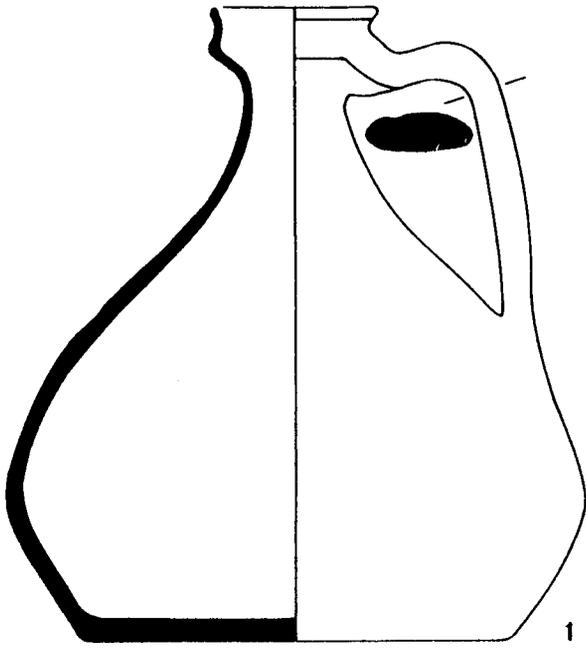
As formas presentes em maior percentagem destinavam-se a conter líquidos e a irem à mesa, são elas a bilha e o jarro. São também estas as únicas que possuem decoração.

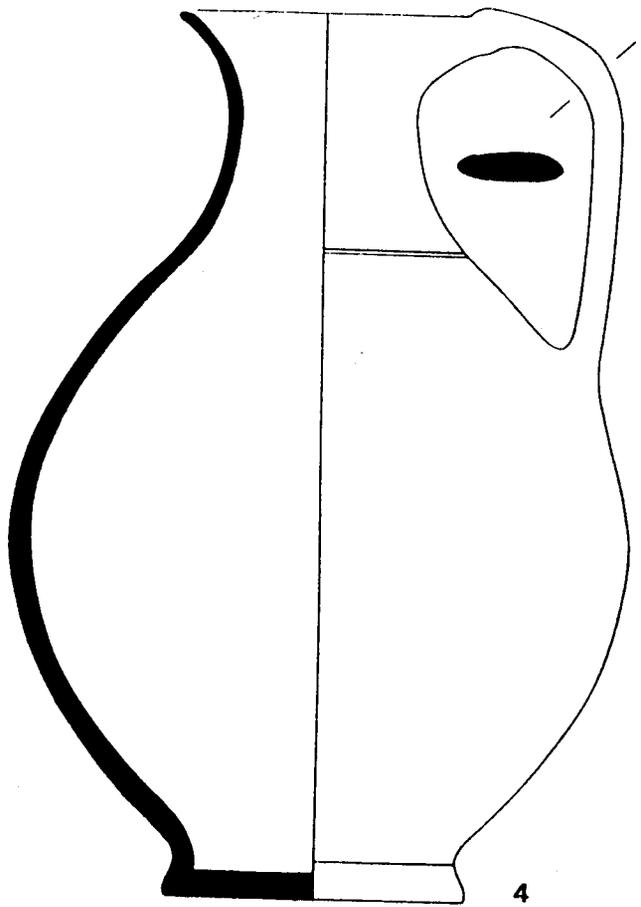
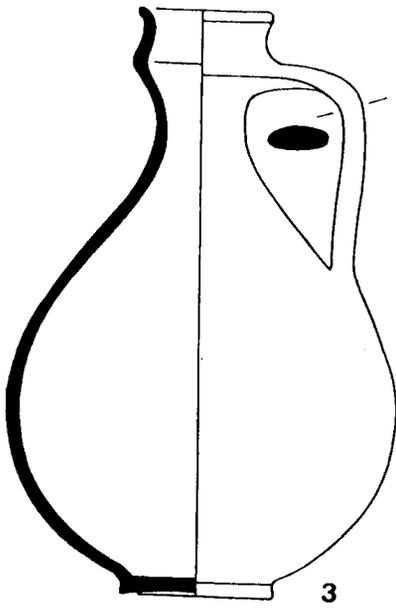
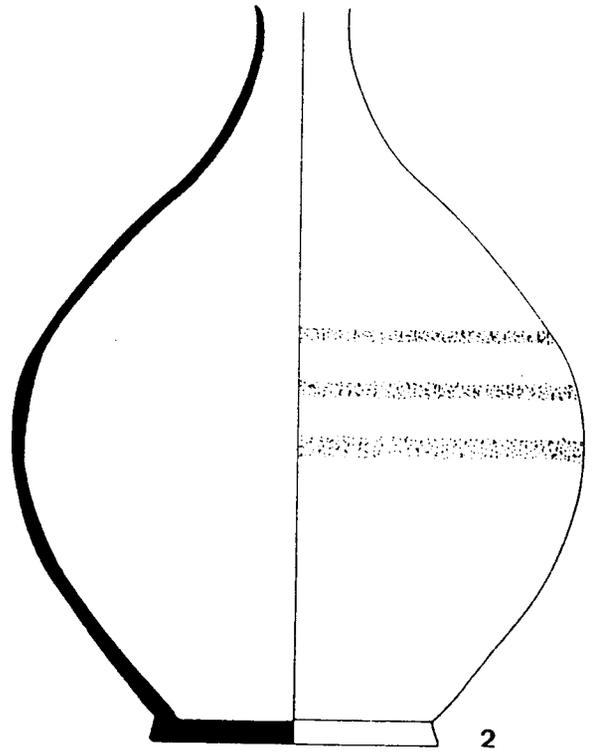
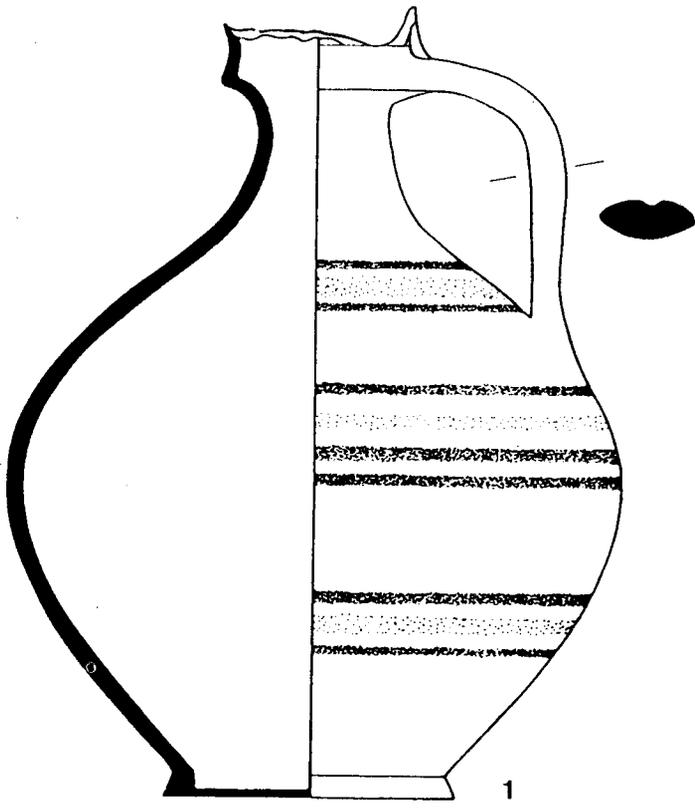
Os jarros apresentam como técnica decorativa a incisão de linhas paralelas, irregulares, situadas no início do colo (Est. II-4 e Est. III-1, 2 e 3) e que acompanham o movimento da roda. É também exclusivamente nesta forma que aparecem grafitos não alfabéticos, feitos depois da cozedura, situados na base exterior (Est. III-3) e na asa ou no início do seu arranque (Est. III-1 e 3).

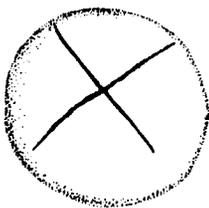
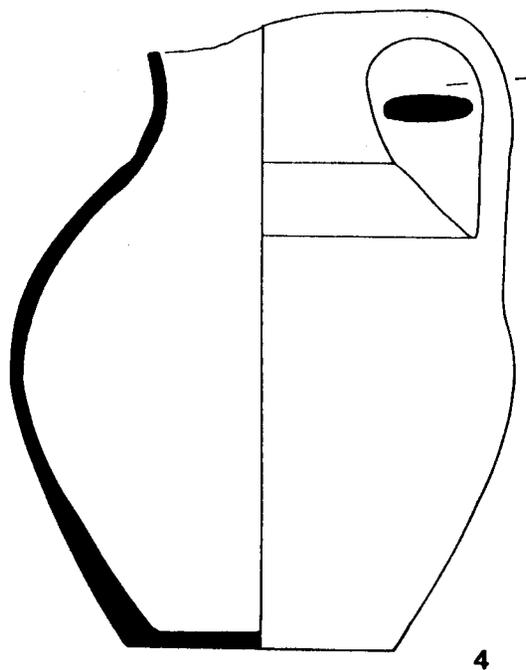
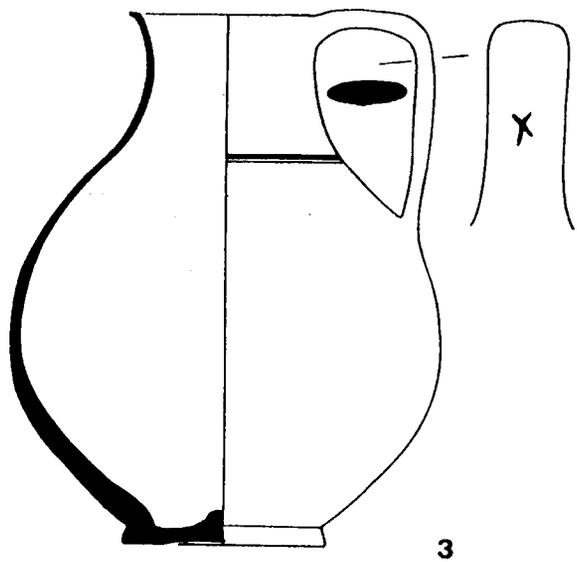
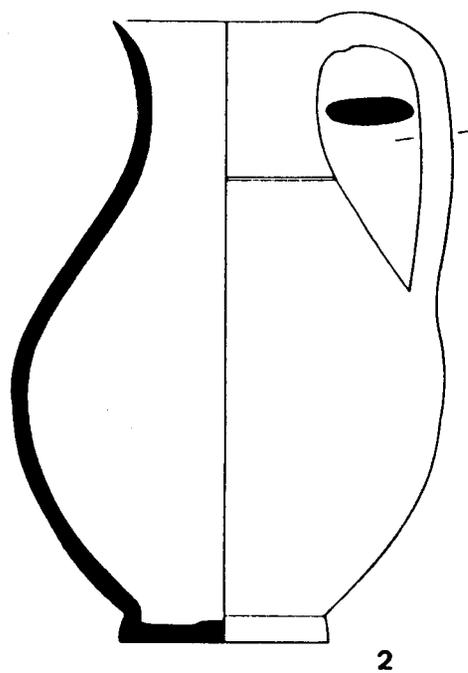
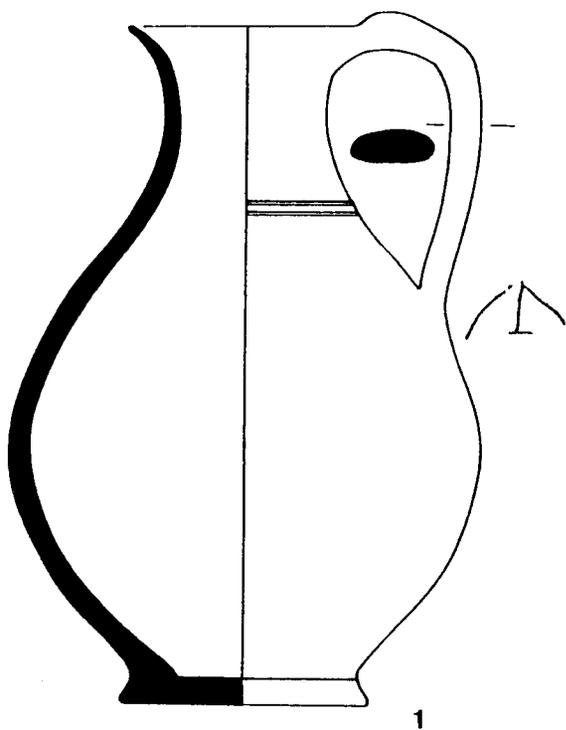
Nas bilhas a técnica decorativa utilizada consiste na pintura de faixas igualmente paralelas de uma só cor (Est. I-4 e Est. II-2) ou de cores alternadas (Est. I-3 e Est. II-1) que surgem na zona do bojo e por vezes também nos ombros.

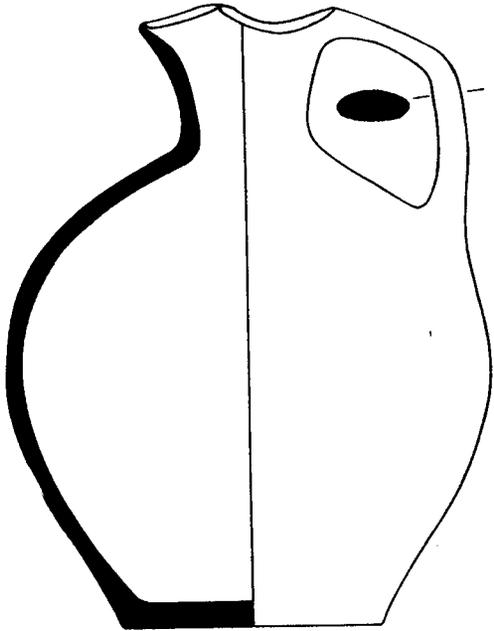
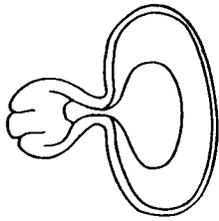
Pelo facto de se tratar de material de cerâmica comum apresenta uma tipologia que abrange um lato período cronológico, no entanto, este conjunto cerâmico identifica-se com necrópoles tardo-romanas datadas entre os séculos III e IV da nossa era (8).

(8) Nomeadamente as necrópoles da Lomba, José Fortes, op. cit. nota 3; Bairral e Villa Verde, Ricardo Severo, Necrópoles lusitano-romanas de inumação, *Portugalia* II, 1907 p. 417-31; Lanzada, Blanco Freijeiro, Fuste e Alen, La necropolis galaico-romana de la Lanzada», *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XVI, 1961, p. 141-158; e Parada Todeia, Teresa Soeiro, Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto), *Portugalia*, Nova série, VI/VII, 1985-86, p. 107-115.

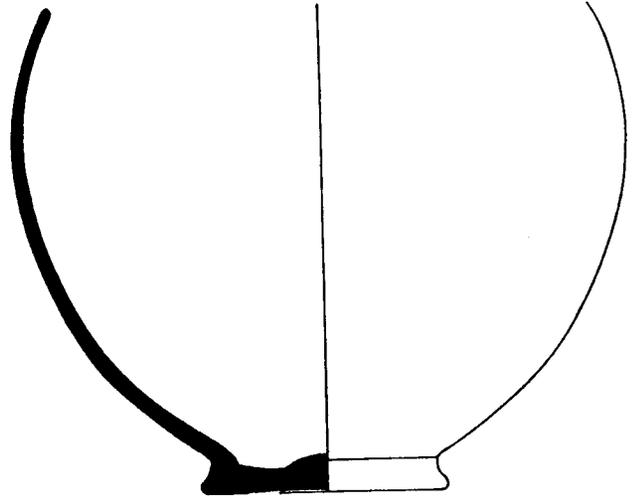




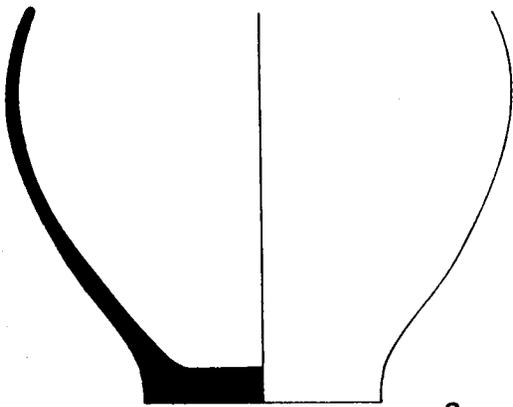




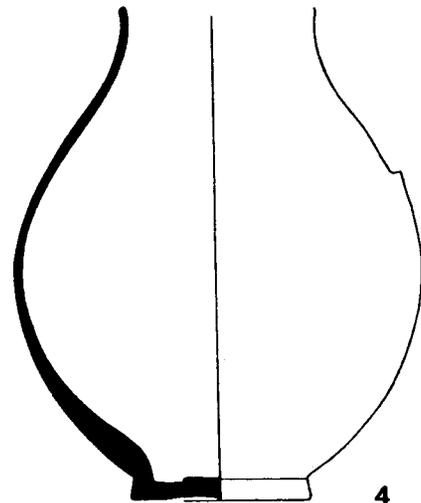
1



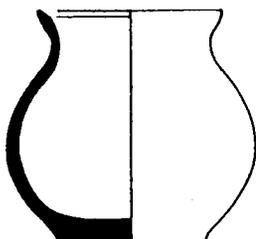
2



3



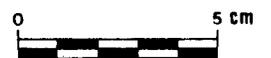
4

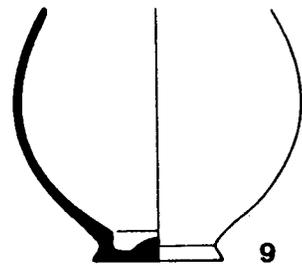
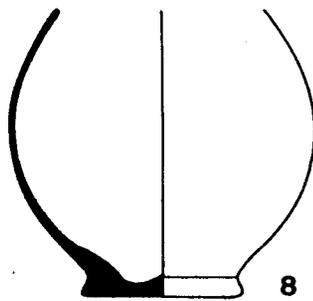
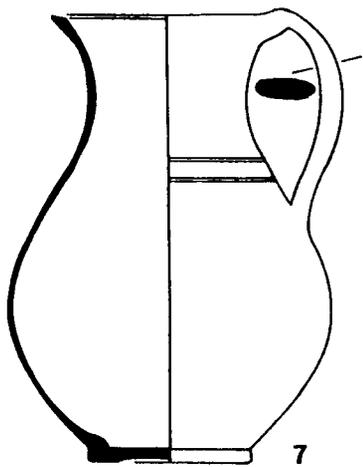
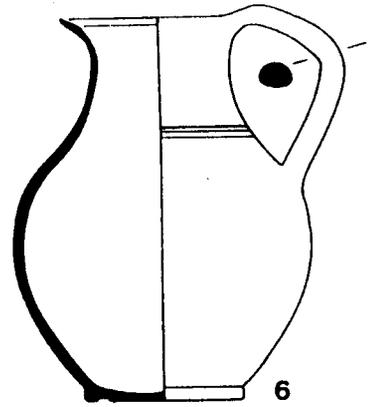
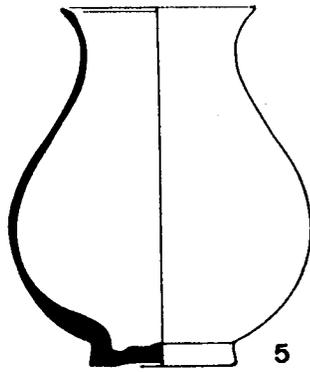
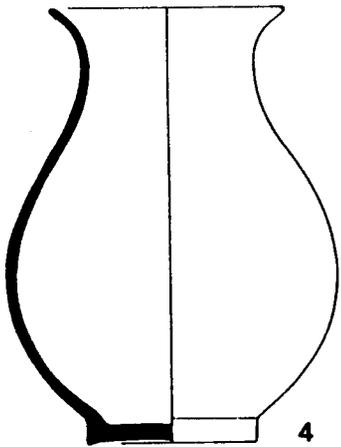
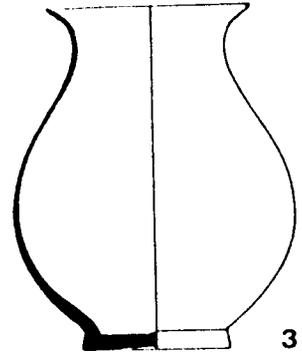
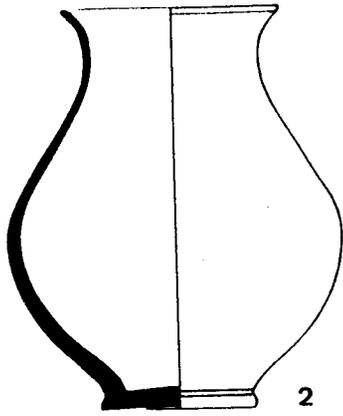
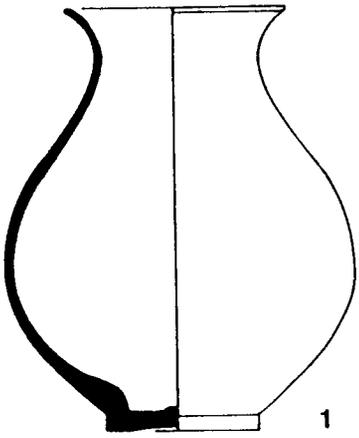


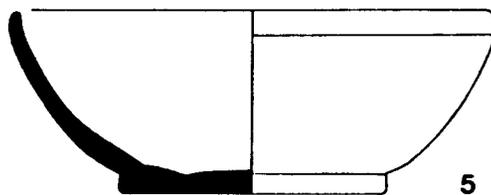
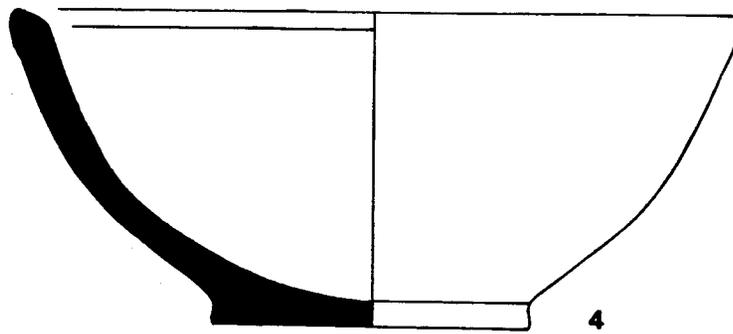
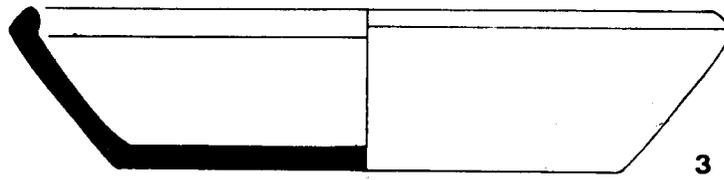
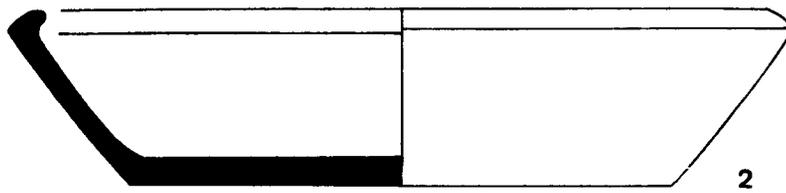
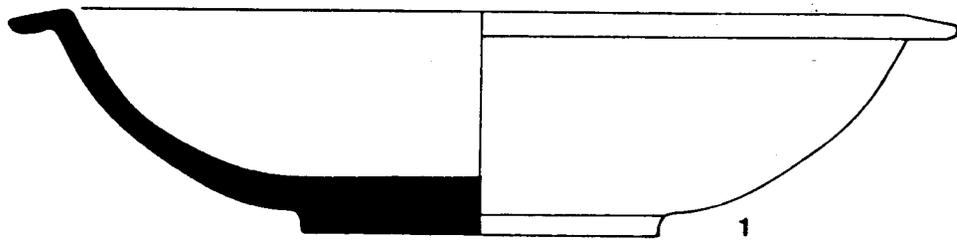
5



6







A PROPÓSITO DO COLÓQUIO MANUEL DE BOAVENTURA (ESPOSENDE, 1985)

José d'Encarnação *

O meu primeiro contacto com Manuel Boaventura data de Setembro de 1969, época em que preparava a minha dissertação de licenciatura sobre divindades indígenas. Manuel Boaventura dera a conhecer no III Colóquio Português de Arqueologia (Porto, 1964) um monumento que considerara dedicado à divindade indígena *Dafa* (cf. *Lucerna* 4 1965 270-273) e eu desejava saber pormenores desse pequeno altar achado na *cividade* de S. Lourenço (Vila Chã, Esposende). Respondeu-me prontamente, num postal, escusando-se de só daí a dias me poder mandar um «esquisso» (perdoe-se-lhe o galicismo) do monumento: «tenho, no momento, trabalhos que me tomam tempo», escrevia a 17 de Setembro, para, a 20 de Novembro, me dizer, noutra postal: «Desculpe o prolongado silêncio infelizmente motivado pela escassez de saúde».

O «esquisso» sempre chegou da sua Casa de Susão, datado de 13.X.964 com mão, já então, um tudo-nada trémula, acompanhado de três separatas: uma sobre o etnógrafo Gomes Pereira (in *O Distrito de Braga* 4 1967), outra sobre os problemas da origem de Vila Chã («De onde brotou Vilachã: aldeamento castrejo? criação suevo-goda?», in *Bracara Augusta* 14-15 1963) e a terceira sobre *Dafa*. Todas elas autenticadas com o seu ex-libris de motivos vegetalistas, flores, dois pergaminhos que se desenrolam simetricamente (a falar de cultura...) e a cruz a encimar tudo (numa bênção...)

Incluí nas *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal* (Lisboa, 1975, pp. 172-173) o que então pude apurar sobre a divindade. Hoje, como se sabe, após a correcção feita por Alain Tranoy (*La Galice Romaine*, Paris, 1981, p. 274), o eventual «teónimo» passou a ser, apenas, DAEA e aquele epigrafista levantou a hipótese, que parece viável, de DAEA

ser «uma deformação de DEAE», 'à deusa'. Já se me afigura menos verosímil - como tive ocasião de sublinhar (*Veleia* 2-3 1985-1986 p. 306 n. 2 e p. 309) - que se possa ver aí o culto a Atégina pelo simples facto de esta divindade, característica da Lusitânia, também estar identificada como *dea sancta* nalgumas epígrafes. Trata-se, com mais probabilidade, da deusa venerada no local, que, sobejamente conhecida, não necessitava de mais complexas identificações.

Guardei, pois, de Manuel Boaventura a simpática recordação do estudioso probo e servicial, sempre pronto a dar a mão a quem o procura para se esclarecer. Pesou-me, por isso, não ter podido participar no colóquio que, por iniciativa camarária, foi realizado em 1985.

Tenho presente o segundo volume das actas, dedicado à temática arqueológica, em edição da Casa da Cultura / Biblioteca Municipal, Esposende, 1988, 206 pp., ilustrado.

Pecamos, amiudadas vezes, por organizarmos reuniões científicas e não nos preocuparmos fundamentalmente com a publicação das respectivas actas. Diga-se desde já que perfilho incondicionalmente a tese de que são demasiado frequentes os colóquios e que, por isso, nem sempre há o tempo necessário para os preparar, para os intervenientes se prepararem, nem os meios bastantes para, depois, se publicarem condignamente as actas - que são, afinal, o testemunho mais importante da iniciativa tomada.

No caso vertente, o colóquio estava plenamente justificado pela ocorrência do 1.º centenário do nascimento do ilustre homem de letras esposendense; e bem andou, pois, a comissão organizadora em proceder, escassos três anos passados, à edição dos trabalhos apresentados. No entanto, para quem possua apenas este volume, fica a saber que houve, pelo menos, um primeiro

* Universidade de Coimbra.

e que este, por ter ficha técnica e o retrato do homenageado, foi concebido para ser comercializado isoladamente. Nesse caso, postular-se-ia a reinserção numa introdução, ainda que breve, que explicitasse o conteúdo do primeiro volume e desse sumária conta do que foi a reunião.

A capa está muito bem concebida. A apresentação gráfica é bastante boa, inclusive as gravuras, que só não terão sido melhores porque alguns autores se não esmeraram excelentemente - decerto por não disporem de adequados meios para tal.

Um segundo ponto cumpre salientar: o volume é de consultar, porque abarca praticamente todos os períodos da Arqueologia, desde o megalitismo ao séc. XVI. Até mesmo o curioso texto, de António Veiga Araújo, sobre as telheiras de Barqueiros, Barcelos (pp. 169-198), resultante de persistente pesquisa no âmbito das tecnologias tradicionais, facilmente se integrará numa perspectiva de arqueologia industrial em que a actividade dos telheiros - outrora florescente e de grande tradição - ora de todo se perdeu. Ao séc. XVI se refere a nota sobre o convento de S. Francisco do Monte, Viana do Castelo, da responsabilidade de Alberto Antunes de Abreu, Maria Manuela F. Arezes e José da Cruz Lopes (pp. 153-168). O convento data de 1392 e os trabalhos de limpeza ali efectuados (em período que não vem mencionado no texto) permitiram detectar vestígios de várias fases de reconstruções até ao séc. XIX, época em que foi abandonado. A comunicação apresentada não passou de breve nota; as fotografias, mormente as das lápides sepulcrais identificadas, fazem antever as vantagens de um estudo ulterior mais documentado em cuidadosas leituras da estratigrafia eventualmente patente nos entulhos.

O achado avulso, no Forte de Lobelle (Vila Nova da Cerveira) de uma conta de ouro, datada por Carlos A. Brochado de Almeida e Maria Adelaide Recarey do século VI da nossa era (pp. 199-205) abre auspiciosas perspectivas de investigação, não só devido a esta cronologia, do período suévico-visigótico - de que tão pouco se sabe - mas sobretudo porque se faz referência à possibilidade de, na vertente do outeiro voltada ao rio, ter existido uma *villa* romana e, inclusive, «um entreposto comercial» (p. 199). Será interessante que os autores possam vir a dar a conhecer os elementos de que dispõem, susceptíveis de confirmar o que a tradição aponta como «porto com cais de acostagem» (p. 203, n. 4).

A arqueologia da província espanhola de Pontevedra foi evocada em duas comunicações: uma sobre as datas de Carbono 14 para o período megalítico (pp. 29-34), que apontam o V milénio

como data inicial do chamado «fenómeno megalítico» no Noroeste peninsular; a segunda, breve resumo acerca das últimas escavações levadas a efeito na jazida galaico-romana de Santa Tegra (pp. 63-92), um povoado dos primórdios do Império ocupado por indígenas «muito influenciados já pelo mundo romano» (p. 71).

As insculpturas rupestres que Virgílio Hipólito Correia e Maria Adelaide Recarey identificaram perto da capela da Senhora da Encarnação, em plena Serra da Gávea (ainda em Lobelle, Vila Nova da Cerveira) trazem, de facto, mais questões do que respostas e o seu enigmático significado permanecerá, decerto, ainda por longo tempo obscuro, por mais paralelos que se tentem, quer as atribuamos à Idade do Bronze ou à do Ferro (pp. 93-111).

O trabalho apresentado por Artur José de Almeida (pp. 113-151) merece encómios, por se situar numa linha de investigação que importa desenvolver: o estudo dos materiais «procedentes de escavações realizadas há dezenas de anos» que se encontram «nos fundos dos nossos museus» e que, apesar de serem «peças bastante importantes, «correm o risco de se perder irremediavelmente» (p. 113). Esse trabalho encetou há algum tempo Jeannette Nolen no Museu de Vila Viçosa (cf. *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa, 1985) e foi dentro desse espírito que A. J. Almeida se debruçou sobre o espólio proveniente da necrópole da Forca (Gemunde, Maia) datável, na sua maior parte, do século IV da nossa era. A boa qualidade das fotografias apresentadas justificaria que se lhes tivesse dado uma dimensão maior.

Teresa Soeiro recolheu informações que andavam dispersas «sobre a existência de necrópoles proto-históricas» no concelho de Esposende (pp. 35-62). Coligiu referências, estudou a cerâmica e concluiu que, embora «escassos», os dados «reunidos recomendam um enquadramento cronológico das necrópoles (...) dentro da Idade do Bronze» (p. 45).

A riqueza arqueológica da Quinta do Paço (Facha, Ponte de Lima) é, de facto, digna de realce - apesar de Carlos A. Brochado de Almeida e António Joaquim da Cunha Leal lhe fazerem apenas uma ligeira alusão como que para aguçar o apetite (passe o tom prosaico da expressão). O certo é que o forno cerâmico que estudam (pp. 9-28), que data muito provavelmente do Baixo Império, além de estar em bastante bom estado de conservação, insere-se na «já longa lista de fornos» identificados no Noroeste peninsular, onde, como se sabe, matéria-prima não falta ainda hoje.

Em suma: na verdade, este pequeno volume de homenagem a Manuel Boaventura cumpre a sua missão - chamar de novo a atenção dos investigadores para a grande riqueza patrimonial que o Noroeste, feliz-

mente, ainda guarda. Fez bem a Câmara de Esposende em apoiar a iniciativa: dando a conhecer o que fomos, mais facilmente seremos, agora, cidadãos conscientes e dedicados.

ÍNDICE

ANA M. S. BETTENCOURT, TERESA M. H. REBELO — <i>Monumentos megalíticos da Serra do Arestal (Sever do Vouga - Vale de Cambra). Inventário preliminar</i>	7
DOMINGOS J. DA CRUZ, ANA MARIA LEITE DA CUNHA, LUÍS FILIPE C. GOMES — <i>A Orca de Corgas da Matança - Fornos de Algodres</i>	31
VICTOR S. GONÇALVES — <i>A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz)</i>	49
M. M. SANTOS SILVA, P. J. DA MOTA SANTOS — <i>As cerâmicas tipo Penha do Museu da Sociedade Martins Sarmento - Guimarães (Estudo Tipológico)</i>	63
CARLOS FABIÃO, AMÍLCAR GUERRA — <i>A IV campanha de escavações no Cabeço do Crasto de S. Romão (Seia) Alguns resultados preliminares</i>	73
VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA — <i>A estação da idade do ferro do Porto das Lages (Ourique, Beja)</i>	81
ANA MARGARIDA ARRUDA — <i>Conímbriga: escavações de 1988-89 1. Algumas precisões sobre a cronologia do «Barro Indígena»</i>	93

VÁRIA

VÍTOR OLIVEIRA JORGE, COM A COLABORAÇÃO DE SUSANA OLIVEIRA JORGE, ISABEL FIGUEIRAL, G. DELÍBRIAS, M. FONTUGNE, PEIXOTO CABRAL E MONGE SOARES — <i>Novos elementos sobre o megalitismo da Serra da Aboboreira (Baião)</i>	101
VÍTOR OLIVEIRA JORGE, MARIA DE JESUS SANCHES, SUSANA OLIVEIRA JORGE. — <i>Nótula sobre dois vasos pré-históricos encontrados em Coca (Paredes)</i>	105
ISABEL FIGUEIRAL — <i>Fraga D'Aia (S. João da Pesqueira). Primeiros resultados antracológicos</i>	107
TERESA SOEIRO — <i>Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes (Porto)</i>	109
ADRIANA M. G. JORGE DO AMARAL, — <i>Necrópole galaico-romana de Laboriz (Amarante)</i>	111
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO — <i>A propósito do colóquio Manuel de Boaventura (Esposende, 1985)</i>	115

